MANUAL

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

MANUAL

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

DESDE AS SUAS ORIGENS ATÉ AO PRESENTE

POR

THEOPHILO BRAGA

Professor de Litteraturas modernas,
e especialmente de Litteratura Portugueza, no Curso Superior
de Lettras

Obra approvada pela Junta Consultiva
de instrucção publica,
para os cursos do 3.º anno de Portuguez dos Lyceus,
por despacho de 28 de Abril de 1875

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ, EDITORES
12 — Largo dos Loyos — 14

1875

Durante a publicação do longo trabalho da *Historia da Litteratura portugueza*, muitas e muitas vezes recebemos o precioso alvitre de fazermos o resumo d'essa obra, para que se vulgarisasse o conhecimento de uma litteratura tão ignorada: a eminente romanista de Berlin, Carolina Michaëlis, e o professor da Polytechnica de Munich, Dr. Karl von Reinhardstoettner, manifestaram esse desejo auctorisando-se a fazerem o substractum do livro caso nos faltasse o tempo; o distincto escriptor russo Platão Lvovitch de Vakcel, que dotou a lingua portugueza com o magnifico livro dos *Quadros da Litteratura da Russia*, insiste sobre este desejo com as palavras as mais animadoras. Porém, acima de todas estas provas do interesse scientifico, obriga-nos mais o testemunho dos professores dos nossos Lyceus, que se queixam da falta de um livro *ele-*

mentar que satisfaça as necessidades do ensino nas aulas de Oratoria, Poetica e Litteratura, aonde a historia da litteratura nacional está reduzida á relação de alguns nomes de escriptores. Dos snrs. Dr. Henrique, Midosi, do Lyceu de Lisboa; Joaquim Duarte Moreira de Sousa, Reitor do Lyceu de Castello Branco; Dr. José Simões Dias, do Lyceu de Vizeu; Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, do Lyceu do Funchal; Dr. José Joaquim d'Araujo Salgado, Reitor do Lyceu de Vianna do Castello; e finalmente dos Directores de Estabelecimentos particulares de ensino, como o snr. Eduard von Hafe, recebemos o honroso convite e quasi missão de redigirmos um *Manual da Historia da Litteratura portugueza*.

A reforma do ensino da Litteratura deve partir da conclusão a que chegou a sciencia moderna: que o estudo das creações intellectuaes não se póde fazer em abstracto; é necessario nunca abandonar a communicação directa com os monumentos, explicando-os e apreciando-os pelas suas relações historicas com o meio e circumstancias em que foram produzidos. O estudo das Litteraturas feito nas vagas generalidades conduz a essas receitas rhetoricas de trópos, que tiram a seriedade ás mais altas concepções do espirito humano. Na instrucção de um paiz deve entrar com toda a sua importancia um elemento *nacional;* no ensino

fundado nas ôcas abstracções nunca esse sentimento se desperta; pelo desenvolvimento historico, mostrando como se chegou á unidade systematica de qualquer sciencia, é que se póde imprimir uma direcção justa e um vivo interesse nos espiritos que desabrocham.

Este resumo, emquanto ao plano e ideia geral, é superior á *Historia da Litteratura portugueza,* d'onde o extrahimos; a causa d'esta vantagem explica-se pela velha maxima de Antoine de la Salle: « *Celui qui commence un livre, n'est que l'écolier de celui qui l'achève.* »

MANUAL

DA

HISTORIA DA LITTERATURA

PORTUGUEZA

Dá-se o nome de *Historia da Litteratura* ao complexo das creações sentimentaes e intellectuaes em que o gráo de consciencia que um povo teve das condições vitaes da sua nacionalidade, chegou a ser revelado. Quando n'este quadro se comprehendem tambem as obras scientificas, esta designação alarga-se sob o titulo de *Historia litteraria*. A litteratura de um povo é sempre a mais clara expressão do seu genio nacional: a) A feição peculiar da *raça*, ou o caracter ethnico, dá esse colorido privativo das inspirações de cada litteratura, como vêmos no elemento dorico ou jonico na Grecia, no elemento ticiense ou lucerense em Roma, no elemento saxão e normando em Inglaterra, e no elemento gaulez e franko em França. b) A *tradição*, que vincula as differentes raças sob uma mesma unidade politica, e que é uma das formas da aspiração nacional e um dos seus sustentaculos, é o fundo organico sobre que se basêam as concepções individuaes das litteraturas reconhecidas como originaes e fecundas. A obra do genio popular não é propriamente litteratura; mas a concepção individual que se não inspira d'esta parte tradicional, é uma aberração men-

tal, incommunicavel, sem sentido e de mera curiosidade. A mutua relação entre a tradição nacional e a interpretação artistica constitue a manifestação do bello nas obras de uma litteratura; os modellos classicos e os canones rhetoricos de nada servem, quando se não tem a intelligencia d'esta relação. c] A par das condições geographicas e dos recursos industriaes, a *lingua* de um povo constitue uma como barreira moral que o não deixa ser confundido, e é um orgão da sua independencia. Se um povo persiste na immobilidade a sua lingua resente-se d'esse atrazo; se progride quer industrial ou intellectualmente, produzem-se as fórmas dialectaes, já pelo archaismo popular, ou pelo neologismo provocado pelas novas necessidades. Se a lingua nacional permanece sem ser *escripta*, dá-se a indisciplina grammatical, a incerteza de fórmas, uma variedade arbitraria de polysynthetismo, até que des apparece pela necessidade de adoptar um idioma mais communicativo e ao corrente da civilisação; quando porém a *lingua* se torna *escripta*, estabelece-se a harmonia philosophica das leis syntacticas, prevalece a lei instinctiva da analogia que leva á regularidade, emfim a lingua fixa-se de modo que domina os dialectos secundarios sem ser absorvida por elles, e emquanto uma lingua subsiste póde-se acreditar que uma nacionalidade é viva. Esta relação entre a nacionalidade e a lingua, e a dependencia em que estão para com a fórma escripta, basta para nos mostrar o alcance do estudo da historia de uma litteratura. O estudo de qualquer lingua póde ser feito independentemente do criterio litterario, sob a direcção puramente philologica ou glottica; a litteratura estuda-se tambem separadamente segundo as obras artisticas, as correntes de imitação, e as feições moraes de cada epoca ou de cada grande individualidade. Mas, nas litteraturas neo-latinas, explicar o problema da formação das linguas ro-

manicas, é explicar conjunctamente o genio das raças que transparecem em cada litteratura, é descobrir o espirito popular ou vulgar que reagiu contra a absorpção litteraria do latim classico, como o observou Frederico Schlegel, finalmente, é filiar essa litteratura no grupo congenito que imprimiu á civilisação moderna uma determinada feição.

---

*

CAPITULO I

Origem e formação da lingua portugueza

Lei de formação das linguas romanicas.—Filiação da lingua portugueza.—Condições ethnicas e sociaes que influenciaram na formação do portuguez: Raças anteriores á conquista romana. Acção dos Romanos: Magistrados, Colonos, Mercenarios.— Influencia germanica na liberdade dialectal. O christianismo desleixa a cultura da lingua latina. Influencia arabe sobre as designações technologicas.—A existencia politica da nacionalidade portugueza: separação da lingua portugueza do gallego, que se torna dialecto archaico. —Quando começa o portuguez a ser lingua escripta: os documentos diplomaticos, Chronistas e eruditos ecclesiasticos. Primeira disciplina grammatical. Os documentos poeticos e a influencia franceza.—Caracter e tendencias do desenvolvimento da lingua portugueza: Os eruditos aproximam-na da regularidade latina artificialmente.—A falta de tradições nacionaes leva essa lingua a exercer-se em obras tambem imitadas artificialmente.

Lei de formação das linguas romanicas

Depois de haver estudado o desenvolvimento historico das sciencias fundamentaes, Hoefer chegou a esta verdadeira conclusão « que o espirito humano está de certo modo condemnado a passar pelo que é complicado e falso, antes de attingir o que é simples e verdadeiro.» (1) Esta lei fatidica predominou na creação scientifica da Philologia; por isso a explicação do apparecimento das linguas romanicas foi um problema que esgotou a imaginação dos eruditos, desvairados nas artificiosas theorias pela vaidade patriotica. As origens da lingua italiana, segundo Maffei ou Ciampi; da lingua provençal, segundo Raynouard; da lingua hespanhola, segundo Aldrete ou Larramendi; da lingua por-

(1) F. Hoefer, *Hist. des Mathematiques,* Avant propos.

tugueza, segundo Duarte Nunes de Leão, Antonio Ribeiro dos Santos e o Cardeal Saraiva, explicam-se por meio de hypotheses maravilhosas e phantasticas, por esforços de argumentação, ao passo que o facto natural é na sua essencia claro e simples. A impossibilidade da solução provinha de estudarem cada lingua separadamente; desde 1808, Frederico Schlegel lançara á actividade d'este seculo a ideia da connexão entre o sanskrito e algumas linguas da Europa; estava achado o novo criterio para se comprehender o facto da linguagem, por via do estudo *comparativo.* Determinada esta direcção clara, constituiu-se em sciencia, a Philologia ou linguistica, que andava submersa pelos desvarios de Court de Gebelin ou de La Tour d'Auvergne. O primeiro que pôde explicar com clareza e simplicidade a formação das linguas romanicas foi Frederico Diez, porque não estudou isoladamente nenhuma d'essas linguas, mas todas conjunctamente, sob o ponto de vista da *comparação.* Em 1827, tocou pela primeira vez no seu livro *Da Poesia dos Trovadores* as ideias justas que o conduziram ás seguras conclusões que, de 1836 a 1844, expoz na *Grammatica das linguas romanicas,* «onde se vê á evidencia que os sons, as particularidades prosodicas, as fórmas grammaticaes, a syntaxe d'essas linguas são apenas em tudo uma transformação regular dos sons, das fórmas grammaticaes, da syntaxe latina. — Os elementos do vocabulario das mesmas linguas... são na maior parte mais essencial, de origem latina.» (1) Isto veiu lançar por terra as velhas hypotheses, de Maffei, que julgava o italiano um latim vulgar que existira a par do latim, e que se tornou independente com a queda da civilisação romana; de Raynouard, que julgava o provençal essa lingua romana, cuja unidade

(1) Adolpho Coelho, *Questões da lingua portugueza*, p. 24.

se quebrou dando origem ás linguas neo-latinas; de Ribeiro dos Santos e do Cardeal Saraiva, attribuindo a lingua portugueza ao celtico. A verdade tem este poder maravilhoso; na formação das linguas romanicas, uma lei geral domina o processo da derivação latina, é a *persistencia do accento latino.* O accento, conservando-se através de todos os accidentes extraordinarios porque passou a palavra no uso dos italianos, francezes, hespanhoes ou portuguezes, mostra-nos que mesmo nos phenomenos de decomposição ou decadencia existe uma lei intima inherente á natureza; e portanto, não é necessario inventar a hypothese de que existisse um dialecto popular junto do latim urbano destinado a produzir os novos dialectos latinos. Uma outra lei egualmente natural e fecunda é a da *suppressão da vogal breve;* por ella se explica o modo porque desapparecem muitas flexões nominaes e verbaes, isto é, como se obliteram os casos, e por consequencia como começa o uso excessivo das preposições, como se perde a noção prosodica da quantidade, e como se toma para base da metrificação o syllabismo ou *accentuação,* como os verbos deixam de ser passivos e precisam de ser *auxiliados;* como esta incompleta expressão, para se fazer comprehensivel, tende a tornar-se immensamente analytica, empregando constantemente os pronomes, que pelo seu extremo uso se tornam artigos; por outro lado, recorre-se aos circumloquios, sempre explicativos, e assim o adverbio recebe uma nova fórma final; os comparativos e superlativos desdobram-se em phrases inteiras, e os participios tornaram-se adjectivos. Tal é a revolução immensa que produz novas fórmas linguisticas, novas syntaxes, unicamente porque as *flexões* latinas que se exprimiam por meio de vogaes breves, desappareceram com a *suppressão da vogal breve* entre aquelles povos que haviam acceitado ou sido forçados ao uso da lingua la-

tina. Uma terceira lei, egualmente natural e importante, é *a queda da consoante medial;* este facto veiu tornar contrahidas as linguas neo-latinas, e apagar bastante os vestigios immediatos da derivação latina; o adverbio *semetipsum,* dá no italiano *medesimo,* e no hespanhol e portuguez *mesmo,* e no francez *même.* D'aqui um corollario sobre a marcha do desenvolvimento das linguas romanicas: aquellas que estiverem mais avançadas na fórma escripta, serão tambem as que se apresentam mais contrahidas; de todas ellas, a franceza é a que tem seguido mais além esta evolução.

Depois do conhecimento da lei fundamental é necessario determinar tambem a mesologia do phenomeno, para vêr as circumstancias especiaes que o modificaram. Com a lingua latina deu-se o que se dá com todas as linguas extensamente falladas; ao passo que ella recebia a fórma culta e disciplinada pelos escriptores e rhetoricos, as camadas populares que apenas a usaram oralmente deviam por uma marcha natural seguir a direcção divergente dos dialectos. D'aqui o apparecimento das fórmas duplas no vocabulario, pertencendo uma ao povo, outra ao erudito; este mesmo phenomeno se reproduz agora nas linguas neo-latinas com uma riqueza admiravel, (1) sem comtudo ninguem acreditar que uma mesma nação tenha duas linguas uma para o vulgo e outra para os magnates. As expedições e guarnições militares romanas isoladas da metrópole, e em contacto com povos barbaros, tendiam por um esquecimento natural e pela necessidade de usar uma giria com os estrangeiros, a adoptarem fórmas faceis; assim se formou o valachio, lingua da familia neo-latina, seculos antes da queda do Imperio romano. A politica romana acceitava para o serviço das armas mercenarios germanicos, da mesma fórma

(1) Coelho, *Questões*, p. 27.

que as monarchias do seculo XVI assalariavam as guardas suissas; aqui estava outra causa de degeneração phonetica em actividade constante e accelerando a tendencia popular. Os escriptores dramaticos, como Terencio, reproduziam nas suas comedias algumas d'essas construcções com os verbos auxiliares ou com as preposições. Mas, quando a politica romana conheceu o seu erro, vendo que confiára quasi completamente a força armada a mercenarios a quem combatia, recorreu ao novo expediente do *colonato*, concedendo terras ás hordas barbaras e regularisando entre ellas os seus direitos; não sendo isto já bastante, constituiu os Municipios, e por fim estendeu a todos os territorios conquistados o direito de cidade. Foi durante estes tres ultimos esforços da politica romana, que o latim, como lingua que exprimia as relações juridicas, foi adoptado pelos povos conquistados; que os colonos seguiram os avançados processos da agricultura romana; e que os que abraçavam o prestigio da civilisação romana trataram de esquecer as linguas das raças a que pertenciam, para escreverem como os poetas e prosadores de Roma. Sem tantas causas, apenas com a necessidade de communicar com agentes commerciaes de differentes povos, vêmos desde o seculo XVII fallar-se o importante dialecto do portuguez usado na ilha de Ceylão. Todas estas causas seriam sufficientes para determinarem por uma evolução lenta a creação das linguas romanicas; mas quebrada a unidade romana pelas invasões germanicas, refugiada a litteratura latina nos claustros, prohibido o estudo do latim pela egreja, (1) a indisciplina grammatical prevaleceu, a degeneração phonetica progrediu, a ponto de, já no seculo VII, se ignorar o uso dos *casos* dos nomes. A phase vital da

(1) Raynouard, *Elements de la Grammaire de la langue romaine*, p. 13 e 14.

formação das linguas romanicas dá-se d'este momento, até ellas se tornarem linguas *escriptas;* n'este intermedio se elaboram as *lendas* das sanctificações locaes, repetem-se as tradições que hão de produzir as Canções de Gesta. Por fim Carlos Magno vem fixar a incerteza politica da Europa e «continuar a missão imperfeita no ponto em que Roma a deixára. Collocado na Gallia, que se havia tornado o centro normal do Occidente, Carlos Magno poz a peito o acabar com a barbaria d'além do Rheno. D'esta vez o successo foi completo e sem hesitação: não sómente as invasões agressivas dos germanos cessaram, mas elles proprios attrahidos para a causa commum da civilisação, oppuzeram uma barreira inexpugnavel a uma mais longiqua e selvagem barbaria. Carlos Magno romanisou os vastos paizes da Allemanha, tanto quanto o exigia a adjuncção ao movimento europeu; e desde então o corpo social, incomparavelmente mais poderoso do que fôra em tempo algum, achou-se constituido.» (1) O facto das cruzadas, assim como deu principio á independencia do poder real e á existencia da burguezia, tambem veiu influir no apparecimento da poesia provençal: phenomeno assombroso do mundo moderno, que se resume em certos costumes poeticos gaulezes, que andavam oraes e prohibidos, receberem a forma escripta e serem imitados pelas novas nacionalidades; as cartas municipaes, communaes ou foraleiras serviram tambem de primeiro thema sobre que se exerceram as linguas romanicas.

(1) Littré, *Application de la Philosophie positive au gouvernement de la Société*, p. 116.

Filiação da lingua portugueza

Quando no seculo XII se constituiu a nacionalidade portugueza, já o periodo fecundo da elaboração da edade media estava a terminar; estavam creadas e com fórma escripta as differentes linguas romanicas, transformados os velhos mythos nas tradições epicas das Gestas francezas, já existia o espirito secular que luctava pela realisação da independencia civil, já estavam escriptos os codigos locaes, as lendas piedosas, e produzida a nova architectura ogival. Portugal era o ultimo vindo á vida historica; era preciso que imperiosas e fataes circumstancias provocassem o apparecimento d'esta tardia nacionalidade; confinado entre o continente e o mar, desmembrou-se da Hespanha, como a Hollanda se desmembrou da Allemanha. A lingua portugueza tomou tambem muito cedo um ascendente litterario, servindo de vehiculo para a imitação da poesia provençal na Peninsula; mas este desenvolvimento prematuro submetteu-se ao pedantismo grammatical, desnaturando-a. A lingua portugueza é a ultima no quadro das linguas neo-latinas; pertencem estas linguas ao grupo das linguas pelasgicas, que comprehendem o Grego e o Latim; o latim subdividiu-se em dialectos, desenvolvidos ao contacto das linguas slavas, como o *valachico* ou *daco-romano;* das linguas celticas e germanicas, como o *provençal,* o *francez* e o *italiano;* e actuando conjunctamente o *arabe,* como o *hespanhol* e o *portuguez.* Cada uma d'estas linguas romanicas tem os seus dialectos particulares, de uma riqueza incalculavel para o problema das origens; e até o *portuguez,* cuja extensão e vida historica não foi tão vasta como qualquer das outras linguas, apresenta os seus dialectos importantissimos, como o *gallego,* que estacionou por não ter tido o desenvolvimento da forma escripta e da vida politica; o *indo-portuguez,* fallado

nas relações commerciaes em Columbo, capital de Ceylão; o *brazileiro,* tanto o que fallam os antigos colonos internados ou fazendeiros, como os da capital que praticam insensivelmente a degeneração phonetica; finalmente no proprio territorio portuguez existe uma linguagem archaica, na povoação de Suajo, tambem notavel pela sua organisação social, aonde se diz em vez de *vosso, bostro,* em vez de *senhoria, senhorença.* Esta scissiparidade que nas linguas modernas forma os dialectos, é tambem o porquê natural do modo como do latim se foram desmembrando as linguas romanicas.

Condições ethnicas e sociaes que influiram na formação do portuguez

a) Raças anteriores á conquista romana. — Muito antes da unidade politica romana, pela administração e pela lingua, imprimir aos povos do meio dia da Europa um caracter commum, que tem levado a caracterisal-os como uma raça latina, já existia um elemento ethnico uniforme, commum ao hespanhol e portuguez, ao francez e italiano: é raça celtica. Vinda da Asia pelas migrações indo-europêas, a raça celtica trazia comsigo esse naturalismo védico e ao mesmo tempo essa metaphysica religiosa das theocracias brahmanicas, que reproduziu no druidismo. De uma organisação contemplativa e artistica, o Celta accommodou-se facilmente a todas as condições do meio; incapaz de produzir por si mesmo uma nacionalidade, recebeu das invasões de differentes raças essa tempera que leva a fundamentar a autonomia de um povo. O Ibero, que primeiro apparece na vida ante-historica da Peninsula, é o Celta d'áquem do Ebro, sobre que se tem tecido as mais phantasticas theorias para explicar o seu apparecimento; a primeira invasão que recebeu foi dos Phenicios, raça do ramo semitico que entrou na Pe-

ninsula apenas com o espirito da exploração mercantil. O Phenicio trazia já comsigo dois poderosos elementos de civilisação, o alphabeto e a troca de mercadorias; a mistura do Celta com o Phenicio realisada por simples cohabitação, e successivamente pela invasão dos Carthaginezes, preparou este novo povo a receber os Persas (Sarmatas), os cosmopolitas judeus, que precederam e que em parte prepararam a invasão arabe. A colonia phenicia que havia fundado ao norte da Africa o imperio de Carthago veiu por seu turno explorar a Peninsula, conservando uma guerra continua com as tribus celtiberas, não para alargar a possessão do territorio, mas para garantir a segurança do commercio. Por esta circumstancia deduz-se que seria quasi nulla a acção da lingua *punica* sobre os dialectos celticos então fallados na Peninsula. Só depois da primeira guerra punica, é que os Carthaginezes comprehenderam o valor da nova conquista; (1) perdendo-a na segunda guerra punica, depois da violação do tratado em que os Romanos obrigavam os Carthaginezes a não transporem o Ebro, Annibal ataca Sagunto para readquirir o dominio perdido. A Peninsula não se rendeu logo ás armas romanas; foram longos os recontros das legiões quirinaes com as guerrilhas de Sertorio e Viriato. Roma ia comprando o dominio com garantias politicas; firmava a posse estendendo o *direito italico* ás novas Provincias; as raças da Peninsula, cansadas de luctar, sentiam-se seduzidas pela civilisação que as visitava e enfraquecia.

b) **Acção dos Romanos: Magistrados, Mercenarios, Colonos.** — Quando Roma consolidou o seu poder na Peninsula, já a lingua *euskaríana* se tinha desmembrado nos dialectos formados pelas relações com os po-

(1) Ticknor, *Historia da Litt. hespanhola*, t. I, p. 422. Trad. Magnabal.

vos invasores, e se distinguiam como diversos o *turdetano*, o *bastulo* e o *celtibero*. A lingua culta do povo dominante era uma distincção aristocratica para aquelle que a fallava; as relações politicas e a lettra das leis e editos, familiarisavam com o latim os povos vencidos. Os magistrados que vinham governar as differentes provincias, traziam familia e clientes; e as escholas rhetoricas de Roma eram frequentadas pelos naturaes da Peninsula, que se distinguiram na litteratura, como Marcial ou Lucano. Mas d'este simples facto para a formação de um latim vulgar na Peninsula não se póde estabelecer uma connexão intima e causal. O *latim vulgar* ia sendo formado por causas mais imperiosas; o estado da lingua latina, quando os Romanos entraram na Peninsula, pela guerra de Sagunto, (536 U. c.) era ainda o da edade ferrea. (1) Os soldados da occupação, eram de ordinario os mercenarios germanicos: «o uso imprudente de recrutar os exercitos romanos entre os barbaros, fez progressos bastante rapidos. Probus deu o exemplo de uma reserva cuja prudencia deixou mais tarde de ser imitada; elle determinou o numero de Barbaros que podia ser admittido em uma Legião; apesar d'isso houve logo legiões inteiras compostas de barbaros.» (2) D'este erro politico deduzem-se duas consequencias; a facilidade da queda do mundo romano quando no seculo V irromperam as invasões germanicas, e conjunctamente a facilidade da creação de dialectos romanicos em toda a parte que Roma occupava pelas armas. A instituição do *colonato* romano corrobora ainda mais esta causa; quando Roma não podia conter os povos insurgentes, dava-lhes as suas conquistas, com tanto que lhe reconhecessem a auctoridade politica. Assim como os jurisconsultos romanos

(1) Viterbo, *Elucidario*, p. 5.
(2) Ampère, *Hist. litt. de la France avant Charlemagne*, II, 97.

inventaram a subtileza civil da emphyteose para a propriedade, os politicos inventaram essa outra fórma de emphyteose administrativa, chamada o *colonato*. As hordas errantes vinham offerecer-se muitas vezes ao imperio, pedindo terrenos para a cultura, e defesa contra outras tribus que as perseguiam. N'estas condições o latim era o meio de uma mais vasta communicação, e até uma garantia para quem o fallava. A lingua pura ou urbana, ia sendo fatalmente modificada pelos que ignoravam todos os segredos do *ore rotundo;* a coexistencia do latim com os dialectos primitivos da Peninsula activava esta como rusticação. Cicero conhecia que o latim em Hespanha tinha um que de estrangeiro, mesmo nos escriptores litterarios. (1) Quintiliano já o encontrava tambem envolvido de palavras gaulezas, como *rheda, petoritum,* de palavras punicas, como *mappa,* ou ibericas, como *gurdus.* (2) Estas palavras conservadas por Quintiliano mostram a coexistencia dos dialectos populares com o latim; no primeiro seculo da nossa era, Marcial dando-se como filho dos Celtas e dos Iberos, diz que não se peja de empregar as rudes denominações da sua patria. (3) No segundo seculo, o christianismo é importado da Africa para a Peninsula, e com elle se propaga o uso do latim na liturgia e catechese, misturando-o com os dialectos populares, a ponto de não ser entendido o latim da missa. (4) No seculo terceiro, uma lei do Digesto, publicada por Alexandre Severo em 230, per-

(1) *Orat. pro Archia*, § 10. «...pingue quidam... atque peregrinum.»

(2) Liv. I, cap. 5. *Gellius*, liv. XVI, cap. 7. Aldrete, *Del origen y principio de la lengua castellana*, fol. 40.

(3) Liv. IV, *Epigram.*, 55, v. 8-10.

(4) Ticknor, *Hist. da litt. hesp.*, t. I, p. 428, not. 3. Trad. Magnabal.

mitte fazer os fideicommissos nas linguas vulgares, como na gauleza ou na punica. (1) No quarto seculo, no quarto concilio de Carthago, em 398, prohibe-se a leitura dos livros profanos; a forma litteraria, que poderia conservar por mais tempo a pureza do latim, deixa por tanto de ter acção; na vida do papa Gregorio Magno, escripta por João Diacono, vê-se qual era o espirito da egreja; o papa desprezava acintosamente o uso dos *casos*, porque achava indigno submetter as palavras celestes ás regras de Donato. Logo que as invasões germanicas viessem quebrar a organisação romana e crear uma nova ordem de cousas sob o predominio do individualismo, a liberdade dialectal havia forçosamente de manifestar-se em novas linguas constituidas, na Italia, em França e na Peninsula hispanica.

c) **Influencia germanica: adopção do christianismo.** — O elemento germanico apparece na Italia com a invasão dos Ostrogodos e Lombardos; em França, com o Franko e Bourguinhão, e na Peninsula hispanica com o visigodo. Os *colonos*, que preexistiam antes da invasão, e os que a acompanharam como *lites*, os companheiros dos homens nobres ou *wher-man*, esses conservaram as primitivas tradições das raças germanicas, derivadas dos seus mythos odinicos, que perderam o sentido religioso pela adopção do christianismo. D'estas tradições, saíram as profundas creações poeticas da Europa moderna, como os cyclos carlingio e arthuriano, e como a epopea dos *Niebelungens*. A aristocracia germanica, como toda a aristocracia, imitou a cultura romana e desnaturou-se com ella, acceitando os codigos e a lingua. Porem, o que ha de vivo nas litteraturas

(1) *Digesto*, tit. 1, lib. 33, § 11. Inst. § 1. *De verb. sign.* e a Const. leon.

modernas derivou-se das tradições, e essas só se conservaram entre as classes populares. Mas o christianismo ao ser abraçado pelas raças germanicas recebeu uma nova feição do genio aryano naturalista; tal foi a crença na humanidade de Jesus. D'aqui se originou um combate travado entre a egreja e os que abraçavam a doutrina de Ario; as raças que seguiam o arianismo, como a gotica, foram as mais combatidas, e n'esta lucta da integridade canonica perderam as suas tradições poeticas, que foram condemnadas, e a lingua deixou de ser empregada na liturgia: «Em quanto os visigodos professaram o *arianismo*, gosou a sua lingua de uma vantagem que faltou ao frankico e ao lombardo: era ella usada na vida ordinaria, mesmo na egreja. Depois que o rei Rekaredo se converteu ao catholicismo, (586) e a todos os seus vassallos sem consideração de origem foi concedido direito egual, a fusão dos germanos e romanos, favorecida por elle e seus successores, realisou-se mais promptamente que em qualquer outra parte, com prejuizo da lingua gotica.» (1) N'este facto apresentado por Diez, dá-se a notavel circumstancia de se vêr que a mesma causa da decadencia da lingua gotica é tambem a que influe na obliteração das tradições poeticas, como primeiro o provou Jacob Grimm. A phonetica dos godos segue como no latim, essa grande lei natural da *persistencia da vogal accentuada;* as consoantes teutonicas conservam-se com mais tenacidade, resistindo geralmente ao abrandamento e á syncopa. (2) Por aqui se vê, que a influencia do gotico na creação das linguas romanicas da Peninsula, além de favorecer a tendencia que já existia para a *degeneração phonetica,* se limita ao au-

(1) Diez, *Grammatik des rom. spr.* t. I, 64-5. Ap. Coelho, a *Lingua portugueza*, p. 23.
(2) Adolpho Coelho, *A lingua portugueza*, p. 116.

gmento do vocabulario. (1) A falta de forma escripta facilitou tambem esta tendencia. Se a influencia gotica em quanto á lingua, se limita aqui, em quanto ás origens litterarias vae muito mais longe; dos godos provieram esses numerosos *symbolos* juridicos que apparecem nas cartas de Foral; muitas d'essas *superstições,* que são restos de mythologias que se extinguiram; as *tradições* heroicas, que serviram de thema ás redondilhas populares dos Romanceiros hespanhol e portuguez; e muitas das formas da penalidade do direito *consuetudinario.* Quando, seguindo a rigorosa direcção scientifica, se tem de procurar a inspiração das obras de uma litteratura na tradição nacional, por certo que o elemento gotico tem de ser interrogado, de preferencia ao elemento romano, que não deixou tradições. O genio gotico persiste através da invasão arabe do seculo VII, n'uma classe numerosa e activa chamada os *Mosarabes,* nos quaes se encontra todos os recursos da tradição necessarios para fundar ricas litteraturas. Negue-se embora ao *Mosarabe* a importancia ethnologica de uma raça, é certo que não se póde supprimir o facto de ser d'elle que provém as tradições sobre que se crearam as litteraturas da Peninsula.

d) **Influencia arabe.** — O cesarismo e a theocracia levaram pela corrupção o imperio visigotico da Peninsula á ruina. Desde Wamba, que os Arabes tentavam entrar em Hespanha; os Judeus eram os principaes agentes d'estes planos. Só depois das perfidias do Conde de Cordova e da traição vingativa do Conde Julião, é que a conquista arabe se effectuou, em 711.

(1) «Numerosos idiotismos, e sobretudo vocabulos importantes que em as novas linguas se encontram, devem a sua existencia aos conquistadores germanicos.» A. Coelho, *Ib.*, p. 23.

Como o Arabe vinha com o intuito de fixar o seu dominio, trouxe tambem ao mundo moderno o primeiro exemplo da tolerancia politica; mediante uma capitação, o *djizyeh*, consentia aos vencidos o exercicio das suas crenças, das suas industrias, dos seus direitos, finalmente a estabilidade das suas instituições: «Os christãos foram admittidos aos cargos do Estado; os sacerdotes do Christianismo tiveram livre entrada no palacio dos Khalifas; compunha-se de *mosarabes* a guarda particular do Emir; os laços matrimoniaes ligaram a miudo mais estreitamente vencedores e vencidos; finalmente os hespanhoes identificaram-se a tal ponto com os arabes, que, um seculo depois da conquista, tinham esquecido até a lingua propria.» (1) Taes são os factos exteriores de tolerancia politica e moral, que nos mostram quanto foram falsos os quadros negros do dominio arabe traçados pelos latinistas ecclesiasticos, como Isidoro de Beja, Sebastião de Salamanca, Sampiro, o Silense, Lucas de Tuy e Alvaro de Cordova. Mas collocados os factos com a clareza desprevenida dos historiadores modernos, importa explicar a causa porque se não deu a fusão completa dos povos conquistados com os Arabes. De todos os ramos da grande raça semitica, o Arabe é de todos o mais incommunicavel; este mesmo caracter se observa na sua lingua, onde os dialectos nunca tiveram importancia; entre a estructura organica das linguas indo-germanicas e as semiticas, existe uma differença inconciliavel. Como os Arabes traziam grande desenvolvimento de artes technologicas e de sciencias positivas, foram fatalmente imitados. O facto da tolerancia politica fez com que as povoações ruraes não abandonassem o seu solo, como a aristocracia intransigente, e por isso redigiram livremente os seus Costumes, que

(1) A. Soromenho, *Origem da Lingua portugueza*, p. 10.

vieram a constituir as cartas foraleiras. As letras arabes foram adoptadas nos escriptos *aljamiados,* mas nem por isso nenhuma das formas da syntaxe arabe; o mesmo se deu com a lingua, no que era exterior, isto é, o simples vocabulario adoptou-se, como os nomes technicos, os dos magistrados e das instituições, como se pode vêr pelos *Vestigios da lingua arabica em Portugal,* por Frei João de Sousa, e no *Glossario* de Dozy e Engelmman. Coelho, fundado na auctoridade de Diez e de Delius, avança: «que a influencia do arabe sobre o hespanhol e o portuguez se reduziu á introducção n'estes, d'um numero bastante consideravel de vocabulos, e de modo algum se estendeu á grammatica. E' até errado suppôr que o arabe tenha influenciado o consonantismo do hespanhol. Diez (*Grammatik,* I, 308, n. 366-7) e Delius (*Romanische Sprachfamilie,* S. 29) provam que a guttural aspirante dos nossos visinhos de modo algum póde ser olhada de origem arabe. O *h* aspirado e os outros sons que o hespanhol possue a mais que o portuguez e a que se attribuiu semelhante origem, nenhum direito têm tambem a tal genealogia.» (1) Na parte litteraria, tambem se attribuiu á influencia arabe a origem da versificação octosyllabica dos Romanceiros, o que tambem é errado; mas foi sobretudo pelo canto e dansa arabe é que esses romances se conservaram. A influencia exterior dos arabes revela-se tambem na propagação dos Contas indianos ao sul da Europa, na Italia, Hespanha e Portugal; o nosso povo, essencialmente catholico, ainda hoje invoca *Allah* na sua interjeição *Oxalá,* do arabe *Inshallah.*

(1) A. Coelho, *Ib.* p. 25.

*

Existencia politica da nacionalidade — O gallego dialecto archaico

Antes da independencia politica, tentada pelo Conde D. Henrique, Portugal fazia parte da Galliza, a qual desde Fernando Magno se estendia até ao Mondego. Pertenciam ainda em 1065 á Galliza as conquistas ao norte do Mondego e do Alva. Em 1093, estenderam-se as fronteiras da Galliza até á foz do Tejo, depois da tomada de Santarem, de Lisboa e de Cintra. Affonso VI de Leão, querendo fortalecer a administração d'este immenso dominio da Galliza, encarregou do seu governo a Raymundo, que viera com os guerreiros frankos, que ajudaram o monarcha leonez em 1086 na batalha de Zalaka. Em 1094, Affonso entregou-lhe a administração de toda a Galliza casando Raymundo com sua filha Urraca. Basta o enunciado d'estes simples factos historicos para se crêr que era uma unica a lingua fallada em toda a Galliza; a esta unidade politica corresponde tambem uma uniformidade ethnologica, que se revela principalmente na prioridade da poesia lyrica começada a escrever na lingua gallega. Nas invasões germanicas do seculo V a Galliza ficou em partilha aos Suevos, e a estes se encorporaram os Silingos e Alanos, quando Walia os forçou a abandonarem a Betica e a Luzitania; mais tarde assim fortalecidos, os Suevos estenderam o seu dominio pela Betica e Luzitania, sendo encorporados depois na monarchia visogotica no tempo de Leuwigildo. Territorio e raça, tudo influia para a unidade da lingua gallega. Mas a decadencia successiva do galleziano e o apparecimento do portuguez, ficando aquelle um simples dialecto, e este uma lingua escripta, proveiu d'esse outro facto profundo, o da formação de uma nacionalidade, com condições de vida e de independencia, no

seculo XII. Henrique, primo de Raymundo, acompanhara-o á Peninsula, e tambem casou com uma filha de Affonso VI, Dona Tareja; por este facto ficou governando o districto de Braga, sob a dependencia de seu primo. Para que o territorio das margens do Minho até ao Tejo se desmembrasse da dependencia do condado de Galliza, não bastava só a ambição do Conde Dom Henrique; a propria situação geographica estava provocando essa revolta. A proximidade do mar não era só uma barreira defensiva, era um recurso inexgotavel de riqueza; por elle vinham as armadas que ajudavam á reconquista, por elle se faziam as incursões nas costas do Algarve, por elle finalmente se encetou o periodo fecundo dos descobrimentos. A vida historica da Galliza foi quasi nulla; dispendeu-se em pretenções das varias casas reinantes de Leão, de Castella e de Aragão, e já no fim do seculo XIV a tentativa de renascença da poesia gallega por Villasandino e Juan Rodrigues da Camara, ficou sem resultado. Sobre as relações da lingua gallega e portugueza escreve Nunes de Leão: «as quaes ambas eram antigamente quasi uma mesma, nas palavras, nos diphtongos e pronunciação, que as outras partes de Hespanha não tem. Da qual lingua gallega a portugueza se avantajou tanto, quanto na copia e elegancia d'ella vêmos. O que se causou por em Portugal haver rei e côrte, que é a officina onde os vocabulos se forjam e pulem, e d'onde manam para os outros homens, o que nunca houve na Galliza.» (1) Nunes de Leão confunde o facto exterior e accidental de realeza e de côrte com a causa organica de nacionalidade e de vida historica. Aldrete, na *Origen y principio de la lengua castellana,* tambem propõe o problema da identidade do gallego e do portuguez, mas não sabe explicar o motivo da

(1) Leão, *Origem da Lingua portugueza*. p. 32, ed. 1606.

separação: «Bien sé que otros atribuyen lo particular de aquella lengua á la communicacion de Gallizia, donde la antigua parece la misma que la portugueza, y la vezindad, y averse desde ali començado la conquista fué la causa de dilatar-se la lengua. A que pueden añadir, que en Gallizia varió la lingua por aver puesto en ella su reyno los Suevos, y assi fué causa de que la lengua se corrompiesse en aquella fórma. Pero tengo por mas cierto lo primero; pues no ay rason, para que en Portugal se aya conservado assi, y en Gallizia nó, si fué la de Gallizia la misma que la portugeza.» (1) O dialecto gallego ainda se conservou nas varias côrtes de Hespanha empregado artificialmente na poesia lyrica palaciana; d'aqui veiu a illusão dos proprios escriptores hespanhoes suppôrem, que Affonso o Sabio escrevera os seus versos em lingua portuguesa: « El estylo de ellas, (rectifica o Padre Sarmiento,) no es castellano antiguo, como debiera, sino gallego antiguo, al qual se parece mucho el portugues.» (2) Argote y de Molina provando que Macias não era portuguez, avança este facto, que não é certo, como vimos na declaração de Sarmiento: «Y se á alguno le pareciere que Macias era portugués, esté advertido que hasta los tiempos del Rey D. Enrique tercero, todas las coplas que se hacian comunmente por la mayor parte eran en aquella lengua; hasta que despues, en tiempo del Rey D. Juan, con la comunicacion de naciones estrangeras, se trató de este genero de letras con mas curiosidad.» (3) As poesias da eschola provençal escriptas no portuguez anterior a D. Diniz, apresentam ainda bastantes *galleguismos* como o *che* em vez do

(1) Aldrete, *Origen y principio*, cap. III, fl. 39, v.

(2) *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas españoles*, p. 198, n.º 456.

(3) *Nobleza de Andalucia*, cap. 148.

pronome *te, dixe* por *disse, quige* por *quiz,* devidos principalmente a serem muitas d'essas poesias imitadas das Serranilhas populares e dos cantos de ledino, cujo typo ainda no seculo XVI apparece conservado pelo genio popular de Gil Vicente. Como vimos, em 1096 o Conde D. Henrique toma posse do territorio que formou Portugal, casando com D. Tareja; começa então a differenciação entre a lingua gallega e a portugueza; o Conde de Borgonha trouxera comsigo cavalleiros, homens de armas, e amanuenses que vieram de França, para que copiassem os Evangelhos em letra francesa, como ordenava o Concilio de Leão de 1090. Muitos Bispos e Arcebispos eram francezes, como S. Geraldo, D. Mauricio, Dom Hugo, Dom Bernardo; ia-se estudar a França como Dom João Peculiar, Frei Gil Rodrigues. Dom Affonso Henriques concedeu a Guilherme de Cornes as terras de Athouguia para serem colonisadas por francezes e gallegos. Em França se refugiaram as principaes familias de fidalgos portuguezes, na côrte de S. Luiz, voltando para Portugal pelo triumpho da sua causa, na deposição de D. Sancho II. Algumas palavras francezas privativas dos costumes feudaes apparecem na poesia portuguesa d'esta epoca. As fórmas contrahidas, que tanto distinguem o portuguez do castelhano, como vêmos em *padre* e *pae,* caracterisam-nos essa influencia franceza, de que já falla Aldrete: «en Portugal ay otra lengua diversa de la Castellana, que sin duda tiene mescla de la francesa. Pegosele de los Francezes que truxo consigo Don Henrique, primero Conde de Portugal...» (1) O *catalão* e o *italiano,* por via do casamento das duas rainhas D. Dulce e D. Mafalda, e o *inglez,* enriqueceram tambem o nosso vocabulario, em consequencia da vida historica da nova nacionalidade. Quando no

(1) *Origen y principio,* cap. 3, fl. 39.

meado do seculo XIII, Affonso Lopes Bayão escreve a *Gesta de mal-dizer*, já emprega satyricamente certas formas archaicas, como de uma lingua atrazada e que não correspondia á civilisação do tempo.

Quando começa o portuguez a ser lingua escripta

a) **Os documentos diplomaticos.** — Escreve Viterbo, na advertencia do Elucidario: «Os documentos que até os fins do seculo XI entre nós se exararam, quasi nada mais tem de latim que a inflexão alatinada dos mesmos termos com que o vulgo se exprimia. O *Livro dos Testamentos* de Lorvão, o *Livro Preto* de Coimbra, o de D. Mumadona, de Guimarães, os documentos de Pedroso, de Braga, e outros muitos, que nos originaes se conservam... não permittem hesitar, que a lingua portugueza era por este tempo o mesmo que a hespanhola, cujos monumentos, por Ypes, Florez, Risco e outros até hoje publicados nos offerecem antes uma verdadeira *identidade* do que uma mera similhança.» (1) Esta identidade não se póde entender com relação ao organismo das duas linguas, mas sim em quanto á giria tabellionica derivada dos mesmos direitos canonico e romano, e empregada pelos amanuenses judiciaes. João Pedro Ribeiro, que, em quanto á questão philologica, ainda acreditava na persistencia dos dialectos vulgares anteriores á conquista romana, conservados através da dominação dos godos e dos arabes até se tornarem nos dialectos modernos da Peninsula, (2) favoreceu a phantastica celtomania de Ribeiro dos Santos e Saraiva; mas na parte diplomatica a sciencia deve-

(1) *Elucidario*, p. VIII.
(2) *Dissert. chronolog.*, V, p. 179.

lhe muito, e com toda a sua veracidade nos apresenta como primeiros monumentos da lingua portugueza:

1.º Uma noticia particular de Lourenço Fernandes, que remonta ao reinado de D. Sancho I, achada no Cartorio do Mosteiro de Vairão. (*Diss. Chronolog.*, t. I, Doc. n.º 60.)

2.º Noticia de umas partilhas, de 1192, de março da era de MDCCXXX. (*Ib.*, Doc. n.º 61.)

3.º No reinado de D. Affonso III, e desde 1293 é que começam a apparecer os documentos em vulgar, e em escasso numero, até ao tempo de D. Diniz. (*Ib.*, Doc. n.º 62-68.)

4.º De 1334 por diante começam todos os documentos a serem escriptos na lingua vulgar. (*Ib.*, p. 184). E' de 1281 a celebre lei de Pontarias, que D. Diniz escreveu ácerca da administração da justiça. João Pedro Ribeiro attribue a importancia que ia recebendo a lingua portugueza á crescente ignorancia do latim; mas a verdadeira causa descobre-se claramente nos monumentos litterarios, que então começaram a ser escriptos.

b) **As formas litterarias: Chronistas e eruditos ecclesiasticos. Primeira disciplina grammatical.** — No tempo de D. Affonso III é que começa a ser escripta a lingua portugueza; voltando de França para occupar o throno extorquido ao irmão, vieram com elle os fidalgos facciosos que se haviam expatriado. Começaram por imitar a poesia provençal, que estava em moda na côrte de Sam Luiz. Aqui repete-se essa grande lei historica das linguas começarem a sua litteratura pelas formas poeticas. Depois da poesia, a lingua exerce-se nas traducções dos livros hespanhoes, como as *Leis de Partidas*, adoptadas por D. Diniz, e a *Chronica geral de Hespanha*; do arabe, como a obra do Moo Rasis, por Gil Pires (1), e do latim, como a *Regra de Sam*

(1) *Bibl. Luzit.*, t. II, p. 382.

Bento, e as traducções de Sam Gregorio e da Biblia, do seculo XIV, publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura. (1) A lingua portugueza seguiu n'este ponto a direcção das litteraturas da edade media, que se exerceram em grande parte em traducções paraphrasticas. A estes monumentos se devem ajuntar o *Livro velho das Linhagens*, com o seu fragmento, bem como o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, publicados pela Academia das Sciencias, e alguns Foraes em vulgar. A *Chronica breve*, que se achou junto com as Inquirições de D. Affonso III, pertence já ao principio do seculo XV; mas a traducção do *Indiculus fundationis Monasterii S. Vicentii*, conhecida com o titulo de *Chronica dos Vicentes*, não vae além do reinado de D. Affonso III. A fundação da Universidade de Lisboa, por D. Diniz, em 1291, desenvolveu o estudo da grammatica, que já era cultivado nas escholas das Collegiadas. Foi assim que a lingua portugueza entrou no seu regimen disciplinar, e foi isto que a fez tornar desusado o latim. A *grammatica* era uma das partes mais importantes do *Trivium*, organisação escholastica do ensino de que ainda nos resta a designação *trivial;* o estudo da grammatica tinha tambem um sentido mystico, que a fazia occupar o primeiro logar do Trivium, e a tornara privativa das escholas religiosas das Collegiadas; no poema *Image du Monde,* se diz que a grammatica é a sciencia da palavra e com a palavra Deus creou o mundo. (2) «Foi mais estabelecido, que se apresentasse na Collegiada (de Guimarães) um mestre que désse lição de grammatica, e que para isso se pedisse a sua santidade a primeira prebenda que vagasse, e que em quanto não vagasse se tirasse de todas as mais uma porção para o leitor da dita grammatica; de que resul-

(1) *Ineditos de Alcobaça*, 3 vol. Coimbra, 1829.
(2) Ap. Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. I, p. 104.

tou haver a conezia magistral, e por se não querer occupar o seu successor a lêr moral, dá uma pensão aos seus religiosos de Sam Domingos, para elegerem um padre que a venha dar na capella de Sam Pedro, situada no claustro da real collegiada. Esta eschola se ordenou em tempo de el-rei Dom Sancho II.» (1)

c) **Os documentos poeticos: Influencia franceza.**— Nos Nobiliarios antigos citam-se bastantes *Trovadores* portuguezes, pertencentes quasi todos ao seculo XIII. No *Livro velho das Linhagens,* cita-se o nome de João Soares de Paiva; (p. 166) no *fragmento de Nobiliario do Conde D. Pedro,* os nomes de João Garcia Esgaravunha, (p. 192, 290) de Estevam Annes de Valladares, (p. 199) e de João Soares de Penha; (p. 208) no *Nobiliario do Conde D. Pedro,* vem citado João de Gaia, (p. 272) João Soares de Penha ou Paiva, (p. 297) Vasco Fernandes de Praga, (p. 349) João Martins (p. 302) e um outro João Soares. (p. 352) Embora não sejam estes os trovadores portuguezes mais antigos, são comtudo os mais afamados na sociedade aristocratica do seculo XIV; Faria e Sousa julgava-os pertencendo á côrte de D. Affonso Henriques, mas a maior parte d'elles pertence ao grupo que esteve em França com Dom Affonso III. A poesia teve um desenvolvimento extraordinario durante o reinado d'este monarcha, que no Regimento de sua Casa admittia dois jograes de *Segrel*, e que mandou educar seu filho Dom Diniz por Ebrard de Cahors, francez meridional. A lingua franceza gosava então de uma popularidade immensa; era o vehiculo de todas as tradições medievaes. Em Inglaterra, no seculo XIII, as proclamações dos reis, o ensino nas escholas, as balladas do povo eram em francez; na Italia, Brunetto Latini escrevia o *Tesoro* em

(1) Padre Torquato Peixoto de Azevedo, *Mem. ressuscit.*, t. I, p. 229, ann. 1692.

francez, porque achava esta lingua «plus ostendible á tous vertueux et nobles courages... pour ce que la parleure françoise est la plus gracieuse et delictable de tous les autres languages, et par consequent la plus commune entre tous les princes chretiens.» Tal era a ideia de D. Affonso III no plano da educação de seu filho. Dante, no *De Vulgari Eloquio*, reconhece, apesar do seu patriotismo exaltado, que o francez é a fonte das mais ricas tradições poeticas da Europa. Nos velhos romances allemães acham-se palavras e versos inteiros em francez, como no *Tristam*, de Gottfrid.

A lingua franceza, servindo de modelo para as composições poeticas portuguezas, fez com que o gallego, lingua especial da poesia até ao tempo de Affonso o Sabio, decaísse para o uso popular, ficando o portuguez a lingua das canções. D'esta influencia ainda restam nas canções dos nossos trovadores versos inteiros de estribilhos francezes, como:

Or sachaz veroyament
Que ie soy votre ome-lige.

No Cancioneiro de Dom Diniz, tambem se citam os poemas francezes de *Tristão e Yseult* e de *Flores e Brancaflor;* e de França veiu essa tradição da fidelidade de *Amadas et Ydoine* sobre que elaboramos o preciosissimo documento hoje perdido, do *Amadis de Gaula*. A tradição do *Rei Lear*, que vem no Nobiliario do Conde D. Pedro, denota tambem que se conhecia n'este tempo em Portugal o *Roman du Brut*. O exercicio da metrificação obrigava a procurar *(trouver)* novas construcções grammaticaes aos nossos trovadores, e a admittirem vocabulos extranhos para exprimirem a casuistica sentimental. Os documentos poeticos foram numerosos, e ainda restam bastantes apezar de se terem perdido muitos: O *Cancioneiro da Ajuda,*

achado no espolio dos Jesuitas, e publicado por Lord Stuart, e segunda vez por Varnhagen, com alterações; o *Cancioneiro de Dom Diniz,* intercalado no *Cancioneiro manuscripto da Vaticana*, que comprehende em uma copia mais moderna os dois monumentos anteriores; e entre os perdidos, o *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos, o *Cancioneiro de Nossa Senhora* de el-rei Dom Diniz, o *Livro das Trovas de El-Rei Dom Affonso, encadernado em couro, o qual compilou F. de Monte-Mór-o-novo*, e se guardou na Bibliotheca de Dom Duarte, o poema em redondilhas da *Batalha do Salado,* por Affonso Giraldes, ainda existente no seculo passado, e finalmente o *Cancioneiro do Conde de Marialva,* que appareceu em Hespanha. São estes os principaes monumentos da lingua portugueza do seculo XIII e XIV no que respeita á sua cultura poetica. Está completamente creada a lingua para servir a nacionalidade portugueza e a sua litteratura. Vejamos se ella encontrou as condições para este fim.

Caracter e tendencias do desenvolvimento da lingua portugueza

a) **Os eruditos aproximam-n'a artificialmente do latim.**— Se procurarmos quaes os livros que constituiam as riquezas scientificas da sociedade portugueza no seculo XIII, vêmos que eram quasi todos latinos e exclusivamente da litteratura ecclesiastica. No testamento de D. Mumadona, de 959, deixou ella ao Mosteiro de Guimarães entre outras obras liturgicas, as *Vitas Patrum, Apocalipsin, Etimologiarum,* (de Santo Isidoro de Sevilha), *Dedeca Psalmorum, Regula beati Pacomii, Regula puellarum, Institutiones beati Ephren, Vita beati Martini Episcopi.* (1) No pre-

(1) Mon. hist., *Diplomata et Chartae*, vol. 1, fasc. 1, 64.

sente de livros mandados pelo mosteiro de Sam Rufo para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, vieram, *Commentario a Sam João Evangelista e ao Genesis* por Santo Agostinho, *Praticas sobre os Evangelhos de Sam Matheus e Sam Lucas*; o *Exameron* de Santo Ambrosio; o *Pastoral* do mesmo, e o livro de Beda, *Sobre Sam Lucas*. (1) Conhece-se tambem d'este tempo a Bibliotheca do Cabido da Sé do Porto. Por tudo se vê que a erudição ecclesiastica absorvendo a instrucção e alem d'isso banindo da liturgia os cantos vulgares, tornou o latim a giria de communicação nas escholas; por outro lado a renascença do direito romano, tornava o latim a linguagem das allegações juridicas. As numerosas traducções do latim de que ha lembrança no seculo XIV, fizeram adoptar artificialmente do vocabulario classico muitas palavras que não nos adviriam nunca pela corrente do latim vulgar. As Universidades começaram na Europa como um esforço para a secularisação do ensino; em Portugal tambem seguimos essa corrente mas sem lhe perceber o alcance, porque a Universidade de Coimbra nasceu protegida pelo Bispo de Lisboa e pelo Prior de Santa Cruz de Coimbra, que a dotaram. A lingua portugueza obedeceu a esse pedantismo grammatical que se continuou até aos Nebrixas, por isso que só teve um desenvolvimento de erudição; a parte popular da lingua ficou absorvida n'essa massa de elementos eruditos, em que sem duvida perdeu muitas das suas riquezas e onde o tacto philologico a reconhece.

b) **Falta de tradições nacionaes.** — O motivo porque a lingua portugueza só recebeu um desenvolvimento erudito, acha-se em um outro facto mais intimo, isto é, na falta de tradições que o povo elaborasse e transmittisse na sua linguagem, como aconteceu com a

(1) Ib., *Scriptores*.

lingua e litteratura franceza. D'essa falta de *tradições*, de que tanto se resentiu a lingua, resultou uma grande falta de originalidade na litteratura portugueza, que começou logo por *imitar* a poesia provençal através dos usos palacianos da côrte de Sam Luiz; e na necessidade de *imitar*, a acceitar de preferencia os modelos de auctoridade classica, contrarios ao espirito individual e revolucionario das linguas neo-latinas. Como não existiam *tradições* organicas, que interessassem o enthusiasmo do povo e o provocassem a transmittil-as, pode-se dizer, que o povo foi mudo até ao tempo de Dom João I, em que nos apparecem os seus primeiros cantos. A cultura latina ecclesiastica suppriu-nos esta falta de tradições por *lendas* escriptas artificialmente. O mesmo facto se deu com a Provença; a persistencia da cultura latina suppriu a falta dos elementos de epopêa com lendas individuaes. N'este periodo da litteratura portugueza temos algumas lendas bastante curiosas, como a do *Pagem do Cavalleiro Henrique*, na Chronica dos Vicentes, a lenda de *Gaia*, a do *Solar dos Marinhos*, a *Dama pé de cabra* nos Nobiliarios, e os elementos legendarios para uma epopêa sobre Dom Affonso Henriques, nas Chronicas breves e memorias avulsas. Explicado o problema da formação da lingua portugueza, e a relação intima da lingua para com o espirito da sua litteratura, caracterisemos as epocas do seu mutuo desdobramento.

PRIMEIRA EPOCA

TROVADORES E CANCIONEIROS

(SECULO XII A XIV)

CAPITULO II

Os Trovadores portuguezes

O phenomeno moral e litterario do apparecimento da poesia provençal. — Teria o lyrismo da Provença uma origem popular? — Situação geographica, e condição ethnologica da Galliza, para se communicar a Portugal e Hespanha a poesia provençal. — Trovadores que alludem a Portugal, ou o visitaram. — Existencia de um elemento popular portuguez d'onde saiu o lyrismo dos Cancioneiros. A Carta do Marquez de Santillana, e as formas populares da *Serranilha*, *Dizeres*, *Cantares de Amigo*, de *ledino* e *Guayados*.—O canto do Figueiral. — Cyclo dionisio ou jogralesco e a corrente provençal pelo norte da França. — Dom Diniz e os seus bastardos trovadores. — A introducção dos versos limosinos. — Lucta com as tradições poeticas bretans. — Tentativa de uma renascença da poesia gallega. — Emigrações de fidalgos gallegos para Portugal. —Vasco Pires de Camões. — Restos da tradição provençal em Sá de Miranda, Ferreira e Camões.

Apparecimento da Poesia provençal.—Teria uma origem popular ou tradicional?

No seu primeiro periodo de desenvolvimento vemos as litteraturas romanicas imitarem as canções de um exagerado subjetivismo e de um requintado artificio poetico escriptas pela primeira vez na lingua d'oc, que se fallava na parte meridional da França. (1087) Em quanto se estudou esta poesia separada das suas origens populares, pareceu ella como

um phenomeno extraordinario, um como acordar do mundo moderno, uma harmonia orphica ao som da qual se iam fixando os direitos civís e as instituições sociaes. Porém o criterio positivo da *filiação* historica reduz ao natural este phenomeno maravilhoso, que se communicou ao norte da França, á Italia, á Peninsula hispanica, e até á Inglaterra e Allemanha. Duas causas ethnologicas nos explicam porque se deu de preferencia o apparecimento d'esse lyrismo na Provença. A zona geographica em que se operou esse desenvolvimento poetico abrange desde o norte do Loire, passando pela ponta do lago de Genova, de Sevres niorteza para oeste, ducado de Aquitania, Auvergne, Rodez, Tolosa, Provença e Vienna. (1) Foi justamente n'esta zona que a raça gauleza ficou submettida á conquista romana; o romano ao fixar o seu dominio não se cruzava, como aconteceu com o elemento germanico; comtanto que se submettessem ás formulas da sua administração e lhe reconhecessem a auctoridade, o romano deixava o livro exercicio das crenças religiosas, dos costumes, das industrias. Este facto, que se deu em todos os paizes que obedeceram á conquista romana, e aonde a parte aristocratica imitava a civilisação de Roma, fez com que na parte meridional da França o elemento gaulez se conservasse puro, pelo menos em quanto ás suas tradições poeticas. Os cantos gaulezes não apparecem escriptos, porque era uma prohibição religiosa o recolhel-os da tradição oral; mas é certo que esses cantos subsistiram ainda depois da conquista romana, porque varios Concilios, como o de Auxerre, de 578, prohibiam os cantos das donzellas, os cantos satyricos, e ao mesmo tempo davam nomes infamantes aos que os cantavam, como *joculatores* (que depois se tornou na profissão dos *jograes*) os *ministralles, scurrae*, os *mimi,*

(1) Diez, *Poesie des Troubadours*, p. 1. Trad. Roisin.

jocista, e *histriones*. Estes cantos vulgares dos costumes gaulezes propagaram-se nas camadas populares, sempre condemnados como despreziveis, até que um facto politico veiu influir na importancia repentina, isto é, na imitação e importancia litteraria que receberam. A primeira Cruzada, publicada em 1095, fez com que o elemento senhorial, sempre admirador dos eruditos ecclesiasticos, se ausentasse dos seus castellos meridionaes, para a conquista do santo sepulchro; foi então que os cantos que eram simples costumes populares receberam forma litteraria. Prova-se isto com factos reproduzidos na propria poesia provençal: a *sirvente* satyrica tinha sido o canto bardico com que se castigava entre os gaulezes as acções indignas; a *rota*, ou o instrumento de corda, a que se acompanhava o trovador, é a *croud* gauleza, a que Venancio Fortunato chamava *chrotta britana;* as *Cortes de Amor*, aonde se discutia a casuistica do sentimento e da galanteria eram uma renovação do costume dos *Puy* ou assembleias poeticas; o *segrel*, que apparece nas côrtes de Hespanha e Portugal no seculo XII, como vêmos pela canção de Giraud de Riquier:

> E ditz als trobadors
> *Segriers* por totas cortz.

é ainda derivado dos costumes gaulezes. No seculo X, quando Hool o Bom, mandou recolher as leis consuetudinarias cambrianas, estatuiu ácerca dos Bardos as seguintes disposições que levam a inferir que o *Segrel* deriva d'esses antigos costumes: «Quando a rainha quizer ouvir um canto, o Bardo domestico será obrigado a cantar um á sua escolha, *mas em voz baixa*, ao ouvido, para que a côrte não seja perturbada.» (1)

(1) *Leges Walliæ ecclesiasticæ*, etc. Londres, 1730, p. 35. Ap. Ampère, *Hist. litteraire de la France*, t. I, p. 70. Ed. 3.ª

Este facto justifica a derivação de *Segrel* de *Secretela,* que segundo Durand, no *Rationale,* significa a oração em voz baixa. D'aqui se vê, que se o jogral vagabundo tinha a sua origem popular, o trovador sedentario tambem provinha da tradição consuetudinaria. As divagações nocturnas, provocadas pelo clima agradavel da zona gallo-romana, é que motivaram as fórmas poeticas provençaes da *Aubade* e da *Serena.* A contra prova, de que a efflorescencia da poesia provençal proveiu da liberdade popular e da importancia nova dos antigos costumes, está em que este explendor poetico só dura no intervallo em que se succedem as Cruzadas. Da primeira (1095) até á ultima Cruzada, (1268) é que o lyrismo provençal attinge a sua plenitude. Uma outra causa da vitalidade da tradição popular gauleza no momento em que toma o caracter de litteratura provençal, é essa lucta de absorpção da França feudal do norte para submetter a França meridional democratica e governada por instituições municipaes. Dá-se aqui a grande lei de Lemecke: o conflicto d'estas duas raças, gallo-frankos e gallo-romanos, produz um desenvolvimento de poesia. Porém a França do norte venceu, e o triumpho ensanguentado na cruzada contra os Albigenses, trouxe a ruina da litteratura provençal, mas ao mesmo tempo a sua diffusão e imitação nas diversas côrtes da Europa.

Os trovadores serviram com os seus cantos democraticos a causa da liberdade da França municipal; a origem tradicional do canto lyrico consuetudinario recebia um novo vigor, pelo espirito de independencia local que procurava elevar-se a nacionalidade. A poesia provençal tendo-se levantado dos costumes populares, em 1095, volta outra vez para o povo em 1290, quando os jograes se espalham por toda a Europa. A necessidade de communicar essa poesia nova, estabeleceu a unidade de um dialecto poetico, entendido

tanto na França do norte como na Inglaterra, na Italia como na Galliza; era o dialecto de Poitou. Este mesmo habito litterario fez com que na Peninsula hispanica o dialecto gallego fosse a linguagem commum da poesia tanto para Portugal como para Castella.

Appliquemos agora estes principios, á luz dos quaes a poesia provençal se tornou um simples facto de evolução ethnologica, para comprehender o sentido do lyrismo dos Trovadores portuguezes.

Communicação do lyrismo da Provença a Portugal

a) **Situação especial da Galliza para a communicação da Poesia provençal.** — A zona aonde primeiro despontou o gosto pelas canções provençaes foi ao norte da Peninsula, no territorio que comprehende desde a Galliza até ao Mondego. O Marquez de Santillana, na *Carta ao Condestavel de Portugal*, accentua claramente: «E depois acharam esta Arte, que Maior se chama, e Arte Commum, creio, nos reinos de Galliza e Portugal, aonde não ha que duvidar que o exercicio d'estas sciencias mais que em nenhumas outras regiões e provincias de Hespanha se acostumou; em tanto gráo, que não ha muito tempo, quaesquer dizidores e trovadores d'estas partes, ou fossem castelhanos, andaluzes ou da Extremadura, todas as suas obras compunham em lingua gallega ou portugueza. E ainda é certo que recebemos os nomes d'arte, como maestria maior e menor, encadenados lexapren e mansobre.» (1) Este periodo, que o Marquez de Santillana fundamenta citando um Cancioneiro portuguez que vira, sendo criança, em casa de sua avó D. Mecia de Cisneros, é fecundissimo em revelações. Em primeiro lo-

(1) § XIV. Apud *Poetas palacianos do seculo XV*, p. 166.

gar apparece-nos a Galliza, que então comprehendia Portugal, como o ponto aonde primeiro se manifestou esse novo lyrismo. N'esta prioridade, distingue as duas fórmas porque a poesia provençal se manifesta, a *Arte Maior*, ou aquella em que se usam os decasyllabos limosinos, e a *Arte vulgar*, ou os versos usados pelos dizidores. Em terceiro logar mostra que a lingua gallega era um dialecto poetico commum a Portugal, aonde era ingenito, a Castella, a Extremadura e Andaluzia. Por fim mostra quaes eram as fórmas poeticas da poesia provençal ou de Arte maior usadas em Portugal e Galliza, taes como *maestria menor*, que emprega os versos de redondilha, os *encadenados*, o *lexapren* e o *mansobre*. No § XV da mesma Carta, cita o Marquez de Santillana as fórmas poeticas da Arte vulgar as quaes são «*cantigas, serranas,* (ou serranilhas) e *dizeres* portuguezes e gallegos.» Por esta ultima parte se vê que a poesia provençal tambem tem entre nós uma origem popular, como adiante provaremos.

Ha uma causa organica para este predominio do lyrismo na zona da Galliza; sob o ponto de vista ethnographico, foi na região da Galliza que se estabeleceram os Suevos; este ramo das raças germanicas, pelo facto de ter sido o mais catholico de todos, perdeu mais cedo e completamente as suas tradições epicas e cantilenas heroicas. Isto se deu, mas sempre com lucta, com o ramo gotico egualmente. Demais, absorvida e disputada ou desmembrada, a Galliza não chegou a ter vida nacional e independente, e por isso não chegou a elaborar tradições. Sem interesse pela lucta das novas nacionalidades, e sem se recordar, sob a pressão catholica, das antigas cantilenas condemnadas, entregue a uma vida pastoral e agricola, a Galliza acceitou por via da Aquitania o primeiro influxo lyrico da Provença. Os habitos da sua vida propria

por si creavam os cantares actuaes, derivados das situações simples de quem trabalha nos campos, baila nos dias sanctificados e se diverte com romarias. Era uma Arcadia temperada pela devoção catholica. E' este o espirito das canções que conhecemos através das imitações aristocraticas. A este genero poetico, chamava o Marquez de Santillana no principio do seculo XV, *Serranas* e *Dizeres*, que ainda no seculo XVI se conservavam em Portugual na tradição litteraria de Gil Vicente, Christovam Falcão, Sá de Miranda e Camões. O que vimos da situação da Galliza, dá se tambem com o norte de Portugal, aonde ainda hoje se nota a falta de romances épicos, que abundam na Beira Baixa, Algarve e Açores. A Galliza ainda conserva o seu antigo estribilho poetico o *Alalála*, ao qual se refere Silio Italico: «*ululantem* carmina.» Em Portugal ainda se conserva esse outro estribilho o *Ay*, dos cantares *guayados*, de que falla Gil Vicente. Desde o momento que os nossos trovadores procurassem assumpto proprio para os seus cantos, tinham fatalmente de recorrer á riquissima veia da tradição popular.

b) **Phase italo-portugueza: Trovadores que vieram a Portugal.**— Fauriel cita o trovador Marcabrus, que pertencia ao ramo da Gasconha, da eschola poetica da Aquitania, como tendo frequentado as côrtes christans d'áquem dos Pyreneos, «nomeadamente a de Portugal, e é o unico dos trovadores positivamente conhecido por ter visitado esta ultima.» (1) Foi este trovador o que incitou pelos seus cantos e que provocou a alliança das pequenas potencias das costas do Mediterraneo com Affonso VII, contra os Almohades. Diz elle: «Que o Conde de Barcelona persista sómente na sua resolução com o *Rei de Portugal* e o de Navarra, immediatamente iremos plantar nossos pavi-

(1) Fauriel, *Hist. de la Poesie provençale*, t. II. p. 6.

lhões junto aos muros da imperial Toledo, e destruir os pagãos que a guardam.»

Ab lavador de *Portegal*,
E del rei navar atretal,
Ab sol que Barsalona i a vir
Ver Toleta l'emperial
Segur poirem cridar reial
E paiians gen desconfir. (1)

Dom Affonso Henriques tomou parte n'esta pequena cruzada, e teve assim occasião de conhecer a organisação das republicas italianas, que tanto influenciaram no espirito de independencia local das cartas foraleiras. Em 1146, casou este monarcha com uma princesa italiana, D. Mafalda. (Mahaut) O nome de *Potestade,* de algumas familias citadas no *Livro velho das Linhagens,* denota que no séquito d'essa rainha vieram italianos para Portugal, bem como alguns trovadores, como era então de costume. E provavel que Marcabrus viesse a Portugal por 1146; elle allude em outro logar dos seus versos a Portugal.

En Castella et en *Portugal*
No trametré aquestar salutz; (2)

Gavaudan o Velho, incitando por meio de uma canção os monarchas da Peninsula contra a invasão de Mahomed al Nassir, que chegara a Sevilha com cento e sessenta mil homens, allude a Portugal exclamando ironicamente:

Portugales, Gallicx, Castellas,
Navars, Arragones, Ferraz
Lura ven en barra gequitz
Qu'els an rahuzatz et unitz (3).

(1) Rayaenard, *Choix des Poesies des Troubadours,* t. IV, p. 130-131.
(2) Apud Baret, *Les Troubadours*, p. 192.
(3) Raynouard, *Choix des Poesies*, t. IV, p. 86-87.

Segundo Baret, as Canções de Cercamons e de Peire Valeira, tambem foram conhecidas em Portugal, (1) e de Peire Vidal ha tambem indicios de ter estacionado aqui algum tempo. O contracto de casamento do filho de Raymundo de Beranger, um dos grandes protectores dos trovadores, com uma filha de D. Affonso Henriques, e depois o casamento de D. Sancho I com D. Dulce, filha do Conde de Provença, são factos que nos explicam o motivo por que differentes trovadores visitaram Portugal. Differentes armadas de cruzados aportaram em Portugal; eram estes cavalleiros quasi sempre acompanhados de trovadores; na tomada de Lisboa se achou um guerreiro, que descreveu a campanha em versos latinos, o *Carmen Gosuinus*, hoje publicado nos *Monumenta historica*.

Elemento popular do lyrismo provençal portuguez

Nem sómente os cantos épicos precisam do elemento *tradicional*, de que se inspiram; como vimos com relação á Provença, tambem as canções lyricas anteriores a el-rei Dom Diniz e da época d'este monarcha receberam o influxo fecundo do genio popular. No meio das insipidas allegorias e subtilezas sentimentaes dos trovadores portuguezes, todas aquellas composições moldadas sob o gosto das *serranilhas*, resaltam por uma graça ingenua que as melhores composições modernas não attingem. As similhanças notadas entre algumas d'essas composições portuguezas e as antigas *ballettes* francezas e as *balladas* provençaes, (2) provém d'um mesmo typo popular, commum ao Meio-dia, o qual entre nós foi mais dominante. Nos costumes po-

(1) *Les Troubadours*, p. 119.
(2) *Romania*, t. II, p. 265.

pulares existem os vestigios por onde se prova a vitalidade de uma certa poesia lyrica. No primeiro Concilio de Braga, prohibe-se o cantar-se nas egrejas cantigas, a não serem unicamente os psalmos; e um Canon de Sam Martinho de Braga, exclue da liturgia «Psalmos *compositos et vulgares*. Em algumas egrejas do arcebispado ainda hoje o povo toma parte na liturgia com os seus cantos. Ainda existe a designação de *clamores*, a reza sobre as sepulturas, que tinha sido uma fórma poetica popular da edade media, como o *Vocero* em Italia; o *tamo* era o canto nupcial ou a dansa, prohibida pela reforma dos Foraes por Dom Manoel; o *Arremedilho* pago a Dom Sancho I por Bon Amis e Acompaniado, denota-nos que entre nós existiu essa classe jogralesca dos *Remendadores*, de que falla Giraud de Riquier. Finalmente el-rei Dom Duarte prohibe o uso das *cantigas sagraes*, como seu pae já havia prohibido o *bradar sobre finado*. O gosto musical das povoações do Minho era tão persistente, que ainda no principio do seculo XVII escrevia o Marquez de Montebello; «Com grande destreza se exercita a musica, que é tão natural em seus moradores esta arte, que succede muitas vezes aos forasteiros que passam pelas ruas, especialmente nas tardes de verão, parar e suspenderem-se ouvindo as *trovas que cantam em córos*, com fugas e repetições, as raparigas, que para exercitar o trabalho de que vivem lhes é permittido...» (1)

As repetições de que falla o Marquez de Montebello, são os estribilhos ou retornellos das pastorellas, que tiveram o nome nacional de *Serranilhas*. Trazemos para aqui este importante facto para mostrar não só que a musica era a parte principal das *Serranilhas*, ao contrario do que succede com os romances narra-

(1) Ap. *Introducção á Hist. da Litt. portug.*, p. 83.

tivos, mas que foi pela musica, que essas composições entraram nas collecções litterarias do seculo XIV, sendo por isso tomadas por typos.

Nos *Canti antichi portoghesi,* Ernesto Monaci produz um facto importantissimo, que fundamenta este modo de vêr: é uma canção de Ayres Nunes moldada com versos inteiros de outra de João Zorro, sem comtudo se poder concluir qual foi o plagiario. Acreditamos de preferencia, que nem um nem outro foi plagiario, e que ambos se serviram de uma letra ou *tono* conhecido para fazerem um *son* ou cantar. Aproximemos as duas peças, para se fixar bem este facto fundamental:

De João Zorro

Bailemos agora, por Deus, ai velidas
So aquestas avelaneiras frolidas;
E quem for velida, como vós velidas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas
Verrá bailar!

Bailemos agora, por Deus, ai loadas
So aquestas avelaneiras granadas
E quem for loada, como vós, loadas
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas
Verrá bailar (1)

De Ayres Nunes

Baylemos já todas, todas, ay amigas
So aquestas avelaneiras floridas,
E que for velida como vós velidas
Se amigo amar
So aquestas avelaneyras floridas
Verrá baylar.

(1) *Cancioneirinho de trovas antigas*, n.º IX, p. 31.

Baylemos já todas, todas, ay, yrmanas
So aqueste ramo d'estas avelanas;
E que for louçana como vós louçanas
Se amigo amar
So aqueste ramo d'estas avelanas
Verrá baylar. (1)

Este paradigma encerra a explicação do meio como a *Serranilha* popular entrava nos Cancioneiros; a aristocracia cultivava a musica e *ensoava;* servia-se da velha letra das tonadilhas vulgares para fixar a sua composição melodica, do mesmo modo que em França se cantava na missa a canção popular de *Belle Alix matin leva*. A tendencia da imitação popular, fez com que a instituição jogralesca recebesse um certo favor e viesse a dominar nos usos publicos, a ponto de vermos já no tempo de Dom Diniz os trovadores palacianos defenderem-se para que os não tomem por jograes, porque esses só cantam na estação das flores:

Mais os que troban *no tempo da frol*
E non en otro.....

Que os que troban quando a frol sazon
Ha, e no ante......

Ca os que troban, e que se alegrar
Van, en o tempo que ten a calor
A frol consigue, tanto que se for
Aquel tempo, logo eu trobar razon
Non han..... (2)

Estes versos escriptos em endecasyllabos (em maneira de Provençal, como particularisa el-rei Dom Di-

(1) Monaci, *Canti antichi portoghesi*, p. 5, 6. Traz mais outra estrophe.
(2) *Cancioneiro de D. Diniz*, p. 70.

niz) condemnam a forte influencia das *Serranilhas,* em arte menor ou vulgar, caracterisando-as pelo facto a que ellas mais alludem, que é a *estação florida,* como se póde verificar em muitas canções:

— *Ai flores, ay flores* do verde pino.
— Vede la *flor del pino.*
— Só aquestas *avelaneyras frolidas.*
— Sob o ramo verde *florido.* (Passim.)

O trovador servia-se da letra vulgar e sobre ella compunha, como vêmos por esta authoridade de Julião Bolseiro:

Mais como x' é mui *trobador*
Fez unas lirias no *son,*
Que mi sacan o coraçon. (1)

Quer dizer, compoz o canto da fórma poetica provençal chamada *lyra.* Os nomes dos trovadores que assignam as mais ingenuas *Serranilhas* são plebeus, não se encontram nos Nobiliarios, o que nos prova que tinham realmente uma communicação directa com o povo, e que eram ao mesmo tempo indispensaveis para as festas palacianas. Nas proprias canções artisticas achamos fragmentos intercalados de genuinas canções populares, não continuadas por serem bem conhecidas. Gil Vicente tambem procedia d'este modo, quando intercalava nos seus Autos tonadilhas vulgares. Em uma Canção de Ayres Nunes, vem esta *Serranilha,* que elle ouviu cantar a uma pastora:

Sob o ramo florido
Vodas fazem ao meu amigo.
Choram olhos de amor! (2)

(1) *Cancioneirinho de trovas antigas,* p. 97.
(2) *Ibidem,* p. 13.

A influencia do gosto popular communicado ás Canções eruditas conhece-se que era forte, pela continua persistencia d'essas Serranilhas, que penetraram na litteratura até ao seculo XVII, em que este genero popular se extinguiu. Nas *Obras* de Gil Vicente, como primeiro notou Frederico Diez, (1) encontramos ainda o typo das Serranilhas intercaladas nos seus *Autos,* sempre a pretexto da musica. Tambem natural do Minho, e profundamente observador, Gil Vicente recolhe as duas correntes populares, a dos *Romances,* que cita com frequencia, e que pertence á Beira Baixa, e as cantigas lyricas do Minho, a que elle chama *Cantar gayado,* (2) da neuma *guay,* que nas Serranilhas é o *Ay* com que ainda hoje se começam. Gil Vicente, em uma rubrica de um cantar que faz repetir a um personagem dos seus *Autos,* diz: «*arremedando os da serra.*» (3) Da forma do *Dizer,* ainda no seculo XVI se dava o nome de *Dizidor* ao poeta popular; assim era conhecido o chistoso Chiado amigo de Camões e de Jorge Ferreira. (4) A designação de *Arte vulgar,* e o nome de lingua *ladina* dado á que o povo fallava, leva-nos a filiar n'esta classe os *Cantos de ledino,* a que allude Christovam Falcão, na Ecloga de *Crisfal:*

> Antre estas soo, saudosa
> vi antre duas ribeiras
> huma *serrana* queixosa
> cercando umas cordeiras,
> sendo cordeira fermosa.
> . . . .

(1) *Uber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie,* p. 100.

(2) *Obras,* t. I, p. 143.

(3) *Ib.* t. I, p. 444.

(4) Sobre esta forma poetica, vid. *Epopeas mosarabes,* p. 80.

Tendo parecer divino
para que melhor lhe quadre
cantou *canto de ledino:*
— Yo me yva la, mi madre,
a Santa Maria del pino. (1)

No Cancioneiro da Vaticana apparecem bastantes cantares de *ledino,* dignos de se approximarem do fragmento que vem como centão no *Crisfal;* eis um de Martin Pedrozelos:

Por Deus, que vos non pres
Mha madre, mha senhor,
D'ir a San Salvador,
Ca si oje y van tres
Fremosa eu serei
A hua, ben o sei.

Por fazer oraçon
Quer' oj'eu a lá ir;
E por vos non mentir
So oj' y duas son.
Fremosa eu serei
A hua, ben o sei.

Y é meu amig', ay!
Madre, il-o-ei vêer,
Por lhe fazer prazer:
Se oj'y hua vai
Fremosa, eu serei
A hua, ben o sei. (2)

Todos os cantares d'este genero referem-se a *romarias,* ainda hoje muito dos costumes populares de todo o paiz:

— A la *egreja de Vigo,*
É o amor salido, etc.

(1) *Obras* de Christovam Falcão, p. 6.
(2) *Cancioneirinho,* n.º XXXI.

— Non poss'eu, madre
Ir a *Santa Cecilia*, etc.

— Ora vou a *San Servando*,
Donas, fazer romaria, etc.

— Amigo, se me grande ben queredes,
Idè a Sam Mamede veer-m'edes, etc.

— Se quizer *ir a Santa Maria*
Que se non vaa pela Trindade, etc.

— Seria-m'eu na ermida de S. Simon
E cercaram-me as ondas que grandes son; etc. (1)

Por todas estas differentes canções se vê, que o canto de *ledino* era especialmente o que se usava nas vigilias das romarias, e era assim chamado pelo contraste com o pretexto religioso que os provocava. N'este genero popular tambem se encontra uma outra subdivisão, a dos *Cantares de amigo*; em uma das partes do *Cancioneiro* de D. Diniz vem a rubrica: «Em esta folha se começã as *cantigas de amigo*,...» são cantigas de amor, dirigidas a quem inspirou esse sentimento, caracterisadas pela invocação *Ay meu amigo*, rigorosamente popular. Depois de enumerarmos as fórmas provençaes portuguezas derivadas da tradição popular, importa vêr a persistencia d'este genero na litteratura. Aproximemos uma velha *Serranilha* do Cancioneiro da Vaticana de qualquer das de Gil Vicente, e vêr-se-ha um mesmo espirito e gosto popular:

De Pero Alcobo

— Digades, filha, mha filha velida
Porque tardaste na fontana fria?
«Os amores ei.

(1) *Ib.*, (passim.)

— Digades, filha, mha filha louçana,
Porque tardaste na fria fontana?
«Os amores ei.

— Tardei, mha madre, na fontana fria,
Cervos do monte a agua volviam. Etc. (1)

De Gil Vicente

— D'onde vindes, filha, branca e colorida?

«De lá venho, madre, de ribas de um rio;
Achei meus amores n'um rosal florido.

— Florido, enha filha, branca e colorida?

«De la venho, madre, de ribas de um alto,
Achei meus amores n'um rosal granado.

— Granado, enha filha, branca e colorida. (2)

E no mesmo estylo e quasi com o mesmo pensamento, recolhe Gil Vicente esta outra lição:

Del rosal vengo, madre,
Vengo del rosale.

A riberas d'aquelle vado
Viera estar rosal granado.
Vengo del rosale.

A ribera d'aquelle rio
Viera estar rosal florido.
Vengo del rosale.

Viera estar rosal florido,
Cogi rosas con suspiro.
Vengo del rosale. (3)

(1) *Cancioneirinho*, p. cxiv.
(2) *Obras*, t. iii, p. 270.
(3) *Obras*, t. ii, p. 481-82.

Eis uma Serranilha de Pedro Gonçalves de Porto Carrero, cujo typo estrophico é exacto e conforme com as de Gil Vicente:

PORTO CARRERO

O anel de meu amigo
Perdi-o sol-o verde pino;
E chor'eu bella.

O anel do meu amado
Perdi-o sol-o verde ramo;
E chor'eu, bella, etc. (1)

GIL VICENTE

Já não quer minha senhora
Que lhe fale em apartado.
O que mal tão alongado.
. . . .
Ir-me-hei só pelo mundo
Onde me levar a dita.
Oh que mal tão alongado. (2)

O mesmo espirito de uma Serranilha de Pero Garcia Burgalez se encontra em outra analoga conservada por Gil Vicente:

PERO GARCIA BURGALEZ

Ay madre, bem vos digo,
Mentiu-me o meu amigo;
Sanhuda and'eu!

Do que m'houve jurado;
Pois mentiu-me por seu grado.
Sanhuda and'eu! etc. (3)

(1) Monaci, *Canti antichi portoghesi*, p. 11.
(2) *Obras*, t. II, p. 444.
(3) *Cancioneirinho*, n.º XXVII.

GIL VICENTE

Que sanhosa está la niña,
Ay Dios, quien le hablaria?

En la *sierra* anda la niña,
Su ganado a repastar,
Hermosa como as flores,
Sanhosa como la mar.

Sanhosa como la mar,
Está la niña,
Ay Dios, quien le hablaria? (1)

No seculo XVI, quando os nossos poetas obedeciam á dupla influencia castelhana e italiana, tambem foram á poesia popular buscar *motes velhos,* glosando-os em diversas Voltas, ou contrafazendo-os ao gosto do vulgo. Este facto ajuda a explicar como o lyrismo do povo influiu nos Cancioneiros. Sá de Miranda traz uma cantiga, que era *Cantada pelas ruas em dialogo:*

Naquella alta serra — me quero ir morar;
Quem bem me quizer — lá me irá buscar.

Esta *barcarolla* de Nuno Fernandes de Torneol:

Vej'eu, mha madr', andar
As barcas en o mar:
E moiro-me d'amor! etc. (2)

é ainda o mesmo espirito d'essas coplilhas de Camões:

Ir-me quiero, madre,
A'quella galera,
Con un marinero
A ser marinera.

(1) *Obras*, t. I, p. 46.
(2) *Cancioneirinho*, p. XLVI.

Estas coplas são verdadeiramente populares, porque na scena IV do *Filodemo*, repete como em anexim: «acolheu-se a uma galera; e vêde *la Princeza* em huma *galera nueva:*

con el marinero
á ser marinera.»

Ainda se conserva na tradição popular portugueza o typo da Serranilha, sobretudo n'essas coplas conhecidas nas collecções com o titulo de *Linda pastorinha.* Assim como esta tradição das Serranilhas populares chegou até Gil Vicente, Christovam Falcão, Sá de Miranda e Camões, adiante verêmos como a tradição litteraria provençal foi egualmente conhecida no seculo XVI.

O cyclo dionisio e a corrente franceza

a) Elemento portuguez nas Canções: Estribilhos historicos. — Uma vez determinado um elemento popular no lyrismo da eschola provençal portugueza, essa seiva profunda devia incutir alguma cousa de privativo n'esses cantos allegoricos, desprendidos quasi sempre de toda a realidade. De facto no *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se uma canção, que pelo seu estribilho póde referir-se á tomada de Santarem em 1147; diz o trovador:

E nom sey ome tan entendudo,
Que m'oj'entenda o porque digo:
Ay Sentirigo! ay Sentirigo!
Al e Alfanx, e al Sesserigo. (1)

(1) *Trovas e Cantares*, n.º 119.

*

Em uma relação da tomada de Santarem em prosa poetica latina, (1) que chegou a ser attribuida ao proprio D. Affonso Henriques, aí se diz que os que atacaram pelo lado direito subiram o *Alphan;* postoque esta fórma latina esteja alterada, achamol-a no seculo XV egual á do *Cancioneiro,* em Ruy de Pina, na *Chronica de D. João II*: «E sendo já el-rei no terreiro de fóra, o olhou para traz contra os paços, e viu já o principe e a princeza a uma janella, de cuja vista, porque sempre era muy alegre, rindo-se lhe fez sua mesura, e abalou adiante para o Tejo, caminho d'*Alfanxe.*» (2) Na tomada de Santarem, Gonçalo Gonsalves atacou pelo lado esquerdo, por *Seterigo,* como diz a relação poetica, que é identico ao *Sentirigo* da Canção; *Sesserigo* designava o mesmo arrabalde, ou parte baixa de Santarem, como se vê em um documento dos Templarios de 1159, citado por Viterbo (3). O estribilho da Canção era tirado do grito de guerra tradicional; a côrte portugueza de D. Affonso III fixou-se em Santarem, mas como diz o velho trovador já não havia aí entre essa geração nova quem entendesse o porque dizia *Al e Alphanx e al Sesserigo.* Só a communicação com a poesia do povo é que podia influir n'esta originalidade do trovador. Um outro estribilho, notavel por se referir a um costume portuguez é o d'essa Canção satyrica contra Dom Affonso II:

Quem da guerra levou cavalleiros
E a sa terra foi guardar dineros:
Non ven al Maio! etc. (4)

Nos documentos do direito consuetudinario portuguez, encontram-se as phrases *Morabitino de Maio,* e

(1) Append. da *Monarchia Lusitana*, Part. III, escript. 20.
(2) *Op. cit.*, cap. 50, p. 132.
(3) *Elucidario*, t. I, p. 358.
(4) *Cancioneirinho,* fl. CXXX.

Cavallo de Maio, especie de tributo ou fossadeira que se pagava para alimentar a guerra sagrada da fronteira, que tinha de começar n'este periodo do anno regularmente. (1) Estes documentos de 1250, explicam-nos o sentido nacional do estribilho satyrico. Na *Carta* do Marquez de Santillana, cita-se entre as fórmas poeticas que caracterisam a Arte mayor usada na Galliza e em Portugal, os versos *encadenados,* o *lexapren,* e o *mansobre.* Estas fórmas são peculiares do artificio provençalesco, mas é certo que appareceram primeiramente em Portugal com relação á Peninsula. Chamava-se *Canson redonda,* aquella em que o ultimo verso da estrophe se repetia no começo da seguinte; mas tinha a designação de *encadenada,* quando a rima que finalisava a estrophe servia de primeira á estrophe nova. Diez cita a rubrica de uma canção de Giraut Riquier, que diz: «Canson *redonda et encadenada* de motz e de son.» (2) No *Cancioneiro da Ajuda* apparece frequentemente o *encadenado,* sendo a primeira rima repetida no primeiro verso de todas as outras estrophes:

1.ª st. Nunca fiz cousa de que me tão *ben*
2.ª st. E tenho que me fez Deus mui gran *ben*
3.ª st. E de pran sempre, des que lh'eu quis *ben,*
4.ª st. Porque quero tão boa dona *ben.* (3)

ou a ultima rima repetida sempre, mas não como estribilho:

1.ª st. Nen ar desejas neum *ben.*
2.ª st. Eu por el prendo neum *ben.*
3.ª st. D'este mundo, nen prestar *ben.*
4.ª st. A null'ome nado, nen *ben.* (4)

(1) Herc., *Hist. de Port.*, t. III, p. 325.
(2) *Les Troubadours*, p. 119.
(3) *Trovas e Cantares*, n.º 223.
(4) *Ibd.*, n.º 78.

O segundo caracteristico da poetica provençal portugueza, apontado pelo Marquez de Santillana, era o *lexapren;* consistia em repetir o ultimo verso da estrophe como primeiro da que se lhe seguia. Na Canção n.º 114, temos um exemplo:

1.ª st. E rogo a Deus, que mais d'oje este dia
Non viva eu, se m'el y non conselho.

2.ª st. *Non viva eu, se m'el y non conselho*
Non viverei, non é cousa guisada...

Que se eu moir' assi d'esta vegada
Que a vol-o demande meu liñage.

3.ª st. *Que a vol-o demande meu liñage*
Señor fermosa, cá vós me matades...

E ide-vos, e me desamparades,
Desampare-vos Deus, a quem o eu digo

4.ª st. *Desampare-vos Deus, a quem o eu digo*
Do mal per fic'oje eu desamparado, etc.

A terceira fórma notada por Santillana era o *Mansobre,* que consistia no artificio da rima, ora no meio e fim do verso, e então se chamava *mansobre doble;* ora sómente no meio, e era o *mansobre sencilho* ou *menor.* No *Cancionero* de Baena, o verso «Sin *doble mansobre, sencillo* ò *menor*» mostra-nos que só no seculo XV é que se vulgarisou em Hespanha esta fórma; o *mansobre-menor* era ainda usado no seculo XVI por Sá de Miranda. No *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se um notavel exemplo da complicadissima fórma do *mansobre doble:*

Vi eu viver *coitada,* mas nunca tan *coitado*
Viv'eu com'oj' eu *vivo,* nen o vio ome nado,
Des quando *fui ú fui,* e a que vol-o recado, etc.

Todo este artificio denota-nos já uma imitação calculada, uma affectação, para seguir um gosto dominante. Vejamos essa influencia d'onde veiu.

b) **Influencia do norte da França.**— A Canção n.º 140 das *Trovas e Cantares*, (edição tumultuaria do *Cancioneiro da Ajuda*) traz um retornello francez restituido admiravelmente por Frederico Diez; esse retornello allude a costumes feudaes, que não existiram no sul da França, e muito menos em Portugal; o trovador, para exprimir o sentimento de fidelidade pela sua dama, constitue-se seu *home-lige:*

> Dizer-vos quero una ren,
> Señor, que sempre ben quige:
> *Or sachaz veroayamen,*
> *Que ie soy votre ome-lige.*

Não é isto um facto isolado, que se poderia explicar por conhecimentos particulares, de um dado trovador, dos costumes francezes; no grande *Cancioneiro da Vaticana* 4803, apparecem outros documentos que corroboram este; em uma Canção de Pedr'Amigo de Sevilha, repete-se a allusão ao *home-lige:*

> E por aquesto vos venho rogar
> Que eu seja vosso *ome* esta vegada. (1)

Em outra Canção, de João de Aboim, fidalgo que pertence a uma das familias insurgidas contra Dom Sancho II, e que se reuniram junto de D. Affonso III, que frequentava a côrte de Sam Luiz, achamos este começo:

> Cavalgava n'outre dia
> Por um caminho *francez*

(1) Monaci, *Canti antichi portoghesi*, n.º XII.

E huna pastor ouvia
Cantando com outras trez, etc. (1)

No *Cancioneiro da Ajuda*, encontra-se outra Canção em que se allude a um imposto feudal francez, o *Garbagium*, que descreve Ducange; na Canção portugueza toma-se esse direito feudal no sentido figurado:

E vós, filha de don Pay
Moniz, e ben vos semella
D'aver eu por vós *guarvaya*. (2)

El-rei Dom Diniz, em uma Canção diz, que vae fazer um cantar á maneira da *Provença*, isto é, allegorico, e metreficado pelo systema limosino, ou de dez syllabas, ao contrario do genero das *Serranilhas*:

Quer'eu *en maneira de Proençal*
Fazer agora un cantar de amor... (3)

E, caracterisando bem o estylo que quer seguir nos seus versos, el-rei Dom Diniz distingue bem aquelles que cantam por officio, sem paixão, nem amor, que são os jograes:

Proençaes sóem mui bem de trobar,
E dizem elles que é com amor;
Mais os que troban no tempo da flor,
E nom em outro, sei eu bem que nom
Hão tan gram coita no seu coraçom,
Qual m'eu por minha senhor vejo levar. (4)

As provas d'esta corrente franceza abundam; agora já não é a imitação poetica, é tambem a leitura

(1) Monaci, *Canti antchi portoghesi*, n.° XI.
(2) *Trovas e Cant.* frag. *g*. p. 305.
(3) *Cancioneiro de Dom Diniz*, p. 64.
(4) *Ibid.*, p. 70.

dos monumentos litterarios do norte da França. El-rei Dom Diniz conhece esses typos dos amantes celebres dos popularissimos poemas da edade media, symbolos da fidelidade, *Tristão e Yseult, Flores e Branca-flôr*; nas suas Canções o monarcha portuguez compara-se a esses typos tradicionaes dos poemas de aventuras:

> Qual mayor posso e o mais encoberto
> Que eu posso e sei de *Branca-flor*
> Que lhe não houve em *Flores* tal amor,
> Qual vos eu hey....................
>
> Qual mayor posso e o mui namorado
> *Triste*, sey bem que nom amou *Oseu*
> Quanto eu vos amo............... (1)

N'este ponto a tradição litteraria encontrou-se com a tradição popular, porque o typo de *Tristão* foi reproduzido pelo nosso povo no romance do *Conde Niño*; e *Branca-flor* vulgarisou-se tambem na fórma popular de conto. (2) Na litteratura portugueza, por isso que não têve tradições sobre que elaborasse epopêas, falta a designação d'este genero, a que a França e a Hespanha chamam *Canção de Gesta* ou simplesmente *Gesta*. Uma só vez nos apparece este nome usado por um trovador dos que estiveram com Dom Affonso III em França; Affonso Lopes Baião escreveu em fórma monorrima, e com a neuma *Aoi da Chanson de Roland*, uma *Gesta de mal dizer*, especie de satyra pessoal moldada nas fórmas épicas francezas. De todos estes factos conclue-se, que a introducção do gosto provençal data desde 1238, epoca em que o Affonso III, então infante, se achava em França.

Logo que Dom Affonso III subiu ao throno, mandando organisar o *Regimento* da sua Casa, em 1245,

(1) *Canc. de Diniz*, p. 53.
(2) *Romanceiro geral portuguez*, n.os 14 e 38.

estabeleceu ao modo de França: «El-Rei aia trez *jográres*, em sa casa e nom mais, e o *jogral* que veher de cavallo d'outra terra, ou *segrel*, dê-lhe el-rei ataa cem (maravedis?) ao que chus der, e nom mais se lhe dar quizer.» (1) No *Cancioneiro ms.*, que se guarda na Bibliotheca Vaticana, encontramos os seguintes *jograes*: Affonso Gomes, *jograr* de Sarria; Ayres Peres, *jograr;* Diogo Pezelho, *jograr;* João, *jograr*, morador em Leon; Lopo, *jograr*. Este ultimo parece ter pertencido á côrte de Dom Affonso III, por que fala nas parcialidades e favoritismo da côrte, com que o rei distinguia as familias que lhe deram o throno:

> Vós que soêdes em côrte morar,
> D'estes *privados* queria saber
> Se lhes hade privança muito durar... (2)

Como já observámos, a imitação provençal começou propriamente em Portugal pela influencia do norte da França, aonde essa poesia estava tambem na moda palaciana; mas é digno de notar-se, que a esta corrente aristocratica pertence tambem uma outra influencia franceza, que se exerceu entre o povo, e que veiu provocar o desenvolvimento dos Romances, que começaram a ser cantados no seculo XV, como se póde verificar nos romances da *Filha do Rei de França, Gerinaldo,* (Eghinard) e *Bernal Francez*. (3)

c) **El-Rei Dom Diniz e a sua côrte poetica.** — Justamente no periodo em que a poesia provençal decaía, é quando na côrte de el-rei Dom Diniz se torna uma distincção aristocratica; n'este periodo, assignado por Frederico Diez em 1290, se escreveu a maior parte

(1) *Mon. Hist.*, Leges, I, 193.
(2) *Cancioneirinho*, fl. CVIII.
(3) *Romanceiro geral*, n.º 1, 2. — *Cantos do Archipelago*, n.º 38, 39.

d'essas mil trovas amorosas, satyricas e eroticas, que formam o *Cancioneiro da Vaticana*. Assim como Dom Diniz tentou conservar a extincta Ordem dos Templarios refundindo-a nos Cavalleiros de Christo, do mesmo modo deu um desenvolvimento artificial á actividade dos Trovadores, quando a Europa entrava em outros interesses mais vitaes, como era o reconhecimento do Terceiro Estado. Os sentimentos que inspiram essas Canções, tanto do monarcha como dos seus fidalgos, é affectado: nós não tivemos essa profunda scisão de classes, que tornava a paixão amorosa uma audacia mortal, e por tanto o trovador, ao cantar a sua dama, tinha sempre de occultar esse nome e de tirar do seu permanente segredo esse vago mysterioso e a anciedade dos seus cantos. Pelo contrario, ao passo que Dom Diniz celebra e envolve com mysterio os seus amores poeticos, vêmos contradizer-se na realidade dos costumes publicos, protegendo publicamente os seus bastardos, o Conde Dom Pedro e Dom Affonso Sanches; e por parte dos outros trovadores, os Nobiliarios estão cheios dos *raussos* ou violações, a que andavam sujeitas as damas, que muitas vezes *guançavam*. Bastava um tal contraste entre os costumes e a poesia para concluir pelo artificio e imitação inorganica d'esta. Eis as causas que provocaram o gosto pela poesia em Dom Diniz: primeiro, a educação que D. Affonso III lhe deu por mestres francezes, entre os quaes se cita Dom Aymeric d'Ebrard, de Cahors, na Aquitania; (1) este facto não passou desapercebido ao historiador Schaeffer, que diz d'esses mestres francezes: « Foram certamente elles que accenderam no joven principe tão impressionavel amor pela poesia. » (2) Em segundo logar, Dom Affonso III, por uma especie de manha de Luiz XI,

(1) *Noticias chronolog. da Univers.*, p. 5, § 10.
(2) *Historia de Portugal*, liv. II, cap. 1, § 1.

«avia bem catorze annos que jazia em uma cama, e que se nom podia levantar,» como se lê em um documento já citado; (1) era assim que elle evitava o negar-se de frente ás exigencias do clero e fidalguia, que lhe haviam dado o throno; com estes habitos apathicos do rheumatico, a poesia tornou-se forçadamente uma distracção da côrte, que se achava fixada em Santarem. Em uma Canção ainda se encontra o retornello:

Tode este mal soffro e soffri
Desque me vim de Santarem. (2)

Quando D. Affonso III deu casa apartada a Dom Diniz, apparecem dois fidalgos ao serviço do principe, que tambem eram trovadores, como João Velho e Pereda; subindo ao throno em 1279, o trovador D. João de Aboim assistia, com a mãe do poeta, a uma especie de regencia. Nas cento e vinte outo Canções, que existem publicadas, d'este monarcha, predominam duas feições que accusam duas épocas na sua actividade poetica; na primeira época, o verso limosino ou *endecasyllabo* é o que prevalece nas Canções, que têm por assumpto essa vaga casuistica sentimental da superioridade diante da creatura amada, da necessidade do segredo absoluto, da severidade implacavel da sua dama; na segunda época, as Canções são em geral bellas e inimitaveis, porque se inspiram d'esse elemento popular, que já estudámos sob a denominação de *Serranilhas,* e a que el-rei Dom Diniz chamava *Cantares de amigo.* A' maneira da collecção feita das Canções de seu avô Dom Affonso o Sabio, tambem se fez em Portugal no seculo XIV uma collecção de versos de el-rei Dom Diniz, e dos poetas da sua côrte.

(1) Hercul., *Hist. de Port.*. t III, not. XII, p. 418.
(2) *Trovas e Cantares*, n.º 121.

O merecimento d'esta grande collecção foi logo reconhecido, porque se tiraram varias copias que foram para a côrte de Castella. O Marquez de Santillana, na sua *Carta ao Condestavel de Portugal,* diz que se lembrava de ter visto esse Cancioneiro em casa de sua avó D. Mecia de Cisneros: «de las quales a mayor parte eran de el-rei Don Diniz de Portugal...» Este exemplar é muito differente de um outro que ficou em Portugal, que andou junto aos Nobiliarios do seculo XIV, e que hoje existe sob o titulo de *Cancioneiro da Ajuda;* na Livraria de el-rei Dom Duarte, n.º 37, existia um *Livro das Trovas de El-rei Dom Diniz,* diverso no titulo das collecções antecedentes, e portanto de uma outra copia, o qual suppômos ter existido na Livraria dos Freires de Christo, de Thomar. (1) Nunes de Leão attribue a El-rei Dom Diniz um outro livro, que diz guardar-se na Torre do Tombo, e que era de *Louvores de Nossa Senhora;* (2) mas esta collecção pertence indubitavelmente a Affonso o Sabio, cujas Canções foram copiadas em Portugal por F. de Montemór. Do Codice dionisio, que existia em casa de Dona Mecia de Cisneros, foi tirada a copia que desde o seculo XVI se sabe que existe na Bibliotheca do Vaticano; e das relações d'este com o da Ajuda se conclue pela identidade das Canções entre um e outro, sendo n'um anonymas, por a copia illuminada estar incompleta, e no outro assignadas. Fernando José Wolf fixa o periodo dos trovadores da Collecção Vaticana entre 1245 e 1357, o que se corrobora pela falta de monumentos poeticos da côrte de Dom Affonso IV, existindo apenas poucas Canções que allu-

(1) Ferdinand Dinis, *Portugal*, p. 31.

(2) Nunes de Leão, *Chron. dos Reis de Port.*, P. I, t. II, p. 76. (1774).

dem á batalha do Salado. (1) Dos trovadores portuguezes d'esta epoca encontram-se dados biographicos nos *Nobiliarios;* e por este facto pode-se concluir, que estes foram os mais conhecidos, e por isso se não confundem com os nomes de outros trovadores da Galliza, de Castella ou de Aragão. Ennumeramol-os: Dom Estevam Peres, Fruyam, Fernão Gonçalves, Fernão Gonsalves de Seabra, Fernão Velho, Gonçalo Gomes do Vinhal, João Soares Coelho, Martim Moya ou Moxa, Nuno Fernandes, Pero Annes Marinho, Pay Soares, Pero Barroso, Pero Gonsalves de Portocarrero, Rodrigo Annes de Vasconcellos, Rodrigo Annes Redondo, Ruy Martins, e Vasco Peres. Quasi todos estes trovadores pertencem á facção, que, nas luctas contra Dom Sancho II, se refugiou em França, ou descendem d'essas familias notaveis, como os Portocarreros, Viegas e Reymondos.

d) **O Conde de Barcellos. — D. Affonso Sanches.** — Eram ambos filhos bastardos de Dom Diniz, e ambos notaveis trovadores; o primeiro, que se tornou celebre pela organisação de um cadastro das familias nobres de Portugal conhecido pelo titulo de *Nobiliario do Conde D. Pedro,* tambem escreveu um *Cancioneiro* das suas obras poeticas, que está hoje irrevogalmente perdido. Sabe-se da existencia d'este monumento, pela clausula do seu testamento, feito a 30 de Março de 1350, na qual diz: «Item, mando o meu *Livro das Cantigas,* a El-rei de Castella.» (2) Apesar d'esta perda, ainda existem nove Canções suas na collecção Vaticana, sendo trez de *amigo,* ou no genero popular, trez de *escarneo,* ou sirventesco; por estes rasgos de humor satyrico se descobre que o Conde D. Pedro era considerado um fraco trovador, plagiario de Ber-

(1) *Cancioneirinho,* fl. XXXIII a XXXVIII.
(2) Apud Sousa, *Provas da Hist. Geneal.,* t. I, p. 138.

nal de Bonaval, de quem Affonso XI, de Castella, dizia: «vós não trovaes *como provençal,*» e accoimava o Conde de metrificar mediocremente:

> Pois se de quant'el ten errado
> *Serve Dom Pedro,* nem lh'y dá em grado.

Apesar d'isso, o amor que o Conde D. Pedro dedicava á poesia foi talvez o que fez com que se organisasse essa rica collecção da Vaticana ou da Ajuda, se é que o genio compilador, que anda a pár da mediocridade, não foi o que dirigiu o Conde n'esse trabalho. Dom Affonso IV, em cuja côrte a poesia provençal teve ainda alguma consideração, estimava o Conde de Barcellos, apezar dos antigos conflictos com el-rei Dom Diniz por causa dos seus bastardos; o Conde era chamado pelos outros trovadores o *Rimante de El-rei*:

> E al Conde fallamos
> Que é *rimante de el-rei*
> E muito bem del diremos,
> Segundo como assi sey. (1)

Dom Affonso Sanches, bastardo de Dom Diniz, nascido em 1286, não é menos notavel do que seu irmão, sendo comtudo pronunciado o odio de D. Affonso IV contra elle por causa da predilecção exclusiva que Dom Diniz tinha por este filho. No *Nobiliario,* ao alludir-se ás luctas de D. Diniz com seu filho D. Affonso IV, lê-se: «porque se dizia que el-rei Dom Diniz queria fazer rei D. Affonso Sanches, seu filho de ganhadia, *que trazia comsigo e que elle muito amava.*» (2) A causa d'esta predilecção seria talvez o seu talento poetico, de que temos a prova em quatorze

(1) *Notas ás Trovas e Cantares*, p. 358.
(2) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 258.

Canções que restam d'elle na collecção da Vaticana, com a epigraphe de *Dom Affonso Sanches, filho de el-rei Dom Diniz de Portugal.* D'essas Canções uma apenas é legivel, e é a que está publicada; (1) as restantes só podem ser restituidas á força de estudo. Ensaiamos aqui esse processo, publicando a seguinte Canção inedita restituida:

Pois que vós per hi mais de sala cuidades
mal vos quer'eu consellar mha senhor;
pera sempre fazedelo peyor,
quero ir eu dizer como façades;
Amad' aquelle que vos tem em desdem,
e leyxade que vos quero ben,
nunca vos fius' achades.

Al vos er quero dixer que faredes
poys que vos lo mal eyde conselhar;
pois per hy mais cuidados acabar
a si faredes como vos fazedes:
Fazede bem sempre a quem vos mal fez,
matade mi, so a mi, pois vos prez,
e nunca vos melhor mouro matedes.

Ca non sey homem que se mal não queixe
do que m'eu queyxo d'uma sempre mal,
porem dig' eu com gran çoyta mortal:
Aquell que vos filhar nunca vos leyxe,
e morra eu por vós como a razon,
e poys ficando con el des enton
cossar-vos-edes con espinha do peixe.

Do que diram, pois se Deus vos perdon',
por vós, señor, quantas no mundo som,
dade tudo, e fazed'ende ruim feixe. (2)

(1) *Cancioneirinho*, fl. CXXI.
(2) *Bibl. do Vaticano*, Ms. 4803, fl. 7 v., col. 1 Communicação de Monaci a Coelho.

A poesia amorosa do gosto provençal, como todas as modas, tornou-se extemporanea e ridicula; acabou entre nós pela fórma das satyras pessoaes.

e) **Lucta com as tradições bretãs.**— O filho de Antonio Ferreira colloca a formação do *Amadis de Gaula,* na côrte de D. Diniz; de facto já ali eram conhecidos os poemas de *Flores e Brancaflor* e do *Tristão.* Isto denota que uma outra corrente poetica entrava em Portugal. Desenvolvia-se a tendencia para a poesia narrativa e para os contos ou *Noellaire.* O jogral Martin Moxa dizia, alludindo a esta fórma:

D'estes fidalgos non sei *novellar*... (1)

No poema de Affonso Giraldes á *Batalha do Salado,* hoje perdido, ainda se allude a alguns cantos narrativos, como *Bistoris* e o *Abbade João:*

Outros fallam de gram razão
De *Bistoris*, gram sabedor;
E do *Abbade Dom João*
Que venceu rei Almanzor.

Do poema de Affonso Giraldes, que ainda existia no seculo passado, e do qual restam doze estrophes, citadas por Frei Antonio Brandão e por Bluteau, se conclue, que no reinado de D. Affonso IV, e depois da batalha do Salado em 1340, estavamos já sob a influencia litteraria de Castella. O poema de Affonso Giraldes era uma especie de chronica rimada, com intimas relações de imitação com esse outro poema escripto sobre o mesmo assumpto historico e em egual metro por um Rodrigo Yannes, e conhecido pelo titulo de *Cronica en coplas de redondillas de Alfonso Onceno,*

(1) *Cancioneirinho,* p. CVIII.

achada por Diego Hurtado de Mendoza em 1573. Vejamos algumas d'essas analogias:

Str. 335: E diòles grandes franquias
Por Castilla mas valer,
Todas estas cortezias
El buen rey fizo fazer.

E em um dos fragmentos de Affonso Giraldes:

Todas estas cortezias
Este rei mandou fazer.

Str. 1326: Todos gran muy *sin medo*
Para cumplir su perdon,
E Gonzalo Gomes de Azevedo
Levava el su pendon.

Em Affonso Giraldes:

Gonçalo Gomes de Azevedo
Alferes de Portugal,
Entrava aos Mouros sem medo
Como fidalgo leal.

O poema de Rodrigo Yannes, alludindo ao *Leão dormente,* que declara ser D. Affonso IV, remisso em accudir a seu genro, e ao *Porco selvagem* symbolisando o poder dos mouros vencidos no Salado, mostra-nos que esta tradição, derivada das prophecias de Merlim, ainda se conservou no seculo XVI nas redondilhas propheticas de Bandarra. Do *Cancioneiro Ms.* do Conde de Marialva, que existe hoje em Hespanha, extraiu Soriano Fuertes parte de uma Canção já com caracter narrativo, que mostra a tendencia que levava a poesia portugueza:

A Reina groriosa
tan é de gran santidade,
que con esto nos defende
do demonio de sa maldade;

e tal razom com'esta
un miragre contar quiero
que fez a Santa Maria
apôsto e grande e fero;
que nam foi feito tan grande
ben des lo tempo de Nero,
que emperador de Roma
foi d'aquella gram cidade, etc.

As ficções bretãs entraram em Portugal n'esse periodo de syncretismo em que as Gestas se tornavam chronicas historicas; é por isso que no *Nobiliario* do Conde Dom Pedro, vem a genealogia do rei Arthur, segundo os poemas da *Tavola Redonda,* e se fala em *Lançarote do Lago,* em *Galvan,* (Gauvain) na *Islavalon;* (Ilha de Avalon) seguindo o *Roman de Brut,* descreve tambem as aventuras do *Rei Leyr* (Lear) e de Merlim. O lyrismo provençal devia ser odioso a D. Affonso IV, não só pela sua energica virilidade, como por ser essa poesia o instrumento com que seus irmãos bastardos captavam as graças de el-rei Dom Diniz. A anedocta da emenda mandada fazer no episodio dos amores de Briolanja, no *Amadis,* mostra-nos que a litteratura sob sua influencia não se occupava com allegorias sentimentaes. Por outro lado, as questões continuas com seu filho Dom Pedro I, por causa dos amores com D. Ignez de Castro, tambem não favoreceram esse remanso palaciano para se discretear em verso. Fernão Lopes fala no favor que el-rei Dom Pedro dava aos seus dois trombeteiros João Matheus e Lourenço Paulos, que o acompanhavam; na *Summa Vitiis,* de Guillaume Perrauld, acha-se a explicação porque Dom Pedro prohibia os instrumentos musicos que não fossem a trompa ou a corneta: «O ouvir canções é

(1) Apud Soriano Fuertes, *Historia de la Musica en España.*

muito para se temer... Tambem são muito para se temer os instrumentos musicos, pois tocam e amollecem os corações humanos.» (1) Na *Chronica de Bertrand du Guesclin* descrevem-se as festas costumadas na côrte d'este monarcha, em que figurava um certo bretão chamado *La Barre*. A communicação das ficções bretãs viera-nos por via dos soldados expedicionarios chamados á Peninsula para defenderem a legitimidade de Pedro Cruel, de Hespanha, alliado intimo do monarcha portuguez. Segundo a tradição, hoje invalidada, Dom Pedro I tambem tinha sido poeta. A este tempo a poesia provençal estava decaída em Hespanha por via da primeira influencia do novo lyrismo da Italia introduzido por Micer Imperial. Em Portugal o conhecimento de Dante e de Petrarcha só se deu nos fins do seculo XV, e é por essa causa que, desde Dom Pedro I até ao Infante Dom Pedro, não tivemos a quem imitar, e por consequencia, não houve actividade poetica.

Tentativa de uma renascença da Poesia gallega

a) **Emigração de fidalgos gallegos para Portugal.** — Nas luctas entre Pedro Cruel e Henrique de Trastamara, a Galliza seguiu a causa do monarcha vencido; mas emquanto duraram estas luctas o poder central relaxou-se, e desabroxa na Galliza um novo explendor poetico: Villasandino, Macias el Enamorado, Jerena e depois João Rodrigues del Padron, tentam offuscar a poesia de Castella. Quasi todos os documentos d'este phenomeno litterario se acham no *Cancionero de Baena*. A lenda amorosa de Macias é egual ás mais bellas tradições dos trovadores provençaes conservadas pelo

(1) Apud Léon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, pag. 783.

Monge das Ilhas de Ouro; ella impressionou todas as côrtes da Peninsula, e o Condestavel de Portugal tambem recolheu um d'esses rasgos delirantes do ultimo enamorado. Mas a Galliza tinha perdido para sempre a autonomia politica, e portanto faltava-lhe o elemento vital para poder crear uma litteratura. Esses poucos genios lyricos da Galliza foram em breve offuscados pelo extraordinario vigor lyrico de que estão cheios os *Cancioneros* castelhanos. Foi n'este periodo do reinado de Dom Fernando que a causa politica da Galliza se perdeu para sempre. Dom Fernando acobertou as suas pretenções ao throno de Castella com o pretexto de vingar a morte de Pedro Cruel; muitas cidades da Galliza se declararam pelas pretenções do monarcha portuguez, taes como Ciudad Rodrigo, Ledesma, Alcantara, Valencia d'Alcantara, Zamora, Tuy, Coruña, S. Thiago, Lugo, Orense, Padron e Salvaterra. N'esta lucta de ambições, Dom Fernando mostrou-se inferior em tudo a Henrique de Trastamara, que chegou a invadir Portugal; incapaz de sustentar-se na lucta, o monarcha portuguez offereceu asylo no seu reino aos fidalgos gallegos que se comprometteram seguindo a sua causa. D'esta emigração resultou a vinda de Vasco Pires de Camões, terceiro avô do grande épico portuguez, e das familias d'onde nasceram Sá de Miranda e Pedro de Andrade Caminha. Assim, tendo o lyrismo provençal portuguez começado pela corrente galleziana, foi ainda d'essa mesma corrente que no seculo XVI surgiram os genios que produziram a notavel epoca dos Quinhentistas.

b) **Vasco Pires de Camões.**—O Marquez de Santillana, na sua *Carta ao Condestavel,* depois de indicar os poetas portuguezes do nosso periodo provençal, enumera aquelles que pertencem a esta phase da ephemera renascença da poesia gallega: «Despues d'estos venieron *Basco Peres de Camões* é Ferrant Casquacio,

é aquel gran enamorado Macias...» O nome de Macias tornou-se proverbial entre nós durante todo o seculo XV, como se vê nas coplas do *Cancioneiro* de Resende e ainda em Gil Vicente; Fernando de Cascaes (Ferrant Casquacio) é totalmente ignorado. Vasco Pires de Camões, tendo-se declarado em 1384 pelo partido de el-rei D. Fernando, refugiou-se em Portugal, e aqui soffreu novos revezes levantando-se com a Alcaidaria de Alemquer contra o Mestre de Avis. Pelas innumeras doações que Dom Fernando lhe fizera, se infere que elle foi o seu poeta favorito, como João de Mena foi o predilecto de Henrique de Castella; d'onde veiu a dizer Manoel Machado de Azevedo, que devia enfreiar sua penna

> Quem quizer ser mais medrado
> Que *Camões* ou João de Mena.

No *Cancionero de Baena* acham-se varias poesias dirigidas a Vasco Pires de Camões, consultando-o como sabio, sobretudo por Fray Diego de Valencia. As suas poesias não se acham recolhidas, e dois Sonetos em lingua gallega, que andam nas obras de Luiz de Camões, foram-lhe attribuidos, mas é certo que a fórma do Soneto assim regular ainda não era conhecida em Portugal no seu tempo, porque Petrarcha ainda não era lido entre nós. Em todo o caso, os poetas quinhentistas oriundos de fidalgos gallegos, ao começarem a revolução da nova poetica italiana conheceram a connexão historica com a tradição provençal; Sá de Miranda falla dos Provençaes, «do que o Petrarcha fez tão rico ordume;» e Camões cita nos *Commentarios* aos *Triumphos* de Petrarcha muitos trovadores com os dados biographicos tirados de *Nostradamus*. D'este ultimo facto conclue-se essa grande lei de Wolf, que uma epoca litteraria é fecunda todas as vezes que se inspira da tradição.

CAPITULO III

Ficções, Lendas, Chronicas e Philosophia

Confusão entre os justos limites da ficção e da Historia. — O *Rei Lear* no Nobiliario e na tradição popular.— A *Dama pé de cabra;* vestigios do maravilhoso popular: o Cavallo *Pardallo*.— A *Gaia*, e a tradição nobiliarchica do Solar dos Marinhos.— Formação do *Amadis de Gaula*.— A independencia do poder monarchico produz a formação dos *Livros de Linhagens*. — A redacção dos Codigos foraleiros. — Fundação da Universidade de Coimbra em 1291. — A Philosophia em Portugal é uma tradição das escholas arabes: Pedro Hispano e as *Summulas logicas*. — Estado da Historia: o Fragmento de uma Relação da batalha do Salado. — A Lenda de Santa Isabel. — Traducção da Chronica geral de Hespanha. — Traducções da Regra de Sam Bento e da Biblia. — Como foi comprehendida a Renascença do seculo XIII: a independencia foraleira submettida ao direito romano; na fundação da Universidade não se comprehende o espirito secular; a autoridade latina prevalece sobre a concepção original.

Confusão entre os justos limites da poesia e da Historia

Quando terminou o brilhante periodo da elaboração das Canções de Gesta, na litteratura franceza, no fim do seculo XIII, começou uma nova actividade resultante do syncretismo entre o valor da ficção poetica e o da realidade historica; foi então que se escreveram as Chronicas rimadas. Como isto é um facto resultante de uma lei moral, repetiu-se com a mesma fatalidade na litteratura portugueza; no seculo XIV apparecem na litteratura portugueza algumas ficções, como a do *Rei Lear, Dama pé de cabra* e do *Cavallo Pardallo*, da *Gaia* e do *Solar dos Marinhos*, mas introduzidas nas noticias historicas como authenticando a realidade. Trataremos de cada uma d'estas tradições poeticas, até

chegarmos a uma obra inteiramente litteraria, que influiu e fundou um genero novellesco entre os povos modernos, o *Amadis de Gaula*.

a) O Rei Lear.—O Conde D. Pedro, ao proceder o seu *Nobiliario* com um breve resumo da historia universal, como então se comprehendia, traz o seguinte conto: «E este rei Leyr nam houve filho, mas houve tres filhas mui fermosas, e amava-as muito. E um dia houve suas rasões com ellas e disse-lhes, que dissessem a verdade: —Qual d'ellas o amava mais? Disse a maior, que não havia cousa no mundo que tanto amasse como elle; e disse a outra, que o amava tanto como a si mesma; e disse a terceira, que era a meor, que o amava tanto como deve amar filha a pae. E elle quiz-lhe mal por en, e por isto não lhe quiz dar parte no reino. E casou a filha maior com o duque de Cornoalha, e casou a outra com o rei de Tortia, e não curou da meor. Mas ella, por sua ventura casou-se melhor que nenhuma das outras, cá se pagou d'ella el-rei de França, e filhou-a por mulher. E depois, seu pae d'ella em sua velhice filharam-lhe seus genros a terra e foi malandante, e houve a tornar á mercê d'el-rei de França e de sua filha a meor, a quem não quiz dar parte no reino. E elles receberam-no mui bem, e deram-lhe todas as cousas que lhe foram mister, e honraram-no mentre foi vivo, e morreu em seu poder.» (1) O Conde D. Pedro representa no seculo XIV o estado da erudição portugueza, e por tanto póde-se afirmar que esta tradição preciosa lhe adveiu por communicação litteraria; na tradição oral do nosso povo ainda hoje se encontra este conto, com os mesmos traços, mas com outra fórma, como adiante veremos.

A fonte litteraria da tradição do *Rei Lear,* no *Nobiliario* do Conde D. Pedro, foi a Chronica bretã de

(1) *Portug. Mon.*, Scriptores, fas. II, p. 238.

Geoffroy de Montmouth, que o genealogista resumiu nos traços capitaes: «Depois da morte desgraçada de Bladud, Leir, seu filho, foi installado sobre o throno, e governou nobremente o seu paiz sessenta annos. Edificou sobre o rio Sóro uma cidade, chamada na lingua bretã, Kaesleir, na saxã Leircestre. Não tinha posteridade masculina, mas tinha tres filhas, cujos nomes eram Gonorilla, Regan, e Cordeilla, que elle amava apaixonadamente. Quando se achou velho, teve ideia de dividir o seu reino entre ellas, e de lhe dar maridos capazes de governarem com ellas. Mas para saber qual era digna de ter a melhor parte do reino, perguntou a cada uma d'ellas qual o amava mais. Feita a pergunta, Gonorilla respondeu: — Assim o céo me ouça, em como te amo mais do que a minha alma. etc.» Eis os principaes traços do *Roman de Brut*, de Robert Wace:

Léir tint l'onor quitement
Soixante ans continuellement;
Trois filles eut, n'eut nul autre hoir,
Ni plus ne put enfant avoir.
La première fut Gornorille,
Puis Regain, puis Cordeille;
La plus belle fut la puînée,
Et le père l'a plus aimée.

Quand Leir alques affaibli,
Comme l'homme qui a vieilli,
Commença soi à pourpenser
De ses trois filles marier;
Se dit qu'il les marieroit
Et son raine leur partiroit. etc.

Eis como a mesma tradição se conta na versão oral portugueza: «Um rei tinha tres filhas, e perguntou a cada uma d'ellas, qual era mais sua amiga? A mais velha respondeu, que lhe queria como ao sol; a do meio, que lhe queria como a si mesmo; a mais

moça, que lhe queria tanto como a comida quer o sal. O rei entendeu que a filha mais moça o não amava, e pôl-a fóra do palacio. Ella foi por esse mundo, e chegou ao palacio de um grande rei, aonde se offereceu para cosinheira. Todos os manjares que cosinhava eram os mais saborosos do mundo. Um dia veiu á meza um pastel muito bem feito, e o rei ao partil-o achou dentro um annel muito pequeno, e muito precioso. Perguntou-se a todas as damas da côrte de quem seria aquelle annel; mas não servia nos dedos de nenhuma das damas. Por fim foi chamada a cosinheira, e só a ella servia o annel. O principe viu isto e ficou logo apaixonado d'ella; começou a espreital-a, porque a menina só cosinhava ás escondidas, e viu-a vestida como princeza que era. Foi chamar o rei, e assim que conheceram que a cosinheira era uma princeza, o rei deu licença ao filho para casar com ella. A menina tirou por condição que queria cosinhar o jantar do dia do noivado. Chegado esse dia foi convidado para vir ao banquete o rei que havia lançado fóra de casa a filha. A menina cosinhou o jantar bem gostoso, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pae, que fôra convidado para a festa, não lhe botou sal de proposito. Todos comiam com vontade porque a comida estava saborosa, mas só o rei convidado nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque não comia e não honrava a sua festa? Elle respondeu, porque a comida não tinha sal, e por isso não a podia levar. O rei fingiu-se encolerisado e mandou que a cosinheira viesse á sua presença; appareceu ella então vestida de princeza, mas assim que entrou na sala o pae conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa por não ter comprehendido quanto era amado por sua filha, que lhe queria tanto como a comida quer o sal.»

Esta versão popular mostra-nos uma outra fonte tradicional; qual seja ella, póde-se descobrir pelos ves-

tigios mythicos, em que o *Rei Lear* apparece confundido no typo do Dîrghatamas, do poema *Mahabhârata,* o cego abandonado por seus filhos; ou de Yayatî, que envelheceo repentinamente, e só o filho mais novo é que lhe sacrifica a sua mocidade. Sobre esta aproximação, diz Gubernatis: «Nas legendas de Dîrghatamas e de Yayatî, um primeiro esboço do *Rei Lear.*» (1) Gubernatis cita uma outra versão indiana conservada por Eliano; (2) sabendo-se como as legendas da India, já na fórma de contos, passaram para os Persas, e d'estes para os Arabes, que os communicaram ao sul da Italia e á Peninsula, temos achado o fio para entrar no labyrintho da imaginação popular. E da aproximação da fórma litteraria e da vulgar da lenda do *Rei Lear,* já podemos concluir e fixar aqui uma caracteristica da litteratura portugueza: a forte separação que geralmente se conservou entre os seus escriptores e o povo.

b) **A Dama pé de cabra.**—Esta tradição foi tambem recolhida pelo Conde Dom Pedro, para fundamentar a origem maravilhosa da Casa de Haro; lendas d'esta mesma natureza servem de fundamento heraldico ás casas de Lusignan, de Croy, de Salin, Bassompierre, e Argenger. Quando a nobreza ia sendo submettida ao cadastro regio, á egualdade perante a lei realisada pela independencia do poder monarchico, é que estas lendas apparecem na fórma escripta como um ultimo lampejo da vida soberana dos grandes vassallos. Eis a linguagem do Conde D. Pedro: «Dom Diego Lopes era mui bom monteiro, e estando um dia em sua armada e attendendo quando viria o porco, ouviu cantar muito alta voz uma mulher em cima de uma penha: e elle foi para lá e viu-a ser mui fermosa

(1) *Mythologie. zoologique*, t. I, p. 93.
(2) *Ib.*, t. II, p. 242.

e mui bem vestida, e namorou-se logo d'ella mui fortemente, e perguntou-lhe quem era? E ella lhe disse, que era uma mulher de muito alto linhagem; que casaria com ll se ella quizesse, cá elle era senhor d'aquella terra toda. E ella lhe disse, que o fazia se lhe promettesse que nunca se sanctificasse, e elle lhe outorgou, e ella foi-se logo com elle. E esta dona era mui fermosa, e mui bem feita em todo o seu corpo, salvando que havia pé forcado, como pé de cabra. E viveram gram tempo e houveram dous filhos, e um houve nome Enhegues Guerra e a outra foi mulher e houve nome... E quando comiam juntos, Dom Diego Lopes e sua mulher, assentava elle a par do seu filho, e ella assentava a par de si a filha da outra parte. E um dia foi elle a seu monte, e matou um porco mui grande e trouxe-o para sua casa, e poze-o ante si hu sia comendo com sua mulher e com seus filhos: e lançaram um osso da meza, e vieram a pelejar um alão e uma podenga sobre elle, de tal maneira, que a podenga travou ao alão em a garganta e matou-o. E Dom Diego Lopes, quando esto viu, teve por milagre, e signou-se, e disse: Santa Maria! val, quem viu nunca tal cousa! E sua mulher quando o viu assi signar, lançou mão da filha e do filho, e Dom Diego Lopes travou do filho e nom lhe quiz deixar filhar: e ella recudiu com a filha por uma porta do paço e foi-se para as montanhas em guisa que a nom viram mais nem a filha.» (1) O valor d'esta tradição do seculo XIV resalta sobretudo, se a aproximarmos da lenda de origem mythica, que vem no *Mahabhârata,* e que Gubernatis resume: «O sabio e brilhante Çântanu vem caçar ás bordas do Ganga, e ali encontra uma nympha encantadora, de que fica apaixonado. A nympha corresponde-lhe, e acceita o ficar com elle, com tanto que

(1) *Port. Monum.*, Scriptores, fasc. II, 258.

nunca lhe diga cousa desagradavel, faça ella o que fizer ou pense o que pensar; levado pelo seu amor, o rei consente em sujeitar-se a este grave comprommisso. Passam assim dias felizes, porque o rei cede em todas as cousas á nympha. Comtudo, outo filhos são já nascidos, e a nympha lançou já sete ao rio, sem que o rei, sempre ralado intimamente de tristeza, ousasse apresentar-lhe o menor reparo; porém, quando a nympha estava para se desfazer do ultimo, o rei supplica-lhe para poupar esse, e pede-lhe que descubra o seu nome. Então a nympha confessa-lhe que é a Ganga sob figura humana, e que os outo filhos, fructos dos seus amores, são encarnações dos outo deuses Vasus, que, precipitados no Ganges, ficavam livres da maldição que pesava sobre elles e á qual deviam a fórma humana.» (1) No Romance popular portuguez da *Infantina,* tambem se encontra uma donzella encantada, que desce da arvore em que está, a pedido do cavalleiro que a leva comsigo. Por aqui se vê que existia uma corrente popular, e por tanto uma derivação mythica. Se não predominasse no seculo XIV a monomania da erudição, tinhamos então elementos tradicionaes bastantes para começar a creação litteraria.

N'este mesmo conto da *Dama pé de cabra* apparece uma outra tradição dos *cavallos-fadas*, das tradições celticas; é o cavallo *Pardallo*, que não tem sido explicado; mas pela corrente arabe, por onde o nosso povo podia receber as tradições indianas, se explica o seu sentido erudito. Foram os Arabes que revelaram á Europa as obras de Aristoteles; e no Liv. VI, cap. 6 da *Historia Natural,* se acha este nome *Pardalis*, dado em grego á panthera. (2) Junto d'esta derivação erudita, n'este mesmo conto apparece-nos um vestigio de

(1) *Mythologie zoologique*, t. I, p. 74.
(2) Berger Xivrey, *Traditions tératologiques*, p. 239.

mythologia celtica; falando d'esta *Dama pé de cabra,* diz o Conde D. Pedro: «e dizem hoje em dia... que este é o *coouro* de Biscaia.» São os *Courils* ou *Gories*, os diabos que dansam ao luar, nas superstições de Finisterra, que explicam o sentido tradicional d'este *coouro*.

c) Gaia. — A lenda de el-rei Ramiro, procurando sua mulher que estava em poder do rei Abencadão, é tambem contada na prosa ingenua do *Livro velho das Linhagens*; basta-nos apenas reproduzir aqui a situação do annel com que el-rei Ramiro se dá a conhecer, para determinarmos a tradição arabe: «e uma donzella que servia a rainha levantou-se pela manhã, que lhe fosse pela agua para as mãos; e aquella donzella havia nome Ortiga; e ella na fonte achou jazendo rey Ramiro, e nom o conheceu, e el pediu-lhe d'agua pela aravia, e ella deu-lha por um autre, e elle metteu um camafeo na bocca, o qual camafeo havia partido com sa mulher a rainha pela meadade; e e deu-se a beber e deitou o annel no autre, e a donzella foi-se e deu a agua a rainha, e caiu-lhe o annel na mão, e conheceu ella logo; a rainha perguntou-lhe quem achara na fonte; ella respondeu que nom era hi ninguem: ella disse que mentia, e que lhe nom negasse, cá lhe faria por ende bem e mercê; e a donzella lhe disse então que achara um mouro doente e lazarado, e que lhe pediu d'agua que bebesse, e ella que lh'a dera; e entam lhe disse a rainha, que lhe fosse por el, e se o hi achasse que lhe aducesse.» (1) Na poesia arabe do periodo em que principiou a missão de Mahomet, encontra-se uma situação egual nos amores do poeta Murakkich quando quer dar a saber a Esma a sua chegada: «A' noite, á hora em que a escrava trazia o jarro em que bebia sua ama, o pastor ao deitar-lhe o leite, tambem dei-

(1) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 180.

xou caír o annel. Ao beber, Esma sentiu o annel que tinia contra os seus dentes, tomou-o na mão, olhou-o ao clarão do fogo, e conheceu-o por certos signaes que n'elle gravara quando o dera a seu primo.» (1) Esta tradição pertence ao cyclo dos *moàllacats,* que andaram na memoria das tribus até receberem a fórma escripta; é pois natural que a tradição portugueza viesse das relações com as classes inferiores, como acontece tambem com a lingua. A tradição da origem do Solar dos Marinhos, trovadores da côrte de D. Diniz, é uma variante da *Dama pé de cabra,* com a differença que, a donzella sae do mar, o que approxima a situação mais do conto indiano de Çântanu nas bordas do Ganga. Todos estes factos dispersos, por onde reconstituimos o estado das ficções portuguezas no seculo XIV, são indispensaveis para nos mostrarem como uma consequencia natural esse extraordinario producto da côrte de Dom Diniz, a Novella do *Amadis de Gaula.*

Formação do Amadis de Gaula

De todas as Canções de Gesta francezas que foram recebidas nas litteraturas neo-latinas, nenhuma talvez attingiu uma vulgarisação maior do que a do *Amadis de Gaula;* esta Gesta pertence já ao cyclo de aventuras, independente de todo o intuito nacional. Por muitos annos ignorou-se a existencia do poema francez anterior á Novella portugueza, e as palavras d'Herberay des Essarts, traduzindo essa novella para francez, em que dizia, que existia um poema em lingua picarda, pareceram por muito tempo gratuitas e sem fundamento. No seculo passado, o Conde de Tressan escrevia na sua abreviação do *Amadis:* «estou intimamente convencido de ter visto estes manuscriptos (que se jul-

(1) Apud Lamartine, *Hist. de la Turquie,* t. i, p. 79.

gam *picardos*) escriptos em antigo romance na *Bibliotheca do Vaticano*, isto é, *na parte d'esta Bibliotheca formada com a que a celebre rainha Christina tinha formado*, e na qual estão comprehendidos os nossos mais celebres e antigos poemas.» (1) Em 1810 publicou-se uma versão poetica ingleza, ainda com o laconismo de Cantilena, intitulada *Sir Amadace*; depois descobriu-se o poema francez intitulado *Roman d'Amadas et Ydoine*, acabado de copiar por João de Mados. Depois d'estes elementos para a critica, Victor Le Clerc avançou: quando se comparar o poema francez com o inglez, onde *Amadas* ou *Amadace* são ambos modellos de fidelidade e de bravura, então se verificará o fundamento da existencia de uma versão manuscripta em lingua picarda. No poema francez de *Amadas* alludese á immensa extensão que as suas aventuras tinham na Europa:

> Tout droitement par *Alemaigne*,
> Puis fait son tour parmi *Bretaigne*
> ....
> Espanduc est já par *Bourgoigne*
> De lui la haute renommée
> ....
> Qu'il n'a dusqu' as pors d'*Espagne*.
> Dont si grans est la renommée
> De lui par tuit le mont alée
> Que *d'Angleterre* jusqu'à Rume etc.

De facto em todos estes pontos indicados pelo poema francez encontram-se vestigios da tradição poetica de *Amadis*. Nas referencias do poeta Maërlant, reformador da poesia neerlandeza, e morto em 1291, cita-se o *Amadis*. (2) No poema inglez de Gower, *Confessio Amantis*, (lib. VI) vem:

(1) Tradution libre d'*Amadis*, t. I, XXII.
(2) Jonckbloet, *hist. da litteratura neerlandeza*, vol. I, p. 161.

Is fed with redynge *of romance*
Of *Idoyne and Amadas.*

No romance de *Emare,* tambem inglez, vem mais esta outra referencia:

In that on korner mad was
Idoyne and Amadas...

No poema francez *Donat des Amants,* já o *Amadis* é citado como um typo proverbial de fidelidade:

Que fist Didum pur Eneas
E *Ydoine* pur *Amadas...*

Em Hespanha ha a mesma vulgarisação poetica, mas só a contar do fim do seculo XIV para o seculo XV; citam-no os trovadores Fray Miguel, Pero Ferrus, Chanceller Ayala, Villasandino e Micer Imperial. Em Portugal existe no fim do seculo XIII muito vulgarisado entre a aristocrcia portugueza o nome de *Oriana,* a amante de Amadis, e no *Cancioneiro* do Dr. Gualter Antunes, visto no seculo passado por Antonio Ribeiro dos Santos, vem a *Chacone de Oriana,* aonde em tres estrophes se celebra á maneira de *sonet poitevin,* o rapto da donzella por Archeláo.

D'esta immensa vulgarisação já se conclue, que a tradição poetica não podia ter nascido originariamente em Portugal; e que se derivou da litteratura que mais influiu na imaginação dos povos modernos e inspirou as suas litteraturas — a franceza. As Cantilenas do *Amadis* ou o poema de Aventuras, soffreram a mesma sorte a que ficaram sujeitas as mais celebres Gestas francezas: foram diluidas em prosa, e no principio do seculo XV estavam transformadas em Novellas. Em Portugal foram conhecidas muito poucas Gestas fran-

cezas; não tivemos o feudalismo; não respeitámos as tradições epicas, por que as não herdamos: era por tanto este paiz aquelle que mais cedo chegaria a esse estado de syncretismo que confundiu as Gestas com as chronicas, que foi como começaram as novellas. Conhecemos os poemas de *Tristão* e *Brancaflor,* e foram estes poemas os que mais contribuiram para a ampliação da novella em prosa.

Como as grandes epopêas se derivam de uma origem mythica, tambem algumas das Canções de Gesta da edade media se desenvolveram sobre varias lendas de sanctificações locaes. O *Amadis de Gaula,* antes de ser o cavalleiro typo de fidelidade, da novella, foi o santo da legenda, *Santo Amandio.* Comprovemos esta lei com alguns outros factos: a canção de Gesta intitulada *Aiol,* derivou-se da legenda latina de Santo *Agiulpho;* (1) o santo abbade de Lerins, do seculo VII, torna-se na Gesta um extrenuo cavalleiro que defende o imperador Luiz, filho de Carlos Magno, da revolta dos seus barões, e se retira para o claustro, aonde expira em santidade. *Guillaume au court nez,* cujas façanhas são celebradas em dezoito Gestas, é derivado do typo devoto de Saint Guillaume de Gellone, da legenda do seculo IX, recolhida pelos Bollandistas. (2) O mesmo phenomeno tradicional se dá com a Gesta de *Miles et Amiles,* que tem por base uma lenda agiographica. (3) Esta fonte de derivação épica, considerada por alguns medievistas, taes como Paulin Paris e Leon Gautier, como excepcional, perde este caracter, logo que a lenda agiologica é tratada pelo povo como um mytho religioso. Na novella do *Amadis de Gaula* encontra-se o fio tradicional que leva a derivar o poema ou as can-

(1) *Acta SS.*, t. I, p. 728, 763.
(2) *Acta SS.* Maii, t. VI, p. 809.
(3) Léon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 89.

tilenas de *Amadas* d'esse *Sanctus Amandius Gallesinces.* (1) Lê-se no poema:

> Venés, dame, par *Saint Amant!*
> (v. 3092)

E na Novella tambem se explica o nome do heroe: «Este es *Amadis*... y este nombre era alli muy preciado, *porque assi se llamaba un Santo* à quien la doncella lo encommendó.» (2) Na edade media as vidas dos Santos eram muitas vezes tratadas em verso; e na *Histoire litteraire de la France* achamos: «Outras vidas de Santos em versos provençaes parecem remontar ao seculo XI, como a de *Santo Amandius,* bispo de Rodez...» (3) No catalogo de uma bibliotheca monastica do seculo XII, vem junto com o poema de *Miles et Amiles*: «*Milo* unus, cum *S*ci *Amandis vita metrice composita.*» (4) As relações da lenda agiologica com a novella são numerosas: Santo Amandio foge de casa de seus paes, e esconde-se na Ilha Ogia; no poema, *Amadas* tambem se ausenta de casa de seus paes, e na Novella refugia-se na Ilha da Peña Pobre aonde faz vida eremitica. Mas estes paradigmas levar-nos-iam longe. As relações entre o poema e a Novella são muito mais interessantes: Tanto *Amadas* como *Amadis* servem na côrte de um rei, por cuja filha *Ydoine* ou *Oriana* se apaixonam, e para merecerem-na vão nobilitar-se nas armas, correr aventuras, até serem armados cavalleiros. E' n'este longo decurso de provas, que os dois amantes dão o exemplo de uma extranha fidelidade; até que por fim, depois de terem

(1) *Acta Sanct.*, Febr. p. 816.
(2) Ed. de Gayangos, Cap. I.
(3) Op. cit., Tom. XXII, pag. 240.
(4) *Bull. de l'Académie de Bruxelles*, (1843) II, 591.

*

salvado as suas amantes dos encantamentos, casam com ellas e herdam o reino do pae que se oppozera a este enlace. Na redacção em prosa, tanto pelo caracter de ampliação erudita, como pelo gosto palaciano que obedecia á corrente culta da primeira Renascença, os innumeros episodios, as largas genealogias, os pomposos discursos dos differentes personagens, fazem esquecer por tal fórma a trama simples do poema, que por isso não resalta á primeira vista a relação entre os dois monumentos litterarios; esse confronto é antes de tudo provocado pela analogia dos titulos, que depois se verifica na estructura intima.

Resta-nos ainda a questão, se o *Amadis de Gaula,* recebeu a fórma de Novella em prosa em Portugal ou em Hespanha. Os documentos positivos são todos a favor da redacção portugueza. No seculo XIV a Hespanha estava occupada na profunda elaboração do seu vasto Romanceiro, e toda a sua seiva poetica não bastava para dar fórma ás tradições nacionaes do Cid, dos Sete Infante de Lara, de Bernardo del Carpio; as Gestas francezas pouco penetraram em Hespanha, por que a imaginação nacional estava entretida com os seus heroes nacionaes. As condições do espirito nacional portuguez eram outras: não tinhamos tradições, e por tanto estavamos n'esse estado de syncretismo em que se acceitam todas e se confundem todas. Quando D. Affonso III voltou de França, já as Canções de Gesta francezas decaíam do seu vigor primitivo; quando ellas foram conhecidas na côrte de D. Diniz já estavam no cyclo de aventuras, isto é, confundiamse nas suas situações; (1) faltava-nos a realidade dos costumes feudaes. E' por isso que o filho do Dr. An-

(1) A acção de *Amadas et Ydoine,* repete-se nos poemas *Blonde d'Oxford, Eledus et Serène, Guy de Werwk, et Ille et Galeron.*

tonio Ferreira, fundado n'uma tradição litteraria do seculo XVI, collocava a redacção do *Amadis de Gaula* na côrte de Dom Diniz: «na linguagem que se costumava n'este Reyno, *em tempo del-rei Dom Diniz,* que é a mesma em que foi composta a *Historia de Amadis de Gaula,* por Vasco da Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na Casa de Aveiro.» (1) A rubrica introduzida na Novella, (liv. I, cap. 40) ácerca da emenda mandada fazer pelo *Infante Dom Affonso de Portugal,* explica-se pelo caracter de Dom Affonso IV, filho de Dom Diniz, accrescendo que já na sua côrte estava decadente o gosto pelo lyrismo provençal. São muitos os argumentos com que se prova a prioridade da redacção portugueza do *Amadis de Gaula;* enunciemol-os pela sua ordem chronologica:

1.º Existencia de uma redacção anterior á fórma em que o trasladou o hespanhol Montalbo, em 1492, o qual justifica o seu trabalho dizendo, que o original estava antiquado. Do fim do seculo XIV até ao fim do seculo XV, a revolução operada na lingua portugueza foi muito maior do que na hespanhola, a ponto de D. Manoel mandar traduzir para portuguez moderno os Foraes.

2.º Essa redacção primitiva era portugueza e escripta entre 1297 e 1325, como se infere da allusão ao *Infante D. Affonso de Portugal,* que começou a reinar n'esta ultima epoca com o nome de D. Affonso IV; o que tambem se corrobora pela tradição conservada pelo filho de Ferreira.—No *Amadis* tambem não se empregam *armas de fogo,* ainda nas mais arriscadas aventuras, por isso que só foram usadas na batalha de Aljubarrota em 1385.

3.º Até 1406 só eram conhecidos os *trez livros,* que ainda estavam em continuação; as allusões de Fray

(1) Edição dos *Poemas lusitanos,* de 1598.

Miguel, de Micer Francisco Imperial, de Ferrus, de Pero Lopes de Ayala, de Hernã Peres de Gusman e de Villasandino, fixam-se todas em 1406, o que nos leva a determinar a epoca em que o *Amadis* foi conhecido em Castella, desde a batalha do Salado, até á batalha de Aljubarrota.

4.º O *quarto livro* de *Amadis,* só foi recolhido em 1492, por Garci Ordoñes de Montalbo; mas deve tambem entender-se ter sido escripto em Portugal, porque se aproxima bastante do final do *Amadas et Ydoine;* porque se allude a esse *quarto livro* logo no principio, promettendo desenvolver o episodio de Briolanja, que o proprio Montalbo desapprovava.

5.º O nome de *Lobeira* figura na côrte de Dom Diniz, em um trovador; Vasco de Lobeira, figura na lista dos que foram armados cavalleiros na batalha de Aljubarrota, em 1385; a allusão do personagem *Mocandom,* armado cavalleiro com mais de sessenta annos, parece referir-se á situação de Vasco de Lobeira.

6.º A primeira vez que se encontra o nome de *Vasco de Lobeira* affirmado como auctor do *Amadis de Gaula,* é na *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes,* escripta em 1454, por Azurara, a qual esteve inedita até 1792. Ahi se lê: «*o Livro d'Amadis,* como quer que soomente fosse feito a prazer de hum homem que se chamou Vasco de Lobeira, em tempo d'el-rei Dom Fernando, sendo todalas cousas do dito Livro fingidas do Auctor...» (cap. 63). Azurara escrevia na Bibliotheca de D. Affonso v; e tendo existido o original de *Amadis* na Casa do Duque de Aveiro, que era bisneto de D. Affonse v, facilmente se induz da sua proveniencia.

7.º Na Novella de Cavalleria, *Tirant il Blanch,* de 1460, apparece citada a fada *Urganda la Desconocida,* a qual exerce uma grande parte da acção no *Amadis de Gaula.* D'aqui se infere, que sendo a no-

vella valenciana escripta para lisongear o principe portuguez Dom Fernando, irmão de D. Affonso V, e alludindo-se por isso a uma concepção novellesca portugueza, temos já uma data para corroborar a existencia e popularidade da redacção portugueza, primeiramente indicada por Azurara.

8.º Nos versos do *Cuidar e Suspirar*, do *Cancioneiro geral*, escriptos em 1483, citam-se como proverbiaes os amores de *Oriana;* ora a versão de Montalbo só se fez em 1492, justamente quando as duas côrtes castelhana e portugueza entravam depois de Aljubarrota em boas relações, pelo casamento do principe D. Affonso com D. Isabel. Nós fômos influenciados pelo lyrismo castelhano, mas exercemos uma acção reflexa pela galanteria novellesca.

9.º Em 1526, o Bacharel João Dias dedica ao duque D. Jorge uma continuação do *Amadis de Gaula*. Pela escolha d'este personagem se deduz, que já n'este tempo andava o original do *Amadis* na Casa que veiu a ter o titulo de Aveiro.

10.º Em 1549, já o escrivão da Camara de Dom João III, o Dr. João de Barros, no Ms. das *Antiguidades de Entre Douro e Minho,* dizia do *Amadis* manuscripto tambem: «obra mui subtil e graciosa e aprovada de todos os galantes, *mas como estas coisas se seccam em nossas mãos, os Castelhanos lhe mudaram a linguagem e attribuiram a obra a si.*» (Fl. 32.) Este documento é de uma grande importancia para a questão da prioridade.

11.º Em 1557 colligiu o Dr. Antonio Ferreira os seus *Poemas luzitanos;* os dois Sonetos em linguagem antiga sobre a anedocta do Infante D. Affonso de Portugal e os amores de Briolanja, datam, o mais tardar, d'este tempo, e mostram-nos a continuidade da tradição, que attribue a Novella a Vasco de Lobeira.

A esta anedocta por ventura se referem as Voltas satyricas de Camões, que começam:

> Por amores de vós, *Briolanja*,
> Ando eu morto....

Cumpre notar que o pae do Dr. Antonio Ferreira era Védor da Casa do Duque Dom Jorge, e por tanto o poeta tinha fundamento para a sua affirmação.

12.° Ainda em 1598, se guardava o Ms. do *Amadis de Gaula* na Casa de Aveiro, como se vê pela nota de Miguel Leite Ferreira, que vem nas erratas da primeira edição dos *Poemas luzitanos*.

13.° No Catalogo da Livraria do Conde de Vimeiro, de 18 de março de 1686, vinha enumerado o *Amadis de Gaula em Portuguez*. Na Relação d'esta Livraria dada pelo Conde de Ericeira em 1726 á Academia de Historia, diz que a novella já lá se não achava. O incendio de varias livrarias no terremoto de 1755 veiu extinguir todas as esperanças de encontrar esse original primitivo.

14.° Alem d'estes argumentos, accrescem os *portuguezismos*, que transparecem ainda debaixo da fórma hespanhola, e sobretudo os costumes portuguezes, como a *camera cerrada*, os *ricos-homens*, os *homens-bons*, e a mulher que vae gritando contra o que attentou contra a sua honra, como mandam os *Foraes*.

A influencia do *Amadis de Gaula* foi immensa na Europa, e raros são os livros dos moralistas que não clamam contra a sua leitura; mas esta propagação prodigiosa deve attribuir-se mais ás tendencias da vida social, porque era este um meio por onde a aristocracia protestava contra a vida e os usos burguezes que a supplantavam.

Os Livros de Linhagens ou Nobiliarios

A actividade litteraria em Portugal dispendeu-se no seculo XIV em Livros de linhagens; a sua producção revela-nos uma necessidade social, que a propria epoca nos hade explicar. Quatro são os monumentos conhecidos: o *Livro velho*, publicado pela primeira vez por D. Antonio Caetano de Sousa; (1) um *Fragmento de Nobiliario*, que andava junto ao *Cancioneiro da Ajuda;* e finalmente, o chamado *Nobiliario do Conde D. Pedro,* que se guarda na Torre do Tombo. (2) Com relação á necessidade da organisação d'estes livros, lê-se logo no principio do *Livro velho:* «Por saberem os homens fidalgos de qual linhagem vem, e de quaes coutos, honras, mosteiros e egrejas som naturaes, e per saberem como som parentes, fazemos escrever este livro verdadeiramente dos linhagens d'aquelles que som naturaes e moradores no reino de Portugal estremadamente. E d'este livro se pode seguir muita prol, e arredar muito dano: cá muitos vem de bom linhagem e nom sabem elles, nem o sabem os reis, nem o sabem os grandes homens: ca se o soubessem em alguma maneira lhes viria ende bem, em alguma maneira dos senhores. E os outros nom casam como devem, e casam em peccado por que nom sabem o linhagem. E muitos som naturaes e padroeiros de muitos mosteiros e de muitas egrejas, e de muitos coutos e de muitas honras e de muitas terras, que o perdem á minguem de saberem de que linhagens vem: e outros se fazem naturaes de muitos logares onde nom som...» (3) No *Nobiliario do*

(1) *Provas da Hist. geneal.* t. I, p. 145.
(2) Publicadas nos *Port. Mon. hist.*, vol. I, Scriptores.
(3) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 143.

Conde D. Pedro desenvolvem-se mais claramente estas origens dos livros de linhagens: «Porem, eu Dom Pedro, filho do muy nobre rey Dom Deniz, *ouve de catar por gram trabalho por muitas terras escripturas que fallavam dos linhagens*. E veendo as escripturas com grande estudo e em como fallavam d'outros grandes feitos compuje este livro por gaanhar o seu amor e por meter amor e amisade antre os nobres fidalgos de Hespanha... E o que me a esto moveu foram sete cousas: A primeira para sse comprir e guardar este precepto de que primeiro fallamos. A segunda he por saberem estes fidalgos de quaes descenderam de padre a filho e das linhas travessas. A terceyra por seerem de hum coraçom de averem de seguir os seus emiigos que som em estromento da fé de Jesu Christo, ca pois elles veem de huum linhagem, e seiam no quarto ou no quinto graao ou d'alli açima nom devem poer differença antre ssy. E mais que os que som chegados como primos e terçeiros, ca mais nobre cousa he e mais santa amar o homem a seu parente alongado per devido se boom he, que amar ao mais chegado se falleçudo he. E os homeens que nom som de boo conheçer nom fazem conta do linhagem que ajam senom d'irmãos e primos coirmãos e segundos e terçeiros. E dos quatro acima nom fazem conta. Estes taaes erram a Deus, e a ssy, ca o que tem parente no quinto ou sexto gráo ou dalli açima se he de gran poder deveo servir porque vem do seu sangue. E se he seu igual deve-o dajudar. E se he mais pequeno que ssy deve lhe fazer bem e todos devem seer de um só coraçom. A quarta por saberem os nomes d'aquelles donde vem, e algumas bondades que em elles ouve. A quinta per os rreys averem de conhecer aos vivos com mercêes por os merecimentos e trabalhos e grandes lazeiras que reçeberam os seus avóos em se gaanhar esta terra de Espanha, per elles. A sexta pera saberem como po-

dem casar, sem peccado segundo os sacramentos da santa egreja. A septima, pera saberem de quaes moesteiros som naturaes e bemfeitores.» (1) Todas estas causas da elaboração dos *Livros de Linhagens* são exteriores, e taes como o poder real tentou justificar-se perante a fidalguia que pretendia submetter ao seu fôro. O facto intimo e vital do seculo XIV, que provocava estes cadastros da nobreza, o mesmo seculo não o podia conhecer; repetiu-se pela Europa com a mesma regularidade; o que nos leva a inferir de uma lei de evolução social que entrava então no seu vigor.

No seculo XIV o poder real procurava constituir-se independente, submettendo á sua unidade legal a arbitrariedade dos barões; para isto tratou de dar existencia politica ao servo tornando-o povo, concedendo-lhe cartas communaes e foraleiras em que ficava escripto o seu direito consuetudinario, e depois que o tornou *terceiro estado,* fortaleceu-se com elle contra os barões; contra os barões, fez renascer o direito romano, em que estava bem definida a esphera dos *direitos reaes,* e além de avocar a si o direito de levantar hoste, bater moeda, ter justiças proprias, tambem o poder real se reservou o privilegio exclusivo de conferir nobreza. A contar do cadastro heraldico, só podia existir nobreza por *fôro de el-rei.* O Direito romano entrou em Portugal primeiramente pela adopção das *Leis de Partidas,* mandadas traduzir por el-rei Dom Diniz; (2) nas *Leis de Partidas* estatue-se aos fidalgos: «que escrivian seus nomes, e el linage onde venian, e los logares onde eran naturales en el Libro que estavan escriptos todos los nomes de los otros cavalle-

(1) *Ibid.*, pag. 231.

(2) Guardavam-se na Livraria de Alcobaça em um codice do seculo XIV com 179 fol. com o titulo *Das Partidas de Castella.* (Cod. n.º CCCXXIV.)

ros.» (1) Uma lei portugueza incorporada nas *Ordenações Affonsinas,* explica mais claramente estes livros: «nenhum homem dos concilios de mha terra nom podem ser cavalleiros senão per mim ou per meu mandado.» (2) O mesmo phenomeno moral, que no seculo XIV fazia com que se escrevessem os *Livros de Linhagens,* fazia tambem que florescesse o Direito romano na nova Universidade de Coimbra; fazia que se fundasse o Ministerio Publico, e que os concelhos tivessem uma vida local independente. Comprehendido o espirito dos *Livros de Linhagens,* resta-nos accentuar o seu caracter litterario. Por entre as listas fatigantes de nomes, apparecem de longe em longe as tradições maravilhosas da origem dos Solares, como da Casa de Haro ou dos Marinhos; as grandes prepotencias da arbitrariedade feudal, como os incendios dos castellos; o roubo ou violencia nas mulheres, como com a celebre D. Maria Paes da Ribeira; a cegueira infligida por vindicta pessoal, e a herança do crime e da vingança entre as familias; os velhos symbolos germanicos, como o fazer *burrella,* e o montar n'um burro com a cara para traz ou o coser em uma pelle de ursa; os factos historicos, como a *lide do Porto* entre os partidarios de Dom Sancho II e os de seu irmão, ou o rapto do leito d'este monarcha da propria mulher D. Mecia Lopes; os varios apellidos das familias derivados muitas vezes de feitos grotescos, e os caracteristicos de certos fidalgos, como *o trovador, o que foi trovador e muy saboroso,* ou *que trobou bem,* o que nos mostra a relação da aristocracia portugueza com os nossos velhos Cancioneiros provençaes. Para a philogia estes livros são preciosissimos pelas velhas fórmas da linguagem que conservam, e sobretudo para a eth-

(1) *Part.* II, tit. 21, L. 21.
(2) *Ord. Aff.*, Liv. I, t. 63.

nologia, por que d'esse onomastico se deriva muitas vezes os elementos de raça que constituiram a nossa nacionalidade.

Fundação da Universidade de Lisboa

No seculo XIV a sociedade civil da Europa tendia a secularisar-se; a divisa: *As Universidades servem para ensinar,* era um grito de revolta contra o monopolio da instrucção nas Collegiadas e Abbadias; a este grito correspondia esse outro: *As Jurandas servem para edificar,* com que se destruía a tradição immovel dos pontifices religiosos; e na ordem politica: *Os Estados servem para governar,* divisa com que o direito escripto e a vontade nacional se affirmava contra o arbitrio senhorial. A esta corrente dos costumes e da sociedade civil da Europa, corresponde no fim do seculo XIII a fundação da Universidade de Lisboa, por elrei Dom Diniz, em 1291. Mas em vez de nascer com o espirito da secularisação, ficou immediatamente sob a tutella ecclesiastica dos Abbades de Alcobaça, de Sam Bento e do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Na *Bulla* do Papa Nicoláo IV se lê: «Com effeito chegaram a nossos ouvidos, que por esforços do nosso carissimo filho em Christo, Diniz, illustre rei de Portugal, se implantaram de novo, não sem muita e louvavel previsão na cidade de Lisboa estudos de certa faculdade permittida, a cujos mestres, a fim de que podessem dedicar-se exclusivamente aos estudos e sciencias, se diz ter sido promettido e estipendiado certo salario por alguns Prelados, Abbades da Ordem de Cister e Priores das Ordens de Santo Agostinho e de Sam Bento, e Reitores de certas egrejas seculares dos reinos de Portugal e Algarves.» A protecção do Papa Nicoláo IV limitava-se a conceder aos lentes e escholares o privilegio do fôro ecclesiastico, perturbando

logo no principio o intuito da Universidade, que pelo ensino do direito romano tendia para a unificação do fôro civil. Os gráos ficavam sujeitos á confirmação do Bispo de Lisboa: «Item, que os Escholares, nas Artes e no direito Canonico e Civil e na Medicina, os quaes seus mestres julgarem idoneos, possam ser licenciados na sobredita sciencia pelo Bispo de Lisboa que n'esse tempo o fôr, e quando estiver sede vacante por meio do vigario capitular.» As differenças do fôro entre os escholares e os moradores de Lisboa, produziu dissenções taes que Dom Diniz teve de mudar a Universidade para Coimbra, em 1308. O ensino das Decretaes, Leis, Medicina, da Dialectica, da Grammatica e Theologia, ficou a cargo dos religiosos de Sam Domingos e Sam Francisco. (1) Os primeiros Estatutos foram dados por Dom Diniz em 1309; (2) tendo de serem outra vez refundidos em 1347. O vicio organico da instituição reflectiu-se na sua vida de continuas reformas, sendo mudada outra vez para Lisboa, em 1375 por el-rei Dom Fernando, recebendo novos Estatutos em 1431, (3) até que em 1537 foi transferida para Coimbra, caíndo no abysmo que lhe foi cavado á nascença, isto é, tornando-se o centro da influencia dos jesuitas em 1547. A organisação do ensino era baseada n'essa tradição escholar da edade media, o *Trivium* e o *Quadrivium;* ao primeiro, pertencia o estudo da *Grammatica,* que produziu entre nós no seculo XIV alguns glossarios da Biblia, e uma tentativa de diccionario latino; a *Rhetorica,* que só produziu homilias e divagações apologeticas; e a *Dialectica,* que era então em que se resumia toda a philosophia.

(1) *Monarch. Luz.*, P. V, liv. 16, cap. 57, 72 e 73. — *Ib.*, P. VI, liv. 18, cap. 28.
(2) Vem na *Mon. Luz.* P. V. App. Escr. 25.
(3) *Noticias chronologicas da Universidade*, fl. 270, 429.

Philosophia aristotelico-averroista

Portugal não estava em um gráo do desenvolvimento tal que podesse dar grande incremento aos estudos philosophicos; de um lado predominavam no ensino as explanações theologicas, e no seculo XIV reinava a ideia de que a philosophia era a *ancilla theologiae;* por outro lado a civilisação arabe da Peninsula havia de fatalmente imprimir a auctoridade da sua tradição no ensino. Aristoteles foi a unica auctoridade philosophica em Portugal; logo no principio do *Nobiliario do Conde D. Pedro* se encontra citado: «Esto diz *Aristotilles,* que sse os homeens ouvessem antre si amisade verdadeira nom averiam mester rreys nem justiças, cá amisade os faria viver seguramente en o serviço de Deus.» (1) E fallando de Alexandre, continua: «morreu como havia dito *Aristotilles* seu mestre.» (2) Temos um documento por onde se vê que Aristoteles era conhecido em Portugal pela eschola arabe averroista; escreve Victor Le Clerc: «Em uma obra inedita *Collyrium fidei contra haereseos*, Alvar faz menção de um certo Thomaz Scot, umas vezes minorita, outras frade pregador, com o qual tinha muitas vezes discutido, e que se achava então nas prisões de Lisboa, por ter ousado repetir por toda a parte, que houve no mundo *Tres impostores, (tres fuisse in mundo deceptores.)* Como é que esta impiedade tão antiga, e que Gabriel Barlette no seu sermão sobre Santo André, attribue por antecipação a Prophyrio, teria chegado a Lisboa?» (3) A resposta a este problema proposto por Victor Le Clerc,

(1) *Mon. Hist.*, Scriptores, I, 230.
(2) *Ib.*, p. 246.
(3) *Hist. litteraire de la France*, t. II, p. 46: *Etat des Lettres* etc.

só se póde dar deduzindo esse conhecimento por via da eschola arabe; caracterisado o movimento heterodoxo da edade media em duas correntes, a mystica, ou o *Evangelho eterno* de Joachim de Flores; e a materialista, resumida no livro mythico *Dos trez Impostores,* vê-se qual a tradição que esteve em vigor em Portugal; diz Renan: «Vê-se que não foi sem alguma rasão que a opinião attribuiu a Averroes o pensamento criminoso do parallelo das religiões e do titulo dos *Tres Impostores*. Este pensamento, que perseguiu como um pesadello todo o seculo XIII, era em parte o fructo dos estudos arabes...» (1) Um outro corypheu do Aristotelismo averroista em Portugal, foi Gil de Roma, o auctor do livro *De Regimine principum,* que Dom João I citava aos seus cavalleiros durante o cêrco de Ceuta, e que o infante Dom Pedro traduziu para portuguez. Gil de Roma foi o que atacou mais vivamente a doutrina averroista do parallelismo das religiões. Assim como Dante celebra o nome de:

> *Averrois* che'l gran comento feo,

tambem cita o nome de um philosopho portuguez, que se tornou elementar em todas as escholas da edade media, collocando-o entre os principaes vultos litterarios da Europa:

> Ugo da Sanvittore è qui con elli
> E Pietro Mangiadore, e *Pietro Hispano*
> Lo qual giù luce in dodici libelli. (2)

«Hugo de Sam Victor, e Pedro Comestor, e *Pedro Hispano,* que brilha na terra com os seus doze livros.»

(1) Renan, *Averroes*, p. 234 1852).
(2) *Paraiso*, cant. XII.

Já tinhamos um vulto litterario, que era lembrado na obra prima da Renascença da Europa; Pedro Hispano era natural de Lisboa, e foi eleito papa com o nome de João XXI; as *Summulas logicales* tornaram-se o resumo canonico da logica aristotelica: «é a elle que pertence sem duvida o engenhoso quadro das diversas especies de argumentos, reproduzido frequentemente d'ali em diante.» (1) Pedro Hispano tambem se destinguiu por esse outro livro não menos celebre, intitulado *Thesaurus pauperum*, livro de medicina composto sob a influencia aristotelica.

Escreve Daremberg, na *Historia das Sciencias Medicas*, citando Pedro Hispano como um dos continuadores do Bartholomaeus, de Cophon, de Maurus e dos outros mestres da Eschola de Salerno: «Póde-se acreditar, que no seculo XIII o ensino medico se torna menos individual, experimentando algumas mudanças na sua fórma pela influencia da philosophia scholastica ou aristotelica; mas por pouco que se seja versado em as obras medicas mais antigas do que a Scholastica, nota-se ali um methodo dialectico e uma linguagem que excede ou vae alem da dos philosophos; o tom deriva-se mui directamente de Galeno, tão aristotelico nas suas fórmas.» (2) A Medicina era então exercida em Portugal pelos *Mudejares*, ou arabes tolerados depois da reconquista christã. Sobre a nacionalidade de Pedro Hispano encontramos no poema de *La vida y la Muerte*, de Fray Francisco de Avila, (1508) os se-

(1) Kaebler, *Noticias completas sobre o papa João XXI, celebre medico e philosopho, sob o nome de Petrus Hispanus.* Gotting. 1760, in. 4.° Apud Tennenann.

(2) Ch. Daremberg, *Histoire des Sciences medicales*, t. I, p. 282.—O *Thasaurus pauperum*, ainda apparece prohibido no *Index expurgatorio*, de 1624.

guintes versos, por onde se vê que mesmo os hespanhoes o reconhecem como portuguez:

> Con estos entran en campo
> El Apono y Marlian,
> Vectin, Valens y Melampo.
>
> Trusiano y *Pedro Hispano*
> O bispo fué tusculano,
> *Portuguez* de tanto tiento
> Que por gran merecimiento
> Fué pontifice romano.

Do caracter d'esta nossa primeira epoca da historia da philosophia portugueza, conclue-se facilmente que estavamos sob o dominio da Eschola de Aristoteles, na sua fórma mais dialectica e intolerante, o *averroismo*. Foi talvez á influencia d'esta violenta scholastica, que se deveu a extincção do lyrismo portuguez tal como apparece no *Cancioneiro da Vaticana,* o qual não torna mais a apparecer senão em Bernardim Ribeiro. A philosophia platonica não penetrou em Portugal senão muito tarde, e por via de um reflexo indirecto, pelos poetas italianos; mas logo que os jesuitas se apoderaram do ensino official, temendo as innovações philosophicas dos idealistas, reconcentraram todas as suas forças no exercicio da rigorosa scholastica, e fundaram a *Philosophia Conimbricense* do seculo XVI, que não foi mais do que uma segunda phase do Aristotelismo em Portugal, que se distingue da antecedente em ser caracterisada pela sua direcção *humanista* ou *alexandrista.*

Chronicas e Relações historicas

Sarmiento, nas *Memorias para la Historia de la Poesia española,* escreve: «Este siglo decimo quarto, que con razon se poderá llamar el siglo de las Chro-

nicas verdaderas, se poderá llamar tambien de las Chronicas fingidas.» (1) Estas duas fórmas litterarias apparecem e absorvem quasi completamente a nossa actividade n'este periodo. Das Chronicas phantasiosas deixámos um monumento, que seria tanto mais bello se elle se conservasse na sua fórma primitiva, se existisse hoje a redacção portugueza do *Amadis de Gaula*; das Chronicas historicas são muitos os documentos que restam, deixando mesmo os registos latinos em fórma de obituarios, que se usavam nos claustros. O apparecimento repentino do grande chronista Fernão Lopes, no principio do seculo XV, não se comprehende se não procurarmos a filiação do seu genio n'estas tradições parciaes. Enumeremol-as:

a) **Chronica breve do Archivo nacional.**—A Chronica mais antiga, escripta em lingua vulgar, que temos é anonyma, e trata desde a fundação da monarchia até Dom Diniz. Acha-se publicada com o titulo de *Chronica breve do Archivo nacional*, e foi encontrada intercallada no liv. IV, fl. 6 v, das *Inquirições* de Dom Affonso III. Foi escripta em 1429 do nascimento de Christo: «ata a presente era que ora corre do nacimento de nosso sennor Jeshu Christo de *mil quatro centos e vynte e nove annos.*» O sentimento com que foi escripta é o mesmo dos Nobiliarios: «A qual rrenenbrança serue a proll porque muytas vezes mostram perante ElRey nosso sennor e perante os seus juizes algumas doações e outras escripturas, que fazem em prejuizo dos direitos e cousas da corôa dos Regnos, fazendo taaes cartas de doações e escripturas mençom que forom outorgadas per huum Rey o quall segundo a dada d'essa escriptura já era finado: E pera tirar estas duvidas aproveitam muyto estas eras.» A *Chronica* é descarnada e secca, como o seu proprio auctor

(1) *Ob. cit.*, p. 330.

confessa: «faz mençom quando cada huum Rey começou de rregnar, e quando se finou, e onde jaz sepultado.» Apenas traz um traço pittoresco ácerca de Dom Affonso II: «E entom filhou ElRey huma dona de que se non póde saber o nome... E filhou Dona Maria Paes da Ribeira, a que elle deu Villa do Conde...» Estas violencias contra o pudor das damas estavam em contradição com os usos provençaes da côrte portugueza, como se verá pelo Cancioneiro galleziano.

A linguagem da Chronica não é muito antiga; apenas se encontra uma palavra franceza «*daprès* da Cidade de Lisboa.» Esta Chronica termina no reinado de D. Diniz, o que basta para fixar a epoca em que foi escripta; e, segundo a auctoridade do collector dos *Monumentos historicos*, é a Chronica vulgar mais antiga que nos resta. (1)

b) Chronica Geral de Hespanha.—Este livro mandado traduzir por el-rei Dom Diniz do original castelhano escripto por seu avô Dom Affonso Sabio, foi um dos primeiros ensaios em que a lingua portugueza se preparou para fixar as fórmas severas da Historia. Na Bibliotheca de Dom Duarte se conservou essa preciosa traducção, (n.º 26) que já no seculo XVI se encontrava no Mosteiro de Peralonga, como se sabe pela declaração de Fernão de Oliveira: «As dicções velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como... *rução*, que diz cidadão, segundo que eu julguei em hum livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom Johão de boa memorea, o primeiro d'este nome em Portugal: por seu mandado foi o livro que digo escripto, e está no moesteiro de Peralonga, e chama-se *Estorea Geral*, no qual achei estas com outras anteguidades de falar....» (2) Com egual titulo

(1) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 22.
(2) Fernão d'Oliveira, *Grammatica de linguagem port.*, p. 80.

se encontra na Bibliotheca de Dom Duarte uma *Historia geral;* (n.º 24) mas estes dois titulos parecem designár duas copias do mesmo Livro, porque na Bibliotheca nacional de Paris, se conserva um manuscripto portuguez com o titulo: *Historia geral de Hespanha, composta em Castelhano por El-rei de Leão e Castella, Dom Affonso o Sabio, trasladada em portuguez por rei Dom Diniz ou por seu mandado.* A esta traducção foram os diversos copistas ajuntando os sucessos da historia de Portugal acontecidos até ao tempo em que escreviam; e por isso se vê tambem no titulo: «*e continuada na parte que diz respeito a Portugal até ao anno de 1455, no reinado de Dom Affonso V.*» (1) Como excerpto da linguagem da *Chronica geral,* transcrevemos aqui a pena symbolica dos traidores: «E quando chegou a perto de Tolledo, quanto duas leguas, mandou perante ssy trazer Paulo com seus companheiros, e feze-os trosquear em cruz, e rraer as barbas e tirar-lhe os olhos, e vestidos de almaffega por grande deshonra, e fezeos poer em cima de camellos, que levava muytos, e Paulo porque era d'elles o mayoral poseram-lhe uma coroa de pez na cabeça, e pozeram-no em cabeceira de todos, e elles hyam amarrados em huma corda, e assy entraram na cidade de Tolledo feitos em escarnho e rriso e doesto a todos como treedores. Desy mandouos el-rrey meter em carcer, e hy jouverom em toda sua vida ataa sua morte.» A *Chronica geral* exerceu uma influencia salutar sobre o genio historico portuguez, porque veiu mais tarde revelar a Fernão Lopes como a vida moral da historia se tira das tradições. Já no seculo XV, n'essas pequenas Relações hoje intituladas *Chronicas breves e Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra,* se cita a *Chronica*

(1) Este manuscripto começou a ser impresso em Coimbra, pelo Dr. Nunes de Carvalho, de pag. 1 a 192. (1863.)

geral como fonte historica: «*A chronica de spanha* conta que el-rei dom affonso...» (1)

c) **Vida da Rainha Santa Izabel.**—Este monumento litterario pertence a essa classe de narrações da edade media chamadas *Lendas*, em que as tradições oraes recebiam a fórma escripta para serem lidas; este genero era o ponto aonde o povo e o *clericus* se encontravam na fórma historica, do mesmo modo que succedia na poesia, nos cantos *farcis* dos goliardos. A *Vida de Santa Isabel* apparece pela primeira vez citada no testamento do Infante Dom Fernando o Santo, escripto antes da partida para Tanger: «Item, *o Livro da Rainha Dona Ilizabeth.*» (2) Este livro veiu parar ao convento de Santa Clara, de Coimbra, d'onde o copiou depois Frei Francisco Brandão, em 1751, (3) que d'elle deixou o seguinte juizo: «O auctor d'esta Relação se não declara, mas d'ella se collige que he muito antiga e muito proxima á morte da Santa Rainha. (1374) No principio do livro está pintada a imagem da Santa, vestida com habito, cordão, manto e véo da Ordem de Santa Clara. Tem na mão direita um crucifixo, e na cabeça uma corôa de espinhos. A seus pés estão lançadas uma corôa e sceptro reaes com a letra seguinte: *Crux et spinea corona Domini mei, sceptrum et corona mea.*» E no titulo: «he um livro escripto de mão, que está no Convento de Santa Clara de Coimbra.» A *Relação da vida gloriosa de Santa Isabel rainha de Portugal,* não chegou a ser recolhida nos *Monumentos historicos* da Academia, mas não por falta de authenticidade; bastava apparecer citada no testamento do Infante Santo, para se conhecer a sua antiguidade. Por outro lado, as fórmas

(1) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 25, col. 1.
(2) José Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. IV, Doc. 1, p. 150.
(3) Part. VI, da *Monarch. Luzit.*, aonde se acha impressa.

linguisticas fixam a sua redacção no ultimo quartel do seculo XIV; taes são as palavras: *sa* por sua; *lidimo* por legitimo; *dispensaçom* por dispensa; *erom,* por eram; *mesura, filhar, tolher, guisa, comprideiro, ensembra, gafo; logo* por logar; participios em *udo,* como *cresçudo, sabudo; accorrimento; segrar,* por secular; *cá, prasmar, aguisado, meatade* (no Nob. *meadade); consirar, ousança, comesto, recudir,* etc. Um pequeno excerpto nos fará conhecer a antiguidade da sua redacção: «Em sa casa se criavam filhas de muitos nobres homens, e filhos de cavalleiros e d'outros homens, e des que erom de idade, e achavam casamentos a si eguaes, casava-os, e outros punha em ordem a cada uma Deos procurava, e dava a elle de seu haver, segundo a pessoa que era e o estado que filhava. Outros muitos e muitas que nom erom de sa casa, que o a ella demandavam, fazia ella ajuda para casarem seus filhos ou para necessidades outras que houvessem; dizendo que alguns que parecia que haviam o que lhes cumprisse, haviam mister ajuda para se manteer mais que outros que pareciam em si pobres e desemparados. E por hu ella hi nom ficavam emparedadas, nem gafos, nem presos, que sa esmola nom recebessem parte.»

d) **Relação da Batalha do Salado.**— Este grande facto historico, que assegurou a estabilidade das monarchias christãs da Peninsula, inspirou em Hespanha a *Chronica en redondillas* de Rodrigo Yanes, e a sua imitação ou traducção feita por Affonso Giraldes; mas no fragmento do *Nobiliario,* que anda junto ao *Cancioneiro da Ajuda,* encontra-se uma extensa relação d'essa batalha, da qual se póde dizer que é a pagina historica mais perfeita a que chegou a litteratura portugueza do seculo XIV. O genealogista bem conhece que aquella narração historica não pertence a essa ordem de escriptos de linhagens: «e se alguns ouvesse

contar as maravilhas e bondades que faziam, seeria o livro tam grande que os que o lessem com a grande escriptura se anojariam, e os outros de que aqui nom falassem ficariam reprehendidos. Des i porque este livro he de linhageeos nom faz mester de en el falar de todo salvo dalgumas cousas maravilhosas...» (1) O genealogista costumado á rhetorica dos estudos do *Trivium,* não póde descrever sem collocar na bocca dos seus personagens allocuções, como no estylo de Tito Livio, que ainda então não era conhecido na Peninsula: «E el-rei Dom Affonso de Portugal era de grandes feitos, e quanto mais olhava polos mouros, tanto lhi mais e mais crecia e esforçava o coraçom como home que era de grandes dias e tinha que deus lhi fezera gram mercee en o chegar áquel tempo hu podia fazer emmenda de seus peccados por salvaçom de sa alma e receber morte por Jhesu Christo. El de todo boom contenente falou ali com os seus e disse-lhes assi: — Meus naturaaes e meus vassalos, sabede bem en como esta terra da espanha foy perduda por rei Rodrigo e ganhada pelos mouros, e en como outra vez entrou Almançor, e em como os nossos avoos donde descendedes por gram seu trabalho e por mortes e lazeiras gangharom o reino de Portugal, en como el-rei dom affonso anriques com que a eles ganharom lhis deu onras e coutos e liberdades e contias porque vivessem honrados, e nom tam solamente fez esto a eles, mais por a sua onra dava os maravedis aos filhos que jaziam nos berços e os padres serviam por eles. En como os reis que despois el veerom aguardarom esto. Eu depois que vim a este logo fiz aquelo que estes reis fezerom, e se alguma cousa hy a pera emendar eu o corregerei se me deus d'aqui tira. Olhade por estes mouros que nos querem ganhar a espanha de que di-

(1) *Mon. hist.,* Scriptores, p. 190.

zem que estam forçados e oie este dia a entendem de cobrar se nós nom formos vencedores. Poede em vossos corações de usardes do que usarom aquelles donde viides como nom percades vossas mulheres nem vossos filhos, e o em que ande viver aqueles que depois nós veerem, os que hy morrerem e viverem seeram salvos e nomeados pera sempre.—Os fidalgos portugueeses lhi responderom:—Senhor, os que aqui estam oie este dia vos farom vencer ou hy todos prenderemos morte.—El-Rei foy desto muy ledo.» (1) Seriam estas as tradições ou *estoreas*, que Fernão Lopes poz em *Caronica?* Assim, a Historia como fórma litteraria tem uma origem e desenvolvimento analogo ao da poesia.

c) **Chronica da Conquista do Algarve.**—A'cerca d'esta *Chronica* ou *Relação da Conquista do Algarve* pelo mestre de Sam Thiago D. Payo Peres Corrêa, escreve Frei Joaquim de Santo Agostinho: «Em Agosto do anno de 1788 descobri na Camara da cidade de Tavira, no reino do Algarve, uma pequena Chronica da conquista do mesmo reino, que julguei de algum interesse. Nos Tomos velhos da mesma Camara vem lançadas no I, que por sua muita antiguidade não tem principio nem fim, desde pag. 207 até 213, por treze laudas completas de fol. grande.» (2) A antiguidade d'esta Chronica é indubitavel emquanto ao espirito litterario, postoque a linguagem seja já reformada pelo copista do seculo XV; a copia que existe nos tomos reformados de 1733, leva-nos a inferir ter a *Chronica* soffrido essa renovação de linguagem pelo copista antigo e por isso menos reverente. Aquelle que escreveu essa *Chronica,* não estava tão remoto do successo, que ainda no seu tempo se não vissem as ossadas no sitio das Antas: «e quando chegou ás antas e vio os cavallei-

(1) *Ib.* p. 185.
(2) *Memorias de Litter. da Academia*, t. I.

ros mortos começou com os moros mui dura pelleya, e morreu tanta gente d'elles que *ainda hoje em dia jaz alli a ossada d'elles,* e desde que os venceo seguiu ho alcance fazendo grande estrago em elles...» (1) A tendencia para a fórma historica no ultimo quartel do seculo XIV, é um dos argumentos mais fortes para fixar a data d'esta composição, muito mais perfeita e narrativa do que a *Chronica breve,* que se achou entre as *Inquirições* de D. Affonso III.

f) **Traducções diversas.**—Frei Fortunato de Sam Boaventura, nos *Ineditos de Alcobaça,* dá-nos noticias de diversas obras traduzidas em lingua portugueza do seculo XIII para XIV, recolhendo outras sem comtudo seguir a ordem chronologica. O mais antigo documento que reproduz é a traducção da *Regra de Sam Bento,* do seculo XIII, que pertenceu ao Convento de Sam Paulo de Almaziva a par de Coimbra. Começa: «Filho, ascuyta os preceptos do meestre, e inclina a orelha de teu coraçom e recibe de boamente o amoestamento do padre piadoso, e afficadamente o comple, por que te tornes per trabalho de obediencia aaquel do qual te partiste per priguiça de desobediencia.» (2) Dá-nos tambem noticia da traducção do *Viridiario* de Sam Pedro Paschoal, com o titulo de *Vergeu de Consolação,* e reproduz uma *Historia do Antigo Testamento,* «que pelo menos em o seculo XIV foi trasladada do latim de Pedro chamado Comestor, e que sendo tecida pela maior parte das palavras formaes do texto sagrado e na parte da historia, que falta n'este, seguindo litteralmente a Flavio Josepho, deverá ser tida em tanto maior preço, quanto é certo que o traductor portuguez cortou absolutamente o que na obra de Pedro Comestor ou cheira demasiadamente

(1) *Mon. Hist.*, Scriptores, p. 418.
(2) *Ineditos,* t. I, p. 249.

a escholasticismo ou foi bebido em fontes menos puras e tradições fabulosas.» (1)

Na Bibliotheca dos Bispos de Lamego existia uma outra copia d'esta antiquissima traducção do *Velho Testamento*, a qual «pertencera a Francisco de Sá e Miranda.» (2) O valor litterario d'estas traducções da Biblia é immenso para o estudo comparativo das diversas phases da lingua portugueza. Com as traducções do seculo XIV, com a dos *Actos dos Apostolos* do seculo XV, com a do Padre João Ferreira de Almeida do seculo XVII, e do Padre Antonio Pereira do seculo XVIII, junto com a traducção no dialecto indo-portuguez fallado em Columbo, temos accentuadas todas as transformações successivas por que tem passado a lingua portugueza.

No *Codice* 251 da Livraria de Alcobaça existia uma traducção de 1399, feita por Frei Roque de Thomar, com o titulo: *Começa-se o pobre Livro das Confissões, dito assi porque he feito e compellido para os clerigos minguados de sciencias, e porque he assi, como mendigado e apanhado dos Livros de Direito e da Sagrada Theologia.*» O excesso das traducções no seculo XIV, e a actividade dispendida na apologetica religiosa não deixaram que a litteratura portugueza fizesse os progressos para os quaes não lhe faltavam condições vitaes. O grande phenomeno da civilisação moderna chamado a Renascença do seculo XIII ou a primeira *Renascença*, que Dante caracterisava com o verso *Dolce color d'oriental zaffiro*, em Portugal foi apenas um crepusculo; comprehendemos mal esse phenomeno: em vez dos escriptores da antiguidade classica fizeram-nos lêr Summas estereis de theologia; em vez do espirito idealista de Platão, que fez nascer a bella

(1) *Ib.*, t. I, p. 16. Publicadas no t. II e III.
(2) *Ib.*, t. II, p. VIII.

poesia italiana, agrilhoaram-nos á dialectica de Aristoteles sublimada por Avincena e pela tradição arabe; em vez dos planos de D. Affonso III, que dava Cartas de foral ás terras, seguiu-se o Direito romano e a superstição das Decretaes; a Arte gothica na architectura ainda não tinha podido penetrar por causa da immobilidade hieratica do estylo byzantino. Todas estas condições fizeram que a actividade litteraria do seculo XIII e XIV se reduza a muito pouco; era preciso que fossemos um tanto com a corrente da civilisação européa e que a comprehendessemos. Dom João I reconhecendo a independencia do *braço popular,* acceitando a soberania da eleição, abriu o caminho para uma era nova na civilisação portugueza.

SEGUNDA EPOCA

ESCHOLA HESPANHOLA

(SECULO XV)

CAPITULO IV

Estado da lingua portugueza e do meio litterario

Relação entre a lingua e a litteratura no seculo xv: Na litteratura dá-se uma completa separação entre o escriptor e o genio popular.—Na lingua dá-se um desenvolvimento erudito, que a afasta da actividade espontanea, que ella ia seguindo.—Explicação dos duplos ou fórmas divergentes resultantes conjunctamente da corrente popular e erudita. —Influencia dos traductores e latinistas sobre o vocabulario portuguez.—Como a linguagem popular se torna archaica. —Primeiro estudo da synonimia portugueza, por El-rei Dom Duarte. As suas regras de traducção, e applicação a um hymno do seculo x.—Influencia do meio litterario sobre a litteratura.—Quaes eram os livros mais lidos em Portugal no seculo xv.—Porque predominou entre nós a influencia hespanhola.

Relação entre a lingua e a litteratura no seculo XV

Apezar de se encontrarem n'este seculo os primeiros monumentos directos da poesia popular portugueza, é tambem n'elle que se torna mais manifesto o caracter particular da litteratura, creada e inteiramente separada das tradições e das necessidades moraes do povo portuguez. E' facto que existiam productos da invenção popular; mas isto torna mais palpavel a calculada separação da litteratura, que só procura desenvolver-se pela imitação de elementos eruditos. O

seculo xv foi a grande epoca da erudição; era uma moda que havia de fatalmente seduzir um povo recente, que procurava affirmar a sua civilisação mostrando que estava a par das correntes predominantes do gosto. Isto que vamos vêr desenvolvido mais amplamente no decurso da epoca denominada *Eschola hespanhola,* é o topico por onde melhor se conhece o estado da lingua portugueza. Como a litteratura, a lingua portugueza tambem recebeu um desenvolvimento erudito, que a modificou e lhe imprimiu uma fórma muito diversa da que teria, se os escriptores do seculo xv, em vez de augmentarem o vocabulario com as palavras que tiravam directamente do latim urbano, fossem obrigados a escrever para o povo e em linguagem que elle entendesse. Se a lingua portugueza seguisse a sua evolução natural, chegaria indubitavelmente a essa contracção das palavras, que tanto distingue a lingua franceza, que só no seculo xvi foi submettida á authoridade dos eruditos, quando já não podiam alterar a sua estructura, não obstante todas as innovações do vocabulario. A lingua portugueza, desde que começou a ser escripta, foi fixando as suas fórmas ao capricho dos traductores, e por isso as duas leis phoneticas, que predominaram constantemente na formação divergente das linguas romanicas, —o *desapparecimento das vogaes mudas* e a *queda das consoantes mediaes,*—pela fatalidade da natureza exerceram-se sempre na linguagem oral, mas foram modificadas na linguagem escripta. Sobre esse ponto escreve o auctor das *Questões da lingua portugueza:* «Em virtude da cultura litteraria, do estudo dos auctores latinos, tem passado para o portuguez um grande numero de palavras que, sendo tiradas immediatamente d'aquelles auctores, apenas se apresentam modificadas na terminação e mesmo só quando as analogias mais evidentes da lingua o exigem. *Essas fórmas*

não obedeceram por tanto ás leis da alteração phonetica, que presidiram á formação da lingua; todavia, por outro lado podiam as palavras originaes pertencer ao fundo da lingua e achar-se alteradas confórme áquellas leis; d'aí resulta que muitas se apresentam em portuguez com duas fórmas: uma popular, verdadeiramente portugueza, outra classica, erudita.» Em seguida extraíremos alguns dos seus exemplos :

FÓRMA POPULAR	FÓRMA ERUDITA	LATIM
Abrego	Africo	Africus.
Alhear	Alienar	Alienare.
Ancho	Amplo	Amplus.
Bésta	Balista	Balista.
Cabedal, Caudal	Capital	Capitalis.
Chão	Plano	Planus.
Cheio	Pleno	Plenus.
Chamma	Flamma	Flamma.
Delgado	Delicado	Delicatus.
Eira	Area	Area.
Insosso	Insulso	Insulsus.
Findo	Finito	Finitus.
Inteiro	Integro	Integrus.
Mister	Ministerio	Ministerium
Nedio	Nitido	Nitidus.
Palavra	Parabola	Parabola.
Quedo	Quieto	Quietus.
Ruido	Rugido	Rugitus.
Sello	Sigillo	Sigillum.
Tea,	Tela	Tela.
Velar	Vigilar	Vigilare. (1)

As fórmas populares só foram introduzidas na lin-

(1) Coelho, *Questões da lingua portugueza*, p. 99.

guagem escripta accidentalmente, como por vicio do escriptor; as fórmas eruditas introduzidas com pertenção culta, tornaram a lingua litteraria convencional, a que ainda no seculo XV Dom Duarte chamava lingua *ladina* e *ladinha;* lingua que se tornou de uso entre as classes illustradas, a ponto de, mesmo no seculo XV, se julgar a linguagem propriamente vulgar de tal modo archaica, que foi preciso traduzil-a para a linguagem corrente, como se deu na reforma dos *Foraes* tentada já no tempo de Dom João II. Ainda hoje se se escrevesse o portuguez tal como é pronunciado pelo povo, conhecer-se-hia a distancia que o separa da fórma escripta. No reinado de Dom João I continuou mais calorosamente o enthusiasmo das traducções latinas; era esta uma das causas do caracter erudito que ía recebendo a lingua portugueza; vêmos isto mesmo nas outras linguas romanicas. Pedro de Bercheure, traduzindo Tito Livio introduz nas linguas modernas as palavras *Cohorte, Colonia, Magistrado, Tribuno do povo, Fastos, Facção, Transfuga, Senado, Triumpho, Auspicio, Auguro, Inauguração;* Oresme, traduzindo Aristoteles, introduz os novos vocabulos, *Monarchia, Tyrannia, Democracia, Aristocracia, Oligarchia, Despota, Demagogia, Sedição, Insurreição.* Tambem o Infante Dom Pedro, ao fazer uma compilação dos sete livros de Seneca, usa d'esta mesma liberdade desculpando-se: «E os que menos letrados forem do que eu som, nem se anojem d'algumas *palavras latinadas* e termos scuros, que em taes obras se nam podem escusar.» (1) N'esta introducção constante de palavras novas acontecia muitas vezes que o vocabulo innovado se encontrava com outro derivado da mesma origem latina mas pelos processos naturaes da degeneração phonetica, como em *testemoya* e *testemunha* (de *testimo-*

(1) Ms. da *Virtuosa Bemfeituria*, liv. I, cap. 2.

nia); d'aqui resultava «em geral differença de significação entre os dois termos,» (1) e ao mesmo tempo as primeiras observações para formar a synonimia e constituir a disciplina grammatical. Diz o Infante Dom Pedro, no livro da *Virtuosa Bemfeituria:* «A taes prazeres como estes chamam-se em latim specialmente *Jocunditates.* E nós, por não termos em nossa linguagem vocabulo apropriado, podemol-os chamar Sobreavondante e extremada alegria.» No *Leal Conselheiro* de el rei Dom Duarte, abundam os documentos d'esta revolução erudita por que passava a lingua portugueza: «Da *yra,* seu proprio nome em nossa linguagem he sanha...» (2) «do *odio,* ou segundo nossa linguagem *malquerença...»* (3) Sobre tudo o cap. XXV d'esta notavel encyclopedia portugueza da edade media apresenta já uma especulação philosophica, sobre a synonimia da lingua: «Antre *nojo,* e *tristeza* eu faço tal deferença; porque a *tristeza,* por qualquer parte que venha, assy embarga sempre contynuadamente o coraçom, que non dá spaço de poder em al bem pensar nem folgar; e o *nojo* he a tempos, assy como se vee na morte d'alguns parentes e amygos, onde aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentymento he muyto ryjo; porém taaes hi ha que passado o dia logo riim, fallam e despachadamente no que lhes praz pensam. E a *tristeza* nom consente fazer assy, por que he hũa door, e contynuado gastamento como apertamento do coraçom; e o *nojo* nom contynuadamente, salvo se tanto se acrecenta que derriba em *tristeza.*

«E tal deferença se faz antre *nojo* e o *pezar;* porque o *nojo* no spaço que o sentem faz em aquel que o

(1) *Questões da lingua portugueza,* loc. cit.
(2) *Leal cons.,* p. 96.
(3) *Ibid.,* 103.

ha grande alteração, mostrando manyfestos sygnaes em chorar, sospirar, e outras mudanças de contenença, o que nom mostra o *pesar* sollamente, ca bem veemos que das mortes d'alguns nos pesa muyto, e nom nos derriba tanto que façamos o que o nosso nos constrange fazer, e menos caymos em *tristeza,* nem d'elles avemos sanha, mas propriamente sentymos no coraçom hum *pesar* com assas de sentido... O *desprazer* he ja menos, porque toda cousa que se faz, de que nos nom praz, podemos dizer com verdade que nos despraz d'ella, aynda que seja tam ligeira que pouco sintamos.—E o *avorrecimento* avemos de algumas pessoas que desamamos, ou de que avemos enveja, posto que seja em nossa secreta camara do coraçom, e dos desagraciados, enxabiidos ou sensabores, e aquesto do que fazem que a nós nom perteeça nem nos torve; ... E a *suydade* nom descende de cada hua d'estas partes, mas he hun sentido do coraçom que vem de sensualidade e nom de razom, e faz sentir aas vezes os sentidos da *tristeza* e do *nojo;* etc.» (1) A revolução erudita dava-se assim tambem na parte morphologica da lingua, porque é a datar do seculo XV que tomamos directamente o suffixo *issimus,* para formarmos os superlativos simples, que até então eram feitos com o adverbio *muito.* No *Leal Conselheiro* se encontra a introducção d'esse superlativo litterario: «porque nos Senhores esta virtude antre todas muyto recebe grande louvor, onde por special d'ella som chamados *illustrissimos* e *serenissimos,* mostrando que som assy claros em verdade...» (2) E' d'esta mesma epoca o documento sobre Behetrias, onde se lê: «Conde de Barcellos, filho do muito virtuoso e *vitorissimo* rey Dom Joham.» (3)

(1) *Leal Conselheiro*, cap. XXV, p. 149.
(2) *Ibid.*, p. 213.
(3) Apud *Mem. de litt. port.*, t. I, p. 182.

Nas Côrtes de Evora, de 1481, apparecem os seguintes superlativos simples: *santissima, Christianissimo, grandissimo.* A natureza d'estes ultimos documentos nos revela que pelo seu lado tambem os jurisconsultos nas suas traducções das leis romanas imprimiram á lingua esse cunho artificial, aproximando o portuguez tanto do latim, quanto Ronsard pretendia confundir o grego com o francez. D'esta revolução repentina resultou o ser a linguagem do seculo XIV já archaica e inintelligivel passados cem annos. (1)

Por isso em 1492, Garci Ordoñes de Montalbo justificava a sua refundição do *Amadis de Gaula,* dizendo: «é corregiole de *los antiguos originales, que estaban corruptos é compuestos en antiguo estilo,* por falta de los differentes escriptores; *quitando muchas palabras* superfluas, *é poniendo otras de mas polido y elegante estilo...»* Esta revolução não se deu na lingua hespanhola, que ainda hoje está mais antiquada do que o portuguez. Os philologos do seculo XVI reconheceram este extraordinario phenomeno, como Duarte Nunes de Leão: «Do tempo da rainha D. Philippa e de seus filhos para cá, houve em Portugal na policia e tratamento das pessoas reaes muita differença e bons estylos *e muita differença na linguagem e nos conceitos.»* (2) E Frei Manoel do Sepulchro tambem assignala o mesmo facto; «E não ha duvida, que maior mudança fez a lingua portugueza nos primeiros vinte annos do reinado de D. Manoel: como o vêmos pelos escriptos em verso e prosa de uns e outros tempos.» (3) De facto já

(1) João Pedro Ribeiro tinha já notado estes neoterismos do seculo XV: «E que não fez o aliás erudito Frei João Alves, secretario do Infante D. Fernando, e depois abbade do Paço de Sousa? Parece quiz trasladar todas as palavras latinas para o nosso idioma.» *Reflex. philologicas,* N.º 4, p. 12.

(2) *Chr. de D. João I,* cap. 86.

(3) *Refeição Espiritual.,* § 2, n.º 3.

*

em 1495 a traducção da *Vita Christi,* mandada fazer pela rainha D. Izabel, estava antiquada na linguagem, como o declara Frei André, que a reviu. Dom Manoel, por Carta Regia de 22 de Novembro de 1497, mandou «... veer... *e declarar os Foraes todos d'estes nossos Regnos... e tornal-os a tal forma e estilo que se possam bem entender...»* E no *Foral de Lisboa,* de 1550, se repete: «a variedade das moedas, o diverso valor, lingua latina e linguagem antiga e desacostumada, deu motivo a El-Rei Dom Manoel mandasse fazer todos os *Foraes* do Reino...» Aqui se vê por todos os lados reconhecida a revolução erudita e artificial que a lingua portugueza fizera; a lingua vulgar é que era archaica. El-rei Dom Duarte, dedicando-se aos estudos litterarios tinha o exemplo de grande parte dos reis da Europa, e segundo a tradição latina, via Salomão e Cesar, que honraram o sceptro e o cálamo; em casa, Dom Diniz, Affonso Sanches, seu pae Dom João I, e seu irmão Dom Pedro, Duque de Coimbra, dedicavam-se com esmero ao estudo das boas lettras. Dom Duarte confessa o motivo da sua determinação: «E semelhante o muy excellente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deus aja, fez hun liuro das *Horas de Sancta Maria,* e salmos certos pera os finados, e outro de *Montaria;* e o Iffante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmão, de cujos feitos e vyda som contente, compoz o liuro da *virtuosa bemfeituria,* e as *horas da confissom;* e aquel honrado Rey Dom Affonso estrollogo, quantas multidões fez de leituras? E assy Rey Sallamom, e outros na ley antiga, e doutras creenças, seendo em real estado, filharom desejo e folgança em screver seus liuros do que lhes prouve, os quaaes me dam para semelhante fazer nom pequena autoridade.» (1) No livro da *Ensinança de*

(1) *Leal Conselheiro*, cap. XXVII, p. 169.

bem cavalgar, confessa que escreve o seu tratado a exemplo de Julio Cesar, que no desenfado dos negocios graves se distrahia escrevendo: «E sentyndo esto o vallente emperador Jullyo Cesar, por guardar e reter seu cuydado, por muyto que ouvesse de fazer, sempre quando avya spaço, seguya o estudo, e alguas obras de novo screvya. E veendo que meu coraçom nom pode sempre cuydar no que, segundo meu estado, seria melhor e mais proveitoso; alguns dias por andar a monte, caça e camynhos, ou desembargadores nom chegarem a mym tam cedo, estou como ocioso, ainda que o corpo trabalhe por nom filhar em tal tempo algun cuidado que empeecymento me possa trazer, e por tirar outros do que me nom praz, achey por boo e proveytoso remedio alguas vezes pensar, e de mynha maão screver em esto por requirymento da vontade, e folgança que em ello sento, ca doutra guysa nunca o faria, porque bem sey quanto pera mym presta fazello ou leixallo de fazer.» (1) Levado por estas imitações classicas, Dom Duarte seguia escrupulosamente a tradição latina, como a vereda da boa cultura. Aconteceu como acontece com toda a manifestação da auctoridade, o exclusivismo; assim como o papado formulou—fóra da egreja não ha salvação, tambem as academias e as côrtes dos principes illustrados proclamaram: fóra do latim não ha sabedoria; e a intelligencia teve de permanecer esterilisada durante o dominio d'este longo duumvirato, que entre si travou uma alliança doutrinal e prepotente.

Os processos que assim actuaram sobre esta degeneração da lingua portugueza, reduzem-se a dois, a innovação dos traductores e a influencia do meio litterario em que os escriptores viviam e pensavam. O bom

(1) *Ib.*, Prologo, p. 498

saber consistia na arte de bem traduzir, que então se usava de uma maneira paraphrastica. Dom Duarte expõe as regras «*Da maneyra para bem tornar alguma leitura em nossa linguagem:* Primeiro, conhecer bem a sentença do que a tomar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem minguando alguma cousa do que está escripto. O segundo, que nom ponha palavras *latinadas,* nem d'outra linguagem, mas todo seja em nossa linguagem scripta, mais achegadamente ao geeral boo costume de nosso fallar que se poder fazer. O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondente ao latim, nom mudando umas por outras, assy onde desser per latim *scorregar,* nom ponha *afastar,* e assy em outra semelhante, entendendo que tanto monta uma como outra, porque grande deferença faz para se bem entender serem estas palavras propriamente escriptas. O quarto, que nom ponha palavras, que segundo o nosso costume de fallar sejam havidas por deshonestas. O quinto, que se guarde aquella ordem que egualmente deve guardar em qualquer outra cousa que se escrever deva, scilicet, que escrevam cousas de boa sustancia claramente para se bem poder entender, e fremoso o mais que elle poder, e curtamente quando for necessario, e pera este aproveita muito paragraphar, e pautar bem. Se um rasoar tornando do latim em linguagem, e outro escrever, achará melhoria de todo juntamente per hum só feito.» O erudito monarcha applica em seguida estas regras, traduzindo para verso portuguez um hymno latino do seculo X, a pedido de sua mulher Dona Leonor:. «E porque per vosso requerimento tornei em linguagem simpresmente rimada de seis pés de um consoante a Oraçom do *Justo Juiz Jesus Christo,* vol-a fiz aqui screver, a qual pera fazer consoar nom pude compridamente dar sua lin-

guagem, nem a fiz em outra melhor forma por concordar com a maneira e tençom que era feita em latim.» (1) Os versos portuguezes são os unicos que restam de el-rei Dom Duarte, porque se perdeu o livro (n.º 76 do Catalogo dos livros de uso) intitulado *Livro das Trovas de El-Rei;* o original latino só foi achado em 1873. Aproximemol-os:

Juste judex Jesu Christe, regum rex et domine,
Qui cum patre regnas semper, et cum sancto flammine
Te digneris preces meas clementer suscipere.

Justo Juyz Jhesu Xpisto,
Rey do rex e boo Senhor,
Que com Padre regnas sempre,
Hu he dambos hun amor;
Praza-te de me ouvir
Pois me sento peccador.

Qui de coelis descendisti Virginis in uterum,
Inde summens veram carnem visitasti saeculum,
Tum plasma redimendo sanguinem per proprium, etc.

Tu que do ceeo descendiste
En o ventre virginal,
Hu tomando logo carne
Livraste o segre de mal,
Por teu sangue precioso
De perdiçom eternal. etc. (2)

O furor das traducções applicou-se á poesia; d'este periodo do seculo XV são as traducções poeticas das horas do officio divino pelo Dr. Frei João Claro, e as

(1) *Leal Conselheiro*, p. 476.
(2) Seguem-se mais dez strophes.

traducções de Ovidio por João Rodrigues de Lucena e João Rodrigues de Sá, já recolhidas no *Cancioneiro geral*. O meio litterario, isto é, a communicação com as creações poeticas da edade media, á medida que nos tirava a nossa feição nacional, obrigava os eruditos a acostarem-se cada vez mais á auctoridade latina. O *Catalogo dos Livros de uso* de el-rei Dom Duarte, o *Testamento* do Infante Santo, e o do Doutor Mangancha, enumerando os livros mais estimados e lidos, definem-nos qual era o meio litterario que actuava sobre nós. Na Bibliotheca de Dom Duarte guardava-se a *Dialectica* de Aristoteles, um Valerio Maximo, Seneca commentado, Marco Tullio, Vegecio, Julio Cesar; as obras dos Santos Padres e os moralistas ecclesiasticos occupam a parte fundamental da sua bibliotheca. Mas a parte verdadeiramente importante são os poemas e historias da edade media, como o *Livro de Tristão;* apparece aí o *Amante,* traduzido do original inglez de João Gower por um conego de Lisboa, Roberto Payno, livro que hoje se guarda na Bibliotheca do Escurial; (1) *Merli,* era um outro poema do cyclo da Tavola Redonda; (2) e o *Livro de Galaaz,* tambem lido e imitado pelo Condestavel, como se vê pelo principio da sua Chronica anonyma. No livro da *Côrte Imperial,* especie de dialogo allegorico, que se attribue a Dom João I, cita-se ali com auctoridade scientifica o poema *De Vetula,* que anda em francez escripto por Richard de Fournival. No Capitulo XII da *Côrte Imperial,* que se guarda na Bibliotheca do Porto, se lê: «bem sabedes que hun grande poeta muy genhoso e

(1) Amador de los Rios, *Hist. de la Litt. esp.*, t. VI, p. 46.

(2) Na Bibliotheca de Vienna existe um Ms. portuguez *Demanda do Santo Greal,* do qual por ventura formavam parte o *Livro de Tristão* e *Merli.* E' o Ms. 2594. D. João I, no cêrco de Coria comparava os seus cavalleiros aos da Tavola Redonda, como se vê em Fernão Lopes.

muy sotil antre os outros poetas foy o que ouve nome *Ovidio Naso,* e foi gintil. E este fez muitos livros, o qual antes da sua morte compoz hun livro que chama *Ouvidio da velha,* e este livro foi achado em no muymento...» O livro intitulado *Orto do Sposo,* (n.º 56) até hoje desconhecido, era traduzido de um original latino *Hortus Sponsi,* pergaminho in-4.º que se guardava na Livraria de Alcobaça. (1) O poema de Benoit de Sainte More, *Historia de Troya, per araguez,* era a traducção de Jacques Coresa, por ventura trazida para Portugal pelo casamento de el-rei Dom Duarte. Da litteratura hespanhola começava então a influencia que predominou absolutamente no *Cancioneiro geral;* taes eram o *Livro da Cetraria,* por castellão, o *Livro da Lepra;* o *Livro do Conde de Lucanor,* de Dom João Manoel, contos no gosto oriental, tirados em parte da *Disciplina clericalis,* de Petrus Alfonsus; (2) a *Gram Conquista de Ultramar;* o Livro das Trovas d'El-rei Dom Affonso; as poesias do *Arcipreste de Fysa* ou *Hita; Livro de Monteria,* o *Livro da Primeira Partida,* etc. Por esta simples enumeração se vê que no seculo XV predominaram em Portugal as seguintes correntes litterarias: a monomania da erudição latina, resultante da má comprehensão da primeira Renascença; o gosto pelas epopêas medievaes, communicado pela tradição ingleza, trazida pela vinda da rainha D. Philippa, filha do Duque de Lencastre; e por ultimo a admiração pela poesia hespanhola, que progredira immensamente com a imitação da nova poesia italiana de Dante e Petrarcha. O fervor pelas epopêas da edade media chegou a penetrar nas rela-

(1) N.º 274 da Livraria de Alcobaça, junto com o livro *De Institutione Coenobium*, de S. João Cassiano.

(2) No Cod. 241, da Bibl. de Alcobaça, ms. do seculo XIII, vem o *Dialogum Petri Alphonsi*, etc.

ções civis da aristocracia, aonde vêmos usados os nomes de *Yseu, Briolanja, Genebra, Viviana, Oriana,* bem como de *Tristão, Lançarote, Lisuarte, Arthur* e *Persival.* Emquanto a Europa creava as suas novas instituições sociaes sobre a independencia da burguezia, a aristocracia portugueza e a litteratura, separadas do povo, procuravam os seus interesses e a sua inspiração fóra da realidade da vida.

CAPITULO V

Existencia de um elemento popular para a litteratura do seculo XV

Contradicção entre o elemento popular e os eruditos.—Cantos satyricos do povo na revolução de Lisboa, e na tomada de Portel, Padeira de Aljubarrota, e Condestavel.—A poesia culta desconhece o espirito nacional e imita os poetas castelhanos.—Formação dos Romances no seculo xv.—Desdem dos eruditos contra os cantares denominados de romance. Opinião do Marquez de Santillana.—Como o povo denominava os seus cantos, ou *Aravias*. Conclusões ethnologicas tiradas d'este nome.—O verso de redondilha menor e o septisyllabo.—Prohibição dos cantos populares.—Cantos do povo sobre successos do seculo xv; o *Conde Pedro Ninho* e o *Casamento mallogrado.*— Estado de tradição nos tres centros ethnologicos da Beira baixa, Algarve, e Ilhas da Madeira e Açores.

Contradicção entre o genio popular e os eruditos

O quadro que acabamos de esboçar do desenvolvimento da lingua e da litteratura no seculo xv, mostra-nos que a exclusiva auctoridade dos eruditos devia afastar a lingua e a litteratura o mais possivel da sua origem popular. Se o plano politico de Dom João I foi elevar essa numerosa camada social á altura de terceiro estado, plano continuado tambem por Dom João II, não aconteceu assim no campo intellectual, aonde o povo não teve existencia moral, nem tampouco se pensou nem escreveu para elle. Todas as vezes que uma litteratura, á maneira de uma planta, não alimenta as suas raizes n'este humus forte chamado a tradição nacional, cresce, mas de uma maneira doentia; como o ramo estiolado que procura a luz, ella procura a corrente de gosto que lhe sirva de modello para imitação. Não é o povo que cria as

litteraturas, mas é elle que conserva as tradições e as repete. Por ventura, seria completa a separação entre os escriptores e o povo portuguez, o resultado d'este ultimo não ter vida moral, não ter cantos, nem festas, nem costumes proprios? Não. Apesar de terem sido sempre desprezados os seus cantos, alguns d'elles ainda persistiram bastante para chegarem até hoje. Fixemos a existencia de um elemento popular, e vejamos depois se era possivel uma conciliação e harmonia com a erudição e imitações litterarias dos escriptores.

Um dos cantos populares portuguezes mais antigos era uma Canção satyrica allusiva aos amores de el-rei Dom Fernando I, com a mulher de João Lourenço da Cunha: *«é por esto se levantó la cancion, que dice:*

Ay donas! porque tristura?» (1)

Fernão Lopes, tambem no meio da sua ingenua narrativa traz uma Cantiga satyrica que o povo cantava depois do assassinato do Conde Andeiro, quando Lisboa era o centro da revolução feita pelo mestre de Aviz:

Esta es Lisboa prezada,
Miralda y leixalda!

Si quisierdes carnero,
Qual dieran al Andero;
Si quisierdes cabrito,
Qual dieran al Arçobispo. (2)

Na *Chronica do Condestavel,* ao descrever-se a tomada do Castello Portel, que se não queria render ao

(1) Llaguna y Amirola, *Compendio historial*, ap. Rios, *Hist. crit.*, t. VII, p. 437, not. 2.
(2) Fernão Lopes, *Chr.*, t. I, p. 205.

Mestre de Aviz, vem intercalada essa outra Cantiga satyrica:

Pois Mariana balhou,
Tome o que ganou.

Milhor era Portel
Velha ruiva, p... velha;
Que nom çaffra e segura,
Tome o que ganou. (1)

Depois da batalha de Aljubarrota, o povo continuou a dar aos seus cantos esse caracter satyrico; em um velho romance hespanhol, em que figura um namorado portuguez cantando debaixo da janella da sua dama, vem este *Cantarcillo* da Padeira de Aljubarrota:

Pois que Madanella
Remediou meu mal,
Viva Portugal
E morra Castella.
Seja amor testigo
De tamanho bem;
Não chegue ninguem
A zombar commigo.
Que a espada é rodella,
A Forneira sal; *(sae)*
Viva Portugal,
E morra Castella. (2)

Na *Chronica dos Carmelitas,* pelo Padre José Pereira de Santa Anna, vem diversas cantigas do povo, recolhidas dos *Manuscriptos* de Gomes Eannes de Azurara, com que a memoria do Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira era perpetuada na tradição nacional. O povo cantava á porta do mosteiro aonde o Conde-

(1) *Chr. do Cond.*, cap. 37.
(2) *Romancero general*: Un gallardo portugues.

stavel se recolhera da vida das armas á vida da penitencia:

O santo Condestabre
En o seu Mosteiro
Dá-nos sua sopa.
Mail-a sua roupa,
Mail-o seu dinheiro, etc.

E pela Paschoa florida as mulheres de Lisboa cantavam varias Seguidilhas sobre a sepultura do Condestavel, taes como:

No me lo digades, none,
Que Santo es el Conde.

O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeo Portugale
Com sua bandeira
E com seu pendone. etc.

Os moradores do Restello vinham tambem á sepultura do Condestavel pela segunda oitava do Espirito Santo, e cantavam:

Santo Condestabre,
Bone portugués.
Conde d'Arrayolos,
De Barcellos, d'Orem.
Na campanha sondes
Alem duma bez, etc.

E os moradores de Sacavem, no anniversario do Condestavel, cantavam tambem em volta da sua sepultura:

Do Restello a Sacavem,
Nem ningola, nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre,

Que le prouge, e que lo praze
Ho fazer-nos tanto bem, etc. (1)

Comparado o espirito satyrico, revolucionario e nacional d'estes cantos do povo com as trovas dos Cancioneiros palacianos, vê-se que as duas indoles diversas se devem repellir; os poetas aulicos escreviam em hespanhol, citavam como seus modellos João de Mena, Stuñyga, Aguillar, Garci Sanches; celebravam os monarchas hespanhoes, como Fernando e Izabel, e além d'isso procuravam as mais requintadas allegorias para exprimirem os seus sentimentos, e a fórma a mais difficil, como os versos *aliterados*. Do seculo XV ainda nos resta o vestigio de um outro canto popular, citado no cêrco de Tanger, em 1460, de que Azurara traz os primeiros versos, e que se póde completar pela tradição actual:

« Ó noite má
P'ra quem te apparelhas?
— Pr'os pobres soldados
E pastores de ovelhas.

«E os homens do mar
Aonde os deixas?
— Esses ficam mettidos
Até ás orelhas.

A melancholia dos Cancioneiros tinha outro caracter; era mais pessoal, a ponto de ser uma confidencia que servia de motivo para se discretear nos serões da côrte. De todos estes factos conclue-se, que a litteratura do seculo XV tinha um elemento popular bastante vasto e nacional, de que se poderia aproveitar se o comprehendesse. Mas um dos principaes es-

(1) Todas estas cantigas se acham recolhidas no *Cancioneiro popular*, p. 9-13.

criptores do seculo XV, que bastante influencia exerceu nas litteraturas da Peninsula, o Marquez de Santillana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal, dizia, classificando os varios generos ou gráos da poesia: «*Infimos* são aquelles, que sem nenhuma ordem, regra, nem conta fazem *estes Romances, e cantares de que a gente baixa e de servil condição se alegra.*» Na erudição predomina a auctoridade, e desde que esta auctoridade do Marquez de Santillana se propagou, estava para muitos seculos estabellecida a scisão entre o genio popular e a litteratura portugueza.

Formação dos Romances no seculo XV

Quando Affonso o Sabio escreveu a *Chronica geral de Hespanha,* no seculo XIII, já buscou muitas das suas narrativas em cantos populares. Mas é certo que o maior desenvolvimento do Romanceiro hespanhol deu-se no seculo XV, talvez por que começaram os romances a ser recolhidos e impressos. Em Portugal existe apenas a chamada *Canção do Figueiral,* que é anterior ao seculo XV; mas póde-se avançar que n'este seculo estavam os romances populares no seu pleno fervor de elaboração e interesse, como se póde conhecer pelas riquezas tradicionaes das colonias insulanas da Madeira e dos Açôres. Muitos d'esses romances eram velhas tradições cuja fórma se conservou renovando-se com sentido novo, como o romance de *Tristão* apropriado para a historia veridica dos amores de D. Pedro Ninho com a princeza D. Beatriz; outros são provocados pelos interesses e emoções do tempo, como o desastre da morte do principe D. Affonso em 1491, no romance intitulado *Casamento mallogrado.* Nos romances portuguezes notam-se duas fórmas particulares de verso, o de redondilha menor ou

de cinco syllabas e o de redondilha maior ou de sete syllabas metricas.

Até ao seculo XV prevaleceu a redondilha menor nos cantos populares, talvez por influencia do alexandrino dos cantos jogralescos; na tradição oral são muito raros os cantos em redondilha menor, como a *Santa Iria*, o *Cego*, a *Pastorinha*, o *Hortelão das flores*, a *Confissão do Pastor* e a *Xacara do Galante*; tanto a sua raridade como os paradigmas fundamentam esta antiguidade. Dá-se no seculo XV a substituição da redondilha menor pelo verso de sete syllabas, que hoje se tornou exclusivo da cantiga e do romance. Qual a causa d'este phenomeno? A contar do seculo XV os romances deixaram de ser cantados e foram *resados*; o verso de sete syllabas é harmonioso mesmo *recitado*. Mas de repente os cantos do povo foram prohibidos na liturgia; Dom Duarte falla na prohibição de cantar cantigas *sagraes*; os eruditos não as queriam ouvir porque as achavam despreziveis. O povo repete os seus cantos, porque não tem outra cousa que lhe encha o seu vacuo moral, mas não se atreve a mais do que a dizel-os em voz baixa, a *resal-os*. Gil Vicente falla d'esta revolução dos costumes:

> Em Portugal vi eu já
> Em cada casa pandeiro,
> E gaita em cada palheiro,
> E de vinte annos a cá
> Não vi gaita, nem gaiteiro, etc.

N'estas condições os romances do povo tiveram uma vida menos exterior, mas mais intensa, a ponto de se irem esquecendo no silencio.

Os cantos populares apparecem-nos designados por duas maneiras, uma creada pelos eruditos, e outra achada pelo proprio povo; n'estas duas designações acha-se a ideia que cada qual formava do seu valor e

da sua origem. Os eruditos chamavam-lhes *Romance,* porque romance se denominava a linguagem vulgar; e como esses cantos eram compostos *si regla ni cuento,* como dizia o Marquez de Santillana, d'ahi vinha o equiparal-os á linguagem vulgar livre de todo o artificio. Bem se vê que este nome era dado por desprezo e como protesto, para não reconhecer esses cantos como poesia; o erudito só julgava poesia as difficuldades da metrificação e da rima; e o verso octosyllabo, que é natural e fallado, apenas assonantado em uma mesma vogal accentuada, não podia parecer aos poetas palacianos senão um vernaculo rasteiro. Até ao seculo XV o uso principal da palavra *Romance* tinha sido para significar a lingua vulgar. O nome que o povo dava aos seus cantos era o de *Aravia;* esta designação é ainda corrente nas ilhas dos Açores, signal de que era commum á tradição continental; está hoje perdida em Portugal e em Hespanha. Comtudo, nas colonias do Mexico ainda se encontra o nome de *Yaravi,* dado a cantos heroicos, septisyllabos, assonantados. Derivar-se-ha o *Yaravi* dos colonos hespanhoes, da mesma forma que nas colonias insulanas dos portuguezes do seculo XV? A connexão historica affirma-nos positivamente que sim. O missionario Acosta, na *Historia natural da India,* falando do gosto dos mexicanos pela poesia, e da vantagem que se tirava d'isto para a catechese, diz: «*Tambien han puesto en su lengua composiciones y tonadas nuestras, como* de octavas e canciones, *de Romances de redondilhas;* y es maravilha cuán bien las toman los indios, y cuanto gustan.» (1) Ora os romances de redondilhas é que são propriamente a *Aravia;* no onomastico local de Hespanha tambem se encontra um sitio chamado *Araviana.* Esta designação tem uma grande importan-

(1) *Op. cit.,* p. 447.

cia ethnologica; são numerosos os documentos em que usamos a palavra *Aravia* significando uma linguagem plebêa, giria e canto. Sabe-se que os cantos arabes e a dansa eram só permittidos ao baixo povo; sabe da persistencia d'esses cantos ou tonadilhas, pelo Arcipreste de Hita, que allude aos cantares de *Cagil hallaco*, e de Gil Vicente, que allude ao *Calbi orabin;* ora os romances tradicionaes, creados entre o baixo povo formado na totalidade de Mosarabes, conservaram-se emquanto se amparavam com tonadilhas ou cantos, que são como a sua mnemonica. A prova é, que desde que os romances se tornaram resados, mais facilmente se esqueceram; e quem tem colligido romances da boca do povo hade ter notado que muita gente os não póde dizer sem cantar. O povo, que viveu em contacto com os arabes, que apropriou a musica aos romances, e os conservou por essa causa, chamou-lhes por isso *Aravias*. O titulo de *Aravia* não quer dizer, como se tem querido entender, que os *romances* são de origem arabe; quer dizer, que a classe Mosarabe transmittiu as suas tradições, acceitando da coexistencia com os Arabes a sua musica simplesmente. Os romances populares portuguezes estão cheios de vestigios mythicos, como o reconhecimento pelo *anel*, na *Bella Infanta;* o *accordar o marido,* como no *Dom Garfos;* o *lançar ao mar,* como na *D. Maria;* as *arvores nascidas na sepultura,* como no *Conde Niño;* o *cavallo que falla,* como no *Passo de Roncesval*. Todos estes mythos, como se póde ver em Gubernatis, provém da grande tradição indo-germanica, restos das primitivas crenças pre-védicas. Além d'isso, nos Romances apparecem muitos symbolos analogos aos que se encontram nos Foraes, o que denota pertencerem esses cantos a essa classe que redigiu o seu direito consuetudinario; e esses symbolos são eguaes aos dos costumes germanicos, o que leva a concluir

*

que os Romances pertencem á classe Mosarabe. Isto mesmo se verifica na sua distribuição ethnologica nas tres zonas tradicionaes da Beira baixa, Algarve e Ilhas da Madeira e Açores. A Beira, como prova Herculano, é o centro das povoações mosarabes, e Garrett reconheceu sempre mais pura e completa a tradição oral ali; o Algarve, povoado de Arabes tolerados ou *mudejares,* não tem tido vida economica, e por isso os seus cantos apesar de antigos apparecem interpollados. Era do Algarve a mulher que no seculo XVI cantára a Miguel Leitão o Canto do *Figueiral,* que ainda hoje ali se repete transformado em redondilha maior. Na tradição insulana, de uma riqueza incalculavel, apparecem os velhos symbolos, taes como se encontram nos Foraes, sem comtudo ter existido ali o regimen consuetudinario foraleiro; é nos cantos insulanos que se encontram variantes diversas de um romance cantado á morte do principe D. Affonso, filho de D. João II. Os poetas do *Cancioneiro geral* celebraram este desastre, mas pelas suas numerosas coplas não se sabe que o povo tivesse vida moral. Apenas se cita um ou dois versos de romance como proverbio, e mais nada. O antagonismo e desprezo dos eruditos chegou no fim do seculo XV a ser causa d'uma ignorancia completa do genio popular.

CAPITULO VI

O Cancioneiro geral e suas origens — Poesia na côrte de Dom Affonso V e D. João II

Causas do desenvolvimento da poesia palaciana; transformações sociaes que actuaram sobre esse novo ideal.— Os Cancioneiros de mão anteriores a Garcia de Resende.— O Cancioneiro de D. Duarte.—Cancioneiro do Conde de Marialva: critica d'essas cinco reliquias da poesia portugueza, *Perda de Hespanha*, *Cartas de Egas Moniz*, *Figueiral* e *Canção de Traga-Mouros*.— Formação do Cancioneiro geral, de Garcia de Resende.—Sua posição excepcional na côrte.—Relações do *Cancioneiro geral* com a vida historica no seculo xv.— O Cancioneiro considerado como obra litteraria.—Fórmas que contém.—Caracteristicos da poesia palaciana.

Causas do desenvolvimento da poesia palaciana

Nenhum facto litterario póde ser comprehendido por si, se o destacarmos do meio em que elle se produziu; o meio de toda a concepção litteraria é sempre a sociedade, cujas aspirações a litteratura exprime. Assim como se não comprehende a poesia provençal separada das suas origens populares, do successo das Cruzadas, e da creação do terceiro estado, assim tambem o desenvolvimento da poesia palaciana seria absurdo, se a creação definitiva do poder monarchico não reduzisse a aristocracia a uma posição secundaria e parasita. Depois de atacada a nobreza na independencia do seu fôro, primeiro pela creação dos *Livros de Linhagens*, e em seguida pela adopção de um *Codigo* geral e commum; atacada na sua parte vital, a propriedade, pela Revogabilidade das doações regias ou pela necessidade das Confirmações geraes, ou por meio d'essa outra ficção romana, a Emphytheose; reduzida á inactividade por ter acabado a reconquista so-

bre o poder mussulmano; e privada de vontade individual, porque a sua justiça arbitraria tomára um caracter abstracto na creação do Ministerio publico, n'estas condições em que se occuparia a nobreza? Acercou-se do rei, fez-se palaciana, inventou festas cavalheirescas, divisas, brazões, e para encher o longo vazio dos serões do paço fez-se tambem poeta. O Coudel-Mór dando instrucções a seu sobrinho para *tratar o paço,* recommenda-lhe:

> *Apupar* alto lhe rima...
> E é bom ser *rifador*...

O mesmo phenomeno se repetia em Hespanha, porque aí se estava passando a mesma revolução social; em volta de D. João II de Castella agrupam-se o Marquez de Vilhena, o Marquez de Santillana, João de Mena, Stúñyga, da mesma fórma que em volta de Dom Affonso V se agrupam o Coudel-Mór, Fernão da Silveira, o Conde de Marialva, Alvaro de Brito Pestana e Dom João de Menezes. Separados do povo politica e moralmente, aonde iriam estes fidalgos procurar as suas inspirações? Os fidalgos castelhanos imitaram o idealismo da poesia italiana, e em Portugal, desde o Infante Dom Pedro, imitou-se a poesia de Castella. Sem um porquê vital que provocasse a concepção litteraria, serviam-se da erudição que então dominava, para variarem as fórmas cansadas. Querendo evitar as repetições da fórma provençal das côrtes do seculo XIV, mas não podendo achar novos interesses que produzissem um novo ideal, contentaram-se em substituir o nome de *trovador* pelo de *poeta,* que a erudição lhes apresentava. O Marquez de Santillana, querendo dar um titulo condigno aos talentos de Imperial, que introduzira a imitação italiana em Hespanha, diz: «al qual yo no llamaria *decidor* ó *trovador,*

mas *poeta.*» A poesia aristocratica do seculo XV é inferior á poesia aristocratica da eschola provençal; e a superioridade d'esta, egualmente allegorica e artificial, provém de não ter ignorado completamente a tradição. A poesia palaciana tornou-se exclusivamente pessoal, anedoctica e satyrica, procurando pela erudição o uso da mythologia classica para dar algum colorido ao que se apagava no convencionalismo. Este genero de poesia, tanto em Portugal como em Hespanha, formou numerosos Cancioneiros de mão, e quando lhes falta a importancia litteraria têm o valor de revelarem certos lados da vida moral do tempo, que as Chronicas officiaes não relatam.

Cancioneiros anteriores á collecção de Garcia de Resende

Quando Garcia de Resende começou a recolher as poesias da sociedade aristocratica do seculo XV, dizia, como justificação do seu trabalho, «*muytas cousas de folguar e gentylezas ssam perdydas ssem auer d'elas notyçia.*—E sse as que ssam perdidas dos nossos passados se poderam aver, e dos presentes s'escreveram, creo que esses grandes poetas, que per tantas partes ssam espalhados, nam teveram tanta fama como tem.» Os desastres succedidos na côrte de Dom Duarte, que viu seu irmão morrer cativo em Fez, o assassinato do Infante Dom Pedro, o exilio do Condestavel Dom Pedro, e por fim as derrotas de Dom Affonso V, foram por ventura a causa de não terem sido recolhidos antes de Resende os *Cancioneiros* que se produziam na vida palaciana. Ainda assim restam noticias dos seguintes:

a) Livro das Trovas d'El-rei Dom Duarte.—Sabe-se da existencia d'este livro pelo *Catalogo dos seus livros de uso* achado na Cartucha de Evora; sabe-se tambem

que el-rei Dom Duarte era poeta, pela traducção paraphrastica de um hymno do seculo x, feita a pedido de sua mulher. Bastava finalmente conhecer-se quanto os poemas da edade media occupavam a melhor parte da sua livraria, para se caracterisar o seu gosto poetico. Muitos dos livros da Bibliotheca de D. Duarte ainda hoje se conservam, como a *Côrte Imperial,* a *Ensinança de bem cavalgar toda sella,* a *Historia geral de Hespanha,* o *Amante,* a *Virtuosa Bemfeituria,* e o *Cancioneiro de Dom Diniz;* não apparecendo o *Livro das Trovas de El-rei,* é porque naturalmente se desmembrou em folhas soltas, que mais facilmente se perderam. Na Bibliotheca do Porto, existe uma folha de pergaminho escripta a duas columnas, que anda juncta ao livro, do qual servia de guarda, intitulado *Liber gestorum Barlaam et Josaphat;* (n.º 785) esta folha tem dezouto strophes escriptas no mesmo estylo que se conhece de Dom Duarte, emquanto á linguagem e á metrificação. Póde suppôr-se que esse fragmento pertenceria a uma traducção de *Barlaam e Josaphat,* que tambem existia na fórma latina na Livraria de Alcobaça, (1) como as ultimas duas estancias levam a inferir:

Era um rey de mouros,
alcaras nombre avia,
e naçe-lhe huũ filho,
mays que aquel nô tenya;
mandou per seus sabedores,
cá d'elles saber queria
o synal e a praneta
do filho que lhe naçia.

Antre aquelles estrologos
que hi veerom para veer,

(1) Cod. 213, do seculo XIII, fl. 151: S. Joanis Damasceni, *Librum de Gestis Barlaam et Josaphat.*—Bernardes, nos *Ultimos fins do homem,* p. 113, cita uma tentação de *Josaphat.*

veerom hi cinquo d'elles
que erom de mayor saber;
desque o ponto tomarom
no qual el ouve de naçer,
disse lhe huũ dos maestres,
que medrado hade ser, etc.

E' provavel que com o *Livro das Trovas de El-rei* se perdessem tambem bastantes composições poeticas de seu irmão o Infante Dom Pedro, que teve relações intimas com Juan de Mena, e de sua irmã a Infanta Dona Filippa. A estas mesmas causas attribue-se o ficarem em Hespanha quasi todos os versos do Condestavel de Portugal, Dom Pedro, disciplo do Marquez de Santillana, e apenas conhecido em Portugal por duas pequenas Canções que Resende alcançou.

b) **Cancioneiro do Conde de Marialva.**—Só no fim do seculo XVI é que foi pela primeira vez accusada a existencia d'este Cancioneiro, por Frei Bernardo de Brito, a proposito da celebre *Canção do Figueiral*: «E porque em materias onde faltam authores vale muito a tradição vulgar, e as cousas que antigos traziam entre si como authenticas e verdadeiras e as ensinavam aos seus descendentes nos *romances e cantares* que então se costumavam, porei parte *d'aquelle cantar velho que vi escripto em um Cancioneiro de mão, que foi de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, o qual veiu á mão de quem o estimava em bem pouco...*» (1) Este Cancioneiro nunca mais apparece citado senão no fim do seculo XVIII por Antonio Ribeiro dos Santos, que o diz ter visto nas mãos de um antiquario do Porto, o Doutor Gualter Antunes; ultimamente apparece citado por D. Mariano Soriano Fuertes, na *Historia de la Musica española.* Existindo no Cancioneiro do Conde de Marialva a *Canção do Figueiral,* e achan-

(1) *Monarch. Luzit.*, fl. 296.

do-se com os mesmos documentos no exemplar do Dr. Gualter, da mesma epoca, nada mais logico do que inferir da identidade d'estas duas referencias. Diz Ribeiro dos Santos: «Vimos em tempos passados um Codigo Ms. que parece letra do seculo XV, em que se tratavam louvores da lingua portugueza, em que vinha esta *Canção de Hermingues,* o Fragmento do *Poema da perda de Hespanha,* e as duas *Cartas de Egas Moniz* com as *Cantigas de Goesto Ansur,* e com variantes em alguns termos, que iremos notando em seus logares competentes: este Codigo era da escolhida livraria do Doutor Gualter Antunes erudito cidadão da cidade do Porto, que nol-o mostrou e d'elle copiámos as ditas obras.» E em seguida accrescenta: «Por morte do Doutor Gualter Antunes, não sabemos onde foi parar com os mais Mss., livros e preciosidades do seu precioso gabinete.» Antes de 1855 escrevia Soriano Fuertes: «Para dar alguma ideia da poesia portugueza no seculo XII e principios do seculo XIII, copiaremos *uma Canção extractada de um Cancioneiro antigo, que foi de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva.*» Junto com a *Canção* da *Reyna groriosa,* Fuertes extractou tambem a *Canção do Figueiral* com a musica notada, como se encontra nas Canções de Affonso o Sabio. Este ultimo facto acaba de nos identificar o Cancioneiro do Conde de Marialva, que foi visto por Frei Bernardo de Brito, com o exemplar do Dr. Gualter Antunes. Importa insistir sobre estas condições de critica externa, porque d'aqui depende a verdadeira critica d'essas cinco reliquias da poesia portugueza sobre que tanto se tem desacertado:

1.º *A Canção do Figueiral.*— Lembrando-nos da actividade poetica do povo portuguez no fim do seculo XIV, e de como essa poesia era recolhida por Fernão Lopes, Azurara e pelo auctor anonymo da *Chronica do Condestavel,* vendo tambem quaes as fórmas stro-

phicas que predominavam então, podemos avançar, que essa Canção é *genuinamente popular,* e que *já andava na tradição oral no fim do seculo XIV.* Era puramente popular, porque a Canção foi composta sobre a tradição do *tributo das donzellas,* que em Hespanha existe em Simancas, e na Veiga de Carrião, na tradição heraldica dos Queiroz, e em Betanços ou Peito Bordelo, na Galliza; em Portugal existiu no sitio de Figueiredo das Donas em Vizeu, em Alfandega da Fé, em Castro Vicente, Chacim e Balsemão. Frei Bernardo de Brito diz d'esta Canção, depois de a ter lido no Cancioneiro do Conde de Marialva: «*e depois ouvi cantar na Beira a lavradores antigos, com alguma corrupção...*» No fim do seculo XVI tambem escreve d'esta Canção Miguel Leitão d'Andrada: «A qual me lembra a mim ouvil-a cantar muito sentida, a uma velha de muita edade natural do Algarve, sendo eu muito menino.» (1) Na poesia popular é impossivel dar-se falsificação, como o provou admiravelmente Jacob Grimm. Do caracter popular e genuino da *Canção do Figueiral* não se póde duvidar sem ser pyrrhonico; o problema a resolver era, quando se formou. Mas nas questões de origens tradicionaes não existe chronologia. A *Canção do Figueiral* soffreu uma nova elaboração no seculo XV passando para o verso assonantado, como ainda hoje se repete na tradição do Algarve. As circumstancias imaginosas de que Frei Bernardo de Brito revestiu este monumento poetico, é que fizeram com que João Pedro Ribeiro duvidasse da sua authenticidade, confundindo as circumstancias com o monumento, e não notando que as creações populares são faceis de reconhecer, o que não acontece com as obras artificiaes.

2.º *Fragmento do poema da Perda de Hespanha.*

(1) *Miscellanea,* p. 27. Miguel Leitão nasceu em 1555.

Estas quatro outavas tem sido sempre citadas em todos os livros que fallam da nossa litteratura como um dos monumentos mais antigos que restam da lingua portugueza, alguns fazendo-o coevo da invasão arabe. Pelo seu lado João Pedro Ribeiro levou a severidade até reproval-o como apocrypho. Importa notar que essas quatro outavas não são um documento historico, cuja critica deve ser diplomatica; mas sim um documento litterario, cuja critica se deriva do conhecimento do meio intellectual que o produziu. O primeiro topico para julgar esse fragmento é a fórma strophica: esse genero de outavas, em que rimam o primeiro, quarto, quinto e outavo verso, emparelhando o segundo e terceiro, e depois o sexto e septimo, só apparece pela primeira vez usado por Affonso o Sabio, em Hespanha, e em Portugal só no seculo XV. Aqui temos os dois limites em que collocar a composição d'essas outavas denominadas *Lamentação*, genero litterario predominante nas litteraturas da Peninsula no fim do seculo XIV, como o sabemos pelo Marquez de Santillana. Depois dos caracteristicos litterarios, temos os dados philologicos, o estado da lingua em que essas outavas estão escriptas: aqui vêmos uma linguagem antiquada ou archaica, a qual já não condiz com a que se usava no periodo em que o genero de *Lamentação* estava em vigor. Mas esta contradicção, que parece a principio complicar a critica, ajuda-a mais, porque nos revela uma intenção archaica da parte do poeta, intenção que achamos já empregada na *Gesta de Maldizer* de Affonso Lopes Bayão, escripta nos principios do seculo XIV. (1) Comparando a versificação e o vocabulario d'estas duas composições archaicas, conhece-se que pertencem á mesma corrente litteraria, e a maior intenção archaica da *Lamentação da Perda de Hespa-*

(1) *Canc. da Vaticana*, fl. 176 v. (Cod. 4803.)

nha, aproxima-a já bastante da erudição philologica do principio do seculo XV. O facto de andar no mesmo Cancioneiro do Conde de Marialva um elogio da lingua portugueza, corrobora esta ultima affirmação.

3.º *As duas Canções de Egas Moniz.*—Estas duas poesias recolhidas por Miguel Leitão de Andrada, tambem foram, por uma simples circumstancia de nome, attribuidas a um cavalleiro da côrte de D. Affonso Henriques. Aqui seguimos os mesmos principios empregados para restabelecer o valor da poesia antecedente. Em primeiro logar, a fórma strophica só apparece empregada pelo Arcediago do Toro, no fim do seculo XIV; n'estas Canções portuguezas encontram-se certas fórmas gallegas, como:

> Dizei Egas cum folgança
> Hu *xiquer*...

que se explicam pela emigração de fidalgos gallegos para Portugal no reinado de D. Fernando I. No fim do seculo XIV apparece-nos um fidalgo com o nome de *Egas Moniz,* que atraiçôa el-rei Dom João I, passando-se para Castella, (1) o que tambem se nota na Canção:

> Cambastes a Portigal
> Por Castilla...

Pelo facto de terem os criticos visto o nome de *Egas* na Canção, attribuiram-na logo ao primeiro Egas que acharam; ora nos Nobiliarios nunca Egas Moniz é notado como *trobador*. Este outro Egas Moniz, de que se sabe a existencia historica, era filho de Pero

(1) José Soares da Silva, *Memorias de D. João I.*

Coelho, e tinha regressado a Portugal no tempo de D. Fernando, achando-se na batalha de Trancoso. O facto de apparecerem as duas Canções no Cancioneiro de D. Francisco *Coutinho,* confirma uma tal interpretação, porque este Egas Moniz Coelho foi casado com D. Maria Gonsalves Coutinho, filha de Gonçalo Vaz Coutinho, d'onde precedem os Condes de Marialva. (1) Em vista d'estes dados, não ha que hesitar sobre a epoca das duas Canções.

4.º *Canção de Hermingues, ou do Traga-Mouros.* —Appresentada pela primeira vez por Frei Bernardo de Brito, na *Chronica de Cister,* revestindo-a de circumstancias maravilhosas, e dando-a em nome de um cavalleiro do tempo de D. Affonso Henriques. (2) Se esta composição fosse obra de Brito não appareceria com erros de leitura imperfeita, nem tampouco viria reproduzida no Cancioneiro do Doutor Gualter Antunes ou do Conde de Marialva. N'esta poesia existem dois versos que nos dão a intelligencia do seu sentido e a epoca aproximada do seu apparecimento:

De la *chacone* sem referta
Ouroana oy tem por certa...

A *chacone* era a antiga fórma popular das *Ciecones,* ainda existente na poesia popular hespanhola no seculo XVI, como se sabe por Cervantes e Quevedo, e até em Italia penetrando no canto ecclesiastico. Salvator Rosa, na Satyra I, condemnando a poesia profana que se cantava na capella pontifical, escreve:

Cantar su la *ciaccona* il Miserere... (3)

(1) Ms. da *Pedatura luzitana,* t. III, fl. 7; da Bib. do Porto.
(2) *Ob. cit.,* p. 713.
(3) Apud Lady Morgan, *Salvator Rosa,* p. 263.

O nome de *Ouroana* apparece-nos frequentemente usado no meado do seculo XIV pelas damas portuguezas, como se póde ver a cada pagina nos Livros de Linhagens e Nobiliarios; este nome só foi corrente na sociedade aristocratica depois de se tornarem proverbiaes os amores de *Amadis* e *Oriana*. Por estes dois caracteristicos se vê que a pretendida Canção de Hermingues, não é mais do que uma canção motivada sobre as aventuras de *Oriana,* da mesma fórma que Camões fez varias tensões á *Miraguarda,* do *Palmeirim de Inglaterra*. E portanto só podia ser produzida depois de bem vulgarisado o *Amadis,* isto é, nos fins do seculo XIV. Isto coincide com a epoca das outras composições, o que explica o seu agrupamento.

c) **Cancioneiro do abbade Dom Martinho.**— Este Cancioneiro está perdido; estava formado antes da collecção de Garcia de Resende, que o desejou consultar para extractar algumas composições: «Trova sua a Diogo de Mello, que partia de Alcobaça e *havia-lhe de trazer de lá um Cancioneiro d'um Abbade, que chamam Frey Martinho*:

> Decoray pelo caminho
> té chegardes ó mosteiro
> qu' hade vir o *Cancioneiro*
> do abbade frey Martinho, etc. (1)

d) **Cancioneiro portuguez.**— D'este livro falla Gil Vicente, citando composições que não se acham no *Cancioneiro Geral,* o que faz crêr que era uma outra collecção diversa; n'elle escreve um poeta de Thomar, chamado Affonso Lopes Sampaio, de que não apparece noticia em outras collecções: «Affonso Lopes Sampaio, christão novo que vivia em Thomar, fez um rifão, que andava no *Cancioneiro portuguez;* ao rifão se fizeram

(1) *Canc. geral*, t. III, p. 634.

muitas trovas e boas. Pediu o Conde de Vimioso a Gil Vicente que fizesse tambem, e elle fez esta trova.» O rifão de Affonso Lopes era:

> Matou-me moura e não mouro,
> E quem m'a lançada deu,
> Moura ella e mouro eu.

e) **Cancioneiro manuscripto da Bibliotheca de Evora.**— Escripto em letra do seculo XVI; n'elle se acham poesias de Fernão Brandão e de Bernardim Ribeiro, nomes que apparecem na collecção de Resende.

f) **Cancioneiro portuguez, da Bibliotheca de Madrid.** — Sabe-se d'esta collecção pela descripção que d'ella fez o hespanhol Don José Thomaz em 1790, e que parece ter sido a collecção que mais contribuiu para a formação do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende; Don José Thomaz descreve esse codice, como contendo: «obras burlescas na lingua portugueza, recopilado segundo parece, no seculo *decimo quinto*. Comprehende 96 folhas, de folio, e ainda é maior o numero dos auctores de poesias n'elle conteudas, as quaes são todas coplas reaes, compostas de duas redondilhas de cinco versos cada uma, outras de quatro: algumas mixtas: poucos vilhancicos, e redondilhas de quatro versos com alguns tercetos. A maior parte dos versos são dos que chamamos de redondilha maior ou de outo syllabas, muito poucos de redondilha menor ou de seis syllabas, e se encontra frequentemente o verso quebrado.» A descripção d'este Cancioneiro dá-nos uma ideia das fórmas poeticas do seculo XV, e por ventura seria esse outro citado por Gil Vicente com o mesmo titulo.

Formação do Cancioneiro geral por Garcia de Resende

Garcia de Resende entrou muito criança para moço da Camera de Dom João II, que começou a reinar em 1481; a grande importancia que elle via dar no paço á poesia, que formava a parte principal dos divertimentos dos serões, levou-o a cultivar tambem a poesia. Natural de Evora, da cidade erudita por excellencia desde o seculo XV até ao dominio dos jesuitas, Garcia de Resende foi educado com esse talento compilador e curioso, que o fez chronista, desenhador, musico e collector do *Cancioneiro Geral*. Dom João II convencia-o de que a poesia era uma *singular manha*. Conta Resende a animação que lhe dava o monarcha: «E estando uma noite na cama já despejado, me perguntou se sabia as trovas de Jorge Manrique, que começam:

Recuerd el alma dormida, etc.

e eu lhe disse que sim; fez-m'as dizer de cór e depois de ditas me disse, que folgava muito de m'as vẽr saber, e que tão necessario era um homem sabel-as, como saber o *Pater noster*, e gabou muito o trovar de singular manha, e isto porque eu fiz uma trova que elle viu e a gabou muito, por me dar vontade de o apprender e saber fazer.» (1) A posição excepcional de Garcia de Resende no paço, os seus varios talentos de illuminador, debuxador, musico e poeta, o seu carater jovial e fleugmatico, a sua obesidade que provocava o chiste, tudo o tornava sympathico para se comprazer

(1) *Chron. de D. João II*, cap. 200.

com elle entregando-lhe os cadernos de poesia que pretendia recolher. Alguns, como Jorge de Vasconcellos, Provedor dos Armazens de Lisboa, recusavam-se a isso, mas por fim não resistiam aos apodos facetos que Resende lhes dirigia. A collecção foi formada ao acaso, conforme lhe iam ministrando os varios Cancioneiros de mão; provavelmente o facto que o provocou a emprehender este trabalho seria o certame poetico que se deu na côrte em 1483, entre os varios poetas que advogavam o *Cuydar* e o *Suspirar*. A estima que por elle tinha el-rei Dom João II fez com que pudesse alcançar, talvez da Bibliotheca que fora de Dom Affonso V, algumas das poucas obras que restam do Infante Dom Pedro e de seu filho o Condestavel de Portugal. O *Cancioneiro geral* encerra de um modo confuso as composições de trezentos e cincoenta e um fidalgos das côrtes de Dom Affonso V, Dom João II e Dom Manoel. Resende estava no caso de poder deixar este thesouro poetico organisado chronologicamente; mas ainda assim pelos nomes que assignam as Canções esclarecidos pelas matriculas dos Livros das Moradias, se póde demarcar satisfatoriamente cada uma d'estas epocas. Em quanto á importancia philologica, o *Cancioneiro geral* é de uma riqueza em nada inferior ás *Ordenações Affonsinas*. Apezar d'essas composições serem imitações artificiaes da poetica hespanhola, têm intimas relações com os sucessos historicas desde a regencia do Infante Dom Pedro até ao valimento de Dom Luiz da Silveira.

a) **Relações do Cancioneiro com a vida historica do seculo XV.**— O Infante Dom Pedro, a quem João de Mena escrevia, foi dotado com esse espirito cosmopolita que appareceu na Europa no seculo XIV e que animou Marco Polo. João de Mena escrevendo ao Infante, alude ás suas viagens, conhecidas na tradição pelo nome das *Sete partidas do mundo*:

Nunca fué despues, ni ante
quyen vyesse los atavios
e secretos de levante,
sus montes, insoas e ryos,
sus calores y sus frios,
como vòs, senhor Ifante. (1)

O exemplo de Marco Polo não deixaria de influir em Portugal, aonde as suas viagens eram lidas, porque se guardavam na Livraria de D. Duarte, e aonde este viajante era conhecido pelo seu appellido vulgar na Italia, onde lhe chamavam Marco o *Milhão*. Nos versos de Anrique de Almeida Passaro, se lê:

outros metem mais *Mylham*
do mesmo pontefieado. (2)

Depois do regresso do Infante Dom Pedro das suas viagens, casou em 1429 com uma princeza de Aragão, o que motivou uma aversão secreta da parte de Dona Leonor, mulher de seu irmão Dom Duarte, e que veiu a produzir o desastre de Alfarrobeira. Do Infante Dom Pedro resta um longo poema allegorico sobre o *Menospreço do Mundo*, escripto em 1446, porque aí chama a Alvaro de Luna *Mestre* de Santhiago, dignidade que só alcançou depois da morte de Dom Henrique após a batalha de Olmedo:

fable el *Maestre*, senhor de Escalona
diga si le fueste fiel é leal. (3)

Desde 1429 a 1445 foi João de Mena o Chronista real de Dom João II de Castella; nos versos do Infante

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 72.
(2) *Ib.*, t. I, p. 141.
(3) *Ib.*, t. II, p. 82.

*

Dom Pedro a este chefe da eschola hespanhola, chama-lhe:

coronysta abastante... (1)

João de Mena, respondendo ao Infante, allude á sua regencia na menoridade de Dom Affonso V:

que, por serdes byen regido
dios vos fyzo su *rregente.*

A triste catastrophe de Alfarrobeira, aonde o Infante foi assassinado em 1449, vem celebrada com versos de indignação por Luiz de Azevedo: *«á morte do Ifante Dom Pedro, que morreu na Alfarrobeira, e vam em nome do Infante;* aí allude outra vez ás viagens das Sete partidas:

Eu andei por muitas partes
e por muito boas terras,
muita paz e tambem guerras
vi tratar per muitas artes;
Mas aqueste dia *martes* (terça feira)
foi infeliz pera mim;
o meu sangue me deu fim,
e rompeu meus estandartes.

O poeta Anrique da Mota tambem allude a este successo, mas com um certo tom ironico:

Que não sinto quem vos queira,
porem sey
quando foi d'Alfarrobeira
qu'andaveis na dianteira
c'os del rey. (2)

Do regresso do filho do Infante Dom Pedro, o Con-

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 70.
(2) *Ib.*, t. III, p. 505.

destavel, a Portugal em 1464, acham-se aí uns versos do Coudel-mór: «*a el-rei Dom Pedro, que chegando á côrte se mostrou servidor d'uma senhora a quem elle servia.*» (1) O Condestavel de Portugal havia sido acclamado Conde de Barcellona e rei de Aragão; as suas poesias, que se acham no Cancioneiro eram inscientemente attribuidas a D. Pedro I. No Cancioneiro descrevem-se como bons tempos *as festas da Imperatriz,* por occasião do casamento da Infanta Dona Leonor com o Imperador da Allemanha, em 1451 (2) e uns «*ricos momos que o Infante D. Fernando per si fez.*» Allude tambem á descoberta da Mina em 1469, (3) e á batalha do Toro em 1474; (4) ás celebres côrtes feitas por Dom João II em Monte-Mór, em 1477; (5) e á morte de Dom Affonso V em 1481. (6) Alem d'estes são muitos os successos do reinado de Dom Affonso V, que ali se apontam incidentemente, e que dão ás trovas palacianas um certo interesse de realidade. No reinado de Dom Affonso V, como se conhece pelo Cancioneiro, é que começaram em Portugal as *modas francezas,* e o conhecimento de certas cançonettas, das quaes Gil Vicente ainda cita uma. (7)

Na côrte de Dom João II a poesia tomou outro caracter; poz em vigor o que se usava nas antigas *Cortes de Amor,* em que se processava uma certa questão subjectiva e de moral allegorica. Este reinado foi perturbado com grandes desastres politicos, mas os fidalgos favoritos de Dom João II não deixaram por isso

(1) *Ib.*, t. I, p. 179.
(2) *Ib.*, t. I, p. 367.
(3) *Ib.*, t. II, p. 159.
(4) *Ib.*, t. I, p. 458.
(5) *Ib.*, t. I, p. 136.
(6) *Ib.*, t. III, p. 92, 101.
(7) Quando D. Duarte de Menezes estava cercado em Tanger, sem mantimentos nem munições, «fez um aviso a el-rei, e por mór cautella *escripto em francez...*» Pina, *Chron.*, p. 471.

de metrificar, de rifar e de apodar. Nas trovas do Coudel-Mór, a João Affonso de Aveyro, allude-se ao grande successo de 1483, a execução do Duque de Bragança: «*mas isto veo no tempo da morte do Duque.*» (1) Foi n'este mesmo anno que se fez o celebre pleito poetico do *Cuydar e Suspirar*. Em uns versos de Pero de Sousa Ribeiro, refere-se essa grande festa publica, de 1490, «*quando el-rei nosso senhor veo de Santyago, que fez o singular Mômo de Santos...*» O torneio e as divisas por occasião do casamento do principe Dom Affonso com a filha de Fernando e Isabel, em 1491, a sua morte, e finalmente o enterro e trasladação de Dom João II, tudo ali pulsa a sua corda plangente ou chistosa, fazendo do Cancioneiro de Rezende um verdadeiro monumento da vida moral da sociedade aristocratica portugueza do seculo XV. N'este Cancioneiro ainda figura Gil Vicente, então mancebo e já lavrante da rainha Dona Leonor, mulher de Dom João II; apparece Bernardim Ribeiro e Francisco de Sá, com composições secundarias, mas como vagos clarões de um crepusculo matutino que vem depois de um crepusculo vespertino; Gil Vicente ainda não tinha fundado o theatro portuguez, e Sá de Miranda ainda não havia introduzido na poesia o novo espirito idealista da Italia. E como na historia não existe solução de continuidade, os *Mômos, Entremezes* e *dansas de retorta* da côrte de Dom João II influiram sobre o genio de Gil Vicente, assim como a tradição provençal foi recebida por Sá de Miranda, que falla com respeito e saudade do tempo em que ainda pôde ouvir Dom João de Menezes, o ultimo dos nossos trovadores.

b) **O Cancioneiro geral, como obra de litteratura.** —Assim como se desconheceu na sua collecionação a

(1) *Ib.*, t. I, p. 157.

ordem chronologica, tambem era impossivel introduzir aí qualquer classificacão por generos litterarios. Na forma narrativa aí so encontram os versos á morte do principe Dom Affonso, e á morte de Dom João II por Diogo Brandão; á tomada de Azamor, por Luiz Henriques, e á morte de D. Ignez de Castro, por Garcia de Resende. Se não existisse esse inimitavel episodio dos *Luziadas,* os versos em que Resende celebra este desastre seriam uma das melhores obras da litteratura portugueza. O Cancioneiro é essencialmente lyrico, predominando a feição satyrica, ás vezes até tocar a obscenidade, como acontece com os versos de Ruy Moniz. Nas redondilhas quebradas ha a constante imitação das Coplas de Jorge Manrique; os versos em endechas *(en decas)* são pouco frequentes. Da forma dramatica ha apenas um rapido esboço no *Mômo do Anjo,* feito pelo Conde de Vimioso, quando ainda era namorado. A maior parte d'essas composições eram *improvisadas* nos serões do paço, sobre qualquer pretexto que animasse a reunião; um propunha o thema, em fórma de *Pergunta,* sobre qualquer descuido de uma dama, qualquer traje menos galante de um cavalleiro, como aconteceu com as ceroulas de chamalote de Manoel de Noronha, ou com a gangorra de solya, ou com os pombos que uma dama atirou de uma janella; os poetas que entravam no *Apodo,* vinham como *Ajuda,* e destacavam-se em duas parcialidades, atacando e defendendo, ás vezes durante bastantes serões successivos. Outras vezes tomava o caracter de um processo forense simulado, em que a propria rainha Dona Leonor vinha dar a sentença, como aconteceu com o que os poetas fizeram a Vasco Abul. Garcia de Resende tambem foi victima de uma enorme carga satyrica, que elle proprio publicou no Cancioneiro geral, e por onde se sabem alguns traços da sua vida. Esta ordem de composições entrou por tal forma nos costumes pa-

lacianos, que a aristocracia oppoz-se com todas as véras á introducção dos novos metros e de novo estylo da Eschola italiana, obstinou-se a metrificar na *medida velha* ou de redondilha; e ainda no reinado de Dom João III prevalecia tanto a *medida velha* no paço, que a composição das Voltas, Motes e Esparças de Camões, que andam reunidas com o titulo de *Redondilhas*, foram um resultado da sua concessão benevola para com as damas do paço, que não admittiam galanteria n'um outro metro. Tambem nas obras de Sá de Miranda, de Caminha e de Bernardes, vêm uma grande parte escripta no chamado *estylo de Cancioneiro*. Entre toda aquella alluvião de poetas, que metrificaram por moda e feição aristocratica, alguns apparecem que só por si assignalariam uma epoca litteraria, como são, Francisco de Sousa, Alvaro Barreto, Duarte de Brito, Fernão Brandão, Alvaro de Brito, e Resende. No decurso do seculo XVI ainda continuou a monomania de ter Cancioneiros de mão, mania ridicularisada por Gil Vicente e por Jorge Ferreira; ficaram como os albuns do nosso tempo.

CAPITULO VII

Historia, Philosophia, Ficções e Viagens

Desenvolvimento da forma historica no seculo xv.—Influencia da organisação de um Archivo nacional.—A conversão das *Estorias*, ou forma tradicional, em Caronycas, ou forma critico-narrativa.—A Chronica da fundação do Mosteiro de Sam Vicente.—Vida de Dom Tello.—Chronica do Condestabre.—Os grandes chronistas do seculo xv.—Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina.—Restituição da Chronica geral do reino a Fernão Lopes.—Os chronistas latinos.—Estado da Philosophia propendendo para o dogmatismo moral.—A Côrte Imperial.—A Virtuosa Bemfeituria, o Leal Conselheiro, e o Tratado de Virtudes e a Retorica feitas por Dom Affonso de Cartagena a pedido de el-rei Dom Duarte.—Primeiros productos da Imprensa portugueza no seculo xv.—As Novellas manuscriptas do cyclo de Santo Greal. — Cartas e Viagens.

Desenvolvimento da fórma historica no seculo XV

A realeza travou no seculo XV a sua ultima lucta contra o poder senhorial; o movimento levado a cabo em França por Luiz XI contra o Duque de Borgonha, teve tambem em Hespanha e Portugal uma acção analoga; o seculo XV foi o seculo das conspirações, dos segredos de estado, e por consequencia das Memorias particulares. Foi por esta via que a velha Chronica, ainda confundida com a tradição poetica, veiu procurar nos factos da vida social, nos interesses da ordem politica, nas transformações das relações civis o objecto das suas narrações. As nacionalidades já constituidas desejaram que os eruditos lhes inventassem as suas genealogias, e os eruditos foram procurar as origens dos francezes, dos venezianos, dos hespanhoes e dos portuguezes nos foragidos de Troya; os estados geraes ou as côrtes quizeram que se fixassem as suas razões

e as reformas que estatuiam; pelo seu lado a realeza tinha praticado actos de uma justiça menos provada, e não queria que o seu nome andasse ligado a lendas menos dignas. Foi no meio d'estas pretenções de uma vaidade erudita que appareceram os chronistas, os Comines, os Platinas, os Oliviers de la Marche. (1) Foi no seculo XV que se propagou entre nós a tradição das Armas nacionaes derivadas do milagre de Ourique, como se vê em La Marche; n'este mesmo seculo o bispo Dom Garcia de Noronha orando diante do Papa chama pela primeira vez a Portugal a *Luzitania*, considerando esta nação como essa tribu celtica que maravilhosamente persistira através de todas as revoluções. A realeza preoccupava-se com a organisação das Chronicas do reino, e convidava latinistas estrangeiros como Matheus Pisano, Fr. Justo, bispo de Ceuta, (2) ou Angelo Policiano para traduzirem em latim as memorias nacionaes. De Angelo Policiano nada conseguiu Dom João II; de Matheus Pisano resta apenas a narração da tomada de Ceuta; do Bispo de Ceuta, veiu-nos um mal incalculavel, a perda na sua mão dos melhores materiaes já recolhidos para a nossa historia. E comtudo, apesar d'este profundo respeito pelos latinistas estrangeiros, é no seculo XV que apparecem os grandes chronistas portuguezes, que escreveram na lingua nacional, sem pretenções a escriptores, e dotados de um bom senso pratico, de uma certa philosophia humana, e de uma independencia de ho-

(1) Damião de Goes revela como Affonso de Albuquerque presenteava com joias o Chronista Ruy de Pina, para lhe ser favoravel nas Chronicas.

(2) «era tão curioso de fazer vir em luz hos feitos d'este Conde D. Duarte e do Conde D. Pedro seu pae, e hos dos Reys passados, que pera se divulgarem *em lingua latina*, mandou vir de Italia Dom Justo, frade da Ordem de Sam Domingos, a quem por este respeito fez Bispo de Septa...» (Goes, *Chron. de Dom Manuel*, P. VI, 38, fl. 49.)

mens honrados; foram Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara e Ruy de Pina. O apparecimento successivo d'estes chronistas dignos já de nome de historiadores, não foi devido á importancia que a forma vulgar das chronicas houvesse merecido; mesmo essa forma era provisoria, destinada a ser ampliada em latim academico, e isto se prova pelo modo como os originaes de Fernão Lopes foram plagiados pelos outros chronistas, de uma honradez indisputavel. A instituição de um Archivo dos documentos nacionaes por Dom Fernando I, e em seguida a creação do cargo de Chronista do reino, inherente aos guardas d'esse Archivo, crearam as condições que produziram esses tres eminentes historiadores.

a) Torre do Tombo.— Fernão Lopes, nas *Chronicas de D. Pedro I* e *D. Fernando,* falla da *Torre alvarrã* ou *do aver,* construida primitivamente para se guardar o thesouro real. (1) D. Fernando foi o primeiro que mandou guardar junto com o thesouro o Archivo do Reino, e d'este modo as escripturas publicas estavam sob a vigilancia dos empregados de fazenda; em resultado d'esta modificação, começou-se a chamar desde então *Torre do Tombo.* Os primeiros guardas da *Torre do Tombo,* ainda não separados nas suas attribuições dos empregados do Thesouro, foram João Annes, vedor da Fazenda, por 1378; Gonçalo Esteves, Contador dos Contos de Lisboa, encarregado do serviço da Torre em 1403, vencendo o mantimento e vestir, postoque não trabalhasse nos Contos, o que leva a fixar a separação do cargo de Archivista do de Thesoureiro em 1403; seguiu-se-lhe Gonçalo Gonçalves, Contador dos Almoxarifados de Setubal e Obidos, incumbido do serviço do Archivo em 1414, e exercendo-o

(1) *Chr. de D. Pedro,* cap. 12.—*Chr. de D. Fernando,* pr. e cap. 48.

até 1418. Em Outubro d'este anno estava já de pósse d'este logar Fernão Lopes, o fundador da historia portugueza; o facto de apparecer nomeado em vida de Gonçalo Gonçalves leva a induzir que as attribuições de Archivista e de Thezoureiro foram completamente separadas e tornadas independentes com a nomeação de Fernão Lopes. A competencia de Fernão Lopes seria reconhecida durante o exercicio de secretario do Infante Dom Duarte e de Dom Fernando; a riqueza da Bibliotheca de Dom Duarte e o gosto litterario do Infante Santo são o documento mais eloquente da superioridade de Fernão Lopes. Desde 1418 até 1420 apparecem bastantes documentos assignados por Fernão Lopes «*a que d'esto he dado seu especial encarrego de guardar as chaves das dictas escripturas e o traslado d'ellas.*» Fernão Lopes exerceu durante trinta e seis annos este cargo, pedindo a sua exoneração: «*já tam velho e flaco, que per si não póde bem servir o dito officio...*»

A nomeação do novo archivista caiu em Gomes Eannes de Azurara, indigitado pelo proprio Fernão Lopes: «*per seu prazimento, e por fazer a elle mercê, como he razom de se dar aos boos servidores.*» Fernão Lopes, como se sabe, ainda sobreviveu por mais cinco annos á sua aposentação. A Gomes Eannes de Azurara, succedeu em 1490 Ruy de Pina, tão severo na critica historica como o seu antecessor. São estes os grandes historiadores portuguezes do seculo XV, verdadeiros censores independentes, apezar da sua posição official, accompanhando sempre as narrações dos factos das inspecções locaes, e até certo ponto desprevenidos de toda a vaidade litteraria de escriptor, o que dá em resultado essa ingenuidade pittoresca dos Herodotos e Froissarts, e ao mesmo tempo essa facilidade com que entre si se copiam sem terem a minima intenção de plagiato. A instituição do Archivo nacio-

nal deu até Damião de Goes estes magnificos resultados. (1)

b) **Conversão das Estorias em Caronicas.** — Na Carta escripta por el rei Dom Duarte, de Santarem a 19 de Março de 1434 a Fernão Lopes, encarregava este guarda-mór da Torre de Tombo «de poer em *caronyca* as *estoreas* dos Reys que antigamente em Portugal foram; etc.» O snr. Herculano liga um valor differente a estas duas palavras; a *estorea* representava as memorias tradicionaes, os registos latinos os obituarios, as lendas oraes; de facto para o syncretismo da edade media os cantores poeticos foram chamados *histriones*, e historia ou *gesta* foi dado aos poemas narrativos. Por effeito d'esta corrente litteraria em Portugal é que ainda no tempo de el rei Dom Duarte a palavra *estorea* designava a tradição. A Chronica era a ephemeride palaciana, com o caracter de um registo; era assim que a erudição comprehendia a historia. Ao relancear o estado da historia no seculo XIV, já deixámos indicadas quaes as tradições recolhidas anteriormente a Fernão Lopes; mas, no seculo XV ainda, a concepção superior da narração historica era rara, e é por isso que antes de accentuar o valor d'esses trez grandes chronistas, vamos indicar as narrações moldadas sob a concepção limitada do seculo XIV, que então se escreveram:

1.º *A Chronica da fundação do Moesteyro de Sam Vicente.*—No principio do seculo XV fez-se uma traducção de uma relação latina do seculo XIV intitulada *Indiculum fundationis Monasterii Sancti Vicentii.* Essa traducção guardava-se com o mais rigoroso afferro na livraria do Mosteiro de Sam Vicente, em Lisboa, a

(1) Sobre a historia d'este Archivo, veja-se João Pedro Ribeiro, *Memorias authenticas para a Hist. do real Archivo da Torre do Tombo.*

ponto de a occultarem a todas as vistas. Frei Antonio da Purificação, referindo-se ao seu original latino diz: «tambem me admira o notavel cuidado que se tem no Convento de Sam Vicente sobre a guarda d'aquella escriptura latina da sua fundação, e do Ordinario de Sam Rufo, não consentindo que pessoa alguma as tome na mão para as ler... Porque as escondem não só a nós, mas até aos outros historiadores e Chronistas do Reino.» (1) O motivo d'este ciume provinha das luctas entre esta ordem e os augustinianos acerca de mutuas jurisdicções. Em 1538 Dom João III mandou imprimir este vedado manuscripto, por ventura para fornecer aos Chronistas móres do reino os materiaes para historiarem os primeiros successos da monarchia. De facto é esta a grande importancia da chamada *Chronica dos Vicentes*. Dom Rodrigo da Cunha, cita estes dois escondidos manuscriptos do Archivo de Sam Vicente, dizendo que «achou Dom Aleixo de Menezes em uma Memoria lançada ás folhas 84 de um livro, que se guardava na Livraria do mesmo Mosteiro de Sam Vicente, no Almario 4, chamado Ordinario da Congregação de Sam Rufo.» (2) A *Chronica dos Vicentes* é uma traducção livre do *Indiculum;* já no seculo XVII assim o julgava Dom Rodrigo da Cunha: «Affirma assi o mesmo auctor que em linguagem antiga portugueza converteu o Relatorio que allegamos e se imprimiu em Coimbra, por mandado del Rei Dom João III, anno de 1538, de que temos um volume. Diz o seguinte: *Estando em este pensamento; chegou a Lisboa um Abbade...*» E de-

(1) *Chron. dos Eremitas de Santo Agostinho*, t. I, fl. 993.

(2) *Historia da Egreja de Lisboa*, p. 215.—E em quanto á outra escriptura latina: «Escrevemol-o assi pela auctoridade do Relatorio, que d'esta fundação anda escripto e estampado entre as escripturas lançadas no fim da 3ª Parte da Monarchia, escripta pelo P. Chronista Frei Antonio Brandão.» Hoje nos *Portugaliæ Monumenta hist.*, Scriptores, p. 91.

pois de um curto extracto, Dom Rodrigo da Cunha, deduz do proprio texto da *Chronica dos Vicentes* quem foram os seus auctores: «e os auctores que de proposito trataram a fundaçam do Mosteiro de Sam Vicente, *Otha*, allemão, e *Fernão Pires,* natural de Lisboa, ambos d'aquelle mesmo tempo, e de que tomou o auctor do Relatorio em portuguez com grandes abonos de sua verdade e vida inculpavel, pouca rasão teria quem quizesse dar credito a memorias vagas, escriptas como ao acaso e provar penna, sem nome de auctor, anno em que escreveram, lançadas em livros de outros argumentos, qual foi a que viu e leu o Arcebispo Dom Aleixo de Menezes, no cerimonial de Sam Rufo, por mais guardada que estivesse no Almario 4 da Livraria de Sam Vicente, de que os Padres d'aquelle Mosteiro nenhuma relação nos souberam dar n'esta occasião. (1642) Mas, ou ella se perdesse, ou na verdade se conserve ainda, não fazia mais fé apparecendo, do que fazem outras que se acharam nas mesmas circumstancias, e de que auctores melhores considerados entam se aproveitam quando as vêem conformar com as que por si sam de calidade do *Relatorio* e *Chronica* que allegamos, que mui fortemente a contradizem.» (1) Frei Antonio da Purificação refuta a asserção de Dom Rodrigo da Cunha, aproximando a intelligencia da Chronica da sua forma original latina do *Indiculum* «Porque diz serem seus auctores *Fernão Pires* e *Otha,* constando o contrario da mesma escriptura, onde se vê que o auctor d'ella confessando, que o que diz, é o que ouviu contar a diversas pessoas já mortas, que sabiam de experiencia, accrescenta que ainda d'estas eram vivas duas, Fernão Peres e Otha, e que ambos uniformemente davam por verdade o que elle escreve. *Hi duo,* diz elle, *Dei miseratione adhuc superstites quasi*

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Ib.*, P. II, c. 75,n. 9.

uno confitentur ore quæ hic ponimus. Não foram logo, Fernão Peres e Otha auctores d'esta escriptura, mas outrem que com elles allega para abonação do que diz.» (1) O logar da *Chronica dos Vicentes* refutado por Frei Antonio da Purificação é o seguinte: «Era na dita cidade um homem bom, que havia nome Fernão Perez, e era cavalleiro de bom entendimento e teúdo com Deos; e tinha sempre na dita cidade logo julgavel por El Rei, e regedor dos cidadãos maiores, e dos menores, mantenedor de direito e justiça. E em este tempo era na dita cidade outro homem bom religioso e de sancta vida, e da geraçom dos theutonicos, os quaes foram na filhada da dita cidade, e do fundamento do dito Mosteiro de Sam Vicente em como fora edificado. E estes dois homens, pelo seu sancto accordo, do que viram no seu tempo, e outrosim do que ouviram a seus antecessores, de como fora o começo da filhada da dita cidade e fundamento do dito Mosteiro, e por a vida que haviam da virtude de Deos, e desy seu accordo, e por seu verdadeiro entender escreveram esta historia que adiante é escripta, tornada de latim em linguagem como já de suso dito he...» Por esta traducção da Chronica, na especie de prologo que transcrevemos se deprehende, que Fernão Pires e Otha, redigiram o *Indiculum fundationis* e portanto que sómente é anonymo o traductor; pela intelligencia do *Indiculam* conclue Frei Antonio da Purificação, que Otha e Fernão Peres são apenas testemunhas contemporaneas da tomada de Lisboa, que ainda viviam ao tempo em que a redacção latina era escripta, e que para ella contribuiram com as suas memorias e tradições oculares. E' este o sentido mais verdadeiro, e fortalece-se pela epoca em que o *Indiculum* foi escripto, já no reinado de Dom Affonso III; sobre este ponto transcrevemos

(1) *Chron. dos Eremitas de Santo Agostinho*, P. I, fl. 102.

da *Historia de Portugal* de Herculano: «Tem-se offerecido algumas duvidas sobre a sua authenticidade. O que se póde ter por certo é que ou não foi escripto nos primeiros annos do reinado de D. Sancho I, como aí se indica, ou que é uma copia tirada posteriormente... A lettra porem do manuscripto de Sam Vicente é semelhante em grandeza, em forma, em tudo á de um volume de Chancellaria de Dom Affonso II, (Maço 12 de Foraes antigos, n. 3.) e ainda aos volumes das Inquirições do mesmo Affonso II.» (1) Portanto era mais crivel que Fernão Peres e Otha, depois de 1211 só pudessem testemunhar do successo de 1148 e não escrever-lhe a Chronica. A traducção anonyma do *Indiculum* pertence ao meado do seculo XV; a edição mandada fazer por Dom João III, diz: «*em a propria lingua antigua em que foi achada.*» Do Archivo de Sam Vicente saíu a copia para a edição de 1538, e por ventura tiraram-se por esta occasião outras copias, porque existe uma outra na Torre do Tombo, que foi reproduzida em 1861 nos *Portugaliæ monumenta.* (2) Confrontadas as duas lições, vê-se que ha uma grandissima differença entre ambas, postoque com o mesmo caracter de antiguidade.

O valor da *Chronica dos Vicentes,* além de ser um monumento do estado da lingua no seculo XV, é inapreciavel para o que estuda a historia dos primeiros annos da nacionalidade portugueza; ali se encontram as primeiras tradições poeticas ligadas á memoria dos franceezes que vieram ajudar á conquista de Lisboa, como a sentidissima lenda do Cavalleiro Henrique e da fidelidade do seu pagem. Nos *Luziadas* introduziu Camões a lenda agiologica da palma que nasceu sobre a sepultura do Cavalleiro Henrique. Finalmente, o linguista

(1) *Ob. cit.,* t. I, p. 506.
(2) Scriptores, p. 407.

tem ali um documento vivo, que lhe explica os processos, como o idioma portuguez era levado pelos traductores e eruditos á disciplina grammatical.

2.º *Vida de Dom Tello.*—Aqui nos apparece a historia na sua forma biographica; a vida de Dom Tello, arcediago de Santa Cruz de Coimbra, foi escripta em latim no seculo XII, e encerra muitas circumstancias da historia nacional que não haviam sido recolhidas em outros monumentos. Foi traduzida para portuguez por Mestre Alvaro da Mota, dominicano, como se vê pelo seguinte prologo: «Aqui se compeça a obra que fala do fundamento do moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e quaes foram aquellas pessoas que este ordenaram, e fala mais da vida de Dom Tello e d'outros homens seus companheiros. Esta obra está em latim no livro do erdamento de santa cruz, e foi tornado em linguagem, porque o entendessem muitos, a requerimento de *pedre annes,* prior de podentes, irmão de *affonse annes* conigo de santa cruz. E este foy em tempo de dom gomes prior de santa cruz, homem de santa vida, que primeiro foi abbade de frorença. E esta treladaçom fez de latim em linguagem mestre *alvaro da mota*, da ordem dos pregadores, o maior letrado da ordem, estando em santa cruz com o prior dom gomes no anno de LV, no mez de Novembro.» A *Vida de Dom Tello*, termina com esta outra rubrica: «Escripta em santa cruz por o meestre *alvaro da mota,* da ordem dos pregadores, tornado do latim em lingoagem, em na era de ihesu christo de mil e IIIIC e LV⁰ anos. Em tempo del Rey dom Afonso o v⁰, e da rainha dona Isabel sua mulher, filha do Ifante dom Pedro de purtugal e da Ifante dona Isabel, filha do Conde de Urgel.» (1) N'esta biographia se vê qual era a litteratura cultivada no mosteiro de Santa Cruz, no seculo

(1) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 75 a 78.

XII; aí relata os livros offerecidos pelo mosteiro de Sam Rufo: «E emviarom-nos santo agustinho, *Sobre Joham evangelista* e *sobre o genesy,* que se chama *adliterom; questom sobre sam mateu e sam lucas;* e o *examerom* de santo ambrosio, o *pastorall* do santo ambrosyo; beda, *sobre sam lucas,* pelas quaaes cousas somos muito obrigados ao convento de sam Ruffo...» A linguagem da *Vida de Dom Tello* tem formas que já se não encontram em outros escriptores contemporaneos de mestre Alvaro da Mota; mas este phenomeno explica-se pela maior aproximação ou afastamento do que escrevia do uso vulgar ou da affectação erudita. Aí se encontra: «Vinham muitos velhos *cãaos* (canos ou encanecidos) fazendo grande *chanto* por dom tello...» A forma vulgar de *cãaos* desappareceu por causa da homonymia com *cão,* conservando-se a forma feminina *cã,* porque não tinha esse inconveniente; o *chanto* é a forma vulgar de *planctus,* que tambem desappareceu, sendo substituida pela forma erudita *pranto* por causa da homonymia com *chanto* e *chantar,* de *plantare.* Era o uso erudito que ia reconhecendo estes phenomenos e fixando as formas da lingua.

3.º *Chronica do Condestabre.* O auctor anonymo da Chronica do Condestavel, no seu pequeno prologo classifica esta biographia com o nome de *estoria;* a mesma designação lhe dá Gomes Eannes de Azurara, comparando-a com a Canção de Gesta do *Duque João de Lanson,* uma das menos conhecidas da tradição medieval. (1) Entre Nuno Alvares Pereira, typo historico e sustentaculo de uma nacionalidade, e o *Duque João de Lanson,* typo dos principaes da *faulse geste* ou dos traidores, ha uma grande differença para o paralello de Azurara. Mas o pensamento de Azurara explica-se pelas primeiras palavras do auctor anonymo: «Anti-

(1) *Chronica da Conquista de Guiné,* p. 2.

guamente foi costume fazerem memoria das cousas que se faziam, assi *erradas,* como dos *valentes* e nobres feitos. Dos erros, porque se d'elles soubessem guardar: e dos valentes e nobres feitos aos boos fezessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem.» O espirito tradicional predomina na *Chronica do Condestabre;* aí o appresenta como apaixonado pelos poemas da Tavola Redonda: «E com esto avia gram sabor de leer *livros de estorias,* especialmente usava mais ler a *estoria de Galaaz* em que se continha a somma da Tavola Redonda. E porque em ella achava que per vertude de virgindade que em elle ouve, e em que perseverou *galaaz,* acabara muitos grandes e notaveis feytos, que outros nom puderom acabar. E elle desejava muito de o parecer em alguma guisa, e muitas vezes em sy cuidava de ser virgem...» (1) Ali se encontra tambem essa lenda da *espada encantada,* que o alfageme de Santarem entregou ao Condestavel, e sobre que Garrett fez um drama nacional. (cap. XVII.) Por todas estas particularidades se vê que a *Chronica do Condestabre* pertence a essa classe de fórmas tradicionaes designadas no tempo de Fernão Lopes pelo nome de *estoreas.* Desde o momento que se organisassem os documentos para a formação das Chronicas geraes do reino era indispensavel procurar e consultar estas diversas Relações. Foi o que D. Duarte encarregou a Fernão Lopes.

Os grandes Chronistas do seculo XV

1.º *Fernão Lopes.*—E' este o verdadeiro fundador da sciencia da historia em Portugal; para elle o relatar os factos, o julgal-os é como o achar-se investido da missão grave e conscienciosa de proferir uma sen-

(1) Cap. III.

tença perante a posteridade. Como o *homem-bom* da tradição juridica chamado como arbitro, foi pelo seu caracter, que el rei Dom Duarte, por Carta de 19 de Março de 1434, lhe deu o «carrego a Fernão Lopes seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys que antigamente em Portugal forom; esso meesmo os grandes feitos e altos do mui vertuosso e de grandes vertudes el Rey seu senhor e padre, cuja alma deos aja; e por quanto em tal obra elle ha assas trabalho e ha muito de trabalhar, porém querendo-lho agallardoar e fazer graça e mercêe, manda que el aja de teença em cada hum anno em todollos dias da sua vyda, des primeiro dia do mes de janeyro que ora foy da era d'esta carta em deante, pera seu mantimento quatorze mil libras em cada huũ anno, pagadas aos quartees do ano.» As relações de Fernão Lopes com o erudito monarcha, e com o não menos erudito Infante Dom Pedro, é que revelaram a sua profunda capacidade e probidade para historiador. A carta supra, vem inclusa em uma outra dada em 3 de Junho de 1439 «*com accordo do Yfante Dom Pedro,* seu tyo, defensor por el dos ditos Regnos, e senhorios...» Quando o Infante Santo partiu para Tanger, no testamento que fez cita o seu escrivão da puridade Fernão Lopes: «Item leixo a Fernam Lopes, meu escrivão da puridade um livro de linguagem, que ell me deu que chamam *hermo espiritual.*» (1)

A grande influencia que Fernão Lopes exerceu sobre os chronistas Azurara, Ruy de Pina, Duarte Galvão e Nunes de Leão, leva a suppôr que o singular desenvolvimento litterario dos filhos nobilissimos de D. João I partiu d'este homem. Azurara fala com um profundo respeito do seu caracter: «notavel pessoa, homem

(1) J. Soares da Silva, *Mem. de D. João I,* t. IV, Doc. p. 150.

de communal sciencia e grande authoridade; escrivão da puridade do Infante D. Fernando; ao qual El Rei Dom Duarte, em sendo Infante, commetteu o cargo de apanhar os avisamentos que pertenciam a todos aquelles feitos (guerra entre Portugal e Castella) e os ajuntar e ordenar segundo pertencia á grandeza d'elles, e authoridade dos princepes e outras notaveis pessoas que os fizeram.» (1) Tanto pela Carta de Dom Duarte, como por esta outra citação de Azurara, se vê que Fernão Lopes foi encarregado de escrever a historia geral do reino, e ao mesmo tempo a de D. João I, que já era fallecido; na Carta de mercê de D. Affonso V, feita em Lisboa em 11 de Janeiro de 1449, tambem se allude ao trabalho de uma historia geral: «pelos grandes trabalhos que elle ha tomado e ainda hade tomar em fazer a *Chronica dos feitos dos Reys de Portugal...*» (2) De todo este vasto trabalho de Fernão Lopes só restam as *Chronicas de D. Pedro I*, de *Dom Fernando*, e a *de João I*, incompleta; todos os outros livros foram passando por copias successivas, até que os copistas nas suas interpollações se persuadiram que eram auctores d'esse vasto trabalho. Damião de Goes, na *Chronica de Dom Manuel*, restituiu pela primeira vez, por um processo critico, a Fernão Lopes as Chronicas desde o Conde Dom Henrique até Dom Duarte, que ainda andam sob outros nomes. (3) Tanto José Soares da Silva como Mendo Trigoso, seguiram a auctoridade de Damião de Goes e a reforçaram: «Gomes Annes, no ultimo capitulo da *Chronica do Conde D. Pedro*, primeiro capitão de Ceuta, que elle compoz, na qual para verificar a jornada dos Infantes a Tanger, cita a Fernão Lopes, na *Chronica geral do Reino*, como

(1) *Chron. de Dom João* I, Port. III, c. 2.

(2) Apud Damião de Goes, *Chron. de D. Manuel*, P. IV, c. 38, fl. 49, v.

(3) Part. IV, cap. 38. E' importantissimo.

assim mesmo o allega em outras partes; dando d'ella um notavel testemunho no principio do segundo capitulo da sua historia de Ceuta... E ainda que algumas d'estas Chronicas se achem accrescentadas ou recopiladas, como são as de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão (a quem o grande João de Barros na terceira Decada, liv. I, cap. 4, chama seu *apurador)* a de Dom Duarte por Gomes Annes ou Ruy de Pina; as dos nove reis, por Duarte Nunes de Leão; *sempre as substancias e o principal d'ellas é de Fernão Lopes.* «(1) Esta tendencia de todos os chronistas das primeiras duas dynastias em plagiarem Fernão Lopes provinha do modo como Fernão Lopes procedera no trabalho historico, tendo com uma immensa actividade esgotado todas as fontes; diz elle no principio da *Chronica de Dom João I,* que «com cuidado e diligencia vira grandes volumes de livres e desvairadas linguagens e terras, e isso mesmo, publicas escripturas de muitos cartorios e outros logares, nos quaes, depois de longas vigilias e grandes trabalhos, mais certidam aver nom pode do conteudo em esta obra.» Azurara caracterisa da mesma forma o trabalho do venerando mestre: «em andar pelos Moesteiros e Igrejas buscando Cartorios e os lettreiros d'ellas, para aver sua informação; e não só em este Reyno, mas ainda no Reyno de Castella mandou el Rey Dom Duarte buscar muitas Escripturas, que a este pertenciam.» (2) Foi assim que Fernão Lopes foi levado a comprehender a historia como uma realidade, ao passo que Dom Affonso V chamava latinistas estrangeiros para que a mascarassem com rhetorica banal. As Chronicas de Fernão Lopes são immensamente dramaticas; os ditos populares, que definem

(1) José Soares da Silva, *Mem. de D. João* I, t. I, proem. —Na Livraria de D. Duarte, n. 27, guardava-se uma *Chronica de Portugal.*

(2) Azurara, *Chron. de D. João I*, P. III, cap. 2.

um typo ou uma acção, cruzam-se por entre os pareceres sensatos do chronista que os vae acareando com os documentos; os costumes publicos formam o fundo d'este vasto quadro em que se vive e sente; a linguagem é natural, a construcção franca, n'essa justa proporção que só o bom senso sabe achar; o espirito de Froissart educado por Montaigne, é que nos pode dar o equivalente da superioridade de Fernão Lopes, não só em Portugal, mas na civilisação do seculo XV. As suas Chronicas são hoje para o que estuda perfeitos documentos ethnologicos.

2.º *Gomes Eannes de Azurara.* — Este chronista succedeu a Fernão Lopes a *prasimento* do venerando fundador da historia portugueza, que já não podia continuar as suas investigações; Azurara compoz a *Tomada de Ceuta,* que forma a terceira parte em continuação da *Chronica de D. João I,* escripta trinta e quatro annos depois da interrupção de Fernão Lopes. Dom Affonso V encarregou d'este trabalho Azurara, que tambem era bibliothecario do monarcha, posição que influiu para essa affectação de citações eruditas, que se tornou uma mania do seculo XV. Azurara não é menos consciencioso do que Fernão Lopes, embora lhe falte esta ingenuidade de dizer, que a erudição classica não destruiu no velho chronista; Azurara para descrever as guerras de Africa residiu bastante tempo em Alcacer Ceguer, podendo assim descrever a tomada de Alcacer, de Arzilla e de Tanger. Escreveu as *Chronicas do Conde D. Pedro de Menezes,* e de *Dom Duarte* seu filho, escrevendo tambem uma Chronica de D. Affonso V até a morte do Infante D. Pedro em Alfarrobeira. Ruy de Pina apropriou-se d'esta Chronica, ampliando-a e continuando-a, da mesma forma que Azurara com relação á Chronica de D. João I, accrescentando-lhe varios successos da guerra entre Portugal e Castella, como elle proprio Azurara confessa na

Hist. de Ceuta. (cap. 2.) Para a *Chronica da Conquista de Guiné,* ou mais propriamente, vida do Infante D. Henrique e historia dos seus descobrimentos, serviu-se Azurara de uma Relação escripta por Affonso Cerveira. Todo este processo para distinguir como o trabalho de Azurara foi aproveitado pelo chronista Ruy de Pina, acha-se lucidamente tratado pelo historiador critico Damião de Goes. (Parte IV da *Chronica de D. Manoel,* cap. 38.) Como discipulo de Fernão Lopes, Azurara tambem procurava compenetrar-se da verdade da historia visitando os logares da acção, como hoje fazem os grandes historiadores modernos, Niebhur, Mommsen. Azurara residiu em Alcacer Ceguer por alguns annos para se informar da tomada de Ceuta. O seu caracter é egualmente completo, como o de Fernão Lopes, mas a erudição veiu destruir em grande parte essa ingenuidade medieval que elle tem vergonha de deixar fallar, justificando-se sempre com sentenças auctoritarias de Aristoteles, de Valerio Maximo, de Tito Livio, de Ovidio e Lucano, de Seneca, e dos Santos Padres. Azurara escrevia em 1453 as suas Chronicas na Livraria opulenta de D. Affonso V; o ambiente material e moral dominava-o, era preciso ir com a corrente, desfazer-se do ouro de lei para ostentar os ouropeis que mais lisongeavam os novos cultistas.

3.º *Ruy de Pina.*—A Azurara succedeu na guarda da Torre do Tombo e no encargo de escrever as chronicas do reino, Ruy de Pina, que floresceu desde Dom Affonso V a Dom João III. Escreveu a Chronica de Dom João II, plagiada por Garcia de Resende, compilou dos chronistas seus antecessores as de Dom Duarte e Dom Affonso V, e escreveu a de Dom Manoel até á tomada de Azamor, em 1514. No capitulo em que Damião de Goes faz o processo critico da originalidade dos Chronistas do seculo XV, reproduz parte de uma

Carta de «João Rodrigues de Sá de Menezes, Alcaide mór da cidade do Porto, senhor de Sever, homem que agora será de mais de outenta annos, ... o qual sabendo o trabalho em que eu andava me escreveu uma Carta da cidade do Porto, onde reside, em Novembro de mil quinhentos cinquoenta e outo, de que porei o que toca a este negocio, a quem se pode dar inteira fé pela muita e varia lição e doctrina que n'elle ha nas Artes liberaes, e Philosophia, e experiencia das cousas que de seu tempo aconteceram n'estes regnos e outros.» (1) Eis o fragmento da preciosa Carta de João Rodrigues de Sá, por onde se pode fazer uma ideia do estado dos trabalhos historicos no periodo da actividade de Ruy de Pina: «Folguo muito de lhe darem o carguo da Chronica del rei dom Emanoel, quomo me escreve, porque sei que a fará muito bem por a devoçam e amor que teve a seu serviço e ás suas cousas, e parece esta conta que dá de quomo andou de mão em mão esta Chronica, o que se escreve das Rhapsodias de Homero, e assi foram as Chronicas dos Reis passados de Portugal, que se perderam em poder de Frei Justo, Bispo de Septa, italiano, que elrei Dom Affonso mandou buscar a Italia pera lh'as escrever em latim, e elle morreu da peste em Almada, e aí se perderam. Ruy de Pina, em tempo de Dom João segundo houve á mão, por mandado de elrei umas Chronicas dos Reis antiguos, que mingoavam, de hum homem d'esta cidade mui principal, que se chamava Fernam Novaes, e um seu filho que se chamava Fernam Novaes, como elle, me mostrou a Carta de elrei, com o conhecimento de Ruy de Pina; e regnando elrei Dom Emanoel, elle ou por ter estas Chronicas ou tambem por estar em seu poder o Tombo, em que estavam as cousas d'aquelles tempos, e por Chronicas de Castella, se offere-

(1) *Chron. de D. Manoel*, Part. IV, cap. 38, fl. 50.

ceu a elrei a lhe fazer as Chronicas que faleciam, e a isso veo da Guarda a Lisboa, e as fez com grande gosto de elrei, e com lhe fazer muita mercê por isso. Depois de acabadas, muitas pessoas vi descontentar-se d'ellas, á minha vontade sem rasão, posto que o estylo de Ruy de Pina pelos muitos adjectivos e epithetos que se usavam n'aquelle tempo, he muito afeitado.» O juizo de João Rodrigues de Sá é verdadeiro; Ruy de Pina foi censurado, e a sua *Chronica de Dom Affonso V* ficou inedita talvez por essa causa. Quaes seriam essas censuras? Ruy de Pina era escrivão da Camara de Dom João II, e bastante considerado pelo implacavel monarcha; em uma Carta datada de Evora de 16 de Fevereiro, de 1490, nomea-lhe um amanuense para o ajudar «no carrego e negocio de escrever em nossos feitos famosos e de nossos Reynos.» Com egual data lhe manda passar uma Carta de tença de nove mil quinhentos e sessenta reis. Ruy de Pina estava em uma posição difficil; teve de contar todos os meios empregados pelos Braganças desde a morte do Infante Dom Pedro em Alfarrobeira, envenenamento da rainha Dona Isabel, filha do Duque, até á traição castigada com a execução em 1483. Ruy de Pina diz as cousas pelo seu nome. O odio que esta liberdade provocou foi depois pago por seu filho Fernão de Pina, o incansavel reformador dos Foraes. No *Cancioneiro* de Resende, Ruy de Pina tambem tem o seu remoque satyrico; a proposito das ceroulas de Chamalete de Manoel de Noronha, escreve Anrique Correa:

> Esta cousa he muito dina
> para no Tombo jazer;
> aa mester qu'a *Ruy de Pina*
> se faça logo saber. (1)

El Rei Dom Manoel, respeitando sempre os planos

(1) *Canc. ger.* t. III, p. 137.

de Dom João II, estimou Ruy de Pina, concedendolhe uma tença de doze mil reis annuaes, e nomeando-o «Coronista Moor das Caronicas e das cousas passadas e presentes e por vir de nossos Regnos e Senhorios»; e tambem o nomeou seu bibliothecario com «o carrego e a chavo da nosa Livraria que está nos nossos paços da cidade de Lisboa, o qual officio e carrego queremos que o dito Ruy de Pina aja e tenha assy e pela guisa que ho tinha o doutor Vasques Fernandes do nosso conselho e nosso chanceller em a casa do Civel que no lo leixou pera o darmos ao dito Ruy de Pina por satisfação que lhe delle demos de que foy contente e como o tyveram os outros coronystas damte elle...» (1) N'este tempo vivia no paço Garcia de Resende, moço que fôra da escrivaninha de Dom João II; quando mais tarde era já fallecido Ruy de Pina, e Resende tinha a certeza de que essas Chronicas não viriam á luz, foi então que fez o plagiato da *Chronica de Dom João II*. E' de crer que Resende fosse obrigado a isso por quem pretendesse eliminar essas Chronicas escriptas com uma franqueza nada official. Em Ruy de Pina termina o cyclo dos grandes Chronistas do seculo XV, vultos capitaes em qualquer das ricas litteraturas da Europa, que per si teriam fundado a sciencia da historia, se ella não existisse.

Philosophia, Legislação, Imprensa

O regimen auctoritario em que estava a intelligencia portugueza anullou uma grande parte da actividade d'este seculo XV, fecundissimo na Italia e em França; em Philosophia continuámos o aristotelismo intolerante dos *Averroistas,* conciliando-o com a metaphysica dos moralistas catholicos; no Direito as *Or-*

(1) Dada em Evora, a 24 de Junho de 1497.

denações de D. Duarte e do *D. Affonso V* puzeram em vigor o direito romano, conciliando-o com as *Decretaes*. Sempre uma certa antinomia, resultante da incompleta comprehensão d'estes diversos poderes espirituaes que disputavam a influencia na sociedade europêa. No meio d'este conflicto, a Imprensa longe de parecer um fanal, affigura-se uma syrte; foi por isso que essa entrou em Portugal, já no fim do seculo e introduzida por uma classe social então mal vista, os Judeos. Os principaes livros philosophicos d'esta epoca, tem o caracter de compilações encyclopedicas, prevalecendo sempre o dogmatismo moral em todas as suas conclusões; d'estes, apenas está impresso o *Leal Conselheiro*, de el rei Dom Duarte, mas guarda-se na Bibliotheca do Porto a *Côrte Imperial*, e na Bibliotheca da Academia a *Virtuosa Bemfeituria*, do Infante Dom Pedro:

1.º *Côrte Imperial.*—Este livre apparece como formando parte da Bibliotheca de el rei Dom Duarte, (N.º 38.) escripto em pergaminho com 134 folhas. E' crivel que o nome que traz logo no frontispicio seja do seu possuidor, e não do seu auctor: «*Este livro he chamado* corte enperial, *o qual livro he dafons Vasques de Calvos morador na cidade do Porto.*» Este possuidor do livro, como se sabe pelos Nobiliarios, foi criado do Duque de Bragança em 1442, e em 1454 lhe alcançou o Duque de el rei o isental-o com privilegio de não ser vereador, nem ter algum officio da cidade. A *Corte Imperial* pode attribuir-se a el-rei Dom João I, que escreveu outras obras, o *Livro das Horas do Espirito Santo*, os *Psalmos certos para os finados*, e o *Livro da Montaria;* no manuscripto parece lêr-se o nome de joham na seguinte passagem do principio: «E em as tuas pessoas divinaes do que eu pecador *iohan* do começo este livro nõ como auctor e achador das cousas em elle contendas, mas como simples ajun-

tador d'ellas em huũ vellume.» (fl. 2.) O porque do titulo *Corte Imperial* explica completamente a sua intenção e a sua indole: «e tal nome lhe he feyto, porque asy como na côrte do Rey e do emperador ou d'outro alto princepe soeõ a seer trautados os grandes negocios e os altos feytos, e as arduas questões determinadas, asy este livro tracta de grandes cousas e de muy altas questões asy como = a essencia de Deos e da trindade e da encarnação divinal e d'outras materias proveitosas para conhecer e entender o senhor deus, segundo o poder da fraqueza humanal, provando tudo por auctoridades da santa escriptura cõ declarações e exposições de doutores e per razões evidentes e dizeres de barões sabedores declarados de latim em linguagem portuguez...» A monomania da erudição obrigava a este trabalho esteril das compilações encyclopedicas. Por este livro se pode saber qual o estado do conhecimento dos livros arabes em Portugal em uma epoca em que nos paizes mais civilisados da Europa era ignorado; vejamos algumas citações: «segundo podedes vêer por seus livros ante os quaes foy hũn que houve nome *hermoge*, em huũ livro que châma *logosteleos*...» (cap. XII.)—«Cá mafamede em no livro *alcarõ* en que he escripta a vosa ley e preceptos que vos ele deu, o qual livro he principal e authentico antre vós.» (Cap. XII) Esta obra tem o seu principal valor para a philologia.

2.° *A Virtuosa Bemfeituria.*— E' outro livro de moral, e em fórma de compilação, escripto pelo Infante D. Pedro; guardava-se na Bibliotheca de seu irmão, el-rei D. Duarte, (N.° 46.) que o cita como auctoridade no seu *Leal Conselheiro:* «e o Infante D. Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmão, de cujos feytos e vida som contente, compoz o *livro da virtuosa bemfeituria,* e as *horas* da confissom.» (*op. cit.* p. 169.) O chronista Ruy de Pina tambem falla do In-

fante «e foi bem latinado e assás mystico (encyclopedico) em sciencias e doutrinas de lettras, e dado muito ao estudo; elle tirou do latim em linguagem o *Regimento de Princepes,* que Frey Gil Correado compoz, e assi tirou o livro dos *Officios* de Tullio, e Vegecio *De Re Militari,* e compoz o livro que se diz da *Virtuosa Bemfeituria.*» (1) Todas estas obras se devem julgar escriptas antes de 1438, pelo facto de pertencerem aos *livros de uso* de el-rei Dom Duarte. Era dedicada a *Virtuosa Bemfeituria* ao monarcha, seu irmão; e nos seis livros de que constava, tratava: que cousa é virtuosa bemfeituria; como o beneficio deve ser dado; como a virtuosa bemfeituria deve ser requerida; como o beneficio deve ser recebido; o que é agradecimento, e como as bemfeiturias se perdem. A confusão da philosophia com a moral theologica, fez com que a tendencia encyclopedia que tanto distingue os grandes espiritos do seculo XV, Pic de la Mirandola, Leonardo de Vinci e outros, se acanhasse n'estas compilações em que se tinha em mira mostrar a área das suas leituras.

3.º *O Leal Conselheiro,* de Elrei Dom Duarte.— Quem lê o catalogo dos Livros de uso d'este monarcha, e conhece a historia intellectual do seculo XV, é capaz de prevêr o contheudo d'essa vasta encyclopedica de theologia, moral, medicina, pedagogia, e grammatica, de envolta com rapidas memorias pessoaes de uma certa ingenuidade medieval. E' a compilação na sua fórma habitual, com que el-rei Dom Duarte exercia a sua aptidão calligraphica, prenda ainda rara no seculo XV entre os altos personagens. Com o *Leal Conselheiro* vê-se esse facto que tanto caracterisa a nossa litteratura no seculo XV, a separação entre os sabios e o povo: «E tal trautado, (diz o monarcha alludindo

(1) *Chron. de D. Affonso V,* cap. 125, p. 433.

á sua obra) me parece que principalmente deve pertencer para os homens da côrte, que alguma cousa saibam, de semilhante sciencia, e desejem viver virtuosamente, porque aos outros bem penso que nom muyto lhes praza de o ler, nem de o ouvir.» (1) O *Leal Conselheiro* é um dos documentos maiores e mais importantes para a historia da lingua portugueza; apezar de escripto sob o regimen de uma importuna erudição, a sua origem familiar e domestica leva-o a evitar a elocução rhetorica usada pelo Infante Dom Pedro, e obriga-o, como elle proprio confessa, «de levar esta ordem de escrever na geral maneira de nosso falar natural.» (2)

(1) *Leal Conselheiro*, p. 8.

(2) *Ib.*, p. 8.—Os seguintes livros são uma prova da influencia erudita de D. Duarte: *Tratado de Virtud*, de D. Alonso de Carthagena: traz o seguinte: «Porque las cosas nobles e provechosas, mientras más se extienden al pro comun, non solamente mas nobles, mas aun divinas se facen, segund que lo escribio Aristoteles en el tomo de las Ethicas. Conmigo pensando determiné trasladar en nuestra commun lengua castellana un gracioso e noble tratado que de virtudes fallé, el cual de los dichos de los Morales filosofos compuso el de loable memoria D. Alfonso de Santa Maria, o bispo de Burgos, al muy illustre é muy inclito Sr. D. Duarte, rey de Portugal, seyendo primero princepe, al cual *Memorial de Virtudes* intituló.» Ap. Bibl. de Gallardo, t. II, p. 255.

—*Libro de Marcho tullio çiçeron*, que se llama de la *Retorica*, trasladado de latin en romançe por el muy reverendo don Alfonso de Cartagena, oppô de .Burgos a ynstancia del muy esclarecido Principe don Eduarte Rey de Portugual. (Na Bibl. do Escurial. Fl. 45 fl.—«Fablando con vos, princepe esclarecido, en materias da sciencia en que vos sabedes fablar, en algunos dias de aquel tiempo en que la vuestra corte, por mandado del rey catholico mi señor, estaba, viuvos a voluntad de haber la Arte de la Retorica, en claro linguage, por conocer algo de las doctrinas que los antiguos dieron para fermoso fablar. Et mandasteme, pues yo a esta sason parecia haber algunt espacio para me occupar en cosas estudiosas, que tomase un pequeno trabajo, e pasase de latin en nuestra lengua la Retorica que Tulio compuso.» etc. Ap. Gallardo, II, 260.

4.º *As Ordenações Affonsinas.*—N'uma epoca em que a legislação era *casuistica* e não fundada sobre um certo numero de principios abstractos que tornam a redacção da lei *formalistica,* os Codigos apresentam um certo numero de particularidades que são verdadeiros documentos ethnologicos. Sob este ponto de vista, as *Ordenações Affonsinas* são um quadro fidedigno e intimo da vida portugueza. No seculo XV, é por ventura o mais certo repositorio da linguagem popular portugueza. No seculo XV, já os jurisconsultos eram homens de letras, e foi d'esta tradição que se formou o espirito de Cujacio e da eschola historica de direito. E' por isso que os jurisconsultos encarregados de codificarem as leis portuguezas, como João Mendes Cavalleiro, por D. João I, e o Doutor Ruy Fernandes, por el rei Dom Duarte e D. Affonso V, se devem considerar como completos homens de letras. De ordinario cada titulo de legislação é acompanhado de um prologo em que se compila a opinião dos moralistas. Um verdadeiro monumento litterario é o *Regimento de guerra,* (Tit. 51.) aonde o espirito cavalheiresco da edade media ainda se conserva no direito de levantar hoste. Esta renascença da tradição cavalheiresca no momento em que ella vae ser uniformisada na lei commum, e assegurar ao rei a sua independencia sobre os barões por meio dos exercitos permanentes, é tambem uma antinomia, provocada pela influencia da erudição, que tendia a absorver fatalmente os jurisconsultos romanistas.

Imprensa em Portugal—Publicação da Vita Christi

Os primeiros trabalhos da Imprensa em Portugal, já reconhecida como uma instituição publica, foram protegidos pela rainha D. Leonor, mulher de Dom

João II; esta mesma senhora, foi a que instituiu em Portúgal os Hospicios ou Misericordias; foi ella que primeiro conheceu o assombroso talento de Gil Vicente, nomeando-o seu *lavrante;* e se o theatro portuguez desabrochou no principio do seculo XVI, deve-se esse passo na civilisação ás suas repetidas instancias para que Gil Vicente escrevesse novos *Autos* para os serões do paço ou para as festas religiosas. Um dos primeiros trabalhos dos prelos portuguezes foi sem duvida o opusculo do Infante Dom Pedro sobre o *Menosprecio do Mundo;* segundo José Soares da Silva, existia um exemplar d'este rarissimo monumento, «na livraria que foy do Cardeal Sousa, e existe na Casa dos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches.» Descrevendo o livro diz que traz no fim a declaração de que fora impresso «*nove annos depois de inventada a famosa Arte de Impressão.*» Tambem o Conde da Ericeira, relatando o estado da livraria do Conde de Vimeiro á Academia de Historia portugueza, escreve: «Tambem entre os impressos permanecem muitos esquisitos, e entre elles as obras do Infante Dom Pedro, com esta declaração no fim: «*Este liuro se imprimiu seis annos depois que em Basilea foy achada a famosa Arte de Impressão.* O que serve muito para averiguar a epoca d'este admiravel invento, e disputar a gloria a Moguncia, e mostrar a brevidade com que se introduziu em Portugal.» O Conde de Ericeira comprehendeu a importancia d'essa declaração final, e portanto é de crêr que a copiasse textualmente. Sendo a Imprensa introduzida em Basilea em 1474, é facil de inferir que a Imprensa começou a funccionar entre nós em 1480, conforme a rubrica copiada por Soares da Silva; as duas rubricas, accusam uma nota manuscripta pelo facto de variarem entre si, o que mais se corrobora pela existencia de dois exemplares um na bibliotheca de Vimeiro, outro na de Lafões. Em todo o caso a nota serve de base

para uma tradição verdadeira; as *Coplas* do Infante Dom Pedro foram impressas ainda no seculo XV, com certeza sob a mesma influencia que mandou dar publicidade ao outro livro traduzido por ordem de sua filha a rainha D. Isabel, mãe de Dom João II, a *Vita Christi* de Ludolpho Cartusiano. Este livro andava na casa real desde Dom Duarte, e apenas se havia traduzido o capitulo 7 da Primeira parte, no *Leal Conselheiro;* (Cap. 89.) tambem no tempo d'este monarcha ainda era considerado anonymo: «aquelle livro de *Vita Xp̃o,* que fez, segundo dizem, que por el nom se nomea, huũ freire da ordem dos Cartuxos.» (Cap. 85.) A filha do Infante Dom Pedro, a duqueza Dona Isabel, «mandou trasladar de latim em linguagem portuguez, ao muy pobre de vertudes dom Abbade do moesteiro de S. Paulo.» A rainha Dona Leonor encarregou aos impressores Valentim de Moravia e Nicoláo de Saxonia da Impressão d'esta obra opulenta, que terminaram em 1495. A linguagem do tempo da rainha D. Isabel já pareceu antiquada em 1495, e foi por isso que a rainha Dona Leonor encarregou ao seu pregador Frei André, franciscano, da revisão do texto. E' um dos livros, ainda hoje, dos mais bellos dos prélos portuguezes. Valentim de Moravia figura até 1514 em Portugal, com o nome de Vatentim Fernandes, imprimindo logo em1496 a celebre novella de cavalleria, intitulada *Estoria do muy nobre Vespasiano;* em 1500 as Obras de Cataldo Siculo, do qual diz Fray Juan d'Avila, apodando os eruditos:

> Aquel *Siculo* elegante
> Que por estes reinos vino... (1)

(1) *La Vida y la Muerte,* ed. 1508.

*

Em 1501 imprime Valentim Fernandes as *Coplas* de Jorge Manrique, de que tanto gostava Dom João II, circumstancia que leva a crêr ter sido feita a impressão por ordem da rainha Dona Leonor.

Ficções novellescas, Viagens

O gosto das Novellas de Cavallaria, que Fernão Lopes accidentalmente revela que existia na côrte de Dom João I; os nomes de heroes da Tavola Redonda com que a aristocracia se arreiava; os riquissimos thesouros poeticos da livraria de el-rei Dom Duarte, tudo nos revela que devia existir em Portugal uma grande actividade litteraria sacrificada a essa paixão extemporânea. A dedicatoria do *Tirant il Blanch* ao Infante Dom Fernando, irmão de Dom Affonso V, pelo valenciano João de Mortorell, bem nos mostra que esse gosto litterario ainda dominava no meado do seculo XV. Mas o que é verdadeiramente notavel, é que abundam os livros de moral e de rhetorica, e só se conhece publicada a novella intitulada *Estoria do Imperador Vespasiano*. Tinha razão o Dr. João de Barros quando dizia que estas cousas se seccam entre as nossas mãos. E' certo que a nossa actividade litteraria n'este genero foi grande, como se pode vêr pelos differentes achados que se seguem:

1.º *Demanda do Santo Greal* — Eis a descripção d'este precioso codice, que se guarda na Bibliotheca de Vienna (1): «Da parte d'este, que respeita a *Lançarote,* existe uma versão livre contemporanea de Dom João I, na Bibliotheca imperal d'esta côrte, escripta em pergaminho, e com o maior esmero possivel. Não contém, é verdade, o principio, mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da No-

(1) N.º 2594, da Bibl. de Vienna.

vella, com a circumstancia de que não se encontra no texto francez, apesar de citado pelo escriptor.» — «O Ms. da Tavola Redonda existente em Vienna, consiste (sem principio) em parte do *Conto* ou *Romanço de Lançarote,* tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto. — Parece que o *Codice,* que é um volume grosso, fazia parte de uma collecção maior, comprehendendo o *Brado de Merlim,* e a *Estoria de Tristam.*—Ahi ainda se vê mui usado o *ren* e *en,* no mesmo sentido que os trovadores os usavam.» (1) De facto, na Bibliotheca de Dom Duarte encontram-se estas duas partes *Merlim* e o *Livro de Tristão.* Ainda no *Cancioneiro geral* se lê:

> O que foi d'esse *Merlim*
> E d'outros tantos d'aguora... (fl. 57.)

2.º *Livro de Josep ab Arimathia.* — D'este Manuscripto do cyclo das novellas portuguezas da *Tavola Redonda,* dá noticia Varnhagen, como tendo-o visto em Lisboa, em 1846: «A cerca do Santo Greal tivemos occasião de vêr, ha uns 24 annos, em Lisboa, outro manuscripto intitulado: *Livro de Josep ab aramatia Intitulado a primeira parte da Demãda do Sãto Grial ata a presẽte idade nunca vista treladado do proprio original por ho doutor Manuel Avẽz corregedor da Ilha de Sã Miguel Deregido ao muy alto e poderoso principe el Rei Dom João ho 3.º deste nome Elrei nosso Sñor.*» Na dedicatoria ao monarcha escrevia o Dr. Manuel Alvares: «Com esta ousadia comecey a tresladação do presente livro que a V. A. hofereço. O qual eu achei em Riba Dancora em poder de hũa velha de muy antiga idade no tempo que meu pay C^or^ de Vossa Corte servia V. A. de C^or^ Dantre

(1) *Cancioneirinho,* p. 165, 168.

Douro e minho. O qual livro, segundo por elle pareçe he spto em porgaminho e iluminado. E a caise de dozentos annos que fo spto trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas como V. A. por elle verá.» Na descripção d'este Manuscripto, recolheu tambem o collector do *Cancioneirinho,* da fl. 311 v. do notavel *Codice:* «Este livro mandou fazer João Sanches *mestre escolla* d'Astorga no quinto ano que o estudo de Coimbra foy feito e no tempo do papa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez o Concilio geral em Viana e pos ho entredicto em Castela, e neste ano se finou a rainha dona Constança em São fagundo e casou o Infante Dom Felipe com a filha do Dom A.º ano de 13 bij anos.» Eis o summario de alguns capitulos d'esta novella manuscripta, hoje perdida: «Como o Emperador (Vespasiano) perguntou se J. C. creia nos idolos. (cap. 4.) Como o Emperador emviou buscar as reliquias de J. C. pelo seu mestre sala (Gay.) (cap. 5.) Como Vespasiano... foi gafo. (cap. 21.) Como a Veronica veio a Roma, e como Vespasiano foi são, etc. (cap. 23.) Vespasiano havendo promettido não queimar nem enforcar a Caifás, o manda meter em uma barca á ventura. (cap. 25.) Baptisa-se Vespasiano. (cap. 27.) Pilatos na prisão. (cap. 28.) E' condemnado ao Diabo. (cap. 29.)» (1) No *Cancioneiro geral* acha-se uma poesia de Alvaro Barreto á morte do Infante D. Pedro, em que diz:

> Do comprido *mestre escolla,*
> ou *Josep Baramatya.* (2)

3.º *Chronica de Dom Duardos.*—Encontramos tambem uma novella, que se attribue no frontispicio a Go-

(1) *Cancioneirinho,* notas, p. 165 a 167.
(2) *Can. ger.,* t. I, p. 278.

mes Eannes de Azurara: *Cronica do invictissimo Dom Duardos, princepe de Inglaterra, filho de Palmeiry e da Princeza Polinarda, na qual se contem seus extremados feitos em armas, e purissimos amores, com outros de outros cavalheiros que em seu tempo concorreram. Composto por Henrique Fauste, cronista Ingrés e transladada em portuguez por Gomes Eannes de Azurara, que fez a Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques, achada de novo entre seus papeis.*» Azurara cita o *Amadis de Gaula* com conhecimento de causa, e a Gesta do *Duque Jean Lanson,* o que torna plausivel esta attribuição.

4.º *Estorea do muy nobre Imperador Vespasiano.* —E' esta a unica novella do seculo XV que chegou a ser impressa; pertence ao cyclo erudito greco-romano, e foi talvez por a tomarem como tendo valor historico, que alcançou a publicidade. *Vespasiano* foi heroe de muitas Gestas da edade média; Francisco Michel cita um largo poema francez existente em uma Bibliotheca de Inglaterra, (1) e Herculano, um poema provençal na Bibliotheca de Paris; (2) mas quanto á origem da Novella portugueza podemos affirmar que ella foi traduzida do hespanhol, por isso que existe impressa in-4.º sem data, uma *Historia de Vespasiano emperador de Roma,* de que resta noticia pelo catalogo da Livraria de Fernando Colombo, e que elle comprou em Sevilha por outo maravedis. (3) A novella de *Sem Ventura Isêa* tambem é traduzida do castelhano, como as *Coplas de Vita Christi,* de Fray Iñigo de Mendoza, que o Coudel-Mór cita:

Como os grosa *Vita Christe.* (4)

(1) *Relatorio,* p. 119.
(2) *Panorama,* t. IV, p. 8.
(3) Bibliotheca de Gallardo, t. II, p. 530.
(4) *Canc. ger.,* fl. 9, col. 1.

Viagens.—Como livros de Viagens temos ainda pertencentes ao seculo XV o livro de Marco Polo, que já fôra traduzido pelo Infante Dom Pedro, e que Valentim Fernandes traduziu de novo ajuntando-lhe o de Nicoláo Veneto, imprimindo-os ambos em 1502. As *Cartas* do D. Lopo de Almeida, escriptas da Allemanha a Dom Affonso V, em 1451, contando-lhe a jornada e festas do casamento da imperatriz D. Leonor sua irmã, são preciosissimas, pelas suas observações pittorescas e involuntariamente engraçadas. (1) O *Roteiro da Viagem de Vasco de Gama,* em 1497, escripto por um marinheiro da náo de *Paulo da Gama,* por ventura Alvaro Velho, é um documento cuja importancia litteraria só se avalia procurando n'elle os elementos historicos e tradicionaes de que se aproveitou Camões nos *Lusiadas.* Um grande elemento poetico predominou na actividade historica do seculo XV, e pode-se dizer, que grande parte das viagens foram provocadas pela descoberta das Ilhas encantadas, de que fala o Cavalheiro Rosenthal, na sua viagem a Portugal, e pela investigação da realidade do *Preste João das Indias.*

---

(1) São quatro; vem nas *Prov. da Hist. gen.*, t. I, p. 633.

TERCEIRA EPOCA

OS QUINHENTISTAS

(SECULO XVI)

CAPITULO VIII

A disciplina grammatical no seculo XVI

Influencia da educação portugueza feita no estrangeiro.—A erudição toma um caracter profano na Renascença.—Nebrixa e os estudos classicos na Peninsula.—A Grammatica de Fernão de Oliveira: como elle observa o estado do archaismo e do neologismo: as alterações phoneticas, morphologicas e syntacticas.—A auctoridade escripta usada por Fernão de Oliveira.—A Grammatica de João de Barros.—Influencia dos poetas no desenvolvimento da lingua portugueza desde Gil Vicente até Camões.—A lexicographia no seculo XVI.—Os trabalhos de Duarte Nunes de Leão sobre a Orthographia e sobre a Origem da lingua portugueza.

A educação portugueza no estrangeiro

O seculo XVI é o periodo de maior actividade da lingua e da litteratura portugueza; a lingua fixa-se por meio da constituição das suas leis grammaticaes, e a litteratura chega a ser uma das fórmas de manifestação do sentimento nacional e das grandes individualidades. Para que estas duas profundas revoluções se operassem, não bastava o esforço dos eruditos da eschola de Nebrixa, nem as mais ou menos habeis imitações dos poetas italianos; existiu uma causa organica, inmanente na vida social, que se revelou por esta fórma. Com a descoberta da India, com a independencia das grandes navegações, Portugal entrou

n'esse periodo a que no quadro das civilisações se dá o nome de *vida historica* de um povo. E' por isso que o seculo XVI em Portugal reconhece pela primeira vez na sua litteratura o genio popular, em Gil Vicente; a consciencia historica em João de Barros; a disciplina grammatical em Fernão d'Oliveira; a preferencia da lingua portugueza para as concepções ideaes em Antonio Ferreira; e o espirito da nacionalidade em Camões. Apezar dos grandes erros politicos de D. Manoel, expulsando de Portugal os Judeos, e de Dom João III, fundando a Inquisição e entregando aos Jesuitas todos os estabelecimentos de instrucção, ainda assim, o seculo XVI foi de uma riqueza não excedida até hoje, em toda a ordem de actividade, porque era organica a causa que o fecundava. Não comprehendêmos o phenomeno moral e litterario da Renascença, não chegou até nós esse outro phenomeno religioso e politico da Reforma; mas, apezar de tudo, o seculo dos *Quinhentistas* é o periodo mais bello da nossa historia, porque o movimento que o activou partia da totalidade da nação. E' por isso que no seculo XVI acaba a lingua portugueza da edade media, e começa o portuguez moderno, como o fallava e escrevia Camões. «Os phenomenos d'esta natureza, como escreve Adolpho Coelho, nunca se dão isolados n'uma lingua, porque as condições em que se produzem são, ou a decadencia litteraria ou o movimento historico do povo que falla essa lingua, ou ambos reunidos, isto é, causas de grande extensão e não causas inteiramente locaes e só capazes de produzir uma ou duas especies de alterações. D'elles se serve a glottica para caracterisar os periodos da historia das linguas; etc.» (1) Bastava o movimento historico do povo portuguez no seculo XVI para poder-se determinar por elle um periodo capital

(1) *Questões da Lingua portugueza*, p. 68.

do desenvolvimento da lingua portugueza. Assim como á descoberta da America por Christovam Colombo, oppuzemos a descoberta do Oriente por Vasco da Gama, deu-se nos dominios litterarios a mesma rivalidade com a Hespanha. Dominava ali o erudito Nebrixa, centro de todos os estudos classicos; desde 1490 que apparecera a primeira Grammatica hespanhola, por Alonso de Palencia; em 1492 Nebrixa publicava o primeiro Diccionario. Por este tempo tinha Dom João III a educar em Italia sob a direcção de Angelo Policiano, os filhos do Chanceller-mór João Teixeira. Em uma Carta de Angelo Policiano ao Chanceller, diz-lhe dos seus discipulos: «Para a Italia os mandastes, a fim de se lhes formarem os costumes, serem instruidos nas boas lettras e apprenderem todas as artes liberaes, segundo é proprio de quem tem de occupar a mais elevada posição.» (1) A Italia era o fóco puro das tradições classicas; mas as revoluções a que a Italia se viu sugeita fizeram com que Paris fosse procurado de preferencia pelos portuguezes; a reforma dos estudos no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, faz-se com os alumnos vindos das escholas de Paris, e com mestres d'ali trazidos. Ayres Barbosa, André de Resende, Damião de Goes, Caiado, Achilles Estaço, figuram no estrangeiro como grandes eruditos antes de virem activar a educação publica em Portugal; em 1537 emprehende Dom João III a reforma da Universidade, mudando-a definitivamente para Coimbra. Foi na vespera d'este notavel acontecimento, e pouco depois do regresso dos cavalleiros portuguezes que acompanharam o Infante Dom Luiz á tomada de Tunis, que se publicou em Portugal a primeira *Grammatica portugueza*. Diz Fernão de Oliveira: «Tudo ante quem não folga de dizer mal terá escusa com olhar a novidade da obra, *e como es-*

(1) Apud *Poet. palacianos*, p. 305.

crevi sem ter outro exemplo antes de mi, e isto muito mais escusará o defeito da ordem que tive em meu proceder, se foi errada.» (1) A causa porque só tão tarde se procurou estabelecer a disciplina grammatical da lingua portugueza só póde ser attribuida ao estudo supersticioso do latim, que era imposto como linguagem usual desde as escholas de Santa Cruz até aos paços de D. Manoel. Em uma relação dos costumes de Santa Cruz de Coimbra se lê: «Em este tavoleiro ha grande concurso de estudantes, que continuamente conferem entre si, huns em grammatica, outros em rhetorica, outros em logica e philosophia, outros em santa theologia, outros em medicina da vida e saude humana reparadora; *e a todos é opprobrio fallar, salvo em a lingua latina ou grega.*» (2) André de Resende, na *Vida do Infante Dom Duarte,* mostra tambem como nas lições de Clenardo se fallava latim: «Muitos houve, que tinham opinião de letrados, que *per não descobrirem o fio de quam mal sabiam fallar latim,* escolheram antes não ir á lição, nem entrar emquanto o mestre lá estivesse, e não é necessario nomeal-os.» (3) Por 1516 escrevia o Conde de Vimioso a Ayres Telles:

> Coytado, triste de ti
> Homem mofino,
> Que *foste nascer em sino*
> *De latim.* (4)

Até as damas se entregaram ao estudo do latim, como a Infanta D. Maria; D. Leonor de Noronha traduzia do latim as *Eneadas* de Sabellico, e as Sigêas compunham versos em latim e eram polyglotas. Foi

(1) *Grammat.*, p. 120. Ed. 1871.
(2) Apud Juromenha, *Obras de Camões,* t. I, p. 19.
(3) *Ob. cit.*, cap. 10.
(4) *Canc. ger.*, III, 121.

esta a causa porque a grammatica portugueza se publicou tão tarde, em 1536. A erudição do seculo XVI era humanista, e não exclusivamente ecclesiastica, como no seculo XV; é por isso que Nebrixa apparece apodado pelos escriptores moralistas:

> Con dotrina muy prolija
> Nuestras tierras embotadas
> Por el fomoso *Lebrija*
> Quedraran acecaladas:
> Son las gentes alumbradas,
> De su ciega grosseria
> Ja no hablan grosseria,
> Mas razones alindadas. (1)

El rei Dom Manoel tendo casado successivamente com trez princezas castelhanas, fizera insensivelmente com que a linguagem da aristocracia portugueza fosse a que se fallava em Castella. Os poetas, que imitavam os novos metros italianos, a exemplo de Boscan e Garcilasso, ensaiavam o endecasyllabo na versificação castelhana, como o fizeram Sá de Miranda e D. Manoel de Portugal. Mas, apezar de todas estas causas atrazadoras, a lingua portugueza desenvolve-se largamente, fixa muitas das suas fórmas, simplifica a sua syntaxe, accentúa mais a sua differença do castelhano, de modo que, quando as grammaticas foram organisar as suas regras não tiveram mais do que reconhecer os factos consummados.

A Grammatica de Fernão d'Oliveira — 1536

Postoque as ideias grammaticaes de Fernão de Oliveira estivessem viciadas por uma falsa comprehensão da origem ethnologica do povo portuguez, e derivasse a sua lingua das colonias lusitanas, e a sua erudição

(1) Fray Juan d'Avila, *La vida y la Muerte*. Ed. 1508.

fosse recebida por authoridade pedantesca, citando indigestamente Marciano Capella, Nebrissa, Marsilo, entre Cicero, Quintiliano, Marco Varrão e Probo Grammatico, é certo que a sua origem popular influiu profundamente para que com este passado não perdesse o conhecimento da lingua portugueza. Dedicando a sua *Grammatica da linguagem portugueza* a Dom Fernando de Almada, confessa o seu nascimento: «sou um homem baixo.» (p. 4) Fernão de Oliveira era natural da Beira, a provincia aonde a linguagem portugueza conservara maior estabilidade, bem como uma poesia tradicional; foi educado em Evora, na capital da erudição, no Convento de S. Domingos: «sendo eu moço pequeno fui criado em S. Domingos d'Evora, onde faziam zombaria de mi os da terra, porque o eu assi pronunciava, segundo que o apprendera na Beira.» (p. 114.) Depois d'isto Fernão de Oliveira foi preceptor em casa de Dom Fernando de Almada, que tambem era homem lido: «aproveita seu tempo lendo bons livros para si, e no regimento de sua casa primeiro, cria com muito cuidado dom Antão seu filho, a quem Deus guarde e prospere, *para cuja doutrina com muita despeza me trouxe a sua casa*, e graciosa e compridamente me conserva n'ella.» (p. 4.) Aqui temos as boas condições de Fernão de Oliveira, para assignar as revoluções experimentadas pela lingua portugueza no primeiro quartel do seculo XVI; criado entre o povo, na Beira, é educado sob o regimem da erudição em Sam Domingos de Evora, e passa a vida em contacto com a aristocracia, em casa de D. Fernando de Almada.

Fernão de Oliveira nota o grande desleixo que os portuguezes tem pela sua lingua, isto é, caracterisa o facto do estado de indisciplina da lingua: «Já confessámos ser verdade o que diz Marco Varão, nos livros da *Etymologia,* que se mudam as vozes e com ellas é

tambem necessario que se mudem as letras; *mas não com tão pouco respeito como agora alguns fazem,* os quaes como chegam a Toledo, logo se não lembram de sua terra, a que muito devem. E em vez de apurarem sua lingua corrompem-na com emprestilhos, nos quaes não podem ser perfeitos. Tenhamos pois muito resguardo n'esta parte, porque a lingua e escriptura é fiel thezoureira do bem da nossa successão, e são, diz Quintiliano, as letras para entregar aos que vierem, as cousas passadas.» (pag. 18.) Falando da renascença dos estudos sob Dom João III, continúa: «porque já os priguiçosos não tem escusa, nem se podem chamar remissos por falta de premio: e comtudo appliquemos nosso trabalho a nossa lingua e gente, e ficará com maior eternidade a memoria d'elle; e não trabalhemos em lingua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas que a possâmos ensinar a muytas outras gentes e sempre seremos d'ellas louvados e amados, porque a semelhança é causa de amor, e mais em as linguas. E ao contrayro vêmos em Africa, Guiné, Brasil e India não amarem muito os Portuguezes que antr'elles nacem, só polla differença da lingua; e os de lá nacidos querem bem a os seus portuguezes, e chamam-lhes seus, porque fallam assi como elles.» (p. 16.) Fernão de Oliveira presentiu vagamente que a lingua é o orgão mais poderoso da unidade nacional: «porque desfazem muito na gloria do çeptro e corôa do nosso reino, estes assi como tambem cortam a perpetuidade d'elle os que de novo trazem nova lingua á terra; porque a lingua e a unidade d'ella é mui certo apellido do reino, do senhor, e da irmandade dos vassalos;... quanto de minha parte, segundo eu entendo, eu juraria que quem folga de ouvir lingua estrangeira na sua terra não é amigo da sua gente nem conforme a musica natural d'ella;» (p. 72.) D'aqui tira Fernão de Oliveira a necessidade de se organisar a

disciplina grammatical da lingua portugueza: «e é verdade que se não tivermos certa lei no pronunciar das letras não pode haver certeza de preceitos, nem arte na lingua; e cada dia acharemos n'ella mudança não sómente no som da melodia, mas tambem nos sinificados das vozes, etc.» (p. 25.) Estas duas alterações da lingua, notadas por Fernão de Oliveira, são o *Archaismo*, e o *Neologismo*. Vejamos como o velho grammatico observou a revolução archaica do portuguez pela estabilidade da dicção popular: «As dições velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas... *rução* que quiz dizer cidadão, segundo que eu julguei em hum liuro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom João: por seu mandado foi o liuro que digo escripto e está no moesteiro de Peralonga, e chama-se *estorea geral;* no qual achei esta com outras anteguidades de falar;... Poys em tempo del rei Dom Affonso Anriques *capapelle* era nome de uma certa vestidura, e não sómente de tanto tempo, mas tambem antes de nós hum pouco nossos paes tinham algumas palauras que já não são agora ouvidas; como, *compengar,* que queria dizer, comer o pão com a outra vianda; e *nemichalda,* o qual tanto valia como agora *nemigalha,* segundo se declarou, poucos dias ha, uma velha, que por isto foi perguntada, dizendo ella esta palavra; e era a velha a este tempo quando isto disse, de cento e dezeseis annos de sua edade...... *acarão,* quer dizer junto ou a par; e *samicas,* que significa, por ventura, e outras peores vozes ainda agora as ouvimos e zombamos d'ellas... muitas vezes algumas dições, que ha pouco são passadas, são já agora muito avorrecidas, como: *abem, ajuso, acujuso, a suso,* e *hogano, algorrem,* e outras muitas; e porém se estas e quaes outras as meterem em mão de um homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal; etc.» (p. 80, 82.) A linguagem *ar-*

chaica usada por Gil Vicente nos seus *Autos,* era o resultado do seu espirito de observação, quando procurava imitar os costumes populares da Beira. E' por isso que Fernão de Oliveira cita Gil Vicente como auctoridade grammatical, no modo de escrever as interjeições. (p. 32.) Da observação do estado archaico da lingua, é Fernão de Oliveira levado para o conhecimento da fórma dialectal resultante do archaismo: «tambem se fez em terras esta particularidade, *porque os da Beira tem umas falas, e os Dalentejo outras;* e os homens da Extremadura são differentes dos d'Antre Douro e Minho; porque assi como os tempos, assi tambem as terras criam diversas condições e conceitos; etc.» (p. 85.) «E tambem se este verbo *nego,* servia em lugar de conjunção e valia ante os velhos tanto como *senão,* e ainda agora assi val na Beira.» (p. 118.)

A vida civil no seculo XVI provocava fatalmente á admissão de novos vocabulos, ou *neologismos.* Fernão de Oliveira nota esse facto: «o costume novo traz á terra novos vocabulos; como agora pouco ha, trouxe este nome *picote,* que quer dizer burel; do qual porque de fóra trouxeram os malgalantes o costume, ou para milhor dizer o desdem de vestir o tal pano, trouxeram tambem o nome com esse costume; e *alquice,* tampouco é vestido da nossa terra, por isso tambem traz o nome estrangeiro comsigo. E *arcabuz,* ha sete ou outo annos pouco mais ou menos, que veo ter a esta terra com seu nome d'antes nunca conhecido n'ella.» (p. 69). «tornemos a falar das dicções alheas, as quaes tambem com algum trato vem ter a nós: como de Guiné, e da India, aonde tratamos, e com arte não sómente quando a arte vem novamente a terra, como veo a da Impressão; mas tambem nas artes já usadas, quando de novo usam algum costume os alfayates em vestidos, e os sapateiros em calçado, e os armeiros em armas de novas feições, e assi os outros; porque os homens falam do

que fazem, e portanto os aldeãos não sabem as falas da côrte, e os sapateiros não são entendidos na arte de marear, nem os lauradores d'antre Douro e Minho entendem as novas vozes que este anno vieram de Tunis com suas gorras.» (p. 70.) Mas estas tres correntes do *Archaismo,* da *formação dialectal* e de *Neologismo,* são como uma revolução superficial que se dá na lingua, sem modificar-lhe a essencia. Porém no seculo XVI essas modificações radicaes deram-se no portuguez, nos sons, nas fórmas e nas construcções syntacticas, como vamos vêr pelas proprias observações de Fernão de Oliveira:

1.º *Alterações phonicas.*—Da mudança do *l* por *r*, fixando-se o seu uso no seculo XVI, diz o velho grammatico: «saberemos que a forma e melodia da nossa lingua foi mais amiga de pôr sempre *r* onde agora escrevemos ás vezes *l*, como *gloria* e *flores,* onde diziam *grorea* e *frores*, e tambem outras partes comestas.» (p. 35) Do phenomemo phonetico da permutação das letras, diz: «Tambem em se mudar umas em outras tem as letras communicação, e guardam a rasão de seu parentesco ou visinhança. Como *todondia,* por *todo o dia;*.... pois as consoantes antre si tambem se mudam humas em outras, como *amarano seu Deos,* por *amaram o seu Deos; no amor de Deos* por *em o amor de Deos; pollo conselho de meus amigos,* em logar de *por o* conselho de meus amigos. *Pul-a mão* por *pus a mão,* etc.» (p. 42.) Apezar de todo o estudo do latim, no seculo XVI, já se não sabia a razão das vogaes dobradas conservadas na ortographia antiga; Fernão de Oliveira, diz que eram para fazerem sentir a vogal accentuada: «e faz que muitos em logar d'estas vogaes grandes (accentuadas) escrevem duas, como quer que a voz não seja mais que huma...» (p. 20.) Por ex. *vêer,* conserva os dois *e e,* porque na derivação phonetica do latim *videre,* apenas se deu a queda da

consoante medial; a vogal muda desappareceu mais tarde. Pela explicação de Fernão d'Oliveira, conhece-se que as vogaes mudas de derivação latina tinham caído. Ás alterações phonicas que se deram na lingua portugueza no seculo XVI, correspondem ás duas correntes, a *popular*, que tende a desviar-se do typo latino, e que de vez em quando se immobilisa no archaismo, e a *erudita*, que aproxima a pronuncia do typo latino artificial e inorganicamente, como se vê em *trauto, auto*, substituidos no seculo XVI por *tracto, apto* e *acto*. O numero d'estes factos, como observa A. Coelho, é consideravel e «constitue uma das differenças mais importantes entre o portuguez medieval e o portuguez classico, o portuguez a partir dos grammaticos, Gil Vicente, Fernão de Oliveira, Barros, isto é, depois do primeiro quartel do seculo XVI.» (1) Entre estes factos mais capitaes nota-se a queda do *d* medial nas segundas pessoas do plural; ex. *digades, digaes; faredes, fareis; sodes, sois*. Fernão de Oliveira nota a mudança da primeira pessoa do modo indicativo do verbo *ser*, que no seculo XV se dizia *som*, e que elle propõe que seja definitivamente *sô*: «o verbo substantivo o qual huns pronunciam em *om*, como *som*, e outros em *ou*, como *sou*; e outro em *ão*, como *são*, tambem *outros que eu mais favoreço* em *o* pequeno, (breve) como *so*. Do parecer da primeira pronunciação com *o*, e *m*, que diz *som*, é o mui nobre Johã de Barros, e a razão que dá por si he esta, que de *som*, mais perto vem a formação do seu plural, o qual diz *somos*; comtudo sendo eu moço pequeno, fui criado em S. Domingos d'Evora, onde faziam zombaria de mi os da terra, porque o eu assy pronunciava, segundo que o aprendera na Beira.» Bem se vê que a pronuncia *som*, era um archaismo dialectal da Beira, e que só por um pedantismo gramma-

(1) *Questões da lingua portugueza*, p. 7.

tical é que João de Barros o queria impôr. Mas as linguas tem a sua vitalidade propria, que ninguem subjuga; é como um d'estes orgãos que está fóra da acção da vontade.

2.º *Alterações morphicas.*— Alguns suffixos thematicos decaíram de uso, como a fórma *mento,* tão peculiar aos substantivos do seculo XV; Fernão d'Oliveira notou este facto: «os quaes velhos tambem foram amigos de pronunciar huns certos nomes verbaes em *mento,* como *comprimento, afeiçoamento,* e outros que já agora não usamos.» (p. 99.) Por effeito da imitação latina dos eruditos, o suffixo *mente* dos adverbios tornou-se mais raro no seu emprego: «e não todos os que sinificam calidade acabam em *mente,* porque já agora não diremos *prestemente,* como disseram os velhos, nem *raramente.*» (p. 98.) A fórma mais usual entre os eruditos quinhentistas foi *presto, raro.* Os antigos substantivos em *om,* passaram para a forma *ão,* complicando assim a formação dos pluraes: «se olharmos ao singular antigo que já tiveram, não mudam tanto como agora nos parece, perque estes nomes todos os que se acabam em *ão* ditongo, acabaram-se em *om,* como *liçom, podom, melom,* e accrescentando um *e* e *s,* formavam o plural *lições, podões* e *melões,* como ainda agora fazem; e outro tanto podemos affirmar dos que fazem o plural em *ães,* como *pães, cães,* dos quaes antigamente era o seu singular *pam, cam,* cujo testemunho ainda agora dá Antro Douro e Minho.» (p. 108). A alteração da fórma do infinito *poer* (ponere) em *pôr* é notada por Fernão d'Oliveira: «este verbo *ponho, pões,* faz o seu infinitivo em *or,* dizendo *pôr,* o qual todavia já fez *poer,* e ainda assim ouvimos a alguns velhos: etc.» (p. 114.) Os participios dos verbos da segunda conjugação que eram formadas em *udo,* como vemos nos *Cancioneiros* e nas *Ordenações Affonsinas,* passam a fixar-se no typo em *ido,* como *estabeleçudo, recebudo,* em *estabelecido,*

recebido. Alguns participios conservaram a antiga fórma, sobretudo pela immobilidade da tradição juridica, em *teudo* e *manteudo*, que no sentido vulgar receberam a fórma de *tido* e *mantido*. Esta tendencia para os participios em *ido* já existia desde o seculo XIII, como notou Coelho, (1) mas o seculo XVI é que a fixou na regularidade.

3.º *Alterações syntacticas*.—As alterações synctaticas de uma lingua não são tão faceis de dar-se como as alterações phonicas ou morphologicas, posto que resultem d'estas, como se vê com o phenomeno do desapparecimento dos *casos;* o organismo de uma lingua uma vez constituido mantêm-se, embora o vocabulario se renove completamente e a sua morphologia varie. Por outro lado a construcção synctatica está sujeita aos modos peculiares de cada individuo, isto é, ao seu estylo, á sua affectação ou imitação. Importa distinguir estes dois feitos. No seculo XVI, póde-se dizer, que, a lingua não soffreu alteração synctatica, mas conservando o mesmo systema de construcção variou-se profundamente o estylo. Foi n'esta parte que assentou a obra dos quinhentistas, e por isso foi dado a um individuo só, como Camões, simplificando esse estylo, tornal-o o typo mais completo da lingua portugueza. Adolpho Coelho nota algumas alterações syntacticas, como o verbo *começar,* seguido das preposições *a, de,* ou mesmo sem preposição; (2) mas esta incerteza de construcção explica-se pela influencia individual do estylo de cada escriptor. Se no seculo XVI se não deram alterações syntacticas organicas, não foi por falta de tentativas dos eruditos; Fernão de Oliveira accusa os grammaticos: «dando noticia dos *casos* a seus principiantes, e quam mal o elles entendem se mostra no

(1) *Questões da Lingua Portugueza,* p. 72.
(2) *Ibid.*, p. 74.

pouco proveito que lhes com isso fazem, e mais lhes parecem que podem ensinar a falar com cerimonias mudas.» (p. 101.) João de Barros commetteu este erro na sua *Grammatica;* e os esforços para escreverem versos em latim podendo ser lidos simultaneamente nas duas linguas, só mostram o desvairamento erudito.

Na época em que Fernão de Oliveira quiz constituir a nossa disciplina grammatical, havia ainda poucos livros publicados; elle precisava de auctoridades escriptas, e muitas vezes teve de abonar-se com o uso oral: «n'este vocabulo *convem* a saber, ao qual podemos dividir e dizer *como vem* a saber. Porque assi o ouvi pronunciar poucos dias ha no pulpito ao muito reverendo padre mestre Balthazar, da Ordem do Carmo, cuja lingua em não tenho em pouco antre os portuguezes.» (p. 53.) Não foi feliz a ideia. Quanto ao uso de escrever e pronunciar *até* ou *té,* abona-se tambem com auctoridades oraes: «Antre os quaes eu contarei trez não de pouco respeito na nossa lingua: antes se hade fazer muita conta do costume de seu fallar, e são estes: *Garcia de Resende,* em cujas obras eu li no *Cancioneiro portuguez* que elle ajuntou e ajudou. E *Joam de Barros,* ao qual eu vi affirmar que isto lhe parecia bem; e o mestre Balthazar, com o qual falando lhe ouvi assi pronunciar este adverbio, que digo, sem *a* no começo; e comtudo a mi me parece o contrairo; e ao contrairo o uso dando-lhe *a* no começo, assim como o damos a muitas dicções, segundo o que fica dito.» (p. 77.) Tambem cita a auctoridade de dois poetas do *Cancioneiro geral,* Jorge da Silveira (p. 107) e Nuno Pereira (p. 108.) para a formação de certos pluraes. Fernão d'Oliveira bem conhecia que ainda era cedo para organisar a syntaxe portugueza, e é por isso que diz: «N'esta derradeira parte, que é da constituição ou composição da lingua não dizemos mais, porque temos começada uma obra em que particularmente e com mais

cumprimento falamos d'ella.» Esta obra não chegou a apparecer, ou talvez nem foi escripta.

A Grammatica de João de Barros — 1539

O insigne historiador das conquistas da Asia, tambem compoz uma Grammatica, que elle julgava a primeira escripta na lingua portugueza; exemplificando o uso do nome proprio desacompanhado de artigo, diz: «*Joam de Barros foi o primeiro que poz a nossa linguagem em Arte,* e a memoria de Antonio seu filho, que a levou ao princepe nosso senhor, não será esquecida.» Como se sabe pelo proprio João de Barros e por Severim de Faria, esta Grammatica foi escripta para ser ensinado por ella o principe Dom Philippe, que então tinha por mestre: «O pregador Frei João Soares. E logo perguntei porque o principiava; por causa do trabalho que levou em a composição da grammatica da nossa linguagem que lhe tem deregida.» (1) Esta Grammatica foi escripta por 1538, e publicada em 1539 pela anciedade em que estava o livreiro de tirar lucro da publicação, como o proprio João de Barros confessa. Ora a *Grammatica* de Fernão de Oliveira já estava escripta na volta da guerra de Tunis. Na dedicatoria ao principe D. Philippe, diz Barros: «Qual será logo a linguagem que n'esta terra e delicada edade mais natural e obediente vos deve ser, senam a vossa portugueza, de que Deus vos fez princepe e rey em esperança... Com zelo de apprender a qual lingua, quatro dos princepes d'este povo veeram este anno; (1538) por mais sem pejo dos empedimentos da patria cá n'este reino a pudessem melhor praticar... Aos quaes el-rei vosso padre como zelador da fé, mandou reco-

(1) *Compilação de varias obras*, p. 207.

lher na casa de Santo Eloy d'esta cidade, pera aí aprenderem com os outros Ethyopas do Congo...»

A *Grammatica* de João de Barros vem confundida com um cathecismo catholico, e moralisada á maneira da edade media, comparando as fórmas linguisticas com o jogo do xadrez; com o seu livro começou o celebre alphabeto por *arte memorativa,* com as pequenas vinhetas de *A arvore, B bésta,* que os jesuitas adoptaram ainda n'esse seculo para a sua *Cartilha* do Padre Ignacio de Azevedo. João de Barros, cae n'esse erro de que falla Fernão de Oliveira, de explicar a natureza dos *casos* aos que aprendiam portuguez; mas teve a grande superioridade de conhecer a utilidade da comparação do italiano, do francez e do hespanhol, sem comtudo o ter feito. São poucas as observações que se podem tirar da sua *Grammatica* e do *Dialogo em louvor da nossa linguagem,* porque a monomania da erudição levava-o a conformar artificialmente o portuguez com o latim.

Quanto ao *archaismo,* cita poucos factos de persistencia: «E *apraz, jaço,* carecem de participio em boa linguagem; porque os rusticos o formam muitas vezes.» (p. 139.) Mas João de Barros era a favor dos archaismos: «Não somente os que achamos per escripturas antigas, mas muitos que se usam Antre Douro e Minho, conservador da semente portugueza: os quaes alguns indoutos desprezam por não saberem a raiz d'onde nacem.» (p. 225.) Com o *neologismo* não é este grammatico tão complacente por causa do purismo classico; elle indica-nos alguns neologismos resultantes da actividade social: «mas agora em nossos tempos com ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e franceza a traducções latinas, usurpando vocabulos, que os fez mais elegantes do que foram ora ha cincoenta annos. Este exercicio, se o nós usaramos, já tiveramos conquistada a lingua latina, como temos Africa e Asia;

á conquista das quaes nos mais démos que ás traducções latinas. E o signal d'esta verdade, é que não somente temos victoria d'estas partes, mas ainda tomámos muitos vocabulos; como podemos vêr em todoslos que começam em *al* e em *xa*, e os que acabam em *z*, os quaes são mouriscos. E agora da conquista da Asia tomamos *chatinar*, por mercadejar; *beniaga*, por mercadoria; *lascarim*, por homem de guerra; e outros vocabulos que são tão naturaes na bocca dos homens que n'aquellas partes andaram, como o seu proprio portuguez.» (p. 224.)

Mas com a sua preoccupação de rhetorico, João de Barros não vê nas *alterações phonicas*, mais do que figuras, paragoges, barbarismos. Esse resto de galleguismo, aristocratico nos Cancioneiros do seculo XIV, mas popular ainda no seculo XVI, considerava elle como a figura antithese: «como quando dizemos *dixe*, por *disse*. A qual figura é ácerca de nós mui usada, principalmente n'esta letra *x*, que tomámos da pronunciação mourisca, ainda que alguns digam que devemos dizer *dixe*, porque no preterito-latino este verbo *dico*, faz *dixi*.» (p. 165.) Aqui a erudição latina falsea-lhe o criterio; no tempo em que escrevia ainda se não tinha descoberto na Vaticana o *Cancioneiro de D. Diniz*, aonde estes galleguismos são frequentes. Barros chama paragoge esse outro facto natural da phonetica popular: «como se faz nos rimances antigos, que por fazerem consoante diziam — Os que me soẽ *guardare* — por guardar.» (p. 163.) Porém sobre a alteração morphica proveniente dos neologismos, apresenta Barros uma concepção justa; diz elle do emprego do infinitivo: «porque os meninos quando começam formar nossas palavras, primeiro conhecem a elle, que algum outro modo, e por elle os ensinam suas madres. Os barbaros, que vem a nosso serviço d'elle começam como em primeiro elemento de formação verbal.» (p. 141.)

Por fim chama barbarismo ás alterações phonicas e morphologicas que a nossa vida historica causava na lingua: «E em nenhuma parte da terra se commette mais esta figura da pronunciação do que n'estes reinos, por causa das muitas nações que trouxemos ao jugo do nosso serviço.» (p. 161.) João de Barros conheceu que este era o momento historico da lingua, em que ella ia entrar na sua disciplina grammatical, mas estava sob o jugo da grammatica latina, e por isso não soube observar as tendencias d'ella nem tão pouco regularisal-a. Como as alterações syntacticas são de mero estylo entre os escriptores, não é sem interesse que se póde comparar a traducção poetica do *Juste Judex*, por el-rei Dom Duarte, com a traducção que João de Barros fez em prosa, levando ás vezes a redacção de el-rei Dom Duarte vantagem á de Barros pela sua simplicidade comparativamente moderna. (1)

(1) «Justo juiz Jesu Christo rey dos reys e senhor, que com o padre reinas sempre e com o spirito santo, tem por bem de receber agora os meus rogos piadosamente: tu dos ceos descendeste em o ventre da virgem, donde tomando verdadeira carne visitaste o mundo, remindo tua feitura por teu proprio sangue. Peço-te Deos meu, que a tua gloriosa paixam me defenda sempre de todo perigo, porque persevere sempre em o teu serviço. Seja sempre commigo a tua virtude, saude e defensam; porque o encontro dos imigos não torve o meu coração, nem o meu corpo seja danado por laço enganoso. Com a tua dextra forte com que abriste as portas infernaes, quebranta os meus imigos e as suas espreitanças com as quaes querem occupar as carreiras do meu coraçam. Ouve, Christo, a mi que brado miseravel rogando: e a mi que busco piedade manda consolaçam porque se nam levantem os imigos em doesto meu. Sejam destroidos e enfraqueçam os que me querem perder; o laço da enveja seja a elles em queda, Jesu bom e piedoso, nam me queiras desampar: tu sejas meu escudo guardador e defendedor, porque resista aos que de mi sendo tu governador; e depois d'elles vencidos me alegre longamente. Envia das altas sedes o santo consolador, que alumia o meu conselho em o teu resplendor, etc.» A traducção de elrei Dom Duarte pode vêr-se no cap. IV supr. (*Compil. de Obras varias*, p. 55.)

Influencia dos poetas, de Gil Vicente a Camões

No desenvolvimento de uma lingua na fórma *escripta* cabe aos poetas uma acção predominante, porque são elles que submettem a lingua a essa variedade infinda de construcções, só com o fim material de preêncherem a harmonia do metro, e de vencerem a difficuldade da rima. Pela dependencia em que está a construcção grammatical das exigencias do metro e da rima, se vê a grande verdade do pensamento de Jacob Grimm, que as alterações syntacticas pertencem não á grammatica mas ao estylo. Os dois poetas do seculo XVI que mais representam o espirito portuguez, Gil Vicente, que protesta pela liberdade de consciencia, e Camões, que exprime a consciencia da nacionalidade, são tambem os que melhor accentuam o estado da lingua portugueza. Gil Vicente é duas vezes citado com auctoridade de grammatico por Fernão de Oliveira e por João de Barros; o grande comico era do alto Minho, aonde estava em vigor entre o povo o portuguez archaico; vivendo entre Lisboa, Santarem e Coimbra, os typos dos seus *Autos* são quasi sempre tirados da Beira, o centro mais puro da lingua e da tradição portugueza. Gil Vicente, escreve muitas vezes em hespanhol, por isso que inventava os seus *Autos* para a côrte, mas quem quizer fazer uma ideia clara do estado da lingua popular não acha nenhum documento tão vasto e tão intencional como as suas obras. O *samicas*, já considerado archaico por Fernão de Oliveira, é frequentissimo nos typos de Gil Vicente; em geral nos *Autos* da escóla de Gil Vicente, como os typos são sempre tirados da classe popular, a linguagem tem sempre esta importancia historica. Os poetas lyricos, ao descreverem as suas emoções pessoaes não podiam servir-se da linguagem do povo sem cairem n'um des-

engraçado prosaísmo; nem mesmo nas Eclogas pastorís deixaram de empregar uma certa expressão affectada, em contradição com as situações e interesses rusticos que queriam descrever. Mas o contraste da lingua não escripta ou fallada, com a expressão artificial dos eruditos era tal, que mesmo nos poetas lyricos se descobre um certo numero de tentativas historicas de imitação d'essa linguagem. Os Sonetos XXXIV e XXXV do livro segundo dos *Poemas luzitanos* do Dr. Antonio Ferreira, são, como o disse seu filho, escriptos: «na linguagem que se costumava neste Reyno, no tempo de elrei D. Diniz...» Em Camões se encontra tambem um artificio egual, n'esses dois Sonetos escriptos em lingua gallega, e que já foram attribuidos a Vasco Pires de Camões. O poemeto á perda de Arzilla, os versos que andam em nome de Ayres Telles, e os versos em louvor de Lisboa, pelo Infante D. Pedro, pertencem a esta corrente de imitação archaica, estudada no processo da disciplina grammatical do seculo XVI. O culto da lingua, antes de caír n'esse purismo litterario, a que se chama o quinhentismo, teve uma acção benefica; propoz que se escrevesse na lingua portugueza, abandonando a monomania de poetar em castelhano e a de escrever em latina. E' certo que nas obras de Ferreira só se acha a lingua portugueza empregada exclusivamente; elle dizia: Fale-se, escreva-se, cante-se, e termina: «Ah, Ferreira! dirão da lingua amigo.» Mas todas as questões não comprehendidas tornam-se sempre mesquinhas; o estudo do portuguez resumiu-se em duas questões estereis e insensatas: primeiro, no emprego dos archaismos ou neologismos. N'esta parte Camões foi o que procedeu com esse bom senso do genio; aonde o colorido poetico precisava de uma palavra de formação erudita formou-a com a maxima liberdade, aonde o sentimento patrio precisou de um velho vocabulo, como *mouro* por *morro, fruito* por

fructo, ou mesmo o uso do *a* expletivo, não se embaraçou com o sobrecenho dos cultos. Os epigrammas do Caminha e uma censura do Bernardes caíram; e foi por essa intuição do genio que Camões conseguiu fixar a lingua portugueza em uma fórma, que não sendo completamente a linguagem popular nem a erudita, povo e eruditos entendem-se e tem-se aproximado constantemente pela tendencia para esse centro determinado por Camões. A segunda questão em que se gastou uma preciosa actividade, foi em convencer o vulgo, de que a lingua portugueza era capaz de servir como o latim ou o hespanhol para as obras do pensamento. Esta these inutil, fez com que João de Barros escrevesse um *Dialogo em louvor da lingua portugueza*; que Fernão Lopes de Castanheda se justifique com Sá de Miranda, para escrever a *Chronica do descobrimento da India*, em portuguez; Fernão Alvares d'Oriente, em uma das prosas da *Luzitania transformada* defende a lingua portugueza. Foi n'este momento que Duarte Nunes de Leão escreveu a sua *Orthographia da lingua portugueza* em 1576; mas a falsa direcção continuou particularmente no seculo XVII, com Francisco Rodrigues Lobo na *Côrte na Aldea*, e com Manoel Severim de Faria. Mas antes de terminar este quadro do trabalho da disciplina grammatical no seculo XVI, resta fallar nas tentativas de Nunes de Leão.

Orthographia da lingua portugueza, 1576. —Origem da lingua portugueza, 1606.

Quando já estavam publicados os *Lusiadas*, e Jeronymo Cardoso, o severo pedagogo de todos os grandes eruditos da ultima metade do seculo XVI fazia uma primeira tentativa de Diccionario portuguez misturado ainda com o latim, já se estava mais no caso de fallar sobre a lingua portugueza scientificamente; o licen-

ciado Duarte Nunes de Leão, pelo trabalho que tivera de compilar em nova fórma as velhas *Chronicas do Reino,* e o colligir a antiga Legislação, offerecia garantias de fallar com segurança sobre a lingua portugueza; mas, assim como os verdadeiros methodos levam o espirito mediano ás grandes descobertas scientificas, a falsa direcção annulla fatalmente os resultados das completas investigações. Foi o que se deu com Duarte Nunes Leão. Na *Orthographia portugueza* tocou muito poucos factos vitaes da lingua; apenas da alteração phonetica do *v* pelo *b,* diz: «O que muito mais se vê nos gallegos, e em alguns portuguezes d'entre Douro e Minho, que por *vós* e *vosso,* dizem *bos* e *bosso,* e por *vida,* dizem *bida.*» (p. 4). Do phenomeno da mudança do *l* por *r,* diz: «que os vulgares erradamente screvem por *r,* dizendo *froles* e *creligo,* pervertendo as letras.» (p. 11.) E explica a mudança de *om* do seculo XV em *am,* pela: «analogia e respeito que a lingua portugueza vae tendo com a castelhana; que sempre onde a castelhana diz *an* ou *on,* que é sua particular terminação, responde a portugueza com aquella pronunciação de *ão,* que succede em lugar da antiga terminação dos portuguezes de *om,* que punham em logar de *an* ou *on* dos castelhanos. A qual ainda agora guardam alguns homens d'entre Douro e Minho, e os gallegos, que dizem *fizerom, amarom, capitom, cidadom, tabelliom, apellaçom.*» (p. 29.) Nunes de Leão não conheceu o interesse scientifico d'estas observações sobre a lingua do povo ou fallada, e derrama-se em explanações segundo o espirito de Marciano Capella e dos velhos grammaticos da idade média. A lista que tem por titulo *Reformação de algumas palavras que a gente vulgar usa e escreve mal,* (fl. 69) que Nunes de Leão publíca como mera observação orthographica, é que determina um certo numero de alterações que a lingua soffreu no seculo XVI;

como por exemplo: a tendencia do *a* expletivo popular extincta pelos eruditos; assim Nunes de Leão apresenta como incorrectas as palavras correntes no seu tempo:

Acipreste	por	Cypreste
Acupar	»	Occupar
Adaião	»	Deão
Agabar	»	Gabar
Alanterna	»	Lanterna
Acarcovado	»	Corcovado
Alicornio	»	Unicornio
Alifante	»	Elefante
Antre	»	Entre
Apoupar	»	Poupar
Avangelho	»	Evangelho
Avoar	»	Voar.

Nota tambem a necessidade de estabelecer uma orthographia por causa das homonymias, ou amphibiologias. (fl. 71 a 74.) D'este livro diz o proprio Nunes de Leão : «compuz em minha verde edade um livro da *Orthographia da Lingua portugueza*, em que reduzi a arte e preceptos o que nunca teve arte nem concerto, o qual de todos os homens doctos foi bem recebido, e perque se muito melhorou a escriptura, que entre nós andava mui depravava.» (1) A causa d'esta falta de orthographia deve attribuir-se em parte á falta de livros impressos, porque a melhor parte das obras dos quinhentistas só foi impressa na ultima metade do seculo XVI; e, em segundo logar, á grande imperfeição da imprensa, que usava os caracteres gothicos, quando os aldinos e elzevires os substituiram por mais legiveis. Duarte Nunes de Leão escrevia já em 1606 uma dissertação sobre a *Origem da Lingua portugueza*,

(1) *Origem da Lingua portugueza*, dedic.

que dedicava ao intruso Filippe II de Portugal; se a lingua é a expressão da nacionalidade, como a comprehenderia este compilador, que bajulava o monarcha invasor? Diz elle referindo-se ao Demonio do Meio-dia: « porque desde que a este reino veo, até que Deus o levou ao céo, nunqua me deixou estar ocioso, mas o fim de hum serviço era começo de outro... E agora por refocillar do trabalho d'outros estudos mais pesados tentei fazer este tratado da Origem da mesma lingua, etc.» Nunes de Leão estava intrigado na Côrte de Castella, e para despertar a lembrança de Filippe III, é que lhe dedicou o seu opusculo. Tudo isto mostra que trabalhou, mas não para servir a sciencia. A parte geral que acompanha sempre estes trabalhos, é a pura tradição dos grammaticos da edade media, que ia desapparecendo diante dos grandes humanistas.

Nunes de Leão propõe a origem da lingua portugueza n'estes termos «que a lingua latina se fallou pura como em Roma... até á vinda dos Vandalos, Alanos, Godos e Suevos, e outros barbaros que aos Romanos succederam, e corromperam a lingua Latina com a sua e a misturaram de muitos vocabulos assi seus, como de outras nações barbaras que comsigo trouxeram, de que se veiu fazer a lingua que hoje fallamos...» (p. 38.) O pouco de verdade que ha n'esta affirmação, está complicado sob uma imperfeita collocação do problema. As trez simples leis da formação das linguas romanicas, não foram previstas, mas Nunes de Leão explica já a corrupção por terminação de palavras, por accrescentamento de letras ou syllabas, por troca ou transmudação de umas letras por outras, por mudança de genero, por mudança de numero e de significação. Mas, quanto clara e simples não era a observação da persistencia da vogal *accentuada!* Como já se formavam Diccionarios portuguezes, como os de

Jeronymo Cardoso e de Agostinho Barbosa, Nunes de Leão formou listas de palavras archaicas no seu tempo, palavras de origem germanica, de origem arabe, de origem franceza, que nos mostram que estava a uma linha da verdade, se lhe fosse possivel provêr a grande luz do methodo comparativo. O trabalho sobre a *Origem da lingua portugueza* de Nunes de Leão representa dignamente o estado da erudição do ultimo quartel do seculo XVI; com relação á philologia — divagações erradas em volta da verdade, e por isso mesmo complicando-a. Mas de Nunes de Leão até á direcção recebida de Frederic Diez, nada mais se avançou no estudo scientifico do portuguez.

CAPITULO IX

Existencia de um elemento tradicional e popular na Litteratura

Separação entre os escriptores e o povo. —Restos dos Goliardos da edade média em Portugal, no seculo xv. Os escriptores hespanhoes do seculo xvi aproveitam-se do elemento tradicional.—Vestigios dos Romances populares no seculo xvi achados nos escriptores mais nacionaes: Gil Vicente, Jorge Ferreira, Antonio Prestes, Camões, e Diogo de Couto. Os Indices Expurgatorios condemnam a poesia popular.—Fórmas do lyrismo popular portuguez: Orações, Ensalmos, Salvas, Clamores, Loas, Prophecias, Villhancicos, Enseladas, Chacotas, Xacaras, Soláos e Baylhes. Cantos Farsis.— Elemento tradicional no theatro; fórmas hieraticas prohibidas pelas Constituições dos Bispados. —Fórmas populares: a Dansa dos Espingardeiros.—Fórmas aristocraticas: os Mômos e Entremezes da côrte de D. Affonso v e D. João ii. Como Gil Vicente se aproveita de todos estes elementos tradicionaes para a creação do theatro portuguez.

Separação entre os escriptores e o povo

A cóntar do seculo xvi dá-se na litteratura portugueza um phenomeno particular e interessante, o da separação progressiva que se estabelece entre o escriptor e o povo. Estas duas entidades não se conhecem, nem communicam os seus sentimentos; o escriptor não procura a tradição para servir-se do perstigio d'essa fórma e generalisar assim um sentido novo; o povo vegeta sem vida moral, sem educação, nem altura, porque não acha quem o ensine. O resultado d'este phenomeno foi a decadencia da litteratura, assignalada pelas academias, aonde se discutiam em verso as questões mais frivolas e insensatas. A tradição tem o poder de imprimir ás litteraturas a seriedade e um interesse vital nas suas creações. Apezar de todo o regimen da erudição classica do seculo xv, ainda havia

um intermedio entre o povo e o escriptor; nas litteraturas da edade média esse antagonismo que existe entre o *clericus* e o *laicus*, adoça-se por meio de uma classe de poetas, que tem a educação dos escholares, mas que vive em contacto com as camadas infimas da sociedade; elles escrevem em latim com a ingenuidade do povo. Um dos typos litterarios mais notaveis d'esta classe a que se chamava os *Goliardos*, é Gaultier Maps. Sabemos da existencia d'esta classe em Portugal pelas *Ordenações Affonsinas:* «Todo o clerigo *jogral*, que tem por officio tanger e per elle suporta a mayor parte de sua vida, ou publicamente tanger por preço que lhe dem em algumas festas, que não são principalmente ecclesiasticas... o *tergeitador*, e qualquer outro que per dinheiro faz ajuntamento do povo; e o *goliardo*, que ha em costume almoçar, jantar, merendar ou beber na taverna, e bem assim o *bufam*, que por as praças da villa ou logar traz o almáreo ou arqueta ao colo...» (1) No *Cancioneiro geral*, vêmos ainda uma outra allusão a esta classe:

> *Estudantes pregadores*
> metem santas Escripturas
> em sermões
> dirivados em amores,
> fazem de falsas feguras
> tentações. (2)

Em Hespanha chamava-se a esta classe intermedia aos eruditos e ao povo, os *Sopistas*, e *Estudantes da tuna*, a que allude o Arcipreste de Hita:

> Cantares fiz algunos...
> ... para *escholares* que andan nocherniegos
> (st. 1489.)

(1) Liv. III, tit. 15, § 18.
(2) Fl. 25, col. 1.ª—Sá de Miranda, *Obr.* Carta II, st. 33.

Antonio Ribeiro Chiado, na *Pratica de outo Figuras,* ainda diz: «No beber sou um *Golias.*» Esta classe acha-se diminutamente representada na litteratura portugueza, sendo o ultimo que soube conciliar o espirito popular com a erudição, o auctor da *Macarronea.* Ao passo que os escriptores do seculo XVI se vão apartando da communicação com o povo, assim se tornam gradualmente mais mediocres; em Hespanha é a contar do seculo XVI que as tradições e romances populares se vivificam pela imprensa; fazem-se as collecções de Sevilha e de Anvers, e é então que começa a elevar-se essa pleiada inexcedivel dos grandes genios dramaticos, Lope de Vega, Cervantes, Calderon e Tirso de Molina; os grandes novellistas, como Diego de Mendoza, Mateo Alleman, e o auctor do *Diabo cocho;* os grandes lyricos, como Lope, Leon e Herrera. Póde-se dizer, que a litteratura hespanhola entrou no seu periodo de fecundidade e grandeza depois que se restabeleceu a harmonia entre os escriptores e o povo, que o regimen da pesada erudição do seculo XV se quebrou.

Mas a separação que em Portugal se estabelecia entre o escriptor e o povo, não era motivada pela falta de tradições. Vamos vêr a sua vitalidade pelo unico meio que nos resta, que são as differentes allusões dos principaes escriptores aos cantos do povo. Importa observar, que a superioridade dos escriptores quinhentistas determina-se de um modo palpavel segundo o maior ou menor conhecimento que tiveram d'esses cantos tradicionaes. Tal é o facto que se deduz d'esta simples relação.

Allusões dos escriptores aos Romances populares

Gil Vicente.— Este poeta, cujo espirito está á altura dos grandes genios encyclopedicos do seculo XV,

o que melhor comprehendeu o sentimento nacional e o que fundou o nosso theatro, isto é, a fórma litteraria mais intimamente ligada ao desenvolvimento da sociedade civil, este escriptor é, por isso mesmo, o que apresenta mais abundantes vestigios da tradição portugueza. Na *Comedia de Rubena,* traz uma longa enumeração das cantigas populares, anteriores a 1521:

FEITICEIRA: E que cantigas cantaes?
AMA: A — *Creancinha despida*
E tambem — *Val'-me Lianor*
E — *De pequena mataes, Amor.*
E — *Em Paris está Dona Alda.*
Di-me tu, señora, di.
Vamo-nos, dijo mi tio.
E — *Llevadme por el rio.*
E tambem — *Calbi ora bi.*
E — *Llevanteme un dia.*
Lunes de Mañana.
E — *Muliana, Muliana.*
E — *Não venhaes, alegria.*
E outras muitas d'estas taes, etc.

São numerosos os romances populares citados por Gil Vicente, o que basta para vêrmos como a tradição inspira o seu bello lyrismo e a sua graça inimitavel. Basta percorrer os seus *Autos* para aí encontrar as seguintes referencias: *Los hijos de Dona Sancha,* (I, 227) *Nunca fue pena mayor,* (II, 410) *Eu me sam dona Giralda,* (II, 27) *Mal me quieren en Castilla,* (III, 143) *La bella mal maridada,* (II, 333) *D'onde estás que te no veo,* (II, 329) *Guay Valencia, guay Valencia,* (III, 270) *En el mez era de Abril,* (II, 249) *Yo me estaba em Coimbra.* (III, 212) No seculo XVI a lingua hespanhola tornara-se para nós uma lingua poetica convencional, como o portuguez ou o gallego o fôra no

seculo XIV para a côrte de Castella; era por isso que Gil Vicente dizia:

> Porque quem quizer fingir,
> Na castelhana linguagem
> Achará quanto pedir.
> (III, 449.)

Jorge Ferreira de Vasconcellos.—As obras d'este escriptor encerram as locuções mais ricas e pittorescas da lingua portugueza, e o maior thesouro de anexins ou dictados do vulgo. A esta importancia litteraria corresponde o seu amor pela tradição; elle protesta pela sua integridade: «Não ha entre nós quem perdoe a uma trova portugueza, que muytas vezes é de vantagem das castelhanas, que se têm aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» (1) Nas suas comedias abundam as referencias aos romances tradicionaes; na comedia *Eufrosina* (p. 12) cita: *Por aquel postigo viejo; Buen Conde Fernam Gonçalves; Conde Claros;* (p. 19) na comedia *Ulyssipo,* cita o celebre romance tão glosado no seculo XVI, *Retrahida esta la Infanta,* (p. 256) *Para que paristes madre;* (p. 260) e na *Aulegraphia,* o romance *Pregonadas son las guerras.* Jorge Ferreira não queria que a tradição se perdesse totalmente pelo desprezo dos eruditos, e falando de um romance cantado a viola de arco, diz: «n'este e por este modo usaram os passados celebrar seus heroicos feitos, porque a gloriosa memoria d'elles assi viesse até nossos tempos e se conservasse, de que tambem em Espanha se usou muito, e usar-se agora para estimulo de imitação não fora máo.» (2) Esta confissão de Jorge Ferreira é importantissima, porque nos mostra que elle conhecia a separação que em Portu-

(1) *Aulegraphia,* act. II, sc. 9.
(2) *Memorial dos Cavall. da seg. Tavola redonda,* p. 10.

gal se dava entre o escriptor e o povo, ao contrario do que ia succedendo em Hespanha. Foi esta comprehensão que lhe deu a sua superioridade.

Antonio Prestes.—Quasi todos os escriptores dramaticos, sobretudo os que seguiam a eschola de Gil Vicente, tiveram uma grande intuição do genio popular. Nos *Autos* de Antonio Prestes abundam tambem as referencias aos romances antigos; no *Auto da Ave Maria,* cita: *Moro Alcalde, moro Alcaide; Yo le daria bel Conde;* Sereis vós meu *Durandarte;* no *Auto do Procurador*, cita: *Vamo-nos, dijo mi tio; Ibanse las casadas.* No *Auto do Desembargador,* cita o *Dom Duardos*, o *Conde Claros; Falso malo enganador,* e *Guay Valencia.* No *Auto da Ciosa,* o *Miran ojos* e a *Bella mal maridada;* e no *Auto do Mouro Encantado,* cita a oração do *Justo Juiz.* Os outros poetas comicos, que andam na collecção dos *Autos* de Prestes, têm o mesmo culto pela tradição. Jorge Pinto, no *Auto de Rodrigo e Mendo,* cita *En el mez era de Abril;* a *Bella mal maridada; Helo, helo, por do viene; Riberas del Dauro arriba.* Jeronymo Ribeiro cita: *Sobre mi vi guerra armar;* e seu irmão Antonio Ribeiro Chiado, no *Auto das Regateiras,* bem como Sá de Miranda, citam o popularissimo romance da *Bella mal maridada.* Todos estes romances andavam na tradição portugueza, antes de serem recolhidos em Hespanha, na *Silva de Romances,* de 1551, e no *Cancionero de Romances,* de 1555. Havia um poderoso elemento tradicional sobre que fundar as concepções litterarias individuaes; só Camões é que comprehendeu o valor d'esta relação, quando agrupou em volta do facto historico dos *Lusiadas* todas as tradições portuguezas.

Luiz de Camões. — Quando a escóla italiana dominava em Portugal, quando a Renascença latinista se apossava dos estudos na refórma da Universidade

de Coimbra, é que se manifesta o genio de Camões, incerto entre a influencia erudita e a tradição popular. Espiritos como o de Antonio Ferreira ou de Caminha entregaram-se completamente a esse humanismo esteril, e romperam com a tradição. Ferreira não escreveu em sua vida um unico verso nacional de redondilha. Camões pela verdadeira superioridade do seu genio, soube conciliar estas duas correntes. Depois de Gil Vicente, é com certeza em Camões que se encontra o maior numero de referencias ao Romanceiro tradicional; nos *Disparates da India,* cita o *Mi padre era de Ronda;* na Carta I da India, *Riberas del Dauro arriba; Su comer las carnes crudas,* e *Afora, afora Rodrigo;* e nas Cartas em redondilhas, traz: *Una adarga ate os pechos; Mirando la mar de España; Vi benir pendon vermejo; La flor de la Berberia; Caballeros de Alcalá; A las armas Moüriscote; D'onde estás que te no veo; Y que nova me traedes; Mira Nero da Tarpea,* etc. As suas comedias estão cheias d'estas referencias a uma poesia profunda e vigorosa que os eruditos não quizeram conhecer, e que se perdeu em grande parte nas versões oraes, porque os *Indices Expurgatorios* a condemnaram como uma cousa peccaminosa. Assim o *Index* de 1564, prohibe: «todos os romances tirados ao pé da lettra do Evangelho.» O *Index* de 1581, prohibe o romance *Con rabia está el Rey David,* e todos os mais tirados do Velho Testamento ou do Novo; o *Index* de 1597 prohibe: *Ogeri Dani Fabulae,* sem duvida a gesta de *Ogier le Danois,* não falando já das diversas Orações que o povo teve de esquecer, entre as quaes se comprehendiam as *Loendas* (Legenda) e os *Exemplos.* O intimo amigo de Camões, o judicioso chronista Diogo do Couto, traz nas suas *Decadas* alguns factos que nos revelam como na India esta poesia condemnada pela egreja estava vigorosa; elle nos conta como a Dom Jorge de Mene-

zes, querendo no mar dar-lhe um aviso D. Antonio de Noronha, lhe disse:

> Vamonos, dijo mi tio,
> A Paris essa Ciudad...

E Dom Jorge comprehendendo que era para irem á expedição de Surate, lhe respondeu com o mesmo romance:

> No en trajes do romero,
> Porque os no conosca Galvan.

Quando D. Luiz de Attayde entrou victorioso em Barcellor, o musico Veiga ia cantando:

> Entran los Moros en Troya,
> Trez e trez e quatro e quatro.

E quando o partido de Francisco Barreto insultava o Vice-rei Dom Constantino de Bragança, cantava-lhe tambem debaixo das janellas:

> Mira Nero da janella
> La nave como se hazia.

Diogo do Couto traz tambem o fragmento de um romance cantado pela occasião da victoria de Salsete:

> Pelos campos de Salsete
> Mouros mil feridos vão;
> Vae-lhe dando no alcance
> O de Castro Dom João.
> Vinte mil eram por todos, etc.

Sobretudo nos individuos que não tinham tido uma educação litteraria é que o sentimento da poesia popular era mais vivo. De Affonso de Albuquerque, diz

João de Barros: «Era sagaz, e manhoso em seus negocios, e sabia enfiar as cousas a seu proposito; trazia grandes *Anexins de Ditos* pera comprazer á gente, segundo os tempos e qualidades da pessoa de cada um.» (1) João de Barros considerava o perstigio da tradição devido unicamente á acção material do tempo: «Pois as cantigas compostas do povo, sem cabeça, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda, quem cuidas que as traz e leva da terra? quem as faz serem tratadas e recebidas do commum consentimento? O tempo.» (2) João de Barros era grammatico e moralista, e emquanto viveu sob esta influencia viu a poesia do povo como uma incorrecção, e frivolidade. Os romances ainda estiveram algum tempo em moda na côrte de D. João III, por influencia da musica a que eram cantados; a viola de arco, de uma introducção muito recente, era o instrumento favorito d'esses cantos. Por fim os asceticos baniram do canto esses velhos romances, como vêmos pela *Paixão metrificada* de Frei Antonio de Portalegre. A tradição popular do seculo XVI não ficou totalmente morta; em 1572 foi a batalha naval de Lepanto, na qual a liga catholica reduziu para sempre o poder dos Turcos a uma importancia menos que secundaria. O povo reconheceu o alcance d'esta victoria ganha por Dom João de Austria, e celebrou-o em numerosos romances populares, dos quaes restam ainda um fragmento da versão continental, e tres lições da versão insulana. Mas, nem Pedro da Costa Perestrello, nem Jeronymo Côrte Real, conheceram a existencia d'esse veio aurifero da tradição, e por isso nos seus poemas sobre Lepanto ficaram muito aquém da mediocridade, tocaram a chateza.

(1) *Decada II*, lib. 10, cap. 8, ad fin.
(2) *Dialogo de louvor da nossa linguagem*, p. 226.

Fórmas do lyrismo popular

O lyrismo tradicional differe do lyrismo individual em que este tira o seu movimento e colorido dos pequenos interesses egoistas da personalidade do escriptor; e o outro repete-se inconscientemente como desafogo em certos actos da vida para que foram inventados. As *Orações*, as *Salvas*, os *Ensalmos*, as *Lôas*, as *Prophecias*, os *Clamores*, são ainda um resto d'essas fórmas hymnicas que correspondem a um certo estado de vitalidade de crenças mythicas; os *Vilhancicos* e *Villancetes*, as *Enseladas*, as *Chacotas*, as *Xacarandinas* e *Solaos*, os *Baylhos*, correspondem aos differentes trabalhos da vida civil, ao lavrador, ao marinheiro, ao vagabundo, a todo aquelle que se sente immerso no combate da vida.

A *Oração* popular é a fórma poetica que o povo ainda conserva com certo vigor; no *Index Expurgatorio*, de 1581, prohibe-se a *Oração do Conde*, talvez alguns dos cantos cantados sobre a sepultura do Condestavel; a *Oração de Sam Christovam* e de *Sam Cypriano* ainda hoje se repetem, apesar do rigor d'esse *Index*; a da *Emparedada*, da *Imperatriz*, de *Sam Leão Papa*, de *Santa Martinha* e do *Testamento de Jesus Christo*, que ainda se repetiam no fim do seculo XVI, estão perdidas. A *Oração* tambem servia de medicina mystica, e com ella se curavam os côbros, a azia, o fogo louro, as dôres de dentes; a *Oração de Santa Apollonia*, que é como que o nó da acção na comedia de *Celestina*, é repetida ainda na tradição oral da Ilha de Sam Jorge. (1) Os *Clamores*, que por uma Postura da Camara de Lisboa, de 1385, eram prohibidos, «que se brade sobre algum finado,» ainda se

(1) *Cantos do Archipelago*, p. 156.

usam no Minho, mas já sem a fórma poetica. As *Salvas* era um canto religioso, usado antes do dormir, como se vê pelos versos de Gil Vicente:

> Y luego todos digamos
> La *Salve* antes del dormir.
> (III, 321.)

A *Náo de Amores,* remata com a rubrica: «Começaram a cantar a prosa, que communmente cantam nas náos á *Salve,* que diz:

> Bom Jesus, nosso Senhor
> Tem por bem de nos salvar, etc.

A esta mesma classe pertence essa outra antiphona popular, que começa *Boa gente, boa gente!* da qual Garett debalde procurou os vestigios, que se acham em Jorge Cardoso:

> Boa gente, boa gente
> Fazeie penitencia
> Se vos quereis salvar.
> Confessade e commungade,
> Que este mundo é vaidade.
>
> Senhor Jesu Christo
> Misericordia com piedade. (1)

A *Lôa* é uma outra fórma das prosas populares, por ventura derivada das antigas *laudes,* quando o vulgo participava da liturgia. Berceo, no *Sacrificio de la missa,* diz:

> La *laude* es materia é voz de alegria,
> Hymno que en na alma pone placentaria
> (st. 43.)

(1) *Agiologio lusitano,* III, 114.

A *Lôa* tomou um caracter dramatico, servindo de prologo aos *Autos hieraticos*. Dos cantos *farsis* temos alguns specimens em Gil Vicente, como o Padre Nosso, que traz no *Velho da Horta:*

> *Pater noster* creador,
> *Qui es in coelis* poderoso;
> *Sanctificetur*, Senhor,
> *Nomen tuum* vencedor
> Nos ceos e terra piedoso, etc.

Na poesia popular europêa do seculo XIV e XV a *farsiture* teve um grande desenvolvimento. Os jesuitas procuraram extinguir todo este lyrismo popular; do Padre Ignacio de Azevedo, escreve Balthazar Telles: «e para que os meninos fugissem de musicas deshonestas, fez compôr e elle mesmo compoz algumas canções espirituaes e cantigas devotas, que andam no fim da *Cartilha,* as quaes ainda que não são as que estimam os cultos são as que prezam os Santos, e estas lhes fazia tomar de cór e lhes fazia cantar de dia e de noite...» (1) Esta obra de degeneração da poesia tradicional, mesmo antes dos *Indices Expurgatorios,* começára pela condemnação das Constituições episcopaes. Nas do Porto, se prohibem o cantar «*chansonetas* e *villancicos,* nem motetes, antiphonas e hymnos, que não pertençam ao sacrificio que se celébra, nem emquanto se disser alguma missa, se consinta cantar cantigas profanas, nem festas, dansas... nem clamores petitorios de esmolas, etc.» (2) Gil Vicente termina muitos dos seus *Autos* com *Vilhancicos,* fórma popular que teve um extraordinario desenvolvimento musical no seculo XVII; o *Vilhancico* era uma especie de

(1) *Chronica da Companhia*, P. II, liv. 4, cap. 49.
(2) *Constituições do Bispado do Porto,* Liv. II, Tit. 1, Const. 7.

colloquio cantado, que se usava nas matinas do Natal; era como o *Noël* peninsular. Cervantes falando de um personagem do seu *Don Quijote*, diz: «fué grande hombre de componer coplas, tanto que el hacia los *villancicos* para la noche del nacimiento del Señor.» (1) Descrevendo o casamento de Filippe II, em 1570, diz Colmenares: «Nove meninos do côro, em trajo de pastores, saíram bem ataviados, do sanctuario, e cantaram um *villancico*, dançando.» Gil Vicente tambem dá o nome de *Vilancete*, sobretudo á fórma abreviada do *vilhancico*. Muitos d'estes cantos acompanhados de dansa taes como a *Enselada* e a *Chacota*, com que Gil Vicente termina os seus *Autos*, eram derivados dos costumes arabes; entre as Cantigas citadas na *Rubena*, e no *Dom Duardos*, cita Gil Vicente a *Galbi ora bi*, que nos apparece explicada nos versos do Arcipreste de Hita:

Cabel e *orabin*, teniendo la su rota,

que era um instrumento musico ao som do qual se cantava na aria *Avante, Arabes!* No *Cancioneiro* de Resende descreve-se «o doce baylho da *mourisca*, que o sentido faz perder»; a nossa legislação obrigava os *mudejares* ou arabes tolerados a irem ao encontro dos reis, nas festas publicas, com as suas dansas e jogos. Gil Vicente foi o que mais se inspirou d'estes elementos tradicionaes; por isso coube-lhe o crear a litteratura dramatica.

A fórma do *Solão*, tambem era popular, postoque a achemos citada por Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, D. Manoel de Portugal e Jorge Ferreira, que mais ou menos conheceram o lyrismo provençal d'onde ella se derivou para a litteratura. Mas o *solatz* proven-

(1) *Don Quijote*, P. I, cap. 12.

çal não pertencerá a essa ordem de cantos em que os trovadores imitaram a ingenuidade popular? O *Solão,* tambem se acha em Hespanha, em versos de arte menor; Quevedo, que imitou este genero, diz: «Romance de versos cortos... las antiguas *Solariegas*, composiciones de Castilla... de los ancianos, de quien oy aun duran testimonios.» (1) A *Xacara* toma desenvolvimento litterario no seculo XVII, não só em Hespanha, por Quevedo, mas em Portugal; diz Dom Francisco Manoel de Mello: «á força d'ellas (*xacaras* e seguidilhas) um rascão musico trazia amartellada uma escrava de uma casa.» (2) A seguidilha era a cantiga solta, a quadra improvisada segundo as circumstancias do momento; em Sá de Miranda, em Camões e Rodrigues Lobo encontram-se bastantes seguidilhas antigas glosadas; trazem de ordinario a rúbrica *mote velho*. A pureza do seu lyrismo mostra claramente a origem da sua inspiração. Dos *Jogos* populares do seculo XVI traz Gil Vicente algumas reminiscencias, como este que é commum á tradição européa:

No penedo João Preto,
E no penedo.

Quaes foram os perros,
Que mataram os lobos,
Que comiam as cabras,
Que roêram o bacello,
Que puzera João Preto
No penedo? (3)

Os *Jogos* populares do fim do seculo XVI foram recolhidos com uma metrificação e aperfeiçoamento litterario por Francisco Lopes, no livrinho intitulado *Passatempo honesto,* pelo qual se póde recompôr o estado da tradição n'este ponto. As *Prophecias* são uma fórma

(1) *Musa VI*, p. 477, Rom. 94.
(2) *Apologos dialogaes*, p. 72.
(3) *Obras*, II, 448.

poetica commum a quasi todos os povos que tem elemento celtico na sua raça; não foi debalde que no seculo XIV e XV se conheceram em Portugal as prophecias attribuidas a Merlim, porque ellas é que influiram n'esse vago sonho do *Leão dormente* e do *Porco espinho* que em vão se tem interpretado nas *Prophecias* de Bandarra, e que a *Chronica en redondillas* de Rodrigo Yannes, que estevo na batalha do Salado, diz serem Dom Affonso IV, e o rei de Benamarim. Bandarra deu fórma poetica ás tradições que ainda se repetiam no seu tempo, talvez vulgarisadas no poema de Affonso Geraldes. O typo de Bandarra é o mais popular de todos os nossos escriptores; pouco se sabe da sua personalidade historica, mas pelo processo do Santo Officio de 1541, já se podem determinar bastantes datas. Como consta d'esse processo, Bandarra, tinha sido rico e abastado, mas para acudir á sua pobreza abraçou o officio de sapateiro; isto se comprova talvez, porque na *Chronica* de *Azurara,* vem o nome de *Bandarra* usado por um capitão, nas conquistas de Africa. Gonçalo Annes Bandarra, leu durante nove annos uma *Biblia* em vulgar, que pertencera a João Gomes da Gram ; em 1531, vem pela primeira vez da villa de Trancoso a Lisboa, e pousa em casa de João de Bilbis, aonde João Lopes, Caixeiro, lhe pediu explicação das suas *Trovas*. Em 1537, quando já se achava em Trancoso, é visitado por Heitor Lopes que lhe diz que o *Livro das Trovas* andava já velho e roto, e lh'o queria mandar trasladar. E' certo que quando em 1535 a expedição dos cavalleiros portuguezes voltou de Tunis, trouxeram varias prophecias ácerca de Carlos V; e portanto é talvez d'este tempo que as *Trovas* de Bandarra receberam novo interesse entre o povo, por serem interpretadas segundo o pensamento do *Quinto Imperio*. Em 1538 Bandarra é visitado em Trancoso por um certo Vargas, da Covilham, que o procura

para argumentar com elle sobre a Biblia; n'esse anno vem novamente a Lisboa. As *Prophecias* exerciam sobre a imaginação popular uma fascinação immensa; todos procuravam o trovista. Em 1539 é consultado por Filelfo ao tempo em que se achava na Guarda, e ali lhe pergunta pelo *Livro das Trovas*. Em 1540 procuram-o em Trancoso em casa de Manoel Alvares, para que elle explique uma copia das *Trovas;* em 1541 o Santo officio apodera-se de Bandarra, e só pela sua muita simplicidade é que o não lança á fogueira. Depois da condemnação de Bandarra, as *Trovas* tiveram uma maior popularidade; os christãos novos viram n'ellas annunciada a vinda do Messias; depois de 1578 os politicos viram prophetisada a vinda de Dom Sebastião, que á imitação de el-rei Arthur na Ilha de Avalon, tinha de vir de uma ilha encantada; o Padre Vieira via nas *Trovas* o *Quinto Imperio* do mundo fundado no Brazil, para onde os Jesuitas queriam levar Dom João IV. As *Trovas* de Bandarra andaram manuscriptas até ao meado do seculo XVII, sendo impressas pela primeira vez em Nantes. Os maiores genios, como Montaigne, Luthero e Goethe, antes mesmo dos trabalhos scientificos haverem achado a importancia das tradições, confessaram a profunda belleza da poesia popular. Gil Vicente tambem possuiu essa rara intuição; vejamos como a tradição o tornou fecundo.

Autos hieraticos, populares e aristocraticos

O theatro é uma creação resultante da existencia de uma burguezia, e de vida publica; a vida politica da edade média começou nas cathedraes, aonde se faziam as eleições e os contractos, aonde se conspirava, e aonde se concentravam as mais francas alegrias. E' por isso que o theatro europeu teve o seu começo pelas fórmas *hieraticas* ou *religiosas*. Quando

a Egreja baniu da sua liturgia a participação do povo, teve de condemnar os dramas representados nas tres grandes festas Paschoa, Natal e Reis. Nas Constituições do Bispado de Evora, se prohibe: «nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em vigilia de santos ou alguma festa; nem *representações* ainda que sejam *da Paixão* de Nosso Senhor J. C., ou da sua *ressurreição,* ou *nascença,* de dia nem de noite, sem nossa especial licença; porque de taes *Autos* se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem escandalo no coração d'aquelles que não estão mui firmes na nossa santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que n'isto se fazem.» (1) Estas Constituições são de 1534, e portanto póde-se inferir que a par do desenvolvimento litterario dado por Gil Vicente ao theatro, o povo continuou a representar nas egrejas os seus velhos *Autos hieraticos;* ainda hoje alguns d'estes monumentos se conservam oralmente pelas aldeias. Nas festas de Corpus Christi, instituidas por Dom João II, as invenções hieraticas eram tam livres, que foi preciso organisar-lhes um regimento imposto pelos municipios; cada officio das mestrias dava a sua dansa figurada. A *Dansa das Donzellas,* que ainda actualmente se representa na freguezia de Arcozello da Serra, diocese da Guarda, póde dar-nos uma ideia d'essa fórma dramatica primitiva: seis ou outo meninas, bem enfeitadas, correm as ruas da povoação dançando, levando um anjo na frente do baile; depois páram, cada menina recíta a sua parte, e pedem ao Anjo que as baptize, abjurando da lei de Mafoma.

O theatro popular ou leigo não teve existencia independente; era sempre motivado por alguma festa religiosa. Mesmo as comedias profanas da *Bazoche*

(1) *Const.* 10, tit. 15.

(Basilica) foram de origem ecclesiastica, como se vê pela sua designação. Ainda na freguezia de Arcozello da Serra se conservam algumas d'estas tradições dramaticas, ligadas a um facto nacional, tal como a *Dansa dos Espingardeiros;* compõe-se este *Auto* popular de outo ou dez mancebos, armados, e marchando ao som de tambor, divididos em dois bandos; representam o exercito portuguez e o hespanhol; percorrem as ruas da povoação, escolhem logar para darem a batalha, e depois de longos discursos de parlamentarios, e de doestos insolentes, trava-se o combate, os portuguezes vencem, e o general hespanhol ajoelha aos pés do seu vencedor, que lhe concede a vida bem como a todos os seus. E' assim que um povo que tem uma grande existencia politica inventa o seu theatro. Os cantos dialogados, em volta da sepultura do Condestavel, eram uma especie de drama na sua primeira manifestação inconsciente.

O theatro aristocratico apresenta tambem uma fórma tradicional; eram os *Mômos* e entremezes usados na côrte de Dom Affonso V e de D. João II; nas festas do casamento da Imperatriz D. Leonor foram extraordinarios os divertimentos scenicos; depois d'esse tempo havia na côrte, como diz um poeta do *Cancioneiro, crisautos,* (ecclipse de *Autos.*) Pelas festas do casamento do principe Dom Affonso fizeram-se novas e mais extraordinarias representações, nas quaes até o proprio Dom João II tomou parte, apparecendo invencionado *Cavalleiro do Cyrne.* Dom Martinho de Castello Branco era o director d'estas apparatosas festas, que estão descriptas na *Miscellanea* de Garcia de Resende. No reinado de Dom Manoel e de D. João III, o theatro aristocratico decaíu de moda, talvez pelo estigma dos canonistas sobre os actores; é certo que Sá de Miranda se lamenta por ter acabado na côrte o tempo dos bons serões. E' então que Gil Vicente dá

fórma litteraria, reunindo nos seus *Autos* esses tres elementos tradicionaes; a fórma hieratica nos *Autos* de Natal e obras de dovação; a fórma popular, nas farças; e a fórma aristocratica nas tragi-comedias. Funda a sua obra desde 1502 a 1536; mas, sempre guerreado, tinham tanta vida os elementos sobre que fundou o theatro portuguez, que quando Garrett o quiz restaurar, serviu-se do perstigio d'esse venerando nome.

CAPITULO X

Creação do theatro nacional por Gil Vicente

Personalidade historica de Gil Vicente: nasce em Guimarães, por 1460, e morre em Evora em 1536. Frequenta a côrte de D. João II, tendo em 1482 o titulo de Escudeiro do Rei.—Era lavrante da rainha D. Leonor.—Condições em que cria a instituição do theatro portuguez, em 1502.—Protecção da rainha D. Leonor a esta nova invenção.—A farça de Inez Pereira e a lucta contra a auctoridade dos eruditos.—Gil Vicente é mais conhecido no seculo XVI como ourives, o maravilhoso artista da Custodia, de Belem.—Como se perdeu o conhecimento da personalidade artistica de Gil Vicente.—Eschola nacional no theatro portuguez: Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, Camões, Balthazar Dias, e anonymos.—Como o theatro nacional é combatido e quasi extincto pela censura.

Personalidade historica de Gil Vicente

No *Cancioneiro* de Resende, entre essa aristocratica pleiada de poetas da côrte de D. João II, encontra-se o nome de Gil Vicente, dando o seu parecer sobre o processo chistoso de Vasco Abul, por mandado da rainha D. Leonor. (1) No *Auto Pastoril castelhano,* sobre a alegoria de Juan Domado «*dizia por Dom João II.*» D'aqui se vê que antes de 1495, já vivia na côrte, aonde era considerado como poeta e estimado pela rainha D. Leonor, esse que mais tarde havia de fundar o theatro portuguez, e a quem a rainha chamava *Mestre* Gyl. Isto concorda com os documentos authenticos em que apparece citado o seu nome, taes como: Carta de 13 de Maio de 1482, em que é nomeado Requeredor das Cizas de Santarem, aonde é morador; (2) Carta de 14 de Fevereiro de 1482, em

(1) *Canc. ger.* fl. 210, col. 2.
(2) *Arch. nac.*, Liv. VI de D. João II, fl. 54.

que é nomeado, como creado e escudeiro de D. João II, porteiro dos Contos no Almoxarifado de Beja. (1) Em 20 de Septembro de 1485, faz D. João II mercê a Gil Vicente de uns certos bens na villa de Beja; (2) em 1846, sendo mestre da Carpentaria de Santarem, é nomeado por Dom João II mestre da Carpentaria da villa e paços de Almeirim; (3) e em 1 de Março de 1491 é nomeado Porteiro dos Contos do Mestrado de Avis. (4) Taes são os documentos do reinado de Dom João II que nos levam a fixar a data do nascimento d'este extraordinario genio não muito antes de 1460. Em uma Carta escripta de Santarem em 21 de Janeiro de 1531 a el-rei Dom João III, emprega Gil Vicente a phrase: «*assi visinho da morte como estou.*» E na Dedicatoria das suas Obras a Dom João III, diz mais: «Por cujo serviço trabalhei a compilação d'ellas *com muita pena da minha velhice...*» No fim da Tragicomedia intitulada *Floresta de Enganos,* vem a rúbrica pósta por seu filho, que lhe assigna o anno de 1536: «*a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias.*» Póde-se acceitar esta data como a da morte de Gil Vicente, porque na *Grammatica* de Fernão de Oliveira, fallando do modo de escrever as interjeições, diz: «não me parece este bom riso portuguez, postoque *assi o escreva* Gil Vicente nos seus *Autos.*» (5) Esta *Grammatica* foi começada a compôr em 1535, e por isso na referencia usa o *escrever* no presente; porém na *Grammatica* de João de Barros, que já estava impressa em 1539, se lê sobre o uso da desenvoltura da

(1) *Ib.*, fl. 12, v.
(2) *Ib.*, Liv. I, fl. 40.
(3) *Ib.*, Liv. VIII, fl. 14.
(4) *Ib.*, Liv. IX, fl. 73.
(5) *Grammat.*, cap. 14.—Vid. infra a *Petição* de Garcia Fernandes, de 1540, aonde se falla de Gil Vicente como fallecido.

linguagem: «E Gil Vicente, Comico, que a mais *tratou* em composturas, que alguma pessoa d'estes reinos, nunca se *atreveu* a introduzir um Centurio portuguez.» O modo de escrever de João de Barros, usando com relação a Gil Vicente os verbos no passado, bem nos revela, que antes mesmo de 1539 já elle era fallecido. Na propria tragicomedia escripta ainda em 1536, diz o poeta sob o personagem de Doutor Justiça Mayor:

> Já fiz os *sesenta e seis* (setenta e seis)
> Já o meu tempo é passado.

Se na realidade contava *setenta e seis* annos em 1536, que é como se justifica as phrases: *assy visinho da morte,* e *pena da velhice,* que elle tanto emprega, então póde affirmar-se indubitavelmente que nasceu em 1460. Sobre a sua filiação e naturalidade, de que nada se sabia, acha-se no *Nobiliario* ms. de Alão de Moraes: «Martim Vicente, um homem natural de Guimarães; dizem que era ourives da prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe certo que teve a *Gil Vicente.*» E em seguida accrescenta o mesmo genealogista: «*Gil Vicente,* filho unico d'este Martim Vicente, foi homem mui discreto e galante, e por tal foi sempre mui estimado dos princepes e senhores do seu tempo. Foi o que fez os *Autos,* que em seu nome se imprimiram, e por sua muita graça foram sempre celebrados pelos melhores que se fizeram n'aquelle genero. Está sepultado em Evora.» (1) Esta preciosa noticia vem-nos explicar ainda mais cabalmente a personalidade historica de Gil Vicente: um Alvará de 15 de Fevereiro de 1509, de Dom Manoel, em que Gil Vicente apparece com o titulo de *Ourives da Rainha minha irmã,* (D. Leonor, viuva de D. João II) no-

(1) *Pedatura luzitana,* Ms. 441 da Bibl. do Porto, fl. 176.

meia-o Vedor de todas as Obras de ouro e prata feitas para o Mosteiro de Belem, Hospital de Todos os Santos e Convento de Thomar; por outros differentes documentos, em que se citam varios trabalhos artisticos de Gil Vicente, se vê que além da admiravel creação do theatro portuguez, é elle tambem um dos mais insignes representantes da Ourivesaria da Renascença. Esta vastidão encyclopedica é o caracteristico que mais distingue essa pleiada de espiritos extraordinarios do seculo XV, como Leonardo de Vinci e Miguel Angelo. Gil Vicente é o admiravel lavrante da Custodia de Belem, como se sabe pelo testamento de D. Manoel; é um excellente poeta lyrico, conhecedor d'esse profundo segredo da ingenuidade popular; compõe os seus *Autos* e representa-os, como vêmos pelos versos de André de Resende, que lhe chama *auctor et actor;* era elle que escrevia a musica dos seus vilhancicos (*ensoava*); finalmente teve uma grande missão politica na civilisação portugueza, o luctar pela liberdade de consciencia, pela secularisação da sociedade civil, e o ter salvado em 1531 os habitantes de Santarem de uma carnificina de fanaticos. Quando em qualquer época apparece uma individualidade d'esta ordem, todos os pequenos factos da sua personalidade são rigorosamente historicos, e despertam o maior interesse.

Condições em que introduz o Theatro, em 1502

Sabendo-se que em 1482 era Gil Vicente já designado como creado e escudeiro de João II, e que em 1492 já figura como poeta no processo de Vasco Abul, vê-se que até á morte do principe Dom Affonso elle não pôde manifestar o seu genio dramatico, por causa da sua muita juventude. Depois d'esse desastre do principe, succedeu a morte de Dom João II pouco de-

pois, e em seguida a viuvez de Dom Manoel, de modo que as festas costumadas na côrte estiveram por muito tempo interrompidas. Como *lavrante* da rainha D. Leonor, Gil Vicente occupou-se em trabalhos de ourivesaria religiosa, taes como relicarios, calices, cruzes e custodias, que a rainha offerecia por devoção a varios mosteiros. Um accidente casual veiu despertar o genio dramatico de Gil Vicente; Dom Manoel, tendo casado em segundas nupcias com sua cunhada D. Maria, para vêr se assim recuperava todas as esperanças perdidas com a morte de D. Isabel e do principe D. Miguel da Paz, seu filho, recebeu a noticia do nascimento do seu novo herdeiro, que lhe veiu a succeder com o nome de D. João III. O successo da rainha causou uma alegria publica; todas as classes saíram com suas festas. Gil Vicente, com as relações que tinha na côrte, em uma quarta-feira, 8 de Junho de 1502, dois dias depois do parto da rainha, entrou no quarto da cavalescente, e aí recitou um *Monologo de um Vaqueiro,* que tambem se intitula da *Visitação,* especie de colloquio do Natal, em que fazia varios offerecimentos e vaticinios ao principe recem-nascido. Esta homenagem poetica agradou bastante na côrte, e a rainha D. Leonor, irmã do monarcha, descobrindo esta nova prenda no seu *lavrante,* animou-o para que continuasse a compôr mais alguma cousa n'aquelle novo genero. Até aqui Gil Vicente não fez mais do que imitar os costumes populares da noite do Natal, na fórma do seu *Monologo do Vaqueiro,* e ao mesmo tempo fazer reviver na côrte o antigo costume dos *Mômos,* que já estavam esquecidos. A intelligencia superior da rainha D. Leonor, que se assignalou pelo grande desenvolvimento que deu á Imprensa, e pela fundação das primeiras Misericordias, faz-se notar aqui pelo tino com que soube conduzir o genio de Gil Vicente a lançar as bazes do theatro portuguez. Representado o *Monologo da*

Visitação a 8 de Junho de 1502, a rainha D. Leonor pediu-lhe logo que o tornasse a repetir na festa do Natal. E' preciosa a rúbrica de Gil Vicente no fim d'esse primeiro ensaio: «*E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a rainha velha, d'esta representação, que pediu ao auctor isto mesmo lhe representasse ás matinas do Natal, endereçando ao nascimento do Redemptor.*» Quem era esta Rainha velha, senão a que fôra mulher de Dom João II, e que vivia na côrte de seu irmão el-rei Dom Manoel. Gil Vicente em vez de repetir no Natal o *Monologo*, «*porque a substancia era mui desviada*» compoz o *Auto Pastoril castelhano*, na lingua então mais fallada na côrte. A rainha D. Leonor ficou maravilhada com a obra; é encantadora esta revelação de Gil Vicente: «*A dita Rainha satisfeita d'esta pobre cousa, pediu ao auctor que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse soutra obra...*» Escreveu então o *Auto dos Reis Magos*, em 1503. N'este mesmo anno, representa o *Auto da Sybilla Cassandra* em Enxobregas, sem dúvida no Convento da Madre de Deos, o mosteiro predilecto da rainha D. Leonor. Logo em 1504, representa diante da mesma rainha nas Caldas o *Auto de Sam Martinho*, que não chegou a acabar por lhe ter sido pedido muito tarde. *O Auto dos Quatros tempos*, de 1505, o *Auto da Alma*, de 1508, foram todos representados diante da rainha D. Leonor.

O theatro estava introduzido no gosto palaciano; póde-se dizer, que desde 1502 até 1536 raro é o anno em que Gil Vicente não compõe algum *Auto* para distraír a côrte que foge da peste, e anda de Lisboa para Evora, Almeirim, Santarem e Coimbra. Em qualquer successo das armas portuguezas na India ou na Africa, é Gil Vicente que vem distraír os animos alquebrados pelos desastres, ou exaltal-os na partida para a expedição, como no *Auto da Exhortação de Guerra*, por occasião da partida para Azamor. E'

elle tambem o que festeja o nascimento dos principes, como os Infantes D. Luiz e D. Filippe, e os casamentos dos monarchas, como o de D. Manoel, de D. João III, e da imperatriz D. Isabel. Era preciso um talento indiscutivel e deslumbrante para atravessar essas épocas de intriga palaciana, de que o proprio Sá de Miranda, apesar da sua prudencia, teve de fugir para segurar-se. Gil Vicente soffreu com todas essas alterações provocadas pelos validos do principe Dom João entre elle e seu pae. Os versos recitados em 1523, no *Auto pastoril portuguez*, nos revelam como a intriga dos aulicos o procurou demolir:

E um Gil, um Gil, um Gil,
(Que má retentiva hei)
Um Gil... já não direi;
Um *que não tem nem ceitil*,
Que faz os Aitos a el-rei.

....

Aito cuido que dizia,
Aito assi cuido que é,
Mas não já Aito, bofé,
Como os Aitos que fazia
Quando elle tinha com quê?

Esta data de 1523 é exactamente a mesma em que o vêmos em lucta com os eruditos, que propagavam o insulto de que Gil Vicente não é auctor dos *Autos* que representava.

A farça de Inez Pereira e os criticos eruditos

Como vêmos pela Carta de de Sá de Miranda a Antonio Pereira, em que chama *Pasquinos* aos que mettem em scena os mysterios da religião, (1) os eruditos renegavam a fórma hieratica do theatro medieval.

(1) St. 33.

No prologo da comedia dos *Estrangeiros,* Sá de Miranda censura o ter-se substituido o nome de *Auto* ao de *Comedia,* e o ter-se escripto em verso rimado: «Já sois no cabo, e dizeis ora não mais; isto é *Auto,* e desfazeis as carrancas; mas eu, o que não fiz até agora, não queria fazer no cabo de meus dias, que é mudar de nome. Este (de *Comedia*) me deixae por amor de minha natureza, e eu tambem de *vossos versos* tambem vos faço graça, que são forçadas d'aquelles seus consoantes.» Garcia de Resende, a quem Gil Vicente apóda na tragi-comedia das *Côrtes de Jupiter,* alludindo ao seu saber encyclopedico e á sua muita gordura, tambem pela sua parte na *Miscellanea,* elogiando a Gil Vicente, procura insidiosamente tirar-lhe a originalidade da invenção dos *Autos* portuguezes:

> E vimos singularmente
> Fazer *representações*
> D'estyllo mui eloquente,
> De mui novas invenções,
> E feitas por Gil Vicente.
> Elle foi o que inventou
> Isto cá, e o usou
> Com mais graça e mais doutrina;
> *Postoque Juan del Enzina*
> *O Pastoril começou.*

Gil Vicente bem sabia d'onde lhe partiam os golpes; os eruditos colligaram-se sem o saber com o partido clerical, que via em Gil Vicente o protesto do bom senso. A estes que o atacavam, chamava-lhes «*certos homens de bom saber.*» Gil Vicente escreveu a farça de *Inez Pereira* para levantar o repto; a rúbrica que a acompanha é importantissima: «*O seu argumento he, que, porquanto duvidavam certos homens de bom saber, se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros auctores, lhe deram este thema sobre que fizesse: s. hum exemplo commum,*

que dizem: Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. *E sobre este motivo se fez esta farça.*» Póde-se dizer, que a farça de *Inez Pereira* foi a primeira comedia regular que appareceu no theatro portuguez; com *regular,* quer-se dizer, nem exclusivamente inspirada da tradição da edade média, nem cegamente imitada dos modellos classicos de Plauto ou Terencio; é uma comedia como a vida moderna a póde produzir. O modo como Gil Vicente desempenhou este grave comprommisso, vê-se no interesse com que Dom João III lhe pediu que continuasse a dita farça, o que elle fez no *Clerigo da Beira.* Não se póde saber com certeza se Gil Vicente escreveu para o publico; mas pela farça de *Quem tem farellos?* se vê que o publico as conheceu e lhes dava ás vezes o titulo: «Este nome da farça seguinte—*Quem tem farellos?*—*poz-lh'o o vulgo.*» Era esta communicação com o vulgo, que tornava Gil Vicente temido pelos eruditos; Gil Vicente era o unico que em Portugal tinha a coragem de proclamar as ideias de Reforma. Por isso o guerreavam. Uma coincidencia notavel se dá com a morte de Gil Vicente; é no anno de 1536 que se estabelece a Inquisição em Portugal, justamente quando o grande propugnador da liberdade de consciencia deixou de protestar nos seus *Autos.*

Gil Vicente, Ourives

Assim como no seculo XVI, aquelles que conheceram o talento artistico de Gil Vicente não queriam acreditar que elle fosse o auctor dos *Autos* portuguezes, assim tambem os que mais tarde o reconheceram como fundador do theatro nacional julgaram que o afamado ourives da Custodia, de Belem, era uma outra individualidade. Quando o vulgo chega a reconhecer o genio, concede-lhe a admiração, mas prendendo-o

sempre em uma exclusiva especialidade. Dom João II, por Carta de 12 de Outubro de 1486, e Dom Manoel por outra de 3 de Dezembro de 1496 concederam a Gil Vicente toda a ordem de privilegios, como a dispensa de pagar portagens, fintas, talhas, serviços ou pedidos lançados pelo concelho aonde fôr morador; isemptando-o ao mesmo tempo de ser tutor ou curador, de servir cargos do concelho, nem bésteiro do conto, nem pague jugada nem outavo, nem que seja obrigado a dar pousada em sua casa. (1) Todos estes privilegios só se podem justificar pelos admiraveis trabalhos de ourivesaria, de que estava encarregado pela rainha D. Leonor. Em uma Carta de el-rei Dom Manoel, de 4 de Fevereiro de 1513, diz, que confiando na bondade e fieldade de *Gil Vicente, ourives da rainha, minha muito amada e prezada irmã,* lhe faz a graça de o nomear Mestre da Balança da Casa da Moeda de Lisboa. A ultima mercê que achamos feita a Gil Vicente, é por Dom João III, em 19 de Janeiro de 1525, em que lhe dá de tença tres moios de trigo no recebimento do um por cento. No Testamento de el-rei D. Manoel, se lê: «Item, Mando que *a Custodia, feita por Gil Vicente* para o Mosteiro de Belem, seja entregue á dita casa, bem como a grande Cruz que foi guardada na minha thezouraria, *feita tambem pelo mesmo Gil Vicente...*» (2) Este Testamento é de 7 de Abril de 1517; no fragmento do Testamento da Rainha D. Leonor, tambem se lê: «Item, Deixo ao dito Mosteiro da Madre de Deos o Relicario que fez Mestre João, em que está o Santo Lenho da vera cruz,... e os dois Calices que andam em minha Capella, a saber, *o que corregeo Gil Vicente,* e outro *dos que elle fez,* que já está no dito Mosteiro, etc.» (3) Nos *Autos*

(1) *Arch. nac.*, Liv. 30 de D. Manoel, fl. 8.
(2) Sousa, *Provas da Hist. geneal.*, t. II, p. 328.
(3) Frei Jeronyno de Belem, *Chr. Seraph.*, t. III, p. 85.

de Gil Vicente, feitos na maior parte a pedido da rainha D. Leonor de quem era lavrante, vêm muitas allusões á profissão de Ourives que tinha o poeta; nas *Côrtes de Jupiter* cita Diogo Fernandes, que no *Cancioneiro geral* apparece tambem como ourives e poeta:

> Diogo Fernandes irá
> Porque é commendador. (1)

E n'esta mesma tragi-comedia faz a descripção do andor em que hade ser levado o principe na viagem:

> O princepe, nosso senhor,
> Irá em quatro roeins
> Marinhos, *em um andor*
> *Do ouro melhor que fôr*
> *Em toda a terra dos Chins:*
> *E um sobrecéo por cima*
> *D'esmeraldas e rubís,*
> *Lavrado de obra de lima,*
> *Que não possam dar estima*
> *A lavores tão subtís.*
> (*Ib.*, t. II, 405.)

Na farça dos *Almocreves*, representada em Coimbra em 1526, descreve Gil Vicente um typo nacional de *fidalgo pobre*, que vae demorando o pagar o que deve ao seu ourives:

> FIDALGO: Que *bastiães* tão louçãos!
> Quanto pesava o saleiro?
> OURIVES: Dois marcos bem, ouro e fio.
> FIDALGO: Essa é a prata; e o feitio?
> OURIVES: Assás de pouco dinheiro.
> FIDALGO: Que val com feitio e prata?
> OURIVES: Justos nove mil reaes.
> E não posso esperar mais
> Que o vosso esperar me mata.
> (*Ibd.*, t. III, 208.)

(1) *Ibid.*, t. II, p. 406.

Demais o proprio Gil Vicente, na dedicatoria da tragi-comedia *Dom Duardos,* confessa que os seus *Autos* foram feitos em serviço da Rainha D. Leonor: «Como quiera, Excellente Princepe y Rey mui poderoso, que *las Comedias y Farças y Moralidades, que he compuesto en servicio de la Reyna vuestra tia...»* Como é possivel que a mesma rainha tivesse outro lavrante com este nome de Gil Vicente, sem que os poetas satyricos, como Resende, não houvessem tirado partido d'essa homonymia. No seculo XVI a gloria de Gil Vicente provinha-lhe quasi que exclusivamente dos seus admiraveis trabalhos de ouriversaria; o seu nome era citado como uma honrosissima antonomasia; alguns dos seus filhos apparecem citados nas *Chronicas* e nos documentos officiaes com o titulo: o *filho de Gil Vicente.* Nos *Commentarios de Affonso de Albuquerque,* ao narrar a embaixada mandada ao Hidalcão, se lê: «Despachado este Embaixador, mandou Affonso de Albuquerque em sua companhia, pera assentar paz, Diogo Fernandes, adaíl de Goa, *e o filho de Gil Vicente* por seu escrivão...» (1) Chamava-se este, «Martim Vicente, que serviu bem na India, onde morreu solteiro» como se sabe pelo *Manuscripto* de Alão de Moraes. Em uma petição de Garcia Fernandes a Dom João III, de 16 de Abril de 1540, em que reclama os privilegios que lhe concedera Dom Manoel no caso de acabar a obra do palacio da Justiça de Lisboa, figura n'essa petição como testemunha «*Belchior Vicente, filho de Gil Vicente, a quem Deos haja, moço da capella del rei nosso Senhor.*» (2) Estas duas antonomasias, revelam-nos a profunda admiração que havia por Gil Vicente, muitos annos antes de se terem publicado as suas Obras por seu filho Luiz Vicente, em 1562.

(1) Part. III, cap. 52, p. 442.

(2) Arch. nac., *Corpo Chronolog.,* Part. III, Maç. 15, Doc. 13.

D'onde proviria esta admiração senão pelas obras que todos conheciam, a Custodia e Cruz grande dos Jeronymos, e muitas peças dos Mosteiros de Thomar, Todos os Santos, e Madre de Deos? Luiz Vicente era Moço da Camara do principe D. João; Paula Vicente, tambem poetisa e actriz, era camareira da rainha D. Catharina, e Belchior Vicente, era Moço da Capella real. O *Manuscripto* de Alão de Moraes dá noticia de uma outra filha de Gil Vicente, chamada Dona Valeria Borges, que foi mulher de D. Antonio de Menezes. E' certo que depois da publicação das obras de Gil Vicente, a gloria do poeta derivou-se exclusivamente dos *Autos* com que fundou o theatro portuguez, chegando-se ao ponto de ignorar que tivesse havido algum ourives chamado Gil Vicente. Quando se descobriu esse facto, facilmente se propoz o problema historico—se o ourives e o poeta seriam uma mesma personalidade? A resposta affirmativa, em face dos documentos que temos descoberto, é inabalavel. Importa insistir sobre a superioridade d'este grande vulto da arte e da litteratura portugueza que erradamente tem sido considerado como uma natureza humilhada pela posição de actor, ou de histrião da côrte, quando pelo contrario foi respeitado pelo seu vasto saber, pelo seu generoso caracter, e pelos trabalhos inexcediveis de arte com que nos enriqueceu. Quando o genio é acompanhado com qualidades d'esta ordem, hade por força imprimir ao seu seculo uma direcção segura; vencido na grande lucta da liberdade de consciencia, não excedido nos trabalhos da ourivesaria, foi no theatro que o seu exemplo deixou encetada a vereda para os novos espiritos. Já era conhecida e imitada a comedia e a tragedia classicas nos divertimentos escholares, mas para que se continuasse com mais vigor a escrever na fórma de *Auto* era preciso que a impressão que Gil Vicente deixou fosse muito funda. Os seus

Autos fizeram uma eschola que florescia ainda nos fins do seculo XVII; elle possuia as mais eminentes qualidades, um lyrismo apaixonado e gracioso, um raro tino das situações comicas, um conhecimento dos defeitos da sua época e da sociedade em que vivia, e um bom senso imperturbavel que só podia provir de uma natureza em que a força e a bondade se equilibravam.

Eschola de Gil Vicente: Chiado, Prestes, Camões, Balthazar Dias

Na lucta que Gil Vicente teve de batalhar com «certos homens de bom saber» que eram o páo mandado do partido clerical, apparece-nos um plano ardiloso, como o de inventarem a reputação de um outro genio dramatico para lhe oppôrem; caiu essa escolha sobre Affonso Alvares, mulato e criado do Bispo de Evora Dom Affonso de Portugal. Este poeta escrevia *Autos «a pedimento dos muy honrados e virtuosos conegos de Sam Vicente,»* sobre assumptos tirados da *Legenda Aurea* de Voragine. D'elle restam o *Auto de Santa Barbara,* que ainda se representa pelas aldêas, o *Auto de Santo Antonio,* o de *Sam Thiago,* e o *de Sam Vicente.* Mas, apesar de todas as protecções, não passou de um poeta sem ideal, e de um escriptor dramatico sem conhecimento da scena. Entre aquelles a quem se procurou attribuir a invenção dos *Autos* de Gil Vicente, foi o Infante Dom Luiz, por muito tempo considerado auctor de *Dom Duardos;* mas cáe por terra a supposição de ter sido achado entre os papeis de Gil Vicente, por que elle proprio o dedicou a Dom João III.

O poeta dramatico de mais talento e graça depois de Gil Vicente, é Antonio Ribeiro Chiado, inimigo figadal de Affonso Alvares; d'elle fala Jorge Ferreira

de Vasconcellos, em 1544: «Torná por ella, que concierte de razones.—Isso é vosso?—Senhor, não; é do *Chiado.*—Em algumas cousas tem vêa esse escudeiro.» (1) Em 1546 Camões tambem o cita com não menos estima no *Auto de El Rei Seleuco:* «Aqui me veiu ás mãos, sem piós nem nada, e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, como eu, ou como o *Chiado.*» Era este o legitimo successor de Gil Vicente, como se póde suppôr pelas datas em que apparece memorado, chegando tambem a representar diante de D. João III o *Auto da natural Invenção.* Nos seus *Autos,* que são numerosos, encontram-se allusões aos successos do tempo, como a quebra da moeda em 1569, antes da peste grande. Fixa-se a sua morte em 1591; a *Pratica de outo Figuras,* em que fala no cêrco de Mazagão de 1547; o *Auto das Regateiras,* em que allude á partida de D. Sebastião para Almeirim no inverno de 1568, a *Pratica de Compadres* são hoje conhecidos pelo unico exemplar depositado na Bibliotheca nacional em Lisboa. O seu *Auto de Gonçalo Chambão,* está perdido. A vida de Antonio Ribeiro Chiado é tão aventurosa como as peripecias dos seus *Autos;* fôra frade franciscano em Evora, e entregou-se depois á vida de *goliardo,* vindo para Lisboa aonde viveu entre os *Valentones* de que Camões dá noticia. Seu irmão Jeronymo Ribeiro tambem foi escriptor dramatico, e d'elle resta o *Auto do Physico,* escripto depois da reforma dos estudos de Coimbra, e já com um conhecimento d'essa extraordinaria comedia hespanhola a *Celestina,* que ainda hoje anda nas locuções populares; n'este *Auto* allude tambem Jeronymo Ribeiro aos *Emphatryões,* sem dúvida em consequencia do *Auto* escripto com esse titulo por Camões.

(1) *Aulegraphia,* act. XI, sc. 2, fl. 126, etc.

*

Depois do Chiado, é Antonio Prestes o que teve uma maior fecundidade e popularidade; Enqueredor do Civel em Santarem, é de crêr que n'essa terra, aonde residia Gil Vicente, recebesse elle a tradição dramatica. O *Auto da Ave-Maria* resente-se da primeira maneira de Gil Vicente, no periodo das Moralidades, como elle proprio lhe chamava; os restantes pertencem ao periodo das farças. O *Auto da Ave-Maria,* foi escripto em 1530, quando Gil Vicente ainda vivia. O *Auto dos Cantarinhos* traz esta preciosa rúbrica: «*Representado n'esta cidade de Lisboa,*» o que nos revela que já então existia algum Pateo de Comedias aberto ao publico. O *Auto do Procurador,* foi escripto antes de 1556. O *Auto dos dois Irmãos* é preciosissimo emquanto á sua relação com a velha lenda do *Rei Lear,* que já se achava no *Gesta Romanorum;* foi escripto depois de 1546, como se infere da referencia ao *Palmeirim,* de Francisco de Moraes. Em Antonio Prestes encontra-se esse typo popular da Comedia portugueza, chamado o *Ratinho;* o sentido d'esta designação acha-se explicado na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade: «os *Ratinhos,* que, sendo o concelho de Rates uma só freguezia de quatorze ou quinze lugarinhos ou aldeias, e estes só sejam os *Ratinhos,* d'elles se estende o nome a quasi toda a Beira, que quer dizer bordas do mar.» (1) Era na Beira que Gil Vicente procurava os typos, as danças e as cantigas nacionaes para os seus *Autos.* Prestes, censurando as novas modas nas vestimentas, no *Auto do Procurador,* diz:

> Tenho a Beira por discreta,
> não curam de mais contenda,
> senão de adubar fazenda, etc.

(1) *Miscell.*, p. 342.

Era a provincia em que se conservava a pureza tradicional. Balthazar Dias, que pertence tambem á eschola de Gil Vicente, cita varios costumes da Beira.

Admira por certo vêr Camões, que conhecia intimamente a Renascença classica, e que se inspirava da poesia italiana, seguir no theatro a eschola de Gil Vicente. O *Auto de El Rei Seleuco,* dos *Emphatriões,* e *Filodemo,* são em redondilha, e com certeza as creações mais bellas depois das de Gil Vicente. O *Auto dos Emphatryões* foi escripto sem dúvida nos divertimentos escholares; n'elle allude ao celebre romance de Flérida, composto por Gil Vicente. Sabendo-se que Simão Vaz, pae do poeta, casara em Santarem, onde residia Gil Vicente, e citando o velho dramaturgo na *Farça dos Almocreves* a Simão Vaz, que então vivia em Coimbra, em 1526, tudo nos leva a suppôr que nas proprias tradições de familia é que Camões teve conhecimento dos *Autos* de Gil Vicente. Imitou-os na fórma, por que teve a intuição do seu cunho nacional. O *Auto de El Rei Seleuco,* foi já escripto em Lisboa, em 1542; aí se acham allusões que cabem bem ao facto de ter Dom Manoel casado em terceiras nupcias com a noiva que era destinada a seu filho. Se tal assumpto, como os amores de Stratonice, foi escolhido intencionalmente, aí está mais um pretexto para a desgraça de Camões. O *Auto de Filodemo* foi escripto já na India, por occasião das festas que se fizeram em Goa quando Francisco Barreto foi nomeado Governador. N'esta composição se refere ao *Auto do Braz Quadrado,* que vem condemnado nos *Indices,* mas que está totalmente perdido. Bastavam estes tres *Autos* de Camões para revelarem um grande poeta, em nada inferior a Gil Vicente; escrevendo *Autos* e *redondilhas* obedeceu á tradição da poesia nacional, que o tornou inexcedivel no lyrismo da eschola petrarchista e na magestade da sua epopêa classica.

De todos os poetas da eschola de Gil Vicente, aquelle com quem o povo mais sympathisou, por que ainda hoje o lê e o representa, foi Balthazar Dias, poeta cego, da Ilha da Madeira, e que escreveu no reinado de D. Sebastião. Pouco ou nada mais se sabe da sua personalidade, senão que viveu algum tempo na Beira. Pertence-lhe a celebre tragedia em *redondilhas* do *Marquez de Mantua,* formada com romances hespanhoes; a *Imperatriz Porcina,* que pertence hoje á litteratura de cordel, é a fórma portugueza da popularissima e universal legenda de *Crescencia;* o *Auto de Santo Aleixo,* ainda hoje se imprime quasi annualmente. Este *Auto* não tem invenção, é metrificado sobre a *Legenda Aurea,* como o *Auto de Santa Catherina* tambem vulgarissimo. Os *Indices Expurgatorios* citam como de Balthazar Dias o *Auto do Nascimento de Christo,* o *Auto de Salomão,* e o *Auto breve da Paixão,* que se não encontram, e provavelmente estão perdidos para sempre. A fórma hieratica tornou-se quasi exclusiva entre os imitadores do theatro de Gil Vicente, e a isso se deve attribuir a sua decadencia.

Muitos são os *Autos* anonymos, que pertencem ainda ao seculo XVI; entre elles citaremos o de *Guiomar do Porto,* cujo merecimento se define em poucas palavras apresentando-o como a *Celestina* portugueza; o *Auto do Duque de Florença* e o de *D. Florambel* tem uma certa frouxidão que só se releva pela muita antiguidade. No *Auto dos Escrivães do Pelourinho* cita-se a giria do jogo no seculo XVI, tão importante para a historia dos costumes:

> DUARTE: E que jogo jogaremos?
> Primeirinha a descartar?
> GONÇALO: Jurei de não jugar,
> mas aos dados rifaremos,
> que he jogo singular...

DUARTE: Quanto havemos de jugar?
GONÇALO: Cada rifa um vintem. (1)

Pertencem a este cyclo nacional os tres bellos *Autos* hieraticos o de *Dia de Juizo,* o *Auto da Geração humana,* de 1536, que se attribue a Gil Vicente, e o *Auto de Deos Padre, Justiça e Misericordia.* O theatro nacional do seculo XVI foi riquissimo, mas os *Indices Expurgatorios* e os ataques dos Jesuitas aos Pateos das Comedias reduziram-o a menos de uma quinta parte, que é o que resta ainda hoje. Só se conservou o que ficou com a vitalidade da tradição. Os *Autos* de Simão Garcia, de João de Escobar, de Francisco Luiz, de Frei Braz de Resende, de Frei Antonio de Lisboa, de Gaspar Gil Severim, de Antonio Peres, e de outros muitos estão irremediavelmente perdidos. Apezar de toda esta devastação, era preciso que o theatro de Gil Vicente, derivado da tradição nacional tivesse penetrado profundamente nos costumes portuguezes, para que fosse só esta ordem de escriptos a que se serviu da lingua portugueza, quando era desprezada pelos que acceitaram o dominio castelhano. O theatro da eschola de Gil Vicente foi um agente da revolução da nossa independencia.

(1) Citado no *Glossario* da ed. de Castanheda, de 1833.

CAPITULO XI

Os Bucolistas — Eschola hispano-italica

Caracter tradicional da poesia pastoril portugueza. — Fórmas hespanholas e espirito italiano. — Influencia da educação em Italia para a introducção do gosto siciliano. — Bernardim Ribeiro e sua personalidade historica. — As cinco Eclogas em redondilhas. — Relações pessoaes e litterarias com Christovam Falcão. — Origem da Ecloga *Crisfal*. — Camões imita Christovam Falcão. — Como os versos octosyllabicos se conservam na tradição palaciana : Sá de Miranda, Camões, Bernardes, Caminha, D. Manoel de Portugal, e Falcão de Rezende, apesar de pertencerem á eschola italiana, escrevem tambem em redondilhas. — Reacção contra a eschola italiana pelos poetas da medida velha.

Caracter tradicional da poesia pastoril portugueza

O genero pastoril separa completamente a poesia dos Cancioneiros palacianos d'esse lyrismo apaixonado e individual com que começa em Portugal o seculo XVI. No vasto *Cancioneiro* de Resende, nada se acha que indique o minimo conhecimento do bucolismo, e comtudo os primeiros poetas quinhentistas que escreveram *Eclogas*, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, figuram ainda no *Cancioneiro* como poetas dos serões do paço. Como se deu o apparecimento d'esta nova fórma de poesia? Bouterwek notou este facto explicando-o por esta fórma: «Portugal póde ser considerado como a verdadeira patria da poesia pastoral, que, no mesmo periodo, floresce em Italia, aonde adquire fórmas mais cultas, particularmente depois de Sanazarro.» (1)

(1) *Historia da Litteratura portugueza*, p. 43. (Trad. ingl.)

A corrente da imitação castelhana desde o infante Dom Pedro até aos fins do reinado de D. Manoel, fizera esquecer a tradição do lyrismo provençal portuguez do seculo XIV; n'essa poesia trobadoresca, dava-se a imitação das *serranilhas* populares e dos cantos de ledino, em que as damas em vez de serem chamadas *mia sennor,* eram chamadas *mia pastor.* No *Cancioneiro* de D. Diniz, sobretudo nos *Cantares de amigo,* encontra-se o genero pastoril:

> Hunha *pastor* ben talhada
> Cuydava eu seu amigo;
> Estava, ben vos digo,
> Per quanto eu vi, mui coitada, etc. (1)

Ou tambem:

> Oy oj'eu cantar d'amor
> En hu fremoso virgeu
> Uã fremosa *pastor*
> Que ao parecer seu,
> Já mais nunca lhi par vi.
> E porém, dixe-lhe assi:
> — Senhor, per vosso vou eu. etc. (2)

Por isto se vê que na litteratura portugueza existia a tradição do genero pastoral, imitado no seculo XIV directamente do povo, e no seculo XVI renovado pelo conhecimento da eschola provençalesca. Os primeiros que escreveram *Eclogas,* Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, são justamente os que mostram um conhecimento mais claro dos nossos trovadores. Em Bernardim Ribeiro achamos essa preciosa referencia: «começou a cantar un cantar *á maneira de Soláo,* que

(1) *Canc. da Vaticana,* fl. 17. (Ap. Monaci.)
(2) *Canc. de D. Diniz,* p. 108.

era o que nas cousas tristes se acostumava.» Sá de Miranda é muito mais explicito:

> Suspirou-se melhor, veiu outra gente,
> De que o Petrarcha fez tão rico ordume;
> Eu digo os *Proençaes, de que ao presente*
> *Inda rythmas ouvimos,* que entoaram
> As musas delicadas altamente. (1)

Está explicado como o genero pastoril, postoque eruditamente, nasceu de uma tradição nacional. O desenvolvimento que lhe deu Bernardim Ribeiro foi anterior á imitação directa da Italia, como se acha na segunda feição de Sá de Miranda, que emprega já os endecasyllabos. A educação da aristocracia portugueza no fim do seculo XV fazia-se na Italia, sob o regimen de uma pezada erudição; ali se recebia o conhecimento respeitoso da antiguidade classica, e pela primeira vez se lêram os *Idylios* de Theocrito. Ao obedecermos a esta primeira influencia italiana, acceitámos pacificamente esse vago platonismo que nos era desconhecido, e continuámos a conservar os velhos metros peninsulares da *Redondilha.* A este periodo de conciliação entre a corrente de imitação hespanhola e o novo gosto siciliano, é ao que chamamos *Eschola hispano-italica.* Quando, porém, os velhos metros foram substituidos pelos endecasyllabos, e as estrophes em decimas pelos capitulos petrarchistas, foi então que rebentou uma lucta desesperada, que se repetiu com os mesmos caracteres tanto em Portugal como em Hespanha. Bouterwek confunde estas duas épocas, uma pacifica, dirigida por Bernardim Ribeiro até 1526, e a outra tempestuosa encetada por Sá de Miranda depois do seu regresso da Italia, dizendo: «A introducção do gosto italiano na poesia portugueza não foi acompanhada de

(1) *Obras*, de Sá de Miranda, p. 109. Ed. 1804.

nenhuma tempestade ou extranheza.» (1) Emquanto se imitou apenas o gosto siciliano, não se levantou conflicto algum; quando o metro de redondilha foi ameaçado de ser substituido pelo endecasyllabo, é que se desencadearam as tempestades, que o proprio Sá de Miranda descreve, e é que se estabeleceu uma reacção systematica dos chamados poetas da *medida velha*. Historiemos esta primeira phase, apontando os vultos principaes da Eschola hispano-italica.

Bernardim Ribeiro

A biographia d'este poeta é o commentario unico das suas obras; natural da villa do Torrão, e oriundo da familia dos Mascarenhas, que tinha o maior valimento de Dom João II, veiu frequentar a côrte em 1496, quando contava então vinte e um annos de edade. Este facto, que se deduz categoricamente de varios logares da sua Ecloga II, explica-nos porque é que no *Cancioneiro* de Resende ainda figura elle com suas Voltas e Coplas do gosto castelhano, que estavam então em moda na côrte. A data de 1496 só por si descobre as alterações feitas nos costumes palacianos; era morto Dom João II, e o seu successor Dom Manoel era casado com a princeza D. Isabel, viuva de Dom Affonso; haviam regressado de Castella varias familias aristocraticas comprommettidas na conspiração dos Duques de Bragança e de Viseu, e entre ellas a do D. Alvaro de Portugal, com a sua formosissima filha D. Joanna de Vilhena, que em 1483 fôra levada para Castella muito criança, na fuga da conspiração, e que agora regressava camareira da rainha nova. Foi n'esta renovação do pessoal na côrte, que appareceu Bernardim Ribeiro, a quem pedia versos a formosa

(1) *Hist. da Litt. portugueza*, p. 59.

D. Leonor de Mascarenhas. Era um reinado que começava pacificamente, conciliando antigos validos e antigos homisiados; é certo que o lyrismo mostra d'aqui em diante uma paixão desconhecida na litteratura portugueza, e desde então se canta o amor como uma realidade séria da vida. Bernardim Ribeiro amou essa a quem chama pelo annagramma de *Aonia,* (Joanna) a qual «Menina e moça fora levada de casa de seus paes...» As suas cinco Eclogas são a historia d'estes amores, contados com uma frescura e ingenuidade pittoresca de uma natureza fórte em uma epoca primitiva. A interpretação d'essas Eclogas comprova-se com a intelligencia da novella pastoral da *Menina e Moça.* D. Joanna de Vilhena era prima de el-rei D. Manoel, o que vem harmonisar-se com o fundo de verdade da tradição corrente no seculo XVII, de que amára uma infanta, filha do rei. A primeira Ecloga passa-se entre dois pastores, Persio e Fauno; Persio queixa-se de ter sido desprezado por aquella que amava, a qual se casou com um pastor mais rico; Fauno é ainda inexperiente no amor, e lança-se inconsiderado apoz o que lhe representa a phantasia. Se isto fosse apenas uma vaga situação banal, a Ecloga sería illegivel; mas os seus versos vibram de realidade, de verdade e de exaltação. O pastor Persio representa Christovam Falcão, cujos amores com D. Maria Brandão foram como esta Ecloga os figura, repetindo ás vezes quasi com as mesmas rimas os versos do *Crisfal:*

> Levada para outra *terra,*
> Vendo-se Persio sem ella,
> Vencido de nova *guerra,*
> Mandou a alma traz ella
> E o corpo ficou na *serra;* etc.

E no *Crisfal:*

> Então descontentes d'isso,
> Levaram-na a longes *terras,*

Esconderam-na antre umas *serras*
Onde o sol não era visto,
E a Crisfal deixaram *guerras*.

Lida sob este criterio a Ecloga I de Bernardim Ribeiro é de um encanto, como se ouvissemos um dialogo de Romeo; aqui a verdade eleva-se á altura da mais completa realisação artistica. Na Ecloga II o interesse augmenta; fallam dois pastores *De extranhas terras nascidos;* a personalidade de Bernardim Ribeiro é evidente, ao descrever a sua naturalidade, e como veiu para a côrte no tempo das pestes do Alemtejo, quando a sêcca e as fomes affligiam aquella provincia. O outro pastor é *Franco de Sandomir,* que outr'ora cantou *Celia,* nympha que «*Em Mondego se banhou.*» Evidentemente este interlocutor é Sá de Miranda, auctor da Ecloga *Celia,* e natural de Coimbra. E' n'esta Ecloga II, que Bernardim Ribeiro descreve os seus amores com Aonia:

O dia que alli chegou
....

Joanna acertou de vêr
Que se andava pela ribeira
Do Tejo a flores colher.

D. Joanna de Vilhena vivia como camareira da rainha nos Paços da Ribeira:

Ribeira mór das ribeiras
Que levam aguas ao mar,
Vós me sereis verdadeiras
Testemunhas do pesar.

N'esta Ecloga II, em que a poesia serve como que de cifra para encobrir uma confidencia, encon-

tra-se um vestigio, que explica o remate d'estes amores:

> Que não me entendo commigo,
> D'onde esperarei repairo?
> Que vejo grande o perigo
> *E muito mór o contrairo.*

A superioridade d'este contrario fundamenta-se em ter o Conde de Vimioso, Dom Francisco de Portugal, tambem poeta do *Cancioneiro geral,* casado com D. Joanna de Vilhena por ajuste de el-rei D. Manoel. A Ecloga III é um dialogo entre Silvestre e Amador; fallam dos mutuos desastres dos seus amores. *Amador* é Bernardim Ribeiro que deixa a côrte, e encontra no Alemtejo a Christovam Falcão, de quem, sob a personificação de Sylvestre, se despede, como quem vae deixar Portugal:

> Não te alembre que me viste
> *Pois nunca mais me hasde ver;*
> Leixa-me a mim esquecer,
> Que a minha lembrança triste
> Mais triste te hade fazer.
>
> Ir-me-hei commigo queixoso
> Sem me queixar do que sento,
> Em meus cuidados cuidoso;
> Oh quem fôra tão ditoso
> Que perdera o pensamento!

Bernardim Ribeiro, de facto saíu de Portugal; na Ecloga V, introduz o pastor Agrestes, de quem deixa os seguintes traços:

> E posto que sou doente
> Pera este mal não consente
> Haver *Arte appolinea.*
> Estes áres são mortaes,
> E o que mais me desbarata,
> E dá dores desiguaes,
> *E' lembrar-me os sinceiraes*
> *De Coimbra, que me mata.*

E vivendo triste, cego,
Não sei mesquinho, que faça
Que suspiro por Mondego
E chôro por a Regaça.

Todos estes traços quadram perfeitamente a Jorge de Monte-Mór, que tinha em Hespanha a profissão de musico, e que era natural de Coimbra; a Ecloga V foi encontrada fóra da collecção de Bernardim Ribeiro, como se póde inferir da rubrica: «*A qual dizem ser do mesmo Auctor.*» Não ha lyrismo que exceda em melancholia, em naturalidade e vehemencia esta Ecloga. Só em Camões é que se torna a reunir a perfeição poetica e um amor ardente, como o que vêmos em Bernardim Ribeiro, a quem o cantor dos *Lusiadas* chamava o seu Enio. A morte de Bernardim Ribeiro deve fixar-se não longe de 1554; porque n'este anno appareceu pela imprensa o volume das suas Obras, e o editor de 1645 diz, que: «se não imprimiu em sua vida; por morte se achou entre os seus papeis.» Adiante trataremos da novella pastoral *Menina e Moça.* As relações poeticas entre Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, determinadas nas Eclogas I e III, adquirem mais fundamento desde que vimos que a Ecloga de *Crisfal* e as poesias soltas de Christovam Falcão viram pela primeira vez a publicidade junto com as de Bernardim. Alliados pelos desastres amorosos, acham-se irmãos pelo genio e pela arte.

Christovam Falcão

Algumas das poesias de Christovam Falcão andam no *Cancioneiro* de Resende sob o nome de Bernardim Ribeiro; (1) sabendo já a relação intima que existiu

(1) Taes são, fl. 211, col. 3: *A uma senhora que se vestiu de amarello;* Ib., col. 4: *Antre tamanhas mudanças;* Ib., col. 5: *Antre mim mesmo e mim.*

entre estes dois poetas, sômos levados a inferir, que Christovam Falcão nasceu ainda no seculo XV. Á sua alta nobreza e a convivencia na côrte é que o dirigiram para a imitação da eschola hespanhola. No *Cancioneiro* encontram-se poesias de um João Falcão, escriptas por 1479, em harmonia com a tradição aristocratica que aliava á bravura militar a improvisação poetica. Christovam Falcão era filho primogenito de João Vaz de Almada Falcão, que foi Capitão da Mina, e de D. Brites Pereira. Os manuscriptos genealogicos conservam vagas referencias á sua vida romantica e ao amor desgraçado que inspirou a sua lindissima Ecloga intitulada *Crisfal,* das primeiras syllabas do seu nome. Cristovam Falcão amou, sendo bastante criança, a D. Maria Brandão, filha mais nova do opulento Contador do Porto, João Brandão, e irmã dos dois poetas do *Cancioneiro* Diogo Brandão e Fernão Brandão. Resentimentos ou calculos de familia opuzeram-se a esta paixão sincera entre as duas crianças, resultando da parte de Christovam Falcão o jazer durante cinco annos em carcere privado, e da parte de D. Maria o ser clausurada no mosteiro de Lorvão. Segundo os *Nobiliarios,* D. Maria Brandão obedeceu a final ás sugestões da familia, acceitando por marido a Luiz da Silva, Capitão de Tanger; e Christovam Falcão «porque não casou com sua dama foi para a India.» E' o que nos conta o Manuscripto de Alão de Moraes; bastavam estes simples factos para despertarem o mais alto interesse pela leitura do *Crisfal,* se essa Eglogà não fosse uma das obras mais bellas da litteratura portugueza. Nas litteraturas da Europa, no meiado do seculo XVI não existe uma pagina tão eloquente e apaixonada, como o *Crisfal.* A Ecloga começa por descrever o principio d'aquelles amores, depois como foram separados um do ontro, como conse-

guiram ver-se, e como injustamente se recriminaram:

E dizendo: Oh mesquinha!
Como pude ser tão crua?
Bem abraçado me tinha,
A minha bocca na sua,
A sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
Que com a bocca gostei;
Mas com quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas doces achei.

As situações fazem lembrar a ingenuidade primitiva do lyrismo dos *Fieis do Amor:*

Entam ella assi chorosa,
Por tão choroso me vêr,
Já para me soccorrer,
Com uma voz piadosa
Começou assi a dizer:
—Amor da minha vontade,
Ora não mais, Crisfal manso;
Bem sei tua lealdade.
Ay que grande descanso
E' falar com a verdade.

Na Ecloga revela o convento aonde foi clausurada D. Maria Brandão:

Chorando a lembrança d'ella,
Virada foi minha face
Para onde o gado pasce
Da grande Serra da Estrella,
Da qual o Zezere nace.

Indo com não menos dor
Em que já com mais socego,
Os ventos me foram pôr,
Depois de passar o Mondego
Sobre as Serras de *Lor*.

Vam ali grandes montanhas
De alguns valles abertas,
Todas de soutos cobertas,
Aos naturaes extranhas,
Mas á saudade certas.

Em uma segunda parte apocrypha do *Crisfal,* tambem se emprega este mesmo artificio da metrificação, para descobrir o sitio onde Maria estava clausurada:

E nas Serras de *Lor*
Vão sinaes de tuas dores....

Uma Carta em redondilhas de Christovam Falcão, traz a rubrica: «*estando preso,... a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.*» A impressão produzida por esta Ecloga foi immensa; Camões, na primeira Carta da India, escripta em 1554, cita quatro versos d'ella de uma maneira proverbial. Este conhecimento dos versos de Christovam Falcão prova a verdade de alguns paradigmas de Camões, notados por Faria e Sousa. E como seria Camões tão perfeito e delicadamente gracioso nas Redondilhas se elle não houvesse estudado Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Diogo do Couto, no meio das narrações das Decadas, fallando de Damião de Sousa Falcão, accrescenta: «irmão de *Christovam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas trovas de Crisfal...*» (1) O Padre Cordeiro, fallando do Capitão donatario da Ilha de Santa Maria e do casamento d'elle com uma filha de João de Sousa Falcão, accrescenta: «parente muito chegado do Barão velho, e do *famoso poeta Christovam Falcão, que fez a celebre Ecloga*

(1) *Decada VII*, cap. 34.

Crisfal, das primeiras syllabas do seu nome...» (1) N'esta Ecloga allude-se claramente ao desastre dos amores do Infante Dom Fernando com a filha do Conde de Marialva, Dona Guiomar Coutinho, casada a furto com o Marquez de Torres Novas. Restam de Christovam Falcão pequenas composições lyricas compostas nas fórmas da poetica hespanhola, com tal fervor que esse estylo cansado pelo maneirismo palaciano recebe na expressão dos seus sentimentos um extraordinario vigor. Esse estado moral de melancholia e de vago, que tanto caracterisa o espirito romantico das concepções modernas, acha-se descripto em Christovam Falcão como uma feição natural do seu espirito. Vejamos as seguintes Voltas á ultima e desesperada situação do seu amor:

> Casada, sem piedade
> Vosso amor me hade matar.
> ....
> Se vos eu vira casada
> Com quem vos bem conhecera,
> Já em vos vêr descansada
> Algum descanso tivera;
> Mas o vosso máo casar,
> Dobra minha saudade:
> Casada sem piedade,
> Vosso amor me hade matar.
>
> Para sempre vos casastes,
> Para sempre o sentirei,
> E pois no casar errastes
> Dae-me parte do que errei.
> Não vos engane o casar,
> Pois não tolhe a liberdade;
> Casada, sem piedade
> Vosso amor me hade matar.

Christovam Falcão morreu na India; por ventura a tradição recolhida por Camões e Diogo do Couto,

(1) *Hist. insulana*, p. 113.

*

estava ali vigorosa na epoca das suas viagens. O nome de *Crisfal* chegou a penetrar na vida civil; nas Moradias da Casa de el-rei Dom Sebastião encontra-se inscripto um certo *Crisfal Dias.* (1) No fim do seculo XVI Balthazar de Brito e Andrade (Frei Bernardo de Brito) escreveu uma segunda parte do *Crisfal,* imitando com felicidade o estylo e a paixão. Brito andava realmente impressionado pela sua Sylvia, e compoz essa segunda parte para mostrar que o pastor *Crisfal* deixaria de soffrer na fonte em que estava tranformado, quando apparecesse um namorado mais exaltado do que elle.

Os poetas da medida velha

Medida velha era o nome que se dava ao verso de redondilha ou octosyllabo depois da reforma operada por Sá de Miranda. Esta designação de *medida velha,* representa um certo partido de reacção litteraria contra a innovação italiana. Em Hespanha, Castillejos e Gregorio Silvestre (portuguez) foram os caudilhos d'esta lucta a favor dos metros peninsulares. Em Portugal não vêmos surgir nome algum á frente da defeza da *medida velha,* mas nos costumes palacianos a redondilha era a unica fórma admittida para galantear as damas. Na *Arte de Galanteria,* de D. Francisco de Portugal, exalta-se a superioridade das decimas: «Las *Decimas,* no se les serrará la puerta de Palacio, pues tanto se entran por las del pecho; las otras modas de versos hizieronze para leydos, y estes pera sentidos...» (2) «*Glosas,* solamente quando el

(1) Souza, *Provas da Hist. geneal.,* t. VI, p. 598.
(2) *Ob. cit.,* p. 111.

mote fuere de Dama... las *Coplas* castelhanas son las mas proprias para Palacio... ni ay muger que apeteça versos sino aquelles que tienen pocas syllabas, pensamientos vivos y mucho ayre, que son propriedade de *Romance,* cuyos desenfados parece que se hezieron solamente para ellas.» (1) João de Barros, em 1539, nos *Louvores da lingua portugueza,* tambem se queixa de estarem desprezadas as redondilhas. A' influencia dos costumes galantes do paço é que se deve attribuir essa particularidade curiosa que se dá com Sá de Miranda, Camões, Bernardes, Caminha, Falcão de Resende, e D. Manoel de Portugal, que escrevendo no gosto da eschola italiana, tambem metrificaram no antigo verso de redondilha. Sá de Miranda, fallando com saudade dos tempos dos bons serões da côrte portugueza, e ufanando-se por ter ainda ouvido Dom João de Menezes e Dom Manoel de Menezes, obedeceu fatalmente a essa influencia, emquanto não fez a viagem artistica da Italia. Quando Camões frequentou a côrte, depois de 1542, já a poesia italiana estava no seu explendor; o facto de compôr nos metros de redondilha era para comprazer com o gosto do paço. E na verdade essas Redondilhas excedem em graça e espontaneidade os grandes lyricos da *medida velha,* Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Entre os poetas da medida velha que resistiram com tenacidade á imitação italiana, deve citar-se o aulico Jorge Ferreira de Vasconcellos, de que restam algumas *Coplas* preciosas junto da *Aulegraphia;* na sua Novella *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda* intercalou bastantes composições na fórma do romance popular, compostas sobre situações dos poemas dos cyclos de Arthur e greco-romano. N'esta parte Jorge

(1) *Ib.*, 118, 143, 114.

Ferreira seguia a pura tradição castelhana; n'este tempo o romance popular tambem recebia na litteratura visinha uma fórma culta, em Sepulveda, Lobo Lasso de La Vega, Juan de la Cueba; em musica, por Torres, Fuenllana e outros compositores, chegando-se a compôr romances sacros, como vêmos em Frei Antonio de Portalegre, escriptos para introduzir na corrente do gosto o sentimento devoto acobertado com essas tonadilhas mais repetidas. As trovas de Luiz Brochado, intituladas *Coplas do Moleyro,* pertencem ao estylo da medida velha, tambem adoptado por Soropita para as Satyras politicas. A melhor parte d'estas composições, sobretudo a que não foi recolhida em Cancioneiros de mão, perdeu-se, como sabemos pela confissão de Luiz Vicente ácerca das *Obras meudas* de seu pae. No fim do seculo XVI ainda era bastante geral a monomania de ter cada individuo o seu Cancioneiro manuscripto, como ainda hoje se guardam os albuns; mas estes Cancioneiros de mão, sabe-se pela affirmação de Faria e Sousa, foram recolhidos pelo Santo Officio, que os destruia para aperfeiçoamento dos costumes. Algumas das composições d'este genero receberam uma certa popularidade, taes como: *Pensando-vos estou filha,* de Bernardim Ribeiro, e o *Pranto de Maria Parda,* de Gil Vicente, que Jorge Ferreira cita com esse caracter; e as *Trovas moraes* de Luiz da Silveira, citadas na *Pratica de Outo figuras,* pelo Chiado. Os *Avisos para guardar,* os *Arrenegos* de Affonso Valente, os *Letreiros sentenciosos, Regra Espiritual,* e *Petição ao Commissario,* por Antonio Ribeiro Chiado, são as composições da medida velha que mais se leram e repetiram na ultima metade do seculo XVI, não exceptuando os *Conselhos para casar* e *Malicia das mulheres,* por Balthasar Dias. Os poetas da medida velha esqueceram-se do bucolismo, e afrouxaram-se nas composições moraes e satyricas.

CAPITULO XII

Sá de Miranda e a introducção da Eschola italiana em Portugal

Acção da Italia nas litteraturas romanicas: França, Hespanha e Portugal.—Em que condições se introduz em Portugal a imitação da poesia italiana, em 1527. Personalidade de Sá de Miranda, introductor dos novos metros.—Como se organisa uma Eschola poetica em volta d'elle.—A comedia classica, imitada de Terencio, Plauto e Ariosto.—Jorge Ferreira imita a *Celestina*.—Elemento tradicional que conduz o Dr. Antonio Ferreira a crêar a verdadeira tragedia moderna. Poetas da Eschola de Sá de Miranda: Pedro de Andrade Caminha, D. Manoel de Portugal, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, André Falcão de Resende.—Seu valor litterario.

Renascença da Italia nas Litteraturas romanicas

No seculo XVI estavam criada a sociedade burgueza, estabelecida a independencia monarchica, disciplinadas e escriptas as novas linguas dialectaes que se substituiram ao latim; mas sob o ponto de vista politico as novas nacionalidades, provenientes da mesma origem ethnica e egualmente herdeiras da civilisação romana, estavam profundamente separadas por odios dynasticos. A Renascença da antiguidade operada na Italia, veiu imprimir uma direcção uniforme ás litteraturas romanicas, e postoque as desviasse do elemento fecundo das suas tradições, serviu para tornar por esse orgão mais evidente a unidade moral d'estes povos modernos. A Italia achou-se em condições especiaes para a obra da Renascença; em primeiro logar a tradição da antiguidade nunca se perdeu ali completamente. As Escholas de jurisprudencia eram tão reputadas como as antigas de Lobcão ou Capitão; os monumentos e as

ruinas foram educando os novos genios, de modo que quando a Italia se viu disputada pela Allemanha, invadida pela França, conquistada pela Hespanha, atraiçoada pela Theocracia, esses grandes genios desgostados da vida publica e sem esperança do futuro da sua patria, refugiaram-se no mundo sereno do passado, reconstruiram a vida grega e romana, consolaram-se reproduzindo esse ideal antigo que lhes apparecia no meio das catastrophes. Que esperanças não teve Petrarcha na hallucinação de Rienzi, quando tentou restabelecer o Imperio em Roma! Emquanto os exercitos francezes talavam o solo italiano, os sabios discutiam o platonismo, os pintores e os poetas, como outr'ora Archimedes, não sentiam o estrepito das armas do invasor. Mas os que conquistavam a Italia admiravam a sua cultura intellectual, e a Italia exercia sobre o vencedor o seu perstigio da Arte, como Roma ficou exercendo depois da queda o dominio das Leis. Com a França vêmos Carlos VIII chamar para a sua côrte os sabios italianos; Luiz XII, enriquecer com as bibliothecas da Italia as livrarias francezas; Francisco I é educado por um pedagogo italiano, e inscreve-se cidadão no Livro de Ouro, de Veneza. O conhecimento da litteratura italiana levanta a *Pleiade*.

Pela imitação faustosa da côrte e da aristocracia, é que a Renascença entra em Inglaterra; depois de 1554 as *villas* substituem-se aos castellos feudaes. Na côrte de Henrique VIII, apparecem os lyricos Wyat e o Conde de Surrey, que imitam o gosto italiano.

Com relação á Hespanha, a influencia da Italia é muito mais antiga; data ella desde o principio do seculo XV, quando Micer Francisco Imperial introduziu o conhecimento de Dante; o Cancioneiro de Stúñiga revela a cada pagina que foi escripto por poetas que estiveram na conquista de Napoles. Mas o lyrismo castelhano estava immobilisado nas velhas fórmas da poe-

tica provençal, e o gosto dos Cancioneiros havia reduzido a poesia a um convencionalismo mechanico. Em 1524, Andrea Navagero foi enviado como Embaixador de Veneza a Carlos V; durante seis mezes que esteve em Granada encontrou-se com Boscão, e nas suas largas conversas sobre litteratura trouxe á observação do poeta os caracteres particulares do metro italiano, e pediu-lhe que experimentasse o metrificar em castelhano no verso endecasyllabo. Boscan, satisfeito com a sua tentativa, continuou a exercitar-se, mas teria por certo desfallecido no meio da empreza, debaixo dos ataques dos apaixonados do metro de redondilha, se Garcilasso, já então reconhecido como um eminente lyrico, o não viesse fortalecer com a sua adhesão. A questão dos novos metros italianos foi o facto unico em volta do qual se deram grandes batalhas contra a introducção da eschola italiana; accusavam o metro endecasyllabo de não ser nacional, mas é certo que a sua accentuação está de tal fórma em harmonia com a prosodia das linguas romanicas, que bastava esta primeira conformidade para determinar uma relação commum entre ellas, e portanto o criterio comparativo para estudal-as.

Vendo-se a epoca em que entrou em Hespanha a Eschola italiana, em 1524, immediatamente se nota que se deu egual phenomeno em Portugal, quasi ao mesmo tempo, quando Sá de Miranda regressou da sua viagem á Italia, em 1526. Esta phase litteraria foi tão tempestuosa em Portugal como em Hespanha. No prologo da Ecloga *Encantamento,* fala Sá de Miranda d'essa lucta:

> . . . . que são dinos
> De perdão os começos que já fiz
> Aberta aos bons cantares peregrinos.
> Fiz o que pude, como por si diz
> Aquelle, um só dos lyricos latinos...

> Andando apoz a paga, houve aos sizos
> Gram medo, (que o confesso) e a huns pontosos
> De rostos carregados, ou de uns risos
> Sardonios, ou mais claro, maliciosos...

Immediatamente, agruparam-se em volta de Sá de Miranda o nobilissimo D. Manuel de Portugal, filho do Conde de Vimioso, Pero de Andrade Caminha, depois Ferreira, em seguida Bernardes, mais tarde André Falcão de Resende. Estava criada a Eschola italiana em Portugal; as novas poesias corriam de mão em mão manuscriptas, e pouca influencia podiam exercer sobre o gosto publico, porque só viram a luz no ultimo quartel do seculo XVI. Este facto tambem nos explica a persistencia da chamada Eschola da medida velha.

Sá de Miranda

Dá-se n'este homem a perfeita alliança do talento com o caracter; a sua vida não é menos bella do que as suas obras. Fixa Dom Gonçalo Coutinho, na vida que d'elle escreveu sobre tradições conservadas por Bernardes e por D. Manoel de Portugal, o seu nascimento em 1495. Nasceu Francisco de Sá e Miranda em Coimbra, de uma mulher nobre e do Conego Gonçalo Mendes de Sá; e em casa de seus avós João Gonçalves de Miranda e Souto Mayor e Filippa de Sá, que residiam em Buarcos, passou os primeiros tempos da sua meninice. Gonçalo Mendes de Sá era no principio do seculo XVI um dos personagens de mais valimento em Coimbra; sua irmã D. Guiomar de Sá era estimada pelo violento Bispo de Coimbra, Dom João Galvão, primeiro Conde de Arganil. Francisco de Sá e Miranda teve numerosos irmãos, mas nos seus versos apenas fez menção de Mem de Sá, que foi Governador do Brazil; na Elegia á morte de Garcilasso,

dá-se como parente d'esse insigne poeta por parte dos Souto-Mayores:

> Al tan antiguo aprisco
> De *Lassos de la Vega*
> Tuyo, el nuestro de *Sá* viste ayuntado.

De facto pelos *Nobiliarios* se verifica o casamento de «uma filha de Ruy Paes de Souto Mayor -om Garcia Lasso de la Vega o velho.» (1) A nobreza principal vinha da parte dos Sás, affamadissimos poetas do *Cancioneiro,* João Rodrigues de Sá, o velho, Henrique de Sá e Francisco de Sá de Menezes; o joven poeta queria assim mostrar que por parte de seu pae não era inferior em nascimento. Em 1505 ainda Sá de Miranda residia em Coimbra, porque allude á abertura do tumulo de Dom Affonso Henriques, na *Carta* a Pero Carvalho; e como a Universidade estava em Lisboa, por certo veiu muito cedo frequentar esses estudos convivendo tambem na côrte, por isso que em 1516 já figura como poeta no *Cancioneiro* de Resende, e com a rubrica de *Doutor.* (2) Este titulo não deixa confundil-o com o outro seu homonymo Francisco de Sá tambem poeta, o qual foi Capitão dos Guardas de el-rei; na Carta que lhe dirigiu Manoel Machado de Azevedo, tem o nome de letrado:

> O grande affeito me ordena
> Que *aconselhe a um letrado...* (st. xx.)

Segundo a tradição conservada por Dom Gonçalo Coutinho, Sá de Miranda ficou na Universidade de Lisboa regendo uma cadeira; seria n'esta epoca que elle teve mais intimidade na côrte, ouvindo ainda as ulti-

(1) *Mon. hist.*, Scriptores, p. 387.
(2) *Canc. geral.*, fl. 109, col. 1.

mas coplas de Dom João de Menezes, Conde de Cantanhede, e metrificando com Bernardim Ribeiro a pedido das damas do paço, como vêmos succeder com Dona Leonor de Mascarenhas. Mas em 1521, Sá de Miranda deixa a côrte e emprehende a viagem da Italia. Na Carta a D. Fernando de Menezes, diz elle:

> Vi Roma, vi Veneza e vi Milão
> *Em tempo de Hespanhoes e de Francezes...*

Foi em 1521 que os exercitos de Carlos V e de Francisco I se encontraram sobre o territorio italiano disputando-o. Não era esta uma occasião favoravel para emprehender a viagem da Italia como artista ou erudito; por tanto Sá de Miranda saíu de Portugal por uma causa imperiosa. Sabe-se que em 1521 saíram de Portugal bastantes fidalgos que seguiam o partido do principe contra Dom Manoel, porque o velho monarcha casara em terceiras nupcias com a noiva de seu filho. O facto de Sá de Miranda regressar da Italia sómente depois que Dom João III subiu ao throno confirma a primeira inducção. Durante a sua viagem, Sá de Miranda conversóu com varios eruditos italianos, como João Ruscellai e Lactancio Tolomei; as campinas desoladas das cercanias de Roma tambem lhe causaram uma melancholia profunda, como as aguas turvas do Tibre contrastavam com a limpidez e serenidade do seu patrio Mondego. Em 1526 é que Sá de Miranda regressa a Portugal, voltando immediatamente para Coimbra, aonde em 1527 recita uma Oração na chegada de D. João III e da rainha D. Catherina que fugiam da peste de Lisboa. N'este anno tambem Gil Vicente foi a Coimbra representar a sua comedia da *Divisa,* e é natural que os divertimentos scenicos despertassem em Sá de Miranda a lembrança da Comedia classica italiana, porque n'este mesmo anno escreve os *Estrangeiros*. No

prologo d'esta comedia em prosa, diz que não se cansem a accusal-o de imitar Ariosto, e muito menos Plauto ou Terencio; n'esta mesma comedia condemna o titulo de *Auto*, que se lhe costumava dar em Portugal. Na Carta a Pero Carvalho, fala Sá de Miranda da insolencia dos fidalgos que acompanharam a côrte, que diziam mal de Coimbra e empobreciam os *parvos honrados* que os sustentavam. Na Carta de Manoel Machado de Azevedo a Sá de Miranda, diz-lhe:

Põe-se em muito grande perigo
Quem descobre todo o peito;
Por um bom dito ou conceito
Não perdaes nenhum amigo.

Os *Carvalhos* e os *Carneiros*
Da Beyra, Entre Douro e Minho,
São mui bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento;
Mas lá com seu valimento
Só vive quem os respeita.
(st. XII-XIV.)

Estes versos descobrem-nos o fio que levou Sá de Miranda a abandonar a côrte muito cedo. O seu caracter justo e incapaz de tergiversar, obrigava-o a fallar como pensava; em volta d'elle deu-se esse extraordinario escandalo do Marquez de Torres Novas que se oppoz ao casamento de D. Guiomar Coutinho com o infante Dom Fernando, dizendo que era casado clandestinamente com ella. Depois de largos processos canonicos e civis, o Infante casou, mas em bem pouco tempo morreram successivamente elle, sua mulher e filho. Sá de Miranda escreveu a Ecloga *Andrés,* em que allude vagamente a estes desastres; por ventura d'aqui se originou o conflicto que o fez aborrecer a vida da côrte

para sempre. Em 1534 Sá de Miranda abandona definitivamente a côrte, como se póde bem determinar pela Elegia á morte do principe Dom João, em que diz que vive á sombra dos arvoredos, desde que o *malvado Inglez*, Henrique VIII, se separou da egreja. Dom João III, sempre amigo de Sá de Miranda, deu-lhe a Commenda das Duas Igrejas; na vida da provincia e para conversar sobre o que vira e o que lera, aproximou-se de Antonio Pereira Marramaque, senhor de Basto, e ali na sua quinta da Tapada, sentados ao pé da fonte da Barroca, liam Sanasarro e Bembo, e por via de seu amigo tomava conhecimento das obras de Garcilasso:

A vossa fonte tão fria
Da Barroca em Julho e Agosto,
Inda me é presente o gosto,
Quão bem que nos hi sabia
Quanto na meza era pôsto.
....
Deshi o gosto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e *furioso Orlando*,
Envoltos em tantas flores.

Liamos os *Assolanos*
De Bembo, engenho tão raro.
N'estes derradeiros annos,
E os pastores italianos
Do bom velho Sanasarro.

Liamos ao grande *Lasso*
Com seu amigo *Boscão*,
Que honraram a sua nação;
Ia-me eu passo a passo
Aos nossos, que aqui não vão.
(Carta II).

Por ventura pelas relações litterarias que contrahiu com Manoel Machado de Azevedo, da Casa de

Crasto, é que Sá de Miranda veiu a casar com D. Briolanja de Azevedo. A tradição de que ella era velha e feia é fundada sobre uma má interpretação de uma galanteria de Sá de Miranda, que lhe disse no acto de a pedir: Dae-me com esse páo, porque vim tão tarde. Nos Sonetos, falla Sá de Miranda da precocidade dos seus cabellos brancos; e, costumado como estava á galanteria do paço, esse dito só podia referir-se a si proprio. Foi durante a sua tranquilla existencia na quinta de Entre-homem e Cávado, que recebeu as mais sinceras homenagens dos bons espiritos que iam surgindo na litteratura. Em 1545 o Cardeal Infante Dom Henrique manda-lhe pedir as suas duas comedias dos *Vilhalpandos* e *Estrangeiros* para as fazer representar; o principe Dom João, filho de Dom João III, manda-lhe pedir a collecção dos seus versos. No doce remanso da familia, como o descreve Bernardes como testemunha occular, ensinava musica a seus filhos Gonçalo de Sá e Jeronymo de Sá. Mas toda esta santidade domestica ia em breve ser destruida. Em 1553 morre-lhe na Africa seu filho Gonçalo de Sá, n'essa desastrada expedição de Ceuta aonde tambem morreu Dom Antonio de Noronha, o intimo amigo de Camões; sua mulher D. Briolanja de Sá nunca mais teve saude e morreu logo em 1555; a tristeza de Sá de Miranda agravou-se com a morte do principe Dom João em 1554, e com a de Dom João III em 1556. Ferreira escrevia-lhe uma formosissima Elegia a consolal-o pela morte de seu filho; Jorge de Monte-Mór escrevia-lhe com enthusiasmo consultando-o sobre se deveria ficar em Portugal; Dom Manoel de Portugal mandava-lhe os seus versos para os emendar, todos o cercavam no seu retiro com o mais profundo respeito. Mas aquella natureza pura e boa achava-se só no mundo, e apenas sobreviveu mais trez annos a sua mulher, morrendo em 1558. Sá de

Miranda escreveu uma grande parte das suas Eclogas em castelhano, e pode-se dizer que a sua reputação europêa provem d'essas Eclogas, que em Portugal quasi se não apreciam; Bouterwek diz que na historia da litteratura hespanhola ficará uma lacuna se se não fallar em Sá de Miranda. Este escriptor, apezar de ter composto uma grande parte das suas poesias em castelhano, não foi menos propugnador da lingua portugueza do que Ferreira; Castanheda, no prologo da *Chronica do Descobrimento da India,* confessa que deve a Sá de Miranda a animação para escrever a sua narrativa em portuguez. Sá de Miranda distingue-se por uma tal abundancia de locuções populares, que se não sabe se aquella é a sua linguagem natural se um effeito artistico aproveitado com um delicadissimo gosto; com esta linguagem a sua expressão sentenciosa toma uma magestade secular, os seus quadros pastorís uma frescura de realidade, a sua tristeza deixa de ser um mal estar pessoal, mas o sentimento da vida como as cousas o despertam. Pode-se dizer, é um grande poeta filho de um sublime caracter.

Eschola de Sá de Miranda: Ferreira e o Theatro classico

O Doutor Antonio Ferreira distingue-se entre todos os Quinhentistas pelo seu immenso respeito á auctoridade classica; não se encontra entre os seus versos nenhum signal de que tivesse, pelo menos nos seus primeiros ensaios litterarios, empregado o verso de redondilha; pelo contrario dizia: «a antiga trova deixo ao vulgo.» Mas apesar do seu profundo conhecimento do grego e do latim, e da exclusiva admiração pela poesia italiana, as suas composições revelam um espirito superior, o qual se dá a conhecer mais claramente na comprehensão que teve das tra-

dições nacionaes. O assumpto do poema de *Santa Comba dos Valles,* já bastava para se vêr que a tradição continha para elle um certo perfume de poesia; mas a tradição dos amores de *Ignez de Castro* tomada como objecto de uma tragedia regular, em tempo em que ainda na Europa ninguem se atrevia a tratar sobre a scena assumpto que não fosse da historia grega ou romana, este raro tino de Ferreira é prova de que a exagerada educação classica não pôde completamente desnaturar-lhe o genio. Antonio Ferreira nasceu em Lisboa, em 1528, de Martim Ferreira, escrivão da fazenda do Duque de Coimbra, e de D. Mecia Fróes Varella; a primeira educação de Ferreira fez-se em Lisboa, por ventura no Collegio de Mangancha, que só mais tarde acompanhou a Universidade para Coimbra, com o titulo de Collegio de Sam Paulo; ainda em Coimbra cursou humanidades, já sob o regimen dos professores francezes que vieram de Paris por intervenção do Dr. André de Gouvêa, em 1547. Pelas obras de Ferreira conhece-se como recebeu o conhecimento da litteratura grega pelo celebre erudito Diogo de Teive; florescia tambem a este tempo em Coimbra Jorge Bucchanan, que tornou mais frequente o uso das comedias classicas nos divertimentos escholares. Em 1553 já Antonio Ferreira conhecia a eschola italiana, e escrevia em tercetos a Sá de Miranda essa affectuosa Elegia em que o consola no desastre da perda de seu filho em Ceuta. As poesias lyricas de Ferreira foram escriptas até ao anno de 1557, em que já as tinha recolhidas com o titulo de *Poemas lusitanos,* porventura para serem dadas ao prélo; compõem-se de Sonetos, em parte de uma metrificação de quem não domina perfeitamente o endecasyllabo, mas em compensação de uma pureza e naturalidade de sentimento tal, que provoca a vontade de descobrir sob as suas palavras apaixonadas quem é

que assim o inspirava. De facto a maior e melhor parte dos seus versos descrevem o seu amor por Maria Pimentel, com quem veiu a casar, e de quem viuvou em 1568, ficando-lhe tres filhos: Miguel Leite Ferreira, que da morte do seu pae, logo em 1569, diz: «deixando-me em tal edade que o não conheci;» e Dona Catherina de Moredo, e Ruy Leite. Por estes tres filhos se póde fixar aproximadamente a epoca do seu casamento. Os outros seus versos são Cartas, Eclogas, Elegias, Epithalamios aos espiritos mais notaveis do seu tempo, especie de conversas sodalicias, mas que derramam uma luz immensa sobre a vida intellectual do seculo XVI. Ferreira tambem conheceu a tradicção provençal portugueza; no seu tempo descobriu-se no Vaticano o *Cancioneiro* de Dom Diniz, e é por isso que elle lhe chama:

...........da sua lingua amigo,
D'aquellas Musas rusticas emparo.

Quando Sá de Miranda tentou introduzir em Portugal a Comedia classica, escreveu: «Extranhaes-me, que bem o vejo... mas não hade fallecer quem me arremede.» De facto, o Dr. Antonio Ferreira, o principal discipulo de Sá de Miranda, desempenhou este presentimento do mestre. Nos divertimentos escholares, anteriores a Ferreira, já se haviam feito tentativas dramaticas; a comedia *Eufrosina,* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, fôra escripta em 1527, em Coimbra, e a *Ulyssipo* em 1547. Em 1551 achamos, por occasião das festas do doutoramento de D. Antonio, Prior do Crato, representada a tragi-comedia em latim intitulada *Golias:* «que representaram os estudantes nobres da Universidade na claustra da Portaria, que fica anterior ao Mosteiro.» (1) Por motivo das festas pu-

(1) D. Nicoláo de S. Maria, *Chr. dos Regr.*, p. 183.

blicas pelo casamento do princepe Dom João com a princeza D. Joanna, filha de Carlos V, é que Ferreira allude a outros divertimentos escholares: «n'esta Universidade... *onde pouco antes* se viram outras, que a todas as dos antigos ou levam ou não dão vantagem.» Ferreira tambem confessa no prologo o que deve a Sá de Miranda: «não falo nos que o seguiram *até agora em Italia,* pois *em nossos dias vêmos n'este Reyno* a honra e o louvor de quem novamente a trouve a elle, com tanta differença dos antigos quanta é a dos mesmos tempos.» E por fim confessa que a comedia de *Bristo* fôra composta em ferias furtadas ao estudo «como cousa de poucos dias ordenada.» A Comedia *Cioso,* pertence á mesma imitação classica terenciana, em que os personagens são o *Miles gloriosos,* ou o fanfarrão italiano, a *hetaira* grega, ou a *cortegiana* italiana, e os filhos-familias pervertidos entre estas duas forças dissolventes. Com a morte do princepe Dom João em 1554 os divertimentos escholares ficaram interrompidos; era para este princepe que Jorge Ferreira de Vasconcellos escrevia a Comedia *Aulegraphia,* que deixou inedita e que só foi publicada por seu genro. As tres comedias de Jorge Ferreira pertencem á eschola classica, mas a influencia italiana está substituida n'ellas pela imitação da Comedia *Celestina,* a grande maravilha do theatro hespanhol. Jorge Ferreira protestava contra a monomania aristocratica da viagem á Italia.

Em 1555 a reforma dos Estudos em Coimbra foi completamente arruinada pela entrega que D. João III mandou fazer dos estabelecimentos litterarios aos Jesuitas, como se póde vêr por esta Carta dirigida a Diogo de Teive: «Mando-vos que entregueis esse Collegio das Artes, e o governo d'elle mui inteiramente ao Padre Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus, o qual assim lhe entregareis do primeiro do mez

de Outubro, que vem d'este presente anno de 1555 em diante, etc.» (1) O resultado d'esta reforma, acha-se na Carta de Martim Gonçalves da Camara em 1570, ao Reitor da Universidade, dizendo que os nossos homens se contentam mais em serem «*catholicos ainda que menos Latinos.*» Ferreira ainda estava em Coimbra quando Diogo de Teive teve de abandonar em 1555 a direcção dos Estudos; quando já se achava em Lisboa, em 1557 escreveu ao seu antigo Mestre:

> Prometti-te, meu Teive, *á tua partida,*
> Mil prosas e mil versos, e em mil mezes
> Uma Carta té outra terás lida.
>
> Não sabiam mentir os portuguezes,
> *Entrou novo costume*..........

Cabe tambem a Ferreira a gloria de ter protestado a favor da liberdade do pensamento, quando o Cardeal Dom Henrique creou em 1564 o primeiro *Index Expurgatorio:*

> Escuro e triste foi aquelle dia
> Que ao saber e engenho um juiz foi dado,
> Que nunca ao claro sol olhos abria.
> (II, 112).

Quando Ferreira já residia na capital, occupando o alto cargo de Desembargador da Relação de Lisboa, é que escreveu essa sua preciosa tragedia *Castro*, cuja composição se póde fixar em 1558. Com certeza Ferreira teve o pensamento d'esta tragedia nacional despertado pela tradição que em Coimbra se repetia ainda vivamente no seculo XVI; o Padre D. Marcos de Sam Lourenço, commentando o episodio de Inez de Castro nos *Luziadas*, allude aos cantos populares que

(1) *Compendio hist.*, p. 4.

ouvia repetir nas margens do rio Mondego. Pela *Castro,* conhece-se que Ferreira imitava directamente as fórmas gregas, sem recorrer a Seneca, como então se usava na Europa; elle reproduz esse caracter *divino* da tragedia antiga na lucta entre o amor e a obediencia filial; uma sombra de *fatalidade* logo no principio empana a alegria do Côro com que começa a acção; nos monologos e dialogos ha essa expressão e ardor exaltado que na tragedia grega é o movimento dithyrambico do lyrismo religioso; a acção dramatica é simplesmente episodica em volta d'este lyrismo elegiaco, e apenas serve para trazer logicamente a catastrophe, que se sabe que hade succeder *fatalmente.* Para imitar o iambo trímetro usado pelos gregos para a linguagem simples, Ferreira serve-se pela primeira vez do verso solto usado por Trissino, quebrando-o nos seus hemistychios. A theoria dos *Córos* gregos, tão difficil de comprehender, acha-se no modo como Ferreira os talhou. Emfim, analysando-se a *Castro* de Ferreira é preciso ter em vista, que não é uma tragedia de effeito, mas uma reconstrucção conscienciosa e bella da estructura tradicional da tragedia grega. A *Castro,* postoque não seja a primeira tragedia classica que appareceu nas litteraturas modernas, conservará sempre esse logar de prioridade, porque foi o primeiro facto de historia nacional tratado pela Renascença no theatro. A influencia da *Castro* de Ferreira estendeu-se a toda a Europa, apesar de ter sido publicada quarenta annos depois da morte do seu auctor; o theatro moderno todas as vezes que quiz tomar uma feição nacional sob a corrente italiana ou franceza, veiu orientar-se sobre este assumpto. Em Hespanha escreveram-se ainda no seculo XVI duas tragedias, *Nise lastimosa* e *Nise laureada,* de Jeronymo Bermudez, que foram as primeiras do reportorio tragico. Disputou-se algum tempo se a *Castro* de Ferreira era traduzida do

castelhano, pela sua conformidade com a *Nise lastimosa*. Felizmente a questão está resolvida mesmo pelos hespanhoes, como Martinez la Rosa, a nosso favor; Ferreira morreu em 1569 da *peste grande*, e desde 1557 que tinha as suas Obras collecionadas; a *Nise lastimosa*, de Bermudez, que esteve em Portugal, só se imprimiu em Madrid em 1577. Pelo facto da *Castro* de Ferreira apparecer posthuma em 1598 é que se suppoz, sob a primeira impressão, ser um plagiato; mas comparadas as duas tragedias salta á primeira vista a originalidade da portugueza, e a mediocridade poetica de Bermudez accentua-se immediatamente no modo como tratou o assumpto na *Nise laureada*, especie de coroação como a usou Nicoláo Luiz. Em 1555 publicou-se tambem em Lisboa a traducção da tragedia *Agamemnon*, por Henrique Ayres Victoria, «tirada do grego em linguagem troada.» A direcção da Renascença exageradamente erudita é que nos afastava das tradições nacionaes para as traducções, que a nada conduzem. Cabe tambem a Ferreira a gloria de ter presentido a necessidade de uma Epopêa nacional; elle não tinha imaginação nem poder creador para a fazer, mas se a morte o não arrebatasse tão prematuramente teria bastante influido para que se realisasse mais cedo este bello pensamento.

Caminha, Bernardes, D. Manoel de Portugal, Fr. Agostinho da Cruz e Falcão de Resende

Pedro de Andrade Caminha — pertence ao numero d'essas familias fidalgas da Galiza, que nas luctas de Pedro Cruel contra Henrique IV, emigraram para a côrte de D. Fernando de Portugal. Caminha nasceu, conforme se póde inferir por differentes logares das suas obras, não longe de 1520. Foi este o poeta qui-

nhentista que mais cedo teve relações com Sá de Miranda; mas tambem foi o mais mediocre e quasi sem ideal, suppondo-se mesmo que teve uma certa baixeza de caracter, como se prova pelos Epigrammas odientos contra Camões e pela accusação violenta que em 1571 fez ao Santo Officio ácerca das opiniões hereticas do eminente historiador Damião de Goes. Caminha entrou muito cedo para o cargo de Camareiro do principe Dom Duarte, o que o levou a bajulal-o constantemente nos seus versos; as composições inspiradas por uma continua adulação alcançaram pingues tenças, como a de parte dos direitos do vinho que sae pela barra do Porto, por carta de 21 de Outubro de 1553; a Alcaidaria-mór de Celorico de Basto; e uma tença de duzentos mil reis pelo princepe Dom Duarte; todas as joias do guarda-roupa do mesmo princepe; e mais sessenta mil reis de tença, que lhe dera o rei. Caminha elogia o Cardeal Dom Henrique por estabelecer a Censura dos Livros, recolhendo tambem os seus versos para lisongear o Duque Dom Duarte seu amo; era amigo intimo do censor ecclesiastico o Padre Bartholomeu Ferreira, e por isso facil lhe era alcançar as licenças para a publicação; mas quiz uma certa fatalidade que os seus versos ficassem ineditos até á edição feita pela Academia das Sciencias em 1791, sobre dois manuscriptos que pertenceram á Livraria do Convento da Graça e á do Duque de Lafões. Os versos de Caminha são importantes sobretudo como documentos para conhecer a vida moral de alguns poetas do seculo XVI; por elles temos algum conhecimento d'esses estimaveis poetas João Lopes Leitão e Heitor da Silveira, e a noticia da morte de D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima e de D. Maria Boca-Negra. Quando um seculo apparece na historia como este dos quinhentistas, tudo quanto contribue para aprofundar o seu conhecimento será sem-

pre tido como de valia. A's vezes as epocas levantam os homens; Andrade Caminha teve esta fortuna.

Diogo Bernardes—foi um dos mais intimos amigos de Caminha, como elle, tambem inimigo de Camões, sendo accusado de ter roubado bastantes Sonetos, Eclogas e o poema de Santa Ursula ao desgraçado cantor dos *Lusiadas;* mas uma tradição litteraria o lava em parte d'estas maculas, e é, o ter pedido que o enterrassem junto da sepultura de Camões. Bernardes era natural de Ponte do Lima, circumstancia que não pouco influe no caracter de perfeição do seu lyrismo, porque o Minho foi a patria do primeiro lyrismo portuguez na epoca em que imitámos os trovadores. Bernardes visitou Sá de Miranda na sua vivenda das Duas Igrejas, muito antes de 1553; por ventura as fórmas hespanholas de Vilancetes, Voltas Glosas, Endexas, Respostas e Romances, de que elle usou, pertencem a um periodo em que não conheceu a eschola italiana. Quando veiu viver para Lisboa é que Bernardes travou relações com Caminha e com o Doutor Antonio Ferreira, que o aconselharam nas suas primeiras tentativas dos metros italianos. Ferreira mostrou-lhe a sua tragedia *Castro*, como Bernardes o revela no Soneto CX. A superioridade do lyrismo de Bernardes provém da sua paixão pela decantada Sylvia, que se sabe hoje ter sido D. Maria Coutinho com quem casou. Tambem algum tanto bajulador, qualidade adquirida pela convivencia de Caminha, Bernardes recebeu bastante protecção de Pedro de Alcaçova Carneiro, a quem chama:

> Este meu Mecenas portuguez,
> A cuja sombra canto descançado.

Bernardes acompanhou este ministro na sua viagem a Hespanha em 1576, quando foi por Embaixador a Philippe II. Quando em 1578 D. Sebastião par-

tiu para a desgraçada expedição de Africa, Bernardes foi preferido a Camões para acompanhar o exercito, como um novo Taillefer, para cantar as façanhas do monarcha que já levava comsigo a corôa de ouro com que se havia de coroar imperador em Fez. Em consequencia da derrota de Alcacer-kibir, Bernardes ficou captivo em Africa, como Fernão Alvares d'Oriente, Miguel Leitão de Andrada, Ayres Telles, André de Quadros e outros muitos poetas. Em 1581 já Bernardes se achava na patria; e, sem aquelle sentimento que fez morrer Camões ao saber que entrava em Portugal a tropa de Philippe II, acceitou do invasor a tença de quinhentos cruzados em propriedades e fazendas, por Carta de 16 de Outubro de 1582, que lhe foi conferida pelo facto de ter sido *moço da toalha* de Dom Sebastião «e a ir com elle na jornada de Africa e ser captivo na batalha de alcacere.» Em 1593, Philippe II agraceou Bernardes com uma nova tença de quarenta mil reis em cada anno em sua vida, podendo testar metade d'esta quantia a sua mulher e filhos. Era esta largueza o que motivava a bajulação dos outros poetas a Philippe II, como o vêmos da parte de Caminha, de Falcão de Resende, de Jeronymo Côrte Real, de Pedro da Costa Perestrello e de Francisco Rodrigues Lobo. E' certo que afastada a litteratura da sua origem tradicional, vêmos darem-se dois extraordinarios phenomenos: de um lado, os escriptores perdem o sentimento da independencia e da dignidade nacional exaltando nos seus versos o invasor; por outro, a concepção litteraria torna-se uma habilidade mechanica, uma engenhosa curiosidade desligada completamente da consciencia da realidade e dos interesses da vida, que é o que constitue a poesia sempre bella em todos os tempos. Bernardes apezar da sua notavel perfeição não está fóra d'esta sentença; os seus plagiatos de Sonetos e Eclogas de Camões foram talvez feitos com a

segurança de que tendo-se perdido o *Parnaso* de Camões em 1570, ninguem mais acharia a proveniencia das poesias que publicava em seu nome em 1594 e em 1596. Mas é certo que essas poesias roubadas não só se referem a circumstancias peculiares da vida de Camões, senão que foram recolhidas de manuscriptos diversos, alguns d'elles mandados vir da India, e sempre com *variantes* mais bellas. A perfeição de Bernardes deve attribuir-se á imitação d'esse vago idealismo e melancholia, que tanto distingue o estylo de Camões. As *Varias Rimas ao Bom Jesus*, trazem numerosos Sonetos plagiados; e as *Flores de Lima*, as cinco Eclogas que andam hoje restituidas a Camões com *variantes* fundamentaes, o que indica um trabalho differente do de Bernardes. E' este um problema litterario em que se póde educar o espirito critico. Bernardes já não tem essa sublime aspereza de Sá de Miranda ou de Ferreira, a qual provinha em parte da inflexibilidade de caracter de que foram dotados; é de uma suavidade idylica que illude, e de uma correcção de quem não sente. A boa direcção que recebeu de Ferreira, o encontro das inimitaveis poesias lyricas de Camões, e alguns desastrès da sua vida, é que lhe deram esse talento que o colloca distinctamente na phalange dos quinhentistas.

Agostinho Pimenta — irmão mais novo de Diogo Bernardes, mais conhecido pelo nome de Frei Agostinho da Cruz, distingue-se como um lyrico exaltado pela vida mystica. Agostinho nasceu em Ponte do Lima em 1540, e ali recebeu a primeira direcção poetica de seu irmão; póde-se inferir que seriam imitações das fórmas hespanholas conhecidas através dos Cancioneiros manuscriptos que alguns fidalgos da provincia conservavam. Em 1556 Agostinho Pimenta foi accommodado na Casa do Duque Dom Duarte, neto de el-rei Dom Manoel; n'esta casa reinava o fanatismo

até ao desvario visionario, como se póde vêr pela vida que de Dom Duarte, seu pae, escreveu André de Resende. Os frades da Arrabida tinham entrada em casa da Duqueza, e d'ali foi seduzido o joven poeta Agostinho Pimenta, que tomou o habito em 3 de Maio de 1560, indo passar o noviciado no convento de Santa Cruz da Serra de Cintra. Agostinho queimou todos os seus versos profanos, e só depois que a acídia o acommetteu é que se congrassou com a poesia, escrevendo os seus arrobos mysticos. A vida austera da solidão da Arrabida apressou-lhe a morte, em 14 de Março de 1619. Frei Agostinho da Cruz é mais correcto ainda do que seu irmão Diogo Bernardes; mas como poeta mystico falta-lhe essa faísca de hallucinação que arrebata o genio de Santa Thereza de Jesus ou Sam João da Cruz. Sempre de bom conselho, sempre moralisando e chamando á paz espiritual, cae n'essa monotonia de quem quer retratar o eterno drama da vida sem ter vivido.

Dom Manoel de Portugal—foi o mais considerado de todos os quinhentistas, e hoje é o menos lido. Sá de Miranda chamava-lhe «Lume do paço, das Musas mimoso;» e Camões considerava-o como um dos restauradores da poesia portugueza. Este poeta pertencia á mais alta aristocracia, filho do afamado poeta do *Cancioneiro geral* o Conde de Vimioso, e da decantada *Aonia* ou Dona Joanna de Vilhena; este caracter aristocratico influiu de certo na particularidade de serem quasi todos escriptos em hespanhol os versos de D. Manoel de Portugal. A lingua castelhana era a que se fallava no paço, porque desde Dom Manoel se succederam quatro rainhas vindas de Hespanha com os grandes séquitos de damas que comsigo traziam; os poetas da côrte escreviam para essas damas, e a preferencia que ellas davam aos versos compostos na lingua natal, é que tornou o uso do hespanhol uma das

regras da *Arte de Galanteria.* Dom Manoel de Portugal amou sem felicidade a formosissima dama do paço Dona Francisca de Aragão, que distinguia Camões entre todos os poetas pedindo-lhe versos; os versos amorosos de D. Manoel podem considerar-se como perdidos, apezar de se encontrarem bastantes no Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco. Os versos que nos restam são mysticos, celebram um vago amor divino, uma aspiração que não é d'este mundo, uma preoccupação constante do estado transitorio da vida, e são de uma monotonia quasi illegivel, postoque perfeitos na sua construcção material. Mas este caracter dos seus versos tem uma explicação que faz estimal-os apezar de tudo. Dom Manoel de Portugal não quiz acceitar a corrupção de Philippe II, e a Casa de Vimioso soffreu as maiores atrocidades do invasor; Dom Manoel de Portugal assistiu á ruina completa de toda a sua familia e viveu sempre suspeito ao dominio hespanhol. As suas profundas tristezas é que lhe dirigiram o espirito para a monomania ascetica. Quando Dom João III deu casa ao princepe Dom João, Dom Manoel de Portugal recebeu logo as entradas em casa do princepe, que era então o maior protector da poesia; mas n'esta posição nada pôde fazer a favor de Camões, que era então victima das mais perfidas intrigas provocadas pela inveja litteraria; quando em 1572 Camões quiz appresentar a Dom Sebastião a epopêa dos *Lusiadas,* foi Dom Manoel de Portugal que empenhou o seu valimento para o introduzir na côrte. Dom Manoel de Portugal morreu em 26 de Fevereiro de 1606, bem longe da esperança da restauração da nacionalidade.

André Falcão de Rezende — é tambem um dos poetas mais notaveis da eschola de Sá de Miranda, apesar de ser pouco conhecido pelo motivo de terem ficado ineditas as suas obras até hoje. André Falcão de Resende é filho d'esse celebre poeta do *Cancioneiro ge-*

ral, Jorge de Resende, e sobrinho do chronista Garcia de Resende. Nasceu em Evora, como se póde inferir da aproximação de varios logares dos seus versos, em 1535; foi educado sob a erudição que reinava em uma terra aonde os Jesuitas assentaram o seu arraial litterario. Em 1553 apparece o seu nome inscripto na matricula dos fidalgos da Casa do Cardeal Infante D. Henrique, achando-se formado por 1558, sendo em seguida nomeado letrado e Ouvidor da Casa do Duque de Aveiro. Foi já n'esta posição que escreveu esse illegivel poema allegorico da *Creação do Homem,* que os editores nescios durante muitos annos imprimiram sob o nome de Camões. Como erudito, Falcão de Resende foi o primeiro que tentou uma traducção das Odes de Horacio, que não deixou completa; apesar de toda esta authoridade dogmatica através dos seus versos se descobrem as aventuras de um amor romantico que o fizeram saír da casa paterna, e que por fim perdeu pela morte prematura da que fez sua mulher. Falcão de Resende ainda escreveu a Sá de Miranda, mandando-lhe os seus versos; e em outro logar das suas obras inveja a sórte de um volume de Sá de Miranda, porque estava sendo lido pelos formosos olhos de uma dama. Falcão de Resende exerceu o cargo de Juiz de Fóra em Torres Vedras em 1577, e não obstante o aborrecimento que lhe causavam os litigios, ia escrevendo já para se desenfadar, já para dar noticias suas aos amigos que tinha na India, como eram Heitor da Silveira ou Antonio de Abreu, já para se fazer lembrado dos poderosos, já para moralisar sobre os costumes do tempo. Falcão de Resende foi a Madrid requerer uma mercê de Philippe II, e nos seus versos queixa-se bastante da pobreza. Não tinha ideal, postoque ainda assim seja indiscutivelmente superior a Caminha; os seus versos só exprimem os pequenos interesses da sua personalidade, e é por esta inferioridade perante a ver-

dadeira concepção artistica, que elles têm hoje o valor de ricos documentos; é o unico dos poetas da pleiada de Sá de Miranda que cita Camões pelo seu nome. Em uma Satyra em que verbera os costumes publicos, falla de Camões como *bacharel latino,* desconsiderado, emquanto os bôbos do paço têm Dom, e vivem ricos; n'essa poesia allude ao poema dos *Lusiadas,* como um poema destinado a causar uma impressão profunda. Em uma Ecloga unica, parece referir-se á morte de Camões. Falcão de Resende morreu da peste de Lisboa de 1599. Ficaram tres manuscriptos das suas obras, um que o poeta colligira para offerecer ao filho segundo do Duque de Aveiro; outro, a que allude no seu Soneto XXV, e finalmente o autographo achado depois da sua morte, que pertencera á Bibliotheca da Universidade, e sobre que se começou a fazer a edição dos seus versos.

A direcção nova que Sá de Miranda imprimiu á poesia portugueza revelando-nos a superioridade do verso endecasyllabo sobre as endechas ou metro de lamentação; o novo espirito idealista recebido nos Sonetos e Canções de Petrarcha; essa soltura de uma imaginação alegre achada nas outavas de Ariosto, o lado poetico da vida real descoberto na *Arcadia* de Sanazarro e em Bembo, nada d'isto foi percebido pelos que accudiram ao jubiloso apello do mestre. Assim como as luctas da eschola italiana se reduziram á questão material se se devia usar o endecasyllabo e pôr de parte a redondilha, e se os tercetos eram melhores que as coplas, assim tambem foi comprehendido o espirito da poesia italiana; as estreitas relações da personalidade, as anedoctas domesticas que eram privativas das coplas de Cancioneiro, passaram tambem para essas fórmas que até então só haviam servido de expressão ao sentimento vago da melancholia humana. A eschola quinhentista tem este grave deffeito; e a Arcadia

achando em Horacio os mesmos interesses de vida palaciana, fundiu estas duas qualidades, julgando que restaurava assim a poesia portugueza. No meio d'esta pleiada que não pôde secundar os esforços de Sá de Miranda, apparece Camões como um grande astro que com a luz natural offusca a claridade artificial. Foi por esta superioridade de intelligencia e de genio que o repelliram, que o guerrearam e o fizeram desgraçado; e foi n'estas tempestades que o envolveram de todos os lados, que elle teve a revelação do que era a vida e portanto o conhecimento de um ideal profundo.

A vida de Camões

O nome de Camões não pertence sómente á historia e á litteratura portugueza; é um dos primeiros espiritos em uma das epocas mais brilhantes da civilisação da humanidade; a sua vida é um longo poema de lucta contra a dura realidade das cousas que não pôde destruir-lhe o immenso ideal dos seus sentimentos; a sua obra é inspirada de todos os elementos poeticos que constituem a tradição de uma nacionalidade, e ao mesmo tempo representa esse grande facto da vida historica do seculo XVI, a alliança do Occidente com o Oriente, realisada pelas descobertas dos portuguezes. A gloria de Camões tem augmentado sempre com os progressos crescentes das sciencias e da philosophia; e á medida que os seculos passam, e a memoria das civilisações se symbolisa em um grande nome, Camões ficará como a expressão da maior altura poetica a que a mente humana chegou n'esse seculo em que começou a verdadeira actividade scientifica. E' de uma rigorosa verdade o juizo de Fred. Schlegel sobre o caracter litterario de Camões: «Nunca, desde Homero, poeta algum foi tão honrado e amado pela sua nação como Camões; de modo que, tudo quanto

esta nação, decaída da sua gloria immediatamente apoz a morte d'elle, conservou de sentimentos patrioticos, tudo se liga a este unico poeta, que póde com justiça substituir á maioria dos outros, e ser considerado como uma litteratura inteira.» (1) Em Camões achamos todas as influencias que actuaram em Portugal na Renascença; oriundo de uma familia do Algarve e da Galiza, na sua alma a tradição popular portugueza e o lyrismo trobadoresco dos costumes palacianos harmonisam-se de modo que elle excede em belleza os Vilancetes mais bellos de Gil Vicente e as redondilhas mais apaixonadas de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Educado com todos os recursos da erudição do seculo XVI, não cáe n'essa adoração das fórmas classicas, na immobilidade supersticiosa dos canones da arte antiga, porque a sua vida tempestuosa avigora-lhe a forte individualidade que impõe o seu modo de sentir original. Quando as fórmas da poetica italiana foram conhecidas por Camões, já lhe era familiar a philosophia platonica, já havia sacudido do seu espirito a subserviencia á logica esteril dos averroistas, era um neo-platonico mais avançado do que Petrarcha e capaz de julgal-o e corrigil-o. E' por isso que na Eschola italiana dos Quinhentistas, Camões constitue uma entidade independente, com a sua pleiada formada dos que o amaram.

Camões nasceu em Lisboa, em 1524, como se prova pelo Registo das pessoas que passaram a servir na India desde 1550, o qual se guardou no Cartorio da Casa da India, e pela allusão da Canção XI aos terriveis prognosticos d'esse anno. Foram seus paes, Simão Vaz de Camões, segundo neto do trovador Vasco Pires de Camões, e D. Anna de Sá e Macedo, dos Gamas do Algarve. Em 1527, seu tio Dom Bento de Ca-

(1) *Hist. da Litteratura antiga e moderna*, t. II, p. 115.

mões toma o habito em Santa Cruz de Coimbra; n'este mesmo anno a côrte foge da peste de Lisboa para Coimbra, e é de crêr que Simão Vaz de Camões, cavalleiro fidalgo, acompanhasse a côrte indo residir para Coimbra no solar de seu avó João de Camões. Isto concorda com a confissão do poeta na Canção IV, que diz ter passado a sua meninice nas margens do Mondego. Em 1537 fez Dom João III a reforma da Universidade mudando-a para Coimbra, e nomeou o Geral de Santa Cruz de Coimbra, Cancellario d'ella. Camões fez o seu curso de humanidades no Mosteiro de Santa Cruz, para aonde a aristocracia portugueza affluia, e era recebida aos doze annos de edade. D'esta convivencia escholar datam as principaes amisades que Camões encontrou no decurso da sua vida. Nos primeiros annos da reforma da Universidade a frequencia não era obrigatoria, e fazia-se a formatura provando por testimunhas a assistencia ás lições; tal é a razão porque se não acha o nome de Camões nas matriculas antigas do Cartorio da Universidade. Ainda nos estudos de Coimbra escreveu a *Elegia da Paixão*, que dedicou a seu tio D. Bento de Camões, e que foi recolhida por Luiz Franco; e ainda estava em Coimbra em 1542, quando o Duque Dom Theodosio se hospedou em Santa Cruz. E' n'este anno que frequenta a côrte de D. João III, aonde a erudição era considerada como uma prenda essencial para os altos cargos, e aonde o talento poetico era tido como uma segura prova de fidalguia. Camões nutriu boas esperanças de abrir carreira social; mas o seu genio era realmente extraordinario, para que não amedrontasse todas as mediocridades que se colligaram para produzir a sua ruina. Seu tio Dom Bento de Camões havia tido dois conflictos com Dom João III, sobre o thezouro achado em Santa Cruz, e em seguida sobre as rendas do Priorado; o poeta tambem pertencia a essa classe aventu-

reira de mancebos atrevidos a que no seculo XVI se dava o nome de *Valentones,* e que desembainhavam a espada á primeira voz; por fim as suas relações com as damas da côrte, e em especial os seus amores com a joven D. Catherina de Athayde, filha do Camareiro Mór do principe Dom Duarte, Dom Antonio de Lima, amores que se tornaram publicos por causa da homonymia de D. Catherina de Athayde, da familia dos Gamas, ainda sua parenta, *(prima,* segundo a tradição recolhida por Pinto Ribeiro) e de outra dama do mesmo nome, filha de Alvaro de Sousa, fizeram com que fosse afastado da côrte pouco mais ou menos em 1546. Todas estas causas influiram no seu destino, ás quaes se póde tambem ligar a interpretação malevola do *Auto de El rei Seleuco,* allusivo aos amores de Dom João III pela que foi sua madrasta. Camões bem nos revela todas estas causas da sua desgraça, no Soneto 193, em que as enumera, *erros meus, má ventura* e o *amor,* dizendo que bastava um só d'estes poderes para o arruinar. Camões ao saír da côrte dirigiu-se para Coimbra, demorando-se na sua excursão pelo Ribatejo; mas em 2 de Janeiro de 1547 morre seu tio Dom Bento de Camões, e portanto cessa o motivo que o levava para Coimbra; n'este mesmo anno espalha-se a noticia do cêrco de Mazagão, e Camões embarca para Africa. Ali se demora dois annos, perdendo em uma surpreza dos arabes o olho direito. Nomeado em 1549 Vice-rei da India Dom Affonso de Noronha, Camões regressa a Lisboa com elle, e inscreve-se em 1550 como *homem de guerra* para ir na Náo Sam Pedro dos Burgalezes. N'esse mesmo anno a Náo arriba desarvorada, e Camões não segue viagem, porventura esperançado na grande estima que o principe Dom João então dispensava aos melhores poetas. Mas as intrigas contra Camões eram tantas que o seu talento não pôde fazer mais do que acabar

de perdel-o. A' frente d'estas intrigas figura Caminha, e até certo ponto Jeronymo Côrte Real. Como valente, e no seu desespero, em 1552, por occasião da procissão de *Corpus Christi,* feriu com a espada o moço dos arreios de D. João III, Gonçalo Borges. Foi recolhido no Tronco da Cidade, e só em 23 de Fevereiro do anno seguinte é que foi perdoado, sendo sôlto a 7 de Março de 1553. Durante este longo tempo em que esteve preso, e sujeito aos maiores rigores da lei por puchar arma em sitio aonde estava o rei, entreteve-se a compôr o primeiro canto dos *Lusiadas,* com certeza inspirado pela leitura das primeiras duas *Decadas* publicadas por João de Barros. O pensamento da epopêa nacional occupou a sua alma em todas as desolações; para servir esse pensamento, offereceu-se para substituir Fernando Casado na viagem da India, como mais tarde Anquetil Du Perron, quando foi estudar o Zend. Parte para a India a 24 de Março de 1553, chegando a Goa no principio de Setembro, sendo a Náo Sam Bento a unica que chegou ao seu destino por causa das constantes borrascas. Na India a sua vida foi ainda mais tempestuosa; entra logo em combate na expedição contra o Chembé; atravessa as doenças de um longo cruzeiro junto do Monte Felix, que elle descreve na admiravel Canção X; e em 1556 parte para a China, indo exercer para a colonia portugueza de Macáo o difficil cargo judicial de *Provedor Mór dos Defuntos e Ausentes,* ao qual competia tratar da arrecadação das heranças. N'esse anno morria em Lisboa D. Catherina de Athayde. Mexericado pelos amigos, foi chamado a Goa passados dois annos; durante a residencia em Macáo, ía compondo no seu poema dos *Lusiadas,* e ali chegou até ao canto VII. No regresso a Goa, debaixo de prisão, naufragou na costa de Camboja, salvando-se a nado com o seu poema na foz do rio Mecon. Em Goa esteve preso, e sobre a perda do

pouco que grangeára em Macáo, recebeu tambem a nova da morte de sua amada. Restituido á liberdade e vivendo na intimidade de João Lopes Leitão, de Heitor da Silveira, e de D. Francisco de Almeida, ía escrevendo no seu poema, e dava-o a revêr ao seu erudito amigo Diogo do Couto. Não querendo esperar para entrar na sobrevivencia da Feitoria de Chaul, acompanhou Pedro Barreto para Moçambique em 1567, e ali soffreu novos desastres que o lançaram na maior indigencia; Diogo do Couto regressando ao reino, e arribando a Moçambique em 1569, diz que ali o acharam *tão pobre que comia de amigos,* occupado em colligir o seu *Parnaso,* e em revêr para a impressão o poema dos *Lusiadas.* Diogo do Couto e outros amigos pagaram-lhe a passagem para Lisboa, aonde chegou na náo Santa Clara a 7 de Abril de 1570. Camões veiu achar a opulenta Lisboa devastada pela *Peste grande* de 1569; sua mãe era ainda viva. Desde a chegada até 1572 levou a preparar o seu poema, a procurar ensejo para offerecel-o a Dom Sebastião, e a atravessar os embaraços da censura do Santo Officio. N'este intervallo roubaram-lhe a collecção das suas poesias lyricas, que elle intitulava *Parnaso.* Depois do apparecimento dos *Lusiadas* começou para Camões uma nova lucta contra as invejas de outros poetas, mas teve o prazer de se vêr estimado pelo maior poeta de Hespanha n'esse tempo, o chamado divino Herrera, e pelo de Italia, o grande Torquato Tasso. Agraciado com uma mesquinha tença, e essa mesma sempre atrazada nas mãos dos funccionarios de fazenda, Camões assistiu com mágoa a todos esses enthusiasmos que arrastaram Dom Sebastião para Africa. Depois que elle soube do desastre de Alcacer Kibir, em 1578, nunca mais teve saude; ao começarem as alterações ou motins populares no curto governo do Cardeal Dom Henrique, era em volta de Camões que se agrupavam os

leaes portuguezes que queriam que succedesse no throno o Prior do Crato, como rei nacional. Quando em 1580 o exercito de Filippe II marchava sobre Portugal, Camões morre a 10 de Junho, tendo escripto ao seu amigo Dom Francisco de Almeida, «que morria com a patria.» Tal foi o homem; vejamos o escriptor.

O Parnaso de Luiz de Camões

Na *Decada VII,* Diogo do Couto conta como encontrou Camões em 1569 em Moçambique trabalhando em um livro que intitulava *Parnaso,* e que lhe foi roubado pouco depois da sua chegada a Lisboa. Qual seria o objecto d'esse livro? Com certeza o titulo de *Parnaso* só se dava a collecção de poesias, e com este titulo Camões designava as composições que escrevera no gosto da Eschola italiana. E' certo que na Elegia á morte de Dom Tello, vem a rubrica do editor: «*Achou-se em um Manuscripto do Bispo D. Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.*» Esta data concorda com o tempo em que o poeta se achava em Moçambique e trabalhava no seu *Parnaso;* pela dedicatoria do livreiro Domingos Fernandes a Dom Rodrigo da Cunha, de uma nova edição das obras de Camões, se vê que aquelle prelado lhe forneceu uma grande abundancia de Manuscriptos: «não se descuidou minha ventura em me offerecer esta occasião de andar juntando estas Rimas, *e V. S me fez mercê de aver a maior parte certificando serem do Autor...*» Por isto se conclue que uma parte d'esses manuscriptos de 1568, que em Lisboa foram roubados a Camões, vieram parar mais tarde á mão do Bispo D. Rodrigo da Cunha; e pela natureza de taes Manuscriptos conclue-se que o *Parnaso* era composto d'essas poesias lyricas fornecidas ao livreiro Domingos Fernandes, as quaes pertencem á eschola italiana.

As fórmas usadas por Camões, são o Soneto, a Elegia, a Outava, a Canção, a Sextina, a Ecloga e o Poemeto, taes como as achamos em Sá de Miranda, ou Ferreira; mas o espirito é que differe. Camões não publicou em sua vida essas poesias lyricas com que pretendia formar o seu *Parnaso;* mas a grande quantidade de cópias de que ha noticia nos mostra o modo como elle actuou sobre a poesia portugueza do seculo XVI. Camões completou a obra de Sá de Miranda; este introduziu o gosto da metrificação italiana, e Camões esse espirito platonico-mystico a que o seu genio imprimiu uma feição peculiar.

No seculo XVI era-se *camoniano,* como no fim do seculo XVIII se era *elmanista.* Se a vida de Camões é um doloroso drama, todas as suas poesias são animadas d'esse movimento; são como uma historia moral da grande época da Renascença; o amor considerado como um sentimento divino, a natureza rehabilitada pela sciencia, a belleza exaltada como uma manifestação da divindade, as reminiscencias da mythologia grega ajudando-lhe a exprimir por allegorias este estado novo da alma moderna; a graça anecdotica, a comparação dos phenomenos naturaes aos moraes, a vaga incerteza entre os limites da realidade e da aspiração quando conta as suas aventuras, uma certa ingenuidade de um espirito criança, e que na superioridade se lança de encontro a demolir as convenções banaes, tudo isto anima o lyrismo de Camões, de tal fórma repassado da connexão d'estes diversos sentimentos, que parece um longo poema subjectivo. Se a fatalidade o tivesse privado dos *Lusiadas* no naufragio da costa de Camboja, bastavam estes versos para o fazerem considerar como o primeiro lyrico portuguez. Mas, perdidos os *Luziadas,* quem provocaria esse interesse que fez procurar desde 1595 os manuscriptos despedaçados que formavam o seu *Parnaso?* Com cer-

teza se póde prevêr, que d'este genio extraordinario nada ficava que o revelasse á historia. A fatalidade que o perseguia n'este sentido torna-o egual a Leonardo de Vinci. A linguagem de Camões differe da de todos os seus antecessores em uma certa harmonia que estabelece no uso dos *archaismos* que os eruditos condemnavam, e dos *neologismos*, latinos. Tendo vivido em Lisboa e Coimbra, nas colonias de Africa, da India e da China, elle fallou o portuguez com todas as classes e em todas as condições; e escrevendo sempre os seus versos para o meio que frequentava, Camões estabeleceu insensivelmente esse caracter de unidade que existe hoje entre a linguagem fallada e escripta. Muitas das composições lyricas de Camões apparecem em nome d'outros escriptores; este facto explica se por terem andado ineditas as lyricas de Camões até ao anno de 1595 em que as começou a recolher Soropita, e portanto alguns copistas inconscientes as foram attribuindo gratuitamente a quem lhes aprouve. E' possivel tambem que os differentes editores, na sua avidez de ajuntarem maior numero de ineditos de Camões, lhe attribuissem obras de outros, visivelmente inferiores ao seu genio, como o poema da *Creação do Homem*, de Falcão de Resende. E' por isso que não se deve accusar Camões de qualquer imperfeição metrica, porque as suas lyricas soffreram os baldões das cópias manuscriptas. Os versos de Camões tornaram-se *centão* para os escriptores da ultima metade do seculo XVI; e póde dizer-se que é difficil sempre apontar os mais bellos, porque mesmo os mais descuidados, como exprimem dados autobiographicos, imprimem em quem os estuda uma impressão indelevel. Póde dizer-se do lyrismo de Camões, que as impressões pessoaes de uma grande individualidade tornam-se uma philosophia.

Os Lusiadas, epopêa de nacionalidade

Ao tempo em que Camões trabalhava nos *Lūsiadas,* outros poetas elaboravam o pensamento de uma epopêa portugueza; esta coincidencia, explica-se pela propria corrente da Renascença, que se manifesta com o mesmo caracter em França e na Hespanha. Os eruditos confundindo as epopêas organicas da Grecia com a epopêa litteraria de Virgilio, entenderam que as litteraturas dos povos modernos não tinham essa fórma esplendida da poesia. Em Portugal achamos esforços para a realisação de uma epopêa em Ferreira que instiga Caminha para essa obra; em Jorge de Monte-Mór, em Pedro da Costa Perestrello. O assumpto da navegação de Vasco da Gama chega a ser indicado pelos Chronistas, quando comparam as navegações antigas com as portuguezas. Mas, individuos educados sob um regimen doutrinario, sabios de gabinete, escrevendo em nobres ocios e completamente separados do povo, como poderiam ter essa virilidade moral e intellectual para conceberem a epopêa de uma nação? O ideal da patria para esses eruditos consistia em confundir as nossas origens ethnologicas, e identificarem Portugal com a *Lusitania,* terra imaginaria de uma tribu celtica, cuja persistencia através da acção romana, goda e arabe, se teria conservado intacta até nós os portuguezes; pelo seu lado, o povo acreditava na missão providencial de Portugal, e procurava as coincidencias maravilhosas que annunciavam que era a nós que estava reservado o descobrir o caminho do Oriente. Camões inventou o seu poema sob esta dupla influencia. Todas as grandes epopêas antigas se formavam pela agglomeração dos cantos cyclicos quando algum grande perigo ameaçava a unidade nacional; apezar d'esta causa ser privativa da concepção anonyma, Camões

obedeceu tambem a ella; tendo batalhado nas conquistas de Africa, aonde se repetiam as nossas tradições mais gloriosas, viu aí abandonadas as fortalezas que custaram tanto sangue, e por causa da incuria real perdida Arzila e outros postos importantissimos. Camões conheceu a causa que nos levava á ruina, e o seu poema foi publicado por assim dizer na vespera da perda da nossa autonomia nacional. Se o poema de Valmiki tornava livre e puro o sudra que o lêsse, a epopêa dos *Lusiadas* é que levantou o espirito que soltou o brado revolucionario de 1640. Os *Lusiadas* foram escriptos nas prisões de Lisboa, no desterro ou missão perigosa de Macáo, nos carceres de Goa, na miseria de Moçambique, e acabados no conflicto de uma grande peste que deixára Lisboa na desolação profunda. Tudo isto deu á linguagem dos *Lusiadas* um tom solemne e magestoso, e uma convicção sublime de quem, através de tudo, affirma por todos os modos a vida gloriosa e historica da sua nacionalidade. A epopêa é escripta nas fórmas italianas usadas por Ariosto, com a estructura ou trama como a da *Eneida;* mas ha nos *Lusiadas* um pensamento que os separa de toda a imitação, que é a aproximação da civilisação occidental das suas origens do Oriente. Baccho, oppondo-se á descoberta da India que é senão o Deos Soma, que veiu pela Thracia para a Grecia, e da Grecia para a civilisação europêa? E Venus, defendendo os Portuguezes, que é senão uma divindade maritima da antiga Roma, agora representada por um dos ramos neo-latinos? Um instincto profundo levou Camões a estas aproximações; a mistura da mythologia com o christianismo, foi provocada por esse extraordinario phenomeno de conformidade entre as tradições de Christo e Christna, que ao proprio auctor do *Roteiro de Vasco de Gama* e a Castanheda não escaparam. Os criticos aristotelicos atacaram Camões por esta irreve-

rencia, que a sciencia moderna vem caracterisar como uma superioridade. Com uma immensa intuição artistica, soube Camões agrupar em volta do facto historico que constitue a epopêa, todas as mais bellas tradições das nossas Chronicas nacionaes; d'essas *tradições* formou elle os encantadores Episodios dos *Lusiadas:* a tradicção do Milagre de Ourique, de Egas Moniz e da praga de Dona Tareja contra seu filho, recolhidas durante os seus estudos no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, bem como os amores de Dona Inez de Castro, então celebrados nas cantigas do povo; as tradições de Giraldo-sem-Pavor, da batalha do Salado, do Condestavel, dos Doze de Inglaterra, do Infante Santo, e das Ilhas encantadas que tantas vezes se citam nas nossas leis, conferidas a Capitães donatarios e d'onde veiu a ideia da Ilha dos Amores; todas estas tradições são o grande quadro da vida nacional sobre que se desenha esse grande facto com que viveremos eternamente na historia. O episodio de Adamastor, o desastre de Sepulveda, são o producto sublime das suas impressões pessoaes; a passagem do Cabo das Tormentas acha-se pela primeira vez esboçada na Elegia III, e o caso de Sepulveda foi-lhe com certeza contado com todas as côres sinistras ao aportar a Moçambique em 1553, na viagem para Goa; elle mistura aí as suas affeições mais carinhosas, como Heitor da Silveira e D. Francisco de Almeida, dos *temidos Almeidas,* por quem ainda o patrio Tejo chora. E' sublime a independencia de caracter com que condemna a el-rei Dom Manoel como iniquo contra Duarte Pacheco; e como sentenceia a dureza de Affonso de Albuquerque por mandar matar sem causa ao joven soldado Ruy Días; e como accusa a nobreza de Portugal da falta de illustração e da apagada e vil rudeza em que está caída! Os *Lusiadas* são para Portugal o que nenhuma obra prima conseguiu ainda ser: o mais completo do-

cumento da vida de uma nacionalidade; é á sombra d'esse poema, que se perpetuará o nosso nome.

Os lyricos camonianos

Póde-se designar por este nome aquelles poetas que foram amigos pessoaes de Camões, taes como Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, Luiz Franco, Fernão Alvares d'Oriente, e Dom Gonçalo Coutinho; e tambem aquelles que o imitaram não só n'essa vaga melancholia e fórma correcta do soneto, como tambem chegando a reproduzir versos inteiros de Camões, como Pedro da Costa Perestrello, Francisco Galvão, Estevam Rodrigues de Castro, Soropita-Leitão de Andrada, Balthazar Estaço e Vasco Mousinho de Castello Branco. Caracterisaremos rapidamente cada um d'estes escriptores, postoque se tenham perdido as obras de uma grande parte d'elles. *Heitor da Silveira* era filho d'esse terrivel poeta do *Cancioneiro geral,* Francisco da Silveira, indo militar na Africa e na India para fugir á barbaridade do pae; era irmão d'esse outro poeta Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas, cujas obras poeticas o principe Dom João mandou copiar a Evora pelo seu secretario, o filho de Gil Vicente. Os versos de Heitor da Silveira tambem se perderam; mas pelas obras de Camões e de André Falcão de Resende, se conhece o pouco que resta d'elle. Era tambem apaixonado, como os bons espiritos da Renascença, e a *Belisa* de que sempre viveu saudoso por uma ausencia forçada não chega a recompensar-lhe a sua constancia, porque morre em 1570 ao entrar no Tejo, vindo da India. Os seus versos revelam um bom caracter, tal como se confirma nas relações genealogicas e nas Chronicas, mas tem um pouco d'aquella falta de limpidez de estylo, que o colloca a par de Caminha e Falcão de Resende, de quem era intimo amigo. Um

nome egualmente sympathico, mas alegre e travesso, é o d'esse joven *João Lopes Leitão,* preso por ir vêr as damas do paço contra vontade do Camareiro; brindando algumas damas com peças de *cacha;* assistindo ao *Convite* de Camões em Goa, quando banqueteou os seus amigos com trovas, e por fim morrendo no mar de uma maneira desconhecida, quando a sua bravura e o seu talento o tinham de tornar admirado. Encontram-se alguns versos seus nas obras de Caminha e de Camões. Ferreira estimava-o, e Heitor da Silveira chora-o com verdade. E' de João Lopes Leitão esse celebre soneto *Quem é este que na harpa lusitana,* elogiando Camões pela sua comedia de *Filodemo,* representada em Goa em 1555. Com a presença de Camões, Goa tornava-se uma especie de centro litterario; muitos poetas tomavam como titulo honroso o epitheto que escreviam nos seus *Cancioneiros* de mão: «*muito amigo e companheiro de Luiz de Camões.*» Achamos este titulo usado por Diogo do Couto, por Antonio de Abreu e Luiz Franco Corrêa. Os versos de *Antonio de Abreu* foram desconhecidos até ao principio d'este seculo, em que os publicou A. L. Caminha; pesou sobre esta publicação o labéo de apocrypha, mas depois de virem a lume as obras de Falcão de Resende, n'ellas se acharam bastantes Sonetos de Antonio de Abreu, cuja conformidade com a edição de Caminha authenticam estas obras. Ao tempo em que teve relações com Camões era já velho, e foi um dos que acceitou cédula de Filippe II; de *Luiz Franco* apenas se conhecem poucos Sonetos, pelas suas relações com Bernardes e Dom Gonçalo Coutinho, mas o seu principal titulo litterario é ter sido um collector cuidadoso de poesias de Camões, as quaes estão hoje aproveitadas na edição Juromenha. *Fernão Alvares d'Oriente* é um dos poucos escriptores do seculo XVI, que cita Camões; era natural de Goa, e em 1576 veiu á Europa, ficando captivo

na jornada de Africa em 1578. Elle imita e glosa os versos de Camões, mas a preoccupação de se mostrar sabedor de todos os artificios da poetica italiana ás vezes faz com que esta boa organisação poetica desça abaixo da mediocricidade, sobretudo quando quer pôr em moda o uso dos exdruxulos. Na sua viagem a Italia tomou conhecimento da *Arcadia* de Sanazarro, e sobre esse typo procurou introduzir uma novella pastoral allegorica aos costumes do tempo, a que chamou *Lusitania transformada*. E' n'esta pastoral que veem intercaladas as suas poesias. Fernão Alvares recebeu de Filippe II a mercê de duas viagens de Coromandel, na vagante dos providos em 1584; em 25 de Março de 1598 conseguiu o privilegio de poder transferir para seu filho Luiz Alvares esse direito. A data da sua morte póde fixar-se em 1599, por ventura depois dos primeiros rebates da peste. A *Lusitania transformada* só appareceu em 1606.

De *Pedro da Costa Perestrello* restam poucas poesias lyricas, e essas mesmas publicadas pelo professor Caminha; os Sonetos em grande parte encontram-se nas obras de Camões com variantes notaveis, o que nos explica a analogia de estylo e ao mesmo tempo a não falsificação do suspeito editor. Perestrello traduziu algumas lições do livro de Job em tercetos, e a elle se attribuem esses versos que foram achados no paço e que os Jesuitas ali lançaram segundo dizem para amedrontar Dom Sebastião ácerca da expedição de Africa. Perestrello era Secretario do Archiduque Alberto, sendo dos que recebeu a cédula ou preço da traição por Filippe II, e um dos que mais o bajulou em verso. Desde que a litteratura se não baseava sobre a tradição nacional, e o escriptor não tinha communicação com o povo, não repugnava o tornar a poesia um instrumento de degradação.

A' casa de Dom Theodosio II, Duque de Bragança,

pertenceram esses dois poetas camonianos Francisco Galvão e Manoel da Veiga Tagarro. Se nos lembrarmos das relações amigaveis de Camões com o Duque Dom Theodosio, e com o Vice-Rei Dom Constantino de Bragança, e observando como D. Theodosio II era considerado pelo partido da independencia nacional como uma das suas esperanças, facilmente se observa como a memoria de Camões veiu a influir n'esses dois poetas. Dos poucos Sonetos que restam de Francisco Galvão, quatro andam em nome de Camões com variantes curiosissimas; esses Sonetos foram colhidos de cópias dispersas. *Manoel da Veiga* é um poeta camoniano já sob a influencia de Lope de Vega; o celebre Soneto da fuga do *pajarillo* acha-se imitado dignamente na *Laura de Anfriso*. Manoel da Veiga reuniu, quando já era velho, em um livro os versos que fez quando passou extraordinarias aventuras pela amante que se fez freira. Esteve em carcere privado, como Christovam Falcão, estudou jurisprudencia, e por fim accolheu-se tambem ao claustro. O motivo da publicação do seu livro foi a vinda a Portugal de Dom Duarte, Marquez de Frechilla, irmão de D. Theodosio II, e tambem bom poeta. A *Laura de Anfriso*, provoca um certo interesse desde que se procure através d'essas palidas Odes o interesse da realidade que houve nos amores ali descriptos. Manoel da Veiga alludo a Camões com um respeito profundo; e a sua constancia em não escrever em hespanhol, em uma época em que era a linguagem da litteratura, mostra-nos uma especie de protesto a favor da extincta nacionalidade portugueza.

O nome de *Estevam Rodrigues de Castro*, que tanto illustra o nome portuguez na marcha das sciencias no seculo XVI, chegando a ser professor na Universidade de Pisa, apparece-nos tambem dotado de uma elevação poetica, de quem comprehendeu que o

ideal é uma das fórmas da verdade. As suas poesias são Sonetos verdadeiramente camonianos, pela perfeição artistica e por essa vaga melancholia que tanto o separa do modo pessoal de sentir dos seus contemporaneos. Alguns dos Sonetos de Estevam Rodrigues de Castro andam recolhidos nas varias edições de Camões desde 1598, bem como uma notavel Ecloga; este facto explica-se pelo modo como Estevam Rodrigues de Castro colligiu os seus versos, reunindo-os com varias composições de amigos, cujos originaes conservava em Italia. Seu filho Francisco Estevam é que publicou essas obras, que interessam tanto a litteratura, porque nos trazem algumas composições de poetas quasi desconhecidos, como Bernardo Rodrigues, intimo amigo de Camões, e de Jorge Fernandes, vulgo o Fradinho da Rainha, que foram excellentes lyricos. Estevam Rodrigues de Castro, segundo se póde inferir por uma phrase de D. Francisco Manoel de Mello, que diz d'elle «teve melhor musa que fé» saiu de Portugal talvez forçado pela intolerancia religiosa que perseguia os que se entregavam ao estudo da historia natural; os seus versos de louvor a Filippe II parecem accusar um certo despeito. *Bernardo Rodrigues,* que tratou pessoalmente com Camões, foi um dos que introduziu em Portugal a fórma lyrica das *Ballatas*. De *Jorge Fernandes,* mais conhecido pelo nome de Frei Paulo da Cruz, pouco existe publicado; o poemeto da *Trasladação de Sam Vicente,* pertence a esse genero de composições como a *Santa Ursula* de Camões, a *Santa Comba dos Valles,* de Ferreira, e a *Santa Isabel,* de Vasco Mousinho de Quevedo. Este ultimo poeta, mais conhecido como épico, tambem apresenta nos seus versos lyricos bastantes reminiscencias de Camões, sobretudo nos Sonetos. Foi amigo intimo de Pedro de Mariz, o primeiro biographo de Camões, circumstancia que em certo modo nos indica como foi levado

para a imitação camoniana. *Vasco Mousinho de Quevedo* Castello Branco é um dos primeiros poetas que se levam pela influencia castelhana, adoptando a fórma do romance subjectivo, e um dos que celebrou a entrada de Filippe II em Portugal, com não menos subserviencia do que Francisco Rodrigues Lobo. Entre os lyricos camonianos um dos que protesta contra esta falta de sentimento nacional é o faceto *Fernão Rodrigues Lobo Soropita;* as suas obras revelam-nos tres phases distinctas do seu espirito. Primeiramente, entregue á soltura escholastica, e como digno antecessor de Antonio Duarte Ferrão (pseudonymo de Prior da Nazareth) e do Malhão, Soropita escreveu varias prosas e *Vejamens* poeticos que revelam apenas uma certa graça sem alcance; depois d'esta phase, adquire, talvez na tradição academica, uma admiração profunda por Camões, e na sua volta para Lisboa, aonde exercia a advocacia, entrega-se ao trabalho de colligir as poesias lyricas de Camões, das quaes apenas estavam publicas a Ode a Garcia d'Orta apresentando-o a D. Francisco Coutinho, a Elegia a Magalhães Gandavo, apresentando-o a D. Leoniz Pereira, e o Soneto a Manoel Barata. Foi em 1595 que Soropita conseguiu dar á estampa o primeiro corpo das Lyricas de Camões, augmentado logo em 1598 com novas descobertas de ineditos. N'estes trabalhos, Soropita adquiriu um perfeito conhecimento do estylo camoniano, e imitava-o a ponto de se confundir com elle; n'esta phase, Soropita é respeitavel pelo amor á causa perdida da nacionalidade, e escreve uma sentida Satyra politica em redondilhas. Por fim Soropita abandonou a poesia pela advocacia, como o fizera tambem Vasco Mousinho de Quevedo, e no meio das ruinas sociaes e incerteza de direitos em um paiz usurpado ou vendido, volveu-se para a concentração mystica, e parece ter-se acolhido ao claustro, como se infere da Elegia *A' penitencia de*

Soropita. Depois do Soropita cabe a *Dom Gonçalo Coutinho* o primeiro logar entre os lyricos camonianos que mais trabalharam para tornar vivo o culto por este extraordinario genio; as obras de D. Gonçalo Coutinho estão perdidas, mas ainda assim se sabe pelas obras de Bernardes, que o cantor do *Lima* o doutrinou em poesia, e que elle na sua quinta dos Vaqueiros, aonde hospedára Camões, estava entregue aos ocios litterarios. As poucas composições de Dom Gonçalo Coutinho que ainda se conservam, revelam um bom poeta, porque realmente foram poeticos os seus amores com *Armia,* a sua dedicada esposa D. Maria de Oliveira. Vivendo no fim do seculo XVI, tendo tratado pessoalmente com Camões, é realmente lamentavel que este escriptor, que recolheu as primeiras tradições da vida de Sá de Miranda, não tivesse organisado uma biographia com dados historicos sobre a vida de Camões. Assim como soube respeitar a sua memoria dando-lhe «sepultura honrada,» melhor fôra que se aproveitasse das relações pessoaes que teve com Camões para legar á historia alguns factos positivos, que a critica com tanto esforço tem procurado assentar.

O nome de *Miguel Leitão* egualmente respeitavel por ter sabido honrar o nome de Camões, merece mencionar-se, porque algumas Canções e Sonetos d'aquelle poeta foram recolhidos na sua *Miscellanea.* Miguel Leitão é um d'aquelles poetas que ficaram captivos em Africa em 1578; o livro intitulado *Miscellanea* é uma obra no estylo de Dialogo em louvor, como então se escrevia não só sobre as linguas como sobre as terras; é extraordinario pela riqueza de tradições e memorias avulsas dos sucessos tenebrosos do fim do seculo XVI; como autobiographia provoca o maior interesse. Como poeta é essencialmente mystico, tendencia exclusiva do lyrismo portuguez no fim do seculo XVI, como vêmos nas obras de *Balthazar Estaço.*

Este escriptor tambem cita allusivamente Camões, quando esboça qual é o destino do que cultiva a poesia; os seus Sonetos reproduzem as figuras rhetoricas mais habitualmente usadas por Camões, caindo no excesso enfadonho, como nos Sonetos em *dialogismo* e em *antithese*. Uma imperfeita comprehensão do estylo camoniano tinha fatalmente de conduzir a esse defeito capital do conceito, como o *elmanismo* conduziu aos versos de banalidade os poetas do principio do nosso seculo. Póde dizer-se, que no fim do seculo XVI os escriptores estavam absolutamente separados do povo; que nenhuma tradição nacional era tomada como elemento de creação artistica; que nenhum facto da vida social motivava a inspiração individual; que as obras litterarias só procuravam realisar canones abstractos de rhetorica, e eram concebidas com o fim de distracção para os ocios nobres. N'estas condições a litteratura tornou-se uma aberração, como vamos vêr na época dos *Seiscentistas*. Até ao ultimo quartel do seculo XVI as obras poeticas dos *Quinhentistas* corriam ineditas; é um phenomeno extraordinario, que não pouco influiu na decadencia litteraria e falta de plano nos escriptores, que não souberam conservar as tradições d'essa grande época. Depois da perda da nacionalidade portugueza em 1580 é que se dá um certo movimento litterario a favor da grande pleiada dos *Quinhentistas;* era como um esforço inconsciente a favor da vitalidade da lingua que se extinguia; assim em 1587 reproduzem-se pela primeira vez os *Autos* de Prestes e de Camões; em 1590 as obras lyricas de Vasco Mousinho do Quevedo; (em 1592 as obras de Gregorio Silvestre, em hespanhol, talvez para desnaturar o movimento litterario); em 1594 as obras de Sá de Miranda; em 1595 e 1598 as lyricas de Camões; em 1595 e 1597 as rimas de Bernardes; em 1598 os *Poemas lusitanos* do Dr. Antonio Ferreira; em 1597 a

Silvia de Lisardo de Frei Bernardo de Brito; em 1602 as obras de Balthazar Estaço; em 1604 a *Laura de Anfriso,* de Manoel da Veiga; em 1605 as obras de D. Manoel de Portugal; em 1606 as obras de Fernão Alvares d'Oriente, etc. Basta este simples relance para se vêr, que a época em que os principaes *Quinhentistas* acham interesse perante o publico, é justamente quando o espirito nacional procurava affirmar-se e não achava nos novos escriptores a intelligencia d'esta necessidade moral. Até ao ultimo quartel do seculo XXI os escriptores quinhentistas viveram e pensaram sepados do povo: isto basta para se conhecer o muito que fizeram, mas tambem o muitissimo que deixaram de fazer.

*

CAPITULO XIII

Camões e a sua influencia na litteratura e nacionalidade

Dados biographicos de Camões indispensaveis para a intelligencia da sua obra. — Formação do corpo das poesias lyricas com o titulo de *Parnaso de Luiz de Camões*.— Critica dos *Lusiadas* segundo a theoria historica e comparativa da epopêa. — Importancia do elemento tradicional nos *Lusiadas*.— Extensão dos imitadores do lyrismo camoniano, e caracter litterario dos principaes imitadores. —Desenvolvimento da fórma épica no seculo XVI: Jeronymo Côrte Real, Francisco de Andrade, Luiz Pereira, Vasco Mousinho de Quevedo.— Principio de decadencia da Litteratura entre os quinhentistas. Suas causas.

Epopêas historicas do seculo XVI

Assim como Perestrello rasgou a sua epopêa do *Descobrimento de Vasco da Gama* ao vêr publicados os *Lusiadas,* a leitura d'este poema excepcional despertou um prurido extraordinario, que produziu nada menos do que seis epopêas volumosas. Portugal era um paiz cujas origens eram claramente historicas; sem ter um passado mythico, que com as revoluções da civilisação se tornasse tradicional, como é que poderia inspirar legitimamente a fórma épica, a não ser sob esse ponto de vista unico achado pelo genio de Camões? Mas os poetas que procuraram supplantal-o entenderam que para fazer uma epopêa bastava tomar qualquer facto da historia, e com uma fecundidade esteril, fizeram Chronicas rimadas. Para se conhecer a relação em que estão para com Camões os épicos Jeronymo Côrte Real, Francisco de Andrade, Luiz Pereira Brandão e Vasco Mousinho de Quevedo, basta notar que elles escreveram sob as mesmas condições do que se

inspiraram Lucano, Stacio, Silio Italico e Valerio Flaco, depois de creada a *Eneida*.

Jeronymo Côrte Real é o primeiro d'esses épicos chronistas, e distingue-se por ter sido inimigo de Camões; em uma Epistola escripta em 1574 ao seu parente Francisco de Sá de Menezes, pedindo-lhe conselho para a composição do *Segundo Cêrco de Diu*, mostra que para elle não existiam os *Lusiadas*, que havia dois annos que estavam duas vezes reproduzidas pela imprensa; fallando das suas leituras classicas diz:

> Estes Authores lendo, fui cuidando
> Com quanto mais razão justo seria
> Da nossa portugueza ir tratando:
> Pois em batalhas mil se lhe devia
> Uma fama e um nome eterno ao mundo
> E de Homero ou de Virgilio a poesia. (1)

Jeronymo Côrte Real era filho de Manoel Côrte Real, Capitão da Ilha Terceira, e por parte de sua mãe D. Brites de Mendonça, neto de D. Maria Baçan; tocamos esta circumstancia, porque o seu parentesco com a fidalguia hespanhola levou-o a escrever em castelhano um longo poema sobre a batalha do Lepanto, ganhada por Dom João de Austria, e que elle intitulou *Austriada.* Jeronymo Côrte Real offereceu-o em 1576 a Filippe II de Castella, que lh'o agradeceu em Carta especial, com que ficou vinculado á causa da usurpação. Este poeta teve uma vida aventurosa, indo á Africa e India, e por fim ficando captivo em Alcacer Kibir. Sobre este successo escreveu uma outra epopêa intitulada *Perdição de el rei Dom Sebastião em Africa e das calamidades que se seguiram a este Reino;* está perdido. Todos os seus biógraphos encarecem o talento raro que tinha para a pintura, o qual Raczynski con-

(1) *Canc. Ms.*, de Luiz Franco.

sidera como sem fundamento; quando escrevia os seus poemas costumava acompanhal-os dos desenhos das batalhas e dos naufragios. Em 1574 publicou o poema *Sussesso do Segundo Cêrco de Diu estando Dom João de Mascarenhas por Capitão da Fortaleza.* Dedicando-o a Dom Sebastião e reconhecendo a impossibilidade de fazer lido esse longo poema, acrescenta: «E porque a leitura é grande, debuxei de minha mão os combates, os soccorros e tudo o mais que no descurso d'este trabalhoso cêrco succederam, para que a invenção da pintura satisfaça a rudeza do verso.» Bernardes, Caminha, Francisco de Andrade e outros que ficaram mudos quando Camões publicou em 1572 os *Lusiadas,* vieram festejar o *Segundo Cêrco de Diu,* do novo Orpheo, novo Apollo e novo Marte. Basta lêr o summario ou argumento dos vinte e um cantos de que se compõe, para vêr a falta de concepção poetica; o systema de verso solto que adopta torna-o do mais trivial prosaismo. Jeronymo Côrte Real foi casado com D. Luiza da Silva, filha de Jorge de Vasconcellos, Provedor dos Armazens de Lisboa; tocamos esta circumstancia, porque ella só influiu na composição d'essa outra epopêa sua intitulada *Naufragio de Sepulveda.* D'este poema, publicado posthumo em 1594, diz o editor, genro do poeta: «fez este discurso do naufragio de Manoel de Souza Sepulveda e D. Leonor de Sá sua mulher, vindo da India por capitão de uma náo, por nome o Galeão grande, *assy por ser esta senhora muito parenta de sua mulher D. Luiza da Silva a quem elle muito amava...*» Este poema já estava escripto em 1589, porque Caminha o elogia no Epigramma 185; é tambem escripto em verso solto com algumas outavas intercaladas, como as em que descreve a perda de Alcacer Kibir. Esse bello quadro traçado por Camões em tres estancias dos *Lusiadas* excede os dezesete cantos em que Jeronymo Côrte Real estafa uma

tenebrosa tradição de familia e um grande desastre. Começa-o desde o nascimento de D. Leonor de Sá, de quem os Tritões se enamoram, provocando o naufragio para possuil-a! Quem lêr essa rapida *Relação do Naufragio do Galeão Sam João,* por Alvaro Fernandes, é que descobre como a realidade é immensamente mais poetica do que os convencionalismos tolos de visões, vaticinios e concilios épicos, a que os bons rhetoricos chamaram *Machinas.* Côrte Real deixou inedito um outro poemeto sobre os *Novissimos do Homem,* hoje publicado, que é o retrato moral de um homem cujo cerebro estava esterilisado, mas que obedecia á monomania de escrever.

Francisco de Andrade, auctor da epopêa *Primeiro Cêrco de Diu,* publicada em 1589, é francamente historiador antes de poeta; elle foi escolhido para substituir Antonio de Castilho como Guarda-mór da Torre do Tombo, e nomeado Chronista-mór do Reino em 24 de Julho de 1599 por Filippe III, (1) deixando escripta a *Chronica de D. João III.* Como poeta lyrico é immensamente prosaico; a *Philomena de Sam Boaventura,* que elle traduziu em 1566, acha-se copiada no *Cancioneiro* de Luiz Franco, (fl. 224) mas não tem colorido. A sua mesma correcção metrica é uma prova da sua frieza. O poema do *Primeiro Cêrco de Diu* compõe-se de vinte cantos em outava rima, cuja uniformidade estrophica o torna mais difficil de lêr. Aquelles que o avaliam pelas regras da epopêa, segundo o Padre Bossu, acham n'este poema digno de notar-se a biographia episodica de João de Sam Thiago, no canto segundo; o amor de dois esposos Mogores, no canto nove; o combate de um joven portuguez que investe contra um mouro que foge pelo rio, no canto dezesete;

(1) Torre do Tombo, liv. 8 das *Mercês* de Filippe II, fl. 12 a 14, *v.*

o palacio de Eolo e a Cova dos Ventos, no canto quarto; a Casa de Somno, no canto decimo-sexto. Mas, apezar de todas estas bellezas convencionaes, achadas por um criterio que passou, o poema de Francisco de Andrade não pôde ser apontado para modello, mas sómente como um pronunciado documento para se determinar por elle as tendencias litterarias de uma época.

Luiz Pereira Brandão, é auctor de uma epopêa sobre o desastre de D. Sebastião em Africa em 1578; appareceu á luz em 1588; o escrever epopêas sobre essa catastrophe era uma mania do seculo XVI, como vêmos nas tres tentativas, de Jeronymo Côrte Real, Estevam Rodrigues de Castro, e do Anonymo de que restam umas quarenta outavas nos Ineditos do professor Caminha. A *Elegiada* de Luiz Pereira é exaltada com phrenesim nos Sonetos de Francisco de Andrade, do Jeronymo Côrte Real, de Bernardes e de Pedro de Andrade Caminha, emquanto os *Lusiadas* eram amputados pela Censura. O partido que se póde tirar de uma derrota para sobre esse facto suscitar as paixões épicas, vê-se na *Chanson de Roland;* mas sob o regimen de uma falsa erudição separada da tradição nacional, que outra cousa se podia fazer se não uma obra bastarda, um producto hybrido da Chronica e da ficção? De mais, como é que Luiz Pereira podia ter essa grande indignação para protestar pela vida d'este povo, se a *Elegiada* é dedicada ao Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, que estava governando Portugal por ordem de Filippe II? Essa cantiga que o povo cantou na morte do Cardeal-Rei substituirá na historia a epopêa que os escriptores portuguezes não souberam fazer.

Pertence ainda a este seculo o poema em doze cantos, de Vasco Mousinho de Quevedo, intitulado *Affonso Africano*. Na verdade, as nossas expedições em Africa, desde Dom João I a Dom Affonso V, são o

periodo verdadeiramente cavalheiresco da nossa historia, cujas tradições tanto inspiraram Camões. Vasco Mousinho de Quevedo, celebrando uma parte d'esses feitos na tomada de Arzilla e de Tanger, em uma época em que não tinhamos nacionalidade, porventura teria uma intenção sublime, se vinha lembrar a este povo morto o seu passado. Mas não; Vasco Mousinho de Quevedo faz uma epopêa com um fim moral e por uma fórma allegorica: Dom Affonso V é a allegoria do varão forte que combate contra si mesmo para avassallar a Cidade da sua alma; Arzilla com as suas cinco portas, é essa cidade que tem os cinco sentidos, e uma torre com tres baluartes, que são as potencias da alma, e uma mesquita, que é o coração humano. Por isto se póde imaginar o que é uma epopêa concebida sob um tal ponto de vista, e até aonde a falta de senso artistico póde ser levada, quando o escriptor não anima a sua creação com o elemento tradicional. Por tanto entre a ultima época dos *Quinhentistas* e os *Seiscentistas* não existe solução de continuidade.

CAPITULO XIV

Historia, Philosophia e Eloquencia

Como se desenvolve a paixão pela historia no seculo xvi.—Fortes individualidades de Castanheda, Antonio Galvão, João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Goes.—As narrações são pittorescas no maior gráo possivel. —A historia nos claustros perde essa vitalidade que provinha da relação que o Chronista tinha com o que contava.—Os historiadores insulanos.—Em Philosophia predomina o aristotelismo alexandrista, e as obras versam sobre especulações moraes.—A Eloquencia torna-se exclusivamente sacra, por causa de falta de participação da vida publica.

Historiographia

Pela data da formação da nacionalidade portugueza e pela falta de tradições primitivas d'onde a litteratura recebesse uma forte originalidade, que nunca pôde ter, se conhece immediatamente que Portugal é uma nação *historica* no sentido rigoroso da palavra; desde o seu começo, que os reis nomearam os Priores Crasteiros de Santa Cruz de Coimbra, Chronistas-móres; (1) desde o fim do seculo XIV que já tinhamos fundado um Archivo para guardar os principaes documentos da nossa vida politica. A historia tornou-se officialmente uma especie de registo authentico, pela instituição dos Chronistas-móres do reino, que durou até Garrett; a actividade particular exerceu-se especialmente n'este sentido, compondo relações, memorias, noticias, summarios, viagens, com uma exuberancia tal que só o seu estudo poderia constituir uma Litteratura. Se no seculo XV se levantam esses tres grandes Chronistas Fernão Lopes, Azurara e Ruy de Pina,

(1) D. Nicoláo de Santa Maria, *Chron. dos Regrantes*, P. 2, cap. 9, n. 8.

no seculo XVI a phalange é tão numerosa, que se torna impossivel poder caracterisal-os individualmente com provas positivas, porque isso daria a essa parte da nossa litteratura uma extensão demasiada. Castanheda, João de Barros, Diogo do Couto, Gaspar Corrêa, Duarte Galvão, Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Magalhães Gandavo, Castanhoso, Garcia de Resende, Francisco de Andrade, e tantos outros são de tal fórma ricos de factos e de observações ethnologicas, que se póde affirmar que é uma mina aurifera ainda não explorada pelos modernos philologos indianistas. A maior parte d'esses escriptores recebeu a impressão immediata dos factos e dos logares que viram; poucos são os que têm a preoccupação rhetorica do estylo; nenhum tem a impassiblidade critica de discernir o real do maravilhoso; nenhum concebe a historia como uma sciencia em que se dá a previsão, e, por tanto, expõem os factos sem as leis que os motivam, e sem a unidade da evolução que realisam. Elles tambem não se preoccupam com as fontes em que estribam a sua veracidade; como Chronistas, crêem-se investidos de uma judicatura responsavel, e authenticam o que affirmam com a pureza da sua consciencia, visto que em parte são testemunhas dos successos. São *narradores* annalistas, com uma certa ingenuidade pittoresca com que supprem a falta de liberdade; a historia *critica* só veiu muito tarde, e a historia *philosophica* ainda é desconhecida a sua fórma entre nós. Esses Chronistas do seculo XVI, são, primeiro que tudo, homens extraordinarios, grandes individualidades dignos de memoria por si mesmos, que atravessaram grandes fadigas e aventuras, como Antonio Galvão, Damião de Goes, Fernão Mendes Pinto ou Diogo do Couto; esta qualidade dá ás suas narrativas um colorido inimitavel e até certo ponto ellas podem ser consideradas como perfeitas obras de arte.

Fernão Lopes de Castanheda, é talvez um dos primeiros Chronistas a quem cabem as considerações que expuzemos; natural de Santarem, e filho illegitimo de Lopo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor de Goa, acompanhou seu pae para a India em 1528, e ali recolheu todos os factos que comprehendem os cincoenta annos da sua *Historia do descobrimento e conquista da India, pelos portuguezes.* Elle descreve as condições em que escreveu e com que garante a sua veracidade: «Mas que a fui saber á India passando na viagem bravas e vivissimas tormentas com que me vi perto da morte e sem esperança da vida, com trabalhos de grandes fomes e de muyto maior sêde. E lá com mil perigos, em mui espantosas pelejas de bombardas, espingardadas sem conto; e antre ellas soube eu a verdade do que havia de escrever de muitas cousas de vista e outras d'ouvido.» Quando escrevia e já estava em Portugal, aonde sabia que vivia um homem que estivera na India, ía procural-o para o consultar: «E assy em trelados e lembranças que muitos curiosos escreveram o que se fazia n'aquelles tempos.» E' admiravel este processo historico comprehendido por Castanheda: «E por isso quem ha de escrever historia hade fazer as deligencias que eu fiz e ver a terra de que hade tratar, como eu vi, que assi o fizeram esses historiadores antigos e modernos. E bem sentia isto el-rei Dom Affonso o Quinto de Portugal, quando mandou Gomezeannes d'Azurara, cronista d'estes reinos a Alcacere pera lá escrever como testemunha de vista o que os nossos fizessem.» Castanheda foi guerreado por duas ordens de influencias, os eruditos e os descontentes com a franqueza das suas narrativas; contra os primeiros justifica-se mostrando a importancia que a sua historia achou em França: «Do que he testemunha imprimir-se agora em Pariz em lingua franceza o primeiro livro d'esta historia, que tornou na mesma lingua Mestre Ni-

coláo, que cá foy lente d'artes no Collegio real...» Os descontentes com a sua imparcialidade fizeram que o nono e decimo livros fossem suprimidos, como o descobriu Diogo de Couto, quando narrou o caso do requerimento de alguns fidalgos a Dom João III, que por terem-se achado no *Segundo Cêrco de Diu,* pediam que o rei mandasse eliminar o decimo livro de Castanheda por motivos de suas honras. (1) A este tempo já Fernão Lopes de Castanheda não era vivo (1559) «que com o fim da historia se lhe acabou a vida, que tinha muito trabalhada de muitas indisposições causadas de continuo cuidado e de continuas vigilias e leitura de muitos papeis que da India trouxera.» Castanheda nunca achou recompensa de suas fadigas, e apenas para sustentar sua familia conseguiu o miseravel emprego de Bedel da Faculdade de Artes (Lyceu) e guarda do Cartorio da Universidade: «gastei vinte annos, que foi o melhor tempo de minha idade, e n'elle fui tão perseguido da fortuna e fiquei tão doente e pobre, por não ter outro remedio com que me mantivesse, acceitei servir uns officios na Universidade de Coimbra, onde no tempo que me ficava desoccupado do serviço d'elles com assás fadiga do corpo e do espirito acabei de compoer esta Historia que reparti em dez livros.» Tal é a individualidade do Chronista; a sua obra tem toda a originalidade de um tal caracter.

Antonio Galvão, é um Chronista cuja personalidade é ainda mais extraordinaria, tocando até o assombro; foi dotado d'esse excepcional cosmopolitismo a que obecemos no seculo XVI, d'esse interesse scientifico dos espiritos da Renascença, e d'essa paixão ideal e já extincta o civismo — ou amor da patria, que nos levou á grandeza e á atrophia.

(1) *Decada IV*, liv. 5, cap. 1,

Era quinto filho do antigo Chronista Duarte Galvão (n. 1446, m. 1517.) nascido fóra do matrimonio, na India; (1) foi nomeado Capitão de Maluco em 1536 pelo Governador Nuno da Cunha, conseguindo remediar pela sua prudencia todos os erros dos seus antecessores. Depois de ter augmentado em mais de quinhentos mil cruzados o rendimento da corôa, foi-lhe offerecido o throno de Ternate, por se achar ali extincta a dynastia; findo o triennio do seu governo regressou á India e depois a Portugal, e quando esperava receber a recompensa dos seus immensos sacrificios, achou o desprezo e a miseria, tendo de acolher-se ao hospital, aonde alguns amigos lhe mandavam alternadamente o sustento. N'este desgraçado estado viveu dezesete annos, sem conseguir nunca despacho aos seus requerimentos, de modo que para o seu enterro o hospital lhe accudiu com a mortalha, e a confraria da côrte com as despezas do enterro. Entrando para o serviço do estado com uma fortuna rasoavel, nem depois de morto lhe pagaram uma parca divida que deixára. Morreu em 1557; e só em 1563 é que o seu testamenteiro e amigo Francisco de Sousa Tavares conseguiu publicar o notavel livro que deixou Antonio Galvão: *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veiu da India ás nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos até á era de 1550.* No meio das suas doenças e decepções, fiado sempre em que a injustiça da sua época não prevaleceria contra a integridade de que era dotado, Antonio Galvão occupava-se no labor d'esse livro, escripto, como diz o editor seu amigo, nas torturas «de animo affligido.» Antonio Galvão escreve sem conhecer pretenções

(1) Cardoso, *Agiologio lusitano*, t. II, p. 140.

litterarias; e quando um caracter distincto escreve com esta liberdade de espirito a sua linguagem produz o encanto de um bello quadro da natureza.

João de Barros, é um dos principaes Chronistas da grande época quinhentista, e o que em parte merece já o nome de historiador. Educado sob a disciplina da erudição classica, preparando o seu estylo para narrar a historia, com uma *Novella* cavalheiresca assás diffusa, tomando o rhetorico Tito-Livio para seu modelo, ainda assim João de Barros conseguiu ser natural e desaffectado em consequencia da impressão immediata que recebeu nas suas viagens. João de Barros nasceu em Viseu em 1496; tendo seu tio Lourenço de Caceres, mestre do Infante Dom Luiz, fallecido em 1531 sem ter cumprido o seu comprommisso como Chronista-mór do reino, a quem competia redigir a *Historia da India,* João de Barros offereceu-se a Dom João III para desempenhar esse encargo. O modo como se houve na composição das *Decadas da Asia,* conhece-se evidentemente na impressão produzida em Camões, a qual lhe provocou a concepção dos *Lusiadas,* em 1553. Nas suas obras philosophicas e moraes João de Barros não parece o mesmo; falta-lhe a liberdade critica. A vida de João de Barros foi perturbada com grandes desastres mercantis, saindo-se sempre com sua honra illibada, e sacrificando-se pelos seus amigos. Já velho retirou-se á sua quinta da Ribeira de Alitem, em Pombal, aonde morreu passados tres annos, em 20 de Outubro de 1570. Tambem se distinguiram nas letras seu primo D. Frei Braz de Barros, reformador de Santa Cruz de Coimbra, e seu sobrinho Gaspar Barreiros. Em 1591, Filippe II mandou recolher os fragmentos das obras de João de Barros, entre elles o da quarta *Decada*, que estavam em poder de sua nóra D. Luiza Soares, mulher de Jeronymo de Barros; foram entregues estes papeis

a Dom Fernando de Castro Pereira, mas tendo fallecido pouco depois, foram recolhidos no Collegio de Sam Roque para serem entregues ao Jesuita Christovam Clavio; como este não pôde vir de Roma, foram entregues a Duarte Nunes de Leão, que os não póde tirar a limpo. Por fim, Filippe II encarregou Diogo do Couto de continuar as *Decadas da Asia,* do ponto em que estavam publicadas. Só em 1616 é que João Baptista Lavanha satisfez o encargo commettido a Nunes de Leão. (1)

Diogo do Couto, distingue-se nas suas *Decadas* pelas observações dos costumes, e pela narrativa pittoresca aproveitada das versões oraes dos proprios heroes dos successos; elle era tambem poeta e soldado, e amigo intimo de Camões. Foi preciso dez annos de batalhas na India, para que a natureza tornasse a despontar por debaixo das devastações da educação erudita do Collegio de Sam Roque, onde a *Grammatica* do Padre Manoel Alvares, e a *Rhetorica* do Padre Cypriano Soares conduziam fatalmente ao pedantismo. Nasceu em Lisboa, em 1542, foi protegido pelo Infante Dom Luiz, e quando a viagem da India se tornou uma monomania, partiu com dezesete annos para aquella colonia, na Armada de 1559. O seu talento poetico o fez procurar a amisade de Camões; dos seus versos fala Manoel Severim de Faria: «compoz alguns poemas assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas e pastorís, de que deixou um grande tomo de Elegias, Eclogas, Canções, Sonetos e Grosas.» Elle acompanhou Camões, na viagem para Portugal em 1570, e na sua *Decada VII,* narra o profundo estado de miseria em que esse seu «matalote e amigo» estava em Moçambique «comendo de amigos.» Depois que regressou para a India foi encarregado de conti-

(1) Severim de Faria, *Vida de João de Barros.*

nuar as *Decadas* de Barros, e nomeado Guarda-mór do Archivo da India. A' nobre independencia de juizo que Diogo do Couto emite a respeito dos Capitães e Governadores da India, se deve attribuir o roubo da Outava e Nona *Decada,* de sua casa, em uma occasião de doença. Diogo do Couto, fallando da suppressão do decimo livro de Castanheda exigida pelos partidarios de D. João de Castro, diz com uma certa intenção: «A estes e outros riscos se põem os escriptores que as escrevem em quanto vivem os homens, de quem o fazem;...... nem por respeitos, nem por temor deixaremos de as fallar; e postoque tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem.» Quando Diogo do Couto escrevia já o caracter nacional estava degradado, e a nobreza antes queria dinheiro que tradições, «pois houve alguem que dizia publicamente que não queria andar em Chronicas, fazendo pouco caso que n'ellas se tratasse d'elle com elogios ou vituperio.» Morreu em Goa, a 10 de Dezembro de 1616, com setenta e quatro annos. (1)

Damião de Goes é o primeiro Chronista critico, e um verdadeiro espirito encyclopedico do seculo XVI; a sua vida não é menos cheia de aventuras do que a de Antonio Galvão, e a sua morte foi ainda muito mais desastrosa. Nasceu em Alemquer em 1501; em 1518 foi dos poucos admittidos na côrte á recepção do terceiro casamento de el-rei Dom Manoel, circumstancia que o faria, depois da subida de D. João III ao throno, entregar-se ao prazer das viagens pela Europa. D'esse seu cosmopolitismo falla Antonio Galvão, dizendo: «viu e fallou, conversou com todos os reis, principes, nobres, povos de toda christandade, em vinte dois annos que gastou n'estes trabalhos; viu e correu a mór

(1) Severim de Faria, *Vida de Diogo do Couto.*

parte da Europa por sua livre vontade, cousa digna de louvor e memoria, pois deu luz a sua patria de muitas cousas occultas a ella.» Damião de Goes tratou negocios diplomaticos nas côrtes da Polonia, Dinamarca e Suecia, e em 1542 defendeu a cidade de Lovaina por eleição dos seus habitantes, nas guerras entre Carlos V e Francisco I. Durante as suas «longas e varias peregrinações» teve amisade com Erasmo, e tratou com Luthero e Melanchton, que viviam na pobreza. Estas relações causaram o desastre da sua morte, porque vindo para Portugal com o fim de escrever a *Chronica de Dom Manoel*, que começou em 1558 e acabou passados nove annos, foi encarcerado em 1571 nas enxovias da Inquisição de Lisboa, como consta do curiosissimo processo do Santo Officio, que está na Torre do Tombo. (1) Em 1564, Damião de Goes, occupado na Chronica de que o encarregaram, lembrou a Pero de Andrade Caminha, que pedisse á viuva do Infante Dom Duarte lhe mandasse alguns apontamentos ácerca de seu marido para intercalar na *Chronica de Dom Manoel*. A Infanta D. Isabel mandou-lhe uma relação das visões e penitencias de seu marido, e Damião de Goes sobre isso disse a Caminha: «que não havia homem que na morte não dissesse algumas parvoices.» Passados sete annos, quando Damião de Goes jazia na Inquisição, Caminha appresentou-se espontaneamente a aggravar-lhe a posição com o seu miseravel depoimento. A morte de Damião de Goes é obscura, e é de crêr que morrera no carcere inquisitorial. Damião de Goes era um excellente musico e compositor; a convivencia com Erasmo, e a sua estada em Hollanda, na terra livre do pensamento na epoca do fanatismo religioso e politico, deram-lhe uma superioridade de critica sobre os outros

(1) Lopes de Mendonça, *Damião de Goes e a Inquisição.*

Chronistas; foi elle o primeiro que fez uma analyse comparativa dos Chronistas que o precederam.

Braz de Albuquerque, mais conhecido pelo nome de Affonso de Albuquerque, é tambem notavel entre esta selecção de bons espiritos que narram os factos com a desaffectação superior e intelligente de quem praticou ou viu. Nasceu em 1500, e querendo D. Manoel recompensal-o pelos serviços de seu pae, o grande Affonso de Albuquerque, mandou-o na comitiva da Infanta D. Beatriz a Saboya; porém quando voltou a Portugal, já o rei estava morto «e ficou sem a satisfação que mereciam os grandes serviços de seu pae, assi polo pouco cuidado que elle teve de os requer, como tambem pela mudança do tempo.» Escreveu os *Commentarios de Affonso de Albuquerque,* sobre os documentos que seu pae enviava officialmente a D. Manoel. O Dr. Antonio Ferreira era amigo de Braz de Albuquerque, e celébra os seus *Commentarios* como uma «*nua e chã pintura.*» Muitos são os Chronistas portuguezes do seculo XVI, cuja feição litteraria se resente e eleva com o meio em que escreveram; na impossibilidade de enumerar todos, resumimo-nos a essa caracteristica geral.

Historia nos claustros

As primeiras Chronicas portuguezas, como já vimos, foram elaboradas na vida sedentaria dos claustros, mas sem progresso sensivel até á segunda metade do seculo XVI. O desenvolvimento que a Historia recebeu pelos Chronistas officiaes e nas relações avulsas, acordou a importancia d'este genero litterario, e as Ordens religiosas consideraram a redacção historica como um seu apanagio, chamando para si a nomeação de Chronistas-móres do Reino. Mas a Historia perdeu a vitalidade; o escriptor já não tinha esse conheci-

mento pratico dos successos e dos caracteres adquirido nas batalhas, nas viagens, no trato das feitorias, nas injustiças contemporaneas; a historia tornou-se uma tela esfumada, um pretexto para dissertar sobre origens prehistoricas, para inventar auctoridades e documentos suppositicios, reduzir a historia ás vidas dos reis, e a vida d'estes á enumeração de fundações piedosas. Escreve-se algumas historias de institutos monasticos, mas em vez de pôrem em relêvo a parte d'essas congregações na illustração portugueza pelo ensino, relatam as doações e as lendas artificiaes de santidade; n'esta classe ainda o espirito da Chronica secular apparece, quando se contam os trabalhos das missões, como é a *Ethyopia oriental,* de Frei João dos Santos, ou o *Tratado das Cousas da China,* por Frei Gaspar da Cruz. Esta classe de livros ainda está por explorar pelos modernos orientalistas; e quando vêmos as grandes luzes que se tira das viagens de Fra Paolino de San-Bortholomeo, surprehende-nos o terem até hoje deixado intacta esta fonte portugueza.

Todos os defeitos da educação erudita aggravados com as phantasmagorias de uma imaginação poetica bastante vigorosa, apparecem em Frei Bernardo de Brito, auctor da *Monarchia Lusitana,* especie de corpo da historia nacional continuado successivamente depois da sua morte e com melhor vantagem. A historia antiga existia na sua cabeça em um tal estado de syncretismo, que são as suas reminiscencias auctoritarias que o perturbam; para elle as tradições, sobretudo agiologicas, são uma realidade. Tem a grande qualidade de dar movimento ao que conta, mas essa vida não a tira dos successos, insufla-a com as suas affirmações imaginosas. O estylo é calculadamente rhetorico. E' um typo bem pronunciado na decadencia da Historia. Pertence tambem a esta época Frei Marcos de Lisboa, auctor da *Chronica dos Menores;* a negli-

gencia e simplicidade do seu estylo provêm do espirito humilde do seu instituto, que até na architectura impunha como typo a construcção grosseira e sem belleza. A grande época da poesia dos claustros franciscanos era já passada, e foi debalde que Frei Marcos de Lisboa estudou as poesias de Fra Jacopone da Todi.

Historiadores insulanos

O livro intitulado *Saudades da Terra*, em que se trata da Historia das Ilhas dos Açores, do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, foi escripto pelo Dr. Gaspar Fructuoso em 1590, como se deprehende do proprio texto: «*será n'esta era de 1590* de edade de...» (1) Esta data presta para mostrar os subsidios de que Fructuoso se serviu, e por onde se pôde recompôr a historiographia insulana no seculo XVI. Primeiramente Fructuoso cita uma *Historia da Ilha da Madeira*. (p. 18.) Este livro não póde ser senão uma relação attribuida a Gonçalo Ayres Ferreira, companheiro de João Gonçalves Zarco, ampliada pelo conego madeirense Hieronymo Dias Leite, como vamos vêr. Em 1566 o Dr. Gaspar Fructuoso, sabendo da devastação que tres corsarios francezes fizeram na Ilha da Madeira, e do estado desgraçado da população, tratou logo de promover soccorros na Ilha de Sam Miguel, indo pedindo dinheiro de porta em porta; desde este facto é que teve relações com Hieronymo Dias Leite, a quem mandou pedir o manuscripto de Gonçalo Ayres Ferreira, por intervenção de Belchior Fernandes de Castro, e por Marcos Lopes. A relação do *Descobrimento da Ilha da Madeira* andava na casa dos Camaras, como cousa hereditaria; e como o seu possuidor estava em Lisboa, o conego Leite lhe escreveu pedin-

(1) *Ed.*, de Alvaro Rodrigues de Azevedo, p. 159.

do-lh'a, e João Gonçalves da Camara a mandou copiar em tres folhas de papel pelo seu camareiro Lucas de Sá. O conego Leite ampliou essa relação com noticias de sua curiosidade e remetteu-a a Fructuoso. (p. 265.) O livro de Gaspar Fructuoso tem todos os defeitos da sua época, e já nenhuma das bellezas d'ella; tendo consultado João de Barros e Damião de Goes, os que tiveram mais senso critico, não chegou mais do que a ser um diffuso Chronista sem plano, sem alcance philosophico, sem senso critico para distinguir d'entre as pequenas anecdotas quaes são aquellas que retratam a vida moral do passado. O seu estylo é affectado e falso e mostra-nos que o mal dos seiscentistas já lavrava no fim do seculo XVI.

Philosophia

A nossa actividade intellectual sobre esta fórma synthetica das sciencias foi diminuta; não tivemos desenvolvimento nas sciencias naturaes bastante para podermos gradualmente ser elevados a constituir uma philosophia; por tanto, acceitámos a philosophia que se impunha com mais auctoridade. Foi o Aristotelismo; porém, renovado pelos Jesuitas sob a fórma conhecida pelo nome de *humanista* ou *alexandrista*. Os Jesuitas apoderaram-se do ensino, e por via d'elle das novas intelligencias desde 1555, com a expulsão do sabio Diogo de Teive; a consequencia foi a decadencia immediata no seculo XVI e XVII, em que o nivel intellectual baixou em extremo. Sob a pezada *Grammatica* do Padre Manoel Alvares, sob as suas Logicas *Barreta* e *Carvalha*, sob as suas Rhetoricas do Padre Cypriano Soares e de Pomey, surgiu uma geração de mediocres.

São poucas as obras philosophicas escriptas no seculo XVI; e como essas poucas tinham de ser rigorasamente submettidas á orthodoxia, tornaram-se restri-

ctamente moralistas. E' curioso o modo mechanico como o illustre Chronista João de Barros philosophava: «vendo como os homens occupavam o mais do tempo jogando, inventou *um jogo de tabolas a que reduziu as Ethicas de Aristoteles,* introduzindo n'elle as virtudes e vicios por excesso e por defeito, o qual jogo imprimiu no anno de 1540, e o dedicou á Infanta Dona Maria, princeza que depois foi de Castella, a qual jogava com el-rei D. João seu pae déstramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intenção de pôr a *Economia* tambem em jogo de cartas, e a *Politica* no enxadrez, por estes trez jogos serem os mais communs, e pera n'elles ao menos aprenderem os homens o nome das virtudes...» (1) Em quanto João de Barros esteve fugido da peste de 1530 na sua quinta junto a Pombal, compôz e mandou a Duarte de Resende o dialogo moral intitulado *Rhopica pneuma,* ou mercadoria espiritual; é a allegoria em que são interlocutores a Vontade, o Entendimento, a Rasão, o Tempo, obra muito apreciada no seculo XVI, e para nós hoje legivel só por uma ou outra referencia aos costumes d'aquella época. Escreveu um segundo Dialogo em 1539 intitulado da *Viciosa vergonha,* com o fim de tirar das escholas o uso de se lêr em processos judiciarios, substituindo-os pelo seu tratado. Não é mais importante do que o antecedente.

Com o mesmo nome de João de Barros, figura na côrte de D. João III, um Doutor, que escreveu um livro de philosophia moral, o *Espelho de Casados.* O Doutor João de Barros, é natural de Braga, como diz Severim de Faria, e cidadão do Porto, aonde residiu até 1549, como elle proprio o dá a entender; cursara os canones em Salamanca, por 1522, e em 1549 Dom João III o chamou para seu Escrivão da Camara, como elle o declara no livro inedito das *Antiguidades de En-*

(1) Severim, *Vida de João de Barros.*

tre Douro e Minho. O livro intitulado *Espelho de Casados* foi publicado em 1540; pertence a essa classe de livros em que o ascetismo toma o aspecto de philosophia para dominar certas instituições sociaes, entre os quaes se póde citar a *Femina Christiana,* de Vives, a *Perfecta casada,* de Frei Luis de Leão, e o *Casamento perfeito,* de Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do celebre prégador quinhentista. O *Espelho de Casados* representa uma comprehensão do casamento fundada sobre as relações da familia romana com as tradições do peccado de Eva; se os chefes de familia comprehendiam assim este facto organico da sociedade, a vida de familia no seculo XVI devia ser soturna pela desconfiança e pelo aviltamento. Para estes moralistas, a falta de abstracção e de poder de observação supprе-se com textos auctoritarios dos santos padres, e com *Exemplos,* ou pequenos contos.

É verdadeiramente notavel como documento psychologico, o livro intitulado *Ditos da Freira,* attribuido a D. Joanna da Gama, reclusa do Salvador de Evora. Alguns desastres da vida a fizeram crear em volta de si uma solidão religiosa, e os desabafos das suas angustias eram recolhidos pelas suas companheiras como maximas, que se transmittiram tradicionalmente na clausura. As maximas nada têm de profundidade, mas tem aquella graça desenfeitada das naturezas simples.

Eloquencia

Assim como a palavra escripta produz a poesia, a palavra oral é o elemento com que se cria uma fórma sublime da arte, chamada Eloquencia. Só existe naturalmente no momento em que actua sobre as paixões; fixada pela escripta, torna-se como o retrato com relação á figura. Por isso, para criticar as obras da Eloquencia importa ter presente sempre a fórma precaria

em que se reproduz. Para que a Eloquencia se desenvolva, é necessario que exista vida publica, do mesmo modo que exista burguezia e opinião para que se desenvolva o theatro. No seculo XV, sob o cesarismo politico, e intolerancia religiosa, não era possivel que existisse nenhuma d'essas condicções que revelam o orador. João de Barros escreveu *Panegyricos*, á imitação de Plinio, que eram para lêr diante do rei ou da infanta, e apenas teve algum desenvolvimento a prédica religiosa. Entre os prégadores do seculo XVI, figuram com grande vantágem Dom Antonio Pinheiro, pela correcção da linguagem, Diogo de Paiva de Andrado, pela uncção, e o Padre Luiz Alvares, parente de Diogo do Couto, pelo extraordinario arrebatamento que causava na multidão, a ponto de chegar a Roma a sua fama, e Pio V lhe chamar o novo Paulo. Mas n'uma época em que a carnificina de S. Barthelemy era celebrada em Portugal com um sermão de graças, é inutil investigar a verdade d'essa eloquencia.

CAPITULO XV

Viagens, Ficções novellescas

Tendencia cosmopolita do caracter portuguez no seculo XVI.—Typos extraordinarios de Fernão Mendes Pinto, Antonio Tenréiro, Padre Francisco Alvares.—A poesia bucolica converte-se nas Novellas pastoraes.—Formação da novella *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, anterior á influencia italiana.—Explicação das suas allegorias. Imitação de Jorge Monte-Mór, na *Diana*. O *Clarimundo* de João de Barros, e a novella na côrte de D. João III: *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, e o *Memorial da Tavola Redonda*, de Jorge Ferreira.—Contos populares recolhidos inconscientemente por Gonçalo Fernandes Trancoso. Sua importancia.

Viagens

O facto das descobertas e conquistas na Africa e na Asia modificou o caracter portuguez, tornando-o de apathico, aventureiro, com um amor do imprevisto e do difficil, como se vê nas relações de naufragios e no desastre dos Côrte-Reaes. Esta ordem de sentimentos creou na litteratura portugueza uma serie de obras interessantissimas, em que os nossos viajantes contam as suas expedições, e ao mesmo tempo influiu tambem sobre o gosto popular, produzindo alguns pequenos quadros com que elle ainda hoje se regosija. Pertence ao seculo XVI o opusculo intitulado as *Sete Partidas do Infante Dom Pedro,* escripto por Gomes de Santo Estevam; este titulo voga corrompido por influencia da designação dos outros folhetos a que andava unido, como se vê pela edição de Barcelona, de 1595: *Los* siete *Sabios de Roma, con el Libro del Infante D. Pedro de Portugal, que anduvo las* quatro *partidas del*

mundo. (1) A redacção primitiva do *Livro do Infante D. Pedro* já se não conhece, porque segundo o costume dos livreiros do seculo XVI, as palavras antiquadas eram sempre substituidas por vocabulos novos; é por isso que não se encontrarão dois exemplares que não tenham entre si variantes e até lições differentes. A' litteratura popular do seculo XVI pertencem as *Relações de Naufragios,* que mais tarde foram recolhidas por Bernardo Gomes de Brito; é n'essas relações que se encontra a verdadeira prosa portugueza, natural, espontanea, verdadeira, em que o que narra desconhece a affectação rhetorica, e descrevendo as impressões immediatas do desastre excede em colorido e vigor todos os recursos da arte. O *Naufragio do Galeão Grande,* em que succedeu a perda de Sepulveda e sua mulher em 1552; o *Naufragio da Náo Sam Bento,* em 1554; da *Náo Conceição* em 1555; da *Náo Aguia e Graça,* em 1559; de *Santa Maria da Barca,* no mesmo anno; da *Náo Sam Bento* em 1560; o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho,* em 1565; da *Náo Sam Thiago,* em 1585; da *Náo Sam Thomé,* em 1589, escripta por Diogo do Couto; da *Náo Santo Alberto,* em 1593; e da *Náo Sam Francisco,* em 1596, publicadas em folhas volantes, foram a litteratura popular do seculo XVI em Portugal. Acham-se recolhidos na *Historia Tragico-maritima.*

De todos os viajantes portuguezes, o mais extraordinario é sem duvida Fernão Mendes Pinto, nascido em Monte-Mór-o-velho, em 1509, aonde viveu na estreiteza da casa paterna até 1519, até que entrou para Moço da Camara do Duque de Coimbra Dom Jorge de Lencastre; embarcou para a India aos vinte annos de edade, e n'essa vasta região divagou durante vinte um annos, sendo captivo tres vezes e vendido dezesete

(1) *Ap.* Bibliotheca de Gallardo, p. 1144.

vezes; as suas maravilhosas aventuras na China, na Tartaria, em Sião, em Calaminhan, no Pegú, no Martavão, as suas relações com o Apostolo das Indias Sam Francisco Xavier, tudo relatou no seu livro intitulado *Peregrinaçam*. Fernão Mendes Pinto regressou a Portugal em 1558, e desde esta época até 1580, em que morreu na villa de Almada, escreveu esse livro intimo das suas memorias, o qual deixou á Casa Pia dos Penitentes de Lisboa. Poucos serão os livros que possam equiparar-se á *Peregrinaçam,* pelas condições unicas em que foi escripto e pelo interesse crescente que provoca. Longo tempo considerado como fabuloso, as modernas explorações dos Viajantes na Africa e na Asia tem-no rehabilitado como uma obra scientifica. D'esta obra plagiou o Padre João Lucena as paginas mais importantes da *Vida de Sam Francisco Xavier.*

O *Itinerario* de Antonio Tenreiro, que veiu da India por terra a Portugal em 1529, é tambem o producto de uma d'essas organisações cosmopolitas que só hoje a Inglaterra ainda apresenta nos seus Speke, Grant, Baker ou Livingston. Tenreiro sabia muito bem as linguas orientaes, e foi isso que o animou á sua destemida empreza. Era tambem natural de Coimbra, como Tenreiro, o Padre Francisco Alvares, que descreveu a *Verdadeira informação das Terras do Preste João,* aonde acompanhou Dom Rodrigo de Lima em 1520, e aonde se demorou seis annos. Um livro bastante raro, e tambem escripto com esse assombroso espirito cosmopolita, que só tivemos no seculo XVI, é o que se intitula *Relaçam verdadeira do descobrimento da Frolida,* em 1558, feito por Dom Fernando do Souto e por mais outo companheiros, André de Vasconcellos, Fernão Pegado e Estevam Pegado, Antonio Martinez Segurado, Bento Fernandes, Alvaro Fernandes, e Mem Rodrigues Pereira. Por fim, faremos menção do *Itinerario da Terra Santa* feito por Frei

Pantaleão de Aveiro, depois da sua jornada em 1563. Poucas litteraturas haverá tão ricas como a portugueza n'este genero de composições. (1)

Ficções novellescas e Contos

Não tendo conhecido as Gestas francezas tanto carlingianas como arthurianas, d'onde sairam as principaes novellas de cavalleria no periodo em que essas epopêas foram transformadas em prosa, não tinhamos por tanto um elemento organico, sobre que elaborassemos as nossas ficções, e por isso imitámos n'este genero as correntes europêas. Começámos pelas allegorias historicas, com o *Clarimundo* de João de Barros, e acabámos pelas pastoraes allegoricas, como a *Luzitania transformada,* de Fernão Alvares d'Oriente. De toda a actividade n'este genero de litteratura, nenhuma obra se tornou popular, porque nenhuma se derivou de uma fonte tradicional; é esta tambem a causa muitas vezes da absurda e diffusa narração.

Quando João de Barros foi dado como guarda-roupa do principe Dom João, reinava no paço de Dom Manoel o gosto pelas novellas de cavalleria; facil lhe foi ser seduzido por essa monomania. Diz Severim de Faria: «Era então João de Barros de pouco mais de vinte annos de edade, e como andava em serviço do princepe, que lhe occupava a mór parte do tempo, só nos espaços que lhe restavam publicamente, e como elle diz, na mesma Guarda roupa do paço sem outro repouso, nem mais recolhimento.... em outo mezes compoz esta historia, (de *Clarimundo)* que para tal edade e occupação se póde ter por grande cousa. Ainda que o princepe Dom João, a quem elle communicou

(1) Vid. *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas*, t. I-IV.

seu intento, o favoreceu tanto, que elle mesmo ia revendo e emendando os cadernos que compunha; este favor lhe fez publicar logo o livro; e estando el-rei Dom Manoel na cidade de Evora, no anno de 1520, lh'o appresentou, dizendo-lhe que a intenção com que o fizera fôra pera se empregar na historia de Portugal, e principalmente na da conquista de Oriente.» (1) Não obstante Rodrigues Lobo o considerar como um dos livros de cavalleria mais bem escriptos, o *Clarimundo* é hoje quasi illegivel, porque, além da ficção ser arbitraria e desconnexa, o auctor desprendeu-a do interesse das allusões contemporaneas.

Por este mesmo tempo escrevia Bernardim Ribeiro a Novella pastoral intitulada *Menina e Moça;* póde-se dizer que a primeira parte d'esta obra é uma maravilha litteraria pela graça ingenua, pela simplicidade profunda, que deixa descobrir debaixo d'aquellas queixas de pastores os amores de Bernardim Ribeiro por D. Joanna de Vilhena. A menina e moça que figura na novella é a *Aonia,* annagramma da formosissima prima de Dom Manoel, que foi casada depois com o Conde de Vimioso; a dama que lamenta a morte de seu filho, representa a rainha D. Leonor, viuva de Dom João II; o logar da acção é nas cercanias de Evora, aonde por 1491 residia a côrte. A *Menina e Moça* trata do caso de dois amigos, o Cavalleiro da Ponte e Bimnarder; o Cavalleiro da Ponte, que morre de uma queda é o principe Dom Affonso, e os tres annos do Passo de armas, são o das Terçarias antes do seu casamento com a infanta D. Isabel. Esta princeza figura ali como *Beliza,* e casa depois com *Lamentor,* que allude a el-rei Dom Manoel; como a rainha D. Isabel, *Beliza* morre egualmente de parto. Os amores de Aonia e Bimnarder são a parte essencial da acção na *Menina*

(1) Severim de Faria, *Vida de João de Barros.*

e Moça, e o desenlace da Novella corresponde á realidade historica a que allude, por que Aonia casa com Fileno e Bimnarder desapparece, da mesma fórma como D. Joanna de Vilhena casa com o Conde de Vimioso, e Bernardim Ribeiro abandona a patria. Uma vez achado este fio no labyrinto d'essas paizagens pastoraes, a *Menina e Moça* torna-se de uma leitura encantadora; póde-se dizer que é a principal novella que temos. A segunda parte pertence a outra mão, é disparatada e illegivel; uma redacção manuscripta da *Menina e Moça,* que se guarda na Bibliotheca da Academia hespanhola, e que se julga a mais antiga, só consta da primeira parte. (1) Esta Novella é o producto natural e por isso bello do lyrismo bucolico, que Bouterwek considerava nacional entre nós; é a Pastoral anterior á influencia italiana.

As relações pessoaes entre Bernardim Ribeiro e Jorge de Monte-Mór, que se descobrem pelas Eclogas d'aquelle bucolista, vem explicar-nos agora a influencia que a *Menina e Moça* exerceu na creação da *Diana*. Jorge de Monte-Mór escreveu a historia dos seus amores infelizes em castelhano, e ainda que a sua obra seja uma das mais notaveis da litteratura hespanhola, pertence-nos pela naturalidade do poeta e pela origem da sua imitação. O talento musico de Jorge de Monte-Mór fel-o procurar em Hespanha a sua carreira artistica, entrando como cantor na capella ambulante de Filippe II, posição que lhe proporcionou o ensejo de viajar pela Europa. Quando a princeza Dona Joanna veiu para Portugal em 1552 para casar com o filho de Dom João III, Jorge de Monte-Mór regressou á patria, aonde se não pôde demorar, não obstante todas as vantagens que na côrte lhe offereciam. Foi por este tempo que teve relações pessoaes

(1) *Acad. hespanhola*, Ms. n.º 76, de pag. 1 a 39.

com Camões; Monte-Mór era então já celebre pela immensa popularidade da sua *Diana*. Pela novella não se póde descobrir se elle teve por modello a *Arcadia* de Sanazarro; mas é certo que factos particulares da sua vida contados sob a fórma allegorica dão um vivo interesse a essa narrativa, ás vezes desnaturada pelo apparecimento de gigantes, selvagens e fadas das novellas de cavalleria, e de nymphas das tradições cultas da Renascença. A Jorge de Monte-Mór cabe a gloria de ter inspirado Shakespeare. A *Diana* teve a sorte do *Amadis;* tambem inspirou um longo cyclo de continuações.

O genero pastoral foi mais cultivado á medida que caminhava para a decadencia; a ultima novella d'este genero é a *Lusitania transformada,* em que Fernão Alves do Oriente imitou directamente a *Arcadia*, de Sanazaro; consta de prosas e versos em que o auctor conta, segundo o costume, um desastre do seu amor que o fez partir da India para a Europa, e em que introduz como personagens varios pastores, que são em geral os poetas do ultimo quartel do seculo XVI. A *Lusitania transformada* começou a ser escripta em 1594, quando Dom Gonçalo Coutinho trasladou os ossos de Camões da sepultura rasa em que jaziam. A novella pastoral foi uma degeneração da poesia bucolica, como a novella de cavalleria uma degeneração da poesia épica.

As novellas de cavalleria foram immensamente apreciadas na côrte de Dom João III; a antiga sympathia do monarcha, que na sua mocidade copiava pela sua mão os cadernos do *Clarimundo,* devia reflectir-se em todos aquelles que o cercavam.

Em 1543 voltou a Portugal Francisco de Moraes, que estava em Paris como secretario do embaixador D. Francisco de Noronha; tendo vivido na côrte de Francisco I, casado com a viuva de el-rei D. Manoel,

ao regressar á patria dedicou a sua filha a Infanta D. Maria a novella do *Palmeirim de Inglaterra*. Esta obra imprimiu-se anonyma, e como tal foi traduzida em hespanhol em 1547, resultando d'ahi o ser attribuida ao editor castelhano *Luiz Hurtado;* mas é certo que os versos em que Luiz Hurtado traz o seu acrostico, dizem da traducção: «Robando *la fructa de agenos* huertos.» Demais, no *Palmeirim de Inglaterra* ha circumstancias pessoaes que só se referem a Francisco de Moraes, como os amores com a Torsi em França, de que tracta outra vez nos seus Dialogos. Apesar de Cervantes perdoar ao *Palmeirim de Inglaterra,* no auto de fé feito ás Novellas de cavalleria pelo Cura, e elogiar as aventuras do castello de Miraguarda, a novella é extremamente diffusa, de uma exagerada amplificação rhetorica, como consequencia de um genero mal comprehendido e extemporaneo. Todos estes defeitos se aggravaram nas continuações da Novella por Diogo Fernandes, que ainda no seculo XVI escreveu a terceira e quarta parte do *Palmeirim de Inglaterra,* e por Baltazar Gonçalves Lobato, que escreveu uma quinta e sexta parte nos principios do seculo XVII. Desde o momento que a unidade da ficção se quebrava, os continuadores caíam irremediavelmente no absurdo. A Dom Gonçalo Coutinho tambem se attribue uma Novella intitulada *Historia de Palmeirim de Inglaterra e de Dom Duardos,* hoje perdida. Os *Palmeirins* formam um cyclo novellesco á parte.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, que escrevia para comprazer com o principe Dom João, tambem compoz essa Novella intitulada *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda,* que nada tem com o cyclo arthuriano, e na qual se descrevem as festas ou torneios de Xabregas, quando este principe foi armado cavalleiro. Parece que esta mesma Novella se chamou anteriormente *Triumphos de Sagramor;* o nome de

Sagramor apparece no poema do *Bel Inconu,* e n'um poema allemão antigo. Diz Gervinus, na *Historia da Poesia allemã:* «assim como estas relações apparecem tambem tres fragmentos de um *Segramor* em medio alto allemão, formado como o Wigalois, com tiradas finaes de tres rimas, e outros de um *Edolantz,* que parecem revelar enchertos artificiaes que se originaram de nomes secundarios da lenda arthuriana.» (1) As relações dos antigos *Triumphos de Sagramor* com o *Memorial,* mostram-nos as vagas ligações d'esta Novella com o cyclo de Arthur. Em um documento de 1533 achamos o nome de *Sagramor* de Basto; (2) ora os nomes cavalheirescos usados na sociedade portugueza, eram sempre tirados das Novellas que estavam mais em voga, o que nos vem precisar a época em que teriam sido compostos os *Triumphos de Sagramor.* O estylo de Jorge Ferreira na Novella é inferior ao das suas tres comedias; falta-lhe esse elemento popular das locuções e dos Anexins, que o torna bem digno de ser estudado.

Por ultimo fallaremos dos *Contos proveitosos* de Gonçalo Fernandes Trancoso, natural da Beira, o centro das tradições populares. Viveu em Lisboa aonde foi mestre de humanidades; em 1544 já se achava na côrte, e allude á morte do principe em 1554. Os seus Contos foram escriptos por occasião da *peste grande* de 1569, morrendo-lhe por essa occasião alguem de sua familia; só em 1585 resolveu publicar as duas partes, e só depois de sua morte é que seu filho Antonio Fernandes publicou em 1596 a terceira parte dos *Contos e Historias de Proveito e exemplo.* Consta de vinte e nove Contos, importantes pelas suas origens tradicionaes, embora o estylo rhetorico e as divaga-

(1) *Ob. cit.*, t. II, p. 42.
(2) *Archivo portuguez oriental*, p. 57.

ções moraes lhe tirem grande parte do merecimento. Alguns d'esses Contos acham-se no *Decameron* de Boccacio, tal como a *Griselidis;* outros nas *Notte piacevoli* de Straparole, e nas Novellas de Sachetti, como o conto do segredo revelado á mulher; outros no *Conde de Lucanor,* como o que versa sobre o thema o que Deos faz é o melhor; outros emfim são derivados da tradição oral, como o de Dom Simão, que é o conto do *Padre Frei João Sem cuidados.* Depois que a cadeia tradicional dos Contos foi descoberta, desde os estudos da *Pantchatantra* por Benfey até aos Contos oraes de todos os paizes, o livro de Trancoso adquiriu uma grande importancia, porque representa Portugal n'esse grande confronto das origens, sobre que tanto trabalha a sciencia moderna.

---

*

QUARTA EPOCA

OS SEISCENTISTAS

(SECULO XVII)

CAPITULO XVI

Estado da Lingua e da Litteratura

O seculo XVII caracterisa-se pela actividade scientifica.—A creação das Academias litterarias torna-se nos paizes sem liberdade intellectual um movel do Cultismo e da rhetorica esteril.—Imitação da litteratura hespanhola em Portugal.—Os philólogos procuram a explicação de certos factos da lingua portugueza no hespanhol.—Trabalhos philológicos de Manoel Severim de Faria, de Alvaro Ferreira de Vera, de João Franco Barreto, do Padre Bento Pereira.—O methodo grammatical alvarístico, e os Chorros, Cartapacios e Promptuarios.—Tentativa de reforma do ensino por Amaro de Roboredo.—Importancia da traducção da Biblia pelo Padre João Ferreira de Almeida.—Anquètil Du Perron falla do dialecto portuguez de Ceylão.

Caracter do seculo XVII e dos Seiscentistas

No vasto quadro da civilisação moderna, o caracter do seculo XVII é quasi exclusivamente *scientifico*. Venceu o espirito critico da Reforma, rompendo a pesada tradição aristotelica, platonica, pythagorica, averrhoista e alexandrista, que embaraçava a marcha da intelligencia, desvairando os cerebros mais bem organisados, como o de Cardan. No seculo XVII accumulam-se as descobertas no campo da sciencia, sente-se a necessidade das gazetas litterarias e das corporações dos homens instruidos, congregados para o

trabalho. A' medida que as nacionalidades se separam pela falsa ideia do equilibrio europeu, a intelligencia humana sente-se solidaria pela identidade dos processos logicos, pelo interesse commum dos seus novos methodos de observação e de calculo. Desapparece diante da rasão o maravilhoso da edade media; está terminada a época das descobertas aventureiras e começam as invenções por via do raciocinio. Descartes, Neper, Pascal trazem a intelligencia humana ao conhecimento da realidade. Comprehende-se diante d'esta elaboração como o seculo XVII foi o da fundação das Academias. Em Portugal tambem repercutiu essa creação das Academias, mas sem o fervor, nem a seriedade scientifica; como podiamos nós entrar n'essa carreira vertiginosa, se a acção philosophica da Reforma foi abafada em Portugal pela Inquisição, e se os Jesuitas continuaram a fabricar Commentarios aristotelicos para obstar á liberdade da razão? As nossas Academias reproduziram só o que era exterior, e tornaram-se *Tertulias*, segundo o gosto litterario de Hespanha, e com essa feição de convivio que lhe deu a Italia. Por tanto este seculo scientifico, foi para Portugal o seculo da rhetorica e dos declamadores; rhetorico, porque não podendo ter a liberdade intellectual, a palavra servia unicamente de objecto e fim do discurso, contornava-se, virava-se, porque nada havia que dizer. A incapacidade da analyse e da concepção subjectiva conhece-se no falso lyrismo culteranêsco; na predilecção exclusiva pelas epopêas historicas; na decadencia do theatro, porque não existia opinião pública de que fosse orgão; finalmente a época seiscentista e a arcadica, caracterisam-se pelo desconhecimento total da tradição nacional, pela separação entre o escriptor e o povo, e pela inspiração independente dos successos e interesses da vida real. Tal é a causa da inferioridade dos Seiscentistas e das suas aberrações. E' certo que a

corrente erudita da Renascença produziu eguaes estragos nas litteraturas da Europa; mas ôs Marinistas, Gongoristas, Euphuistas, e as divagações do paiz de Tendre passaram como um rapido contagio, e a vitalidade das tradições restabeleceu-se pelas investigações scientificas: a litteratura allemã levantou-se vigorosa no fim do seculo XVIII por ter procurado a verdadeira inspiração nas suas origens. Em Portugal durou para mais de dois seculos este estado em que, sem o calor das tradições, as obras individuaes foram estioladas e pêcas. Passemos de alto e rapidamente sobre estas duas épocas, como as aves por sob as alagoas mortiferas.

Estado da lingua e da philologia

Estavamos sob o dominio hespanhol não só em politica como em litteratura; a lingua portugueza, como sabemos por uma declaração de Galhegos, que se defende de ter escripto na lingua patria, era considerada pelas classes elevadas como propria para ser fallada nas praças e pelo vulgo rude; a lingua hespanhola era uma linguagem de distincção e propria para as locubrações litterarias. Partindo d'esta falsa ideia, era impossivel estabelecer-se a minima relação entre o escriptor e o povo, e por fórma nenhuma os poetas se lembrariam de procurar a sua inspiração nas tradições nacionaes. Na primeira metade do seculo XVII é quando os grandes genios da litteratura hespanhola se revelam, como Cervantes, Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderon, Gongora, Alarcon e outros tantos; as suas obras tiveram muitas vezes primeiras edições em Portugal. Quem organisasse os annaes da imprensa em Portugal n'este periodo, veria que tres quartas partes das obras publicadas foram em castelhano. Os escriptores portuguezes viviam na intimidade d'esses gran-

des genios, dos quaes alguns visitaram tambem Portugal. Assim tudo concorria a desnaturar a lingua e a litteratura. Os proprios philólogos, que, pela excessiva educação grammatical dos Jesuitas, se occuparam d'esta ordem de problemas, para comprehenderem a lingua portugueza tinham sempre de comparal-a com o castelhano. Assim, a philologia portugueza apresenta n'esta época dois caracteres: aquelles que repetem todos os factos já observados por Fernão de Oliveira e João de Barros sem avançarem uma idéa nova ou rasoavel; e os que fazem divagações rhetoricas sobre as qualidades da lingua portugueza. Vejamos cada um d'estes grupos separadamente. Em 1631, Alvaro Ferreira de Vera publíca uma *Orthographia e modo para escrever certo na lingua portugueza;* confundia-se geralmente com o acto material da transcripção da palavra, os factos organicos dos sons e das fórmas da lingua. N'este trabalho de Ferreira de Vera, apenas se encontra um facto importante não pela sua solução mas por ser necessario propôl-o: é a incerteza da formação do plural dos nomes acabados em *ão.* Ainda hoje os nossos grammaticos não deram uma regra racional para esta formação, porque a não derivam da historia da lingua. Alvaro Ferreira de Vera resolve o problema submettendo a lingua portugueza á castelhana: «E porque no formar dos pluraes dos nomes, cujos singulares são em *ão,* se embaraçam muitos sem saberem se hão de pronunciar e escrever *cidadães, cidadões* ou *cidadãos; villães, villões* ou *villãos, cortezães, cortezões* ou *cortezãos,* farei aqui regra geral pera esta pronunciação e escriptura: Todas as vezes que na lingua portugueza acabar qualquer nome em *ão,* avendo duvida na fórma do plural *veja-se como se termina na lingua castelhana,* porque se acaba em *an,* faz o plural (acerca dos Castelhanos) em *anes,* como: *capitan, capitanes, gavilan, gavilanes, alleman, allemanes.* E

assi fórma sempre sem exeição alguma o Portuguez o singular em *ão* e o plural em *ães,* como de *capitão, capitães, gavião, gaviães, allemão, allemães.* Mas se acerca dos Castelhanos o singular, que os Portuguezes acabam em *ão,* elles formam em *ano,* como *villano, ciudadano, aldeano,* de que elles formam o seu plural em *anos,* o nosso plural será em *ãos;* e assi como elles dizem, *villano, villanos, ciudadano, ciudadanos, aldeanos,* diremos nós *cidadãos, aldeãos, villãos.* E se o sigular acerca dos mesmos Castelhanos for em *on,* será o nosso plural em *ões,* como: *sermon, opinion, coraçon,* que dizem, *sermones, opiniones, coraçones;* diremos nós, *sermão, sermões, coração, corações, opinião, opiniões.* Porque n'isto e em outras cousas que por brevidade deixo, tem respeito e correspondencia a lingua portugueza e castelhana. Porém, se os vocabulos em *ão* são meros portuguezes ou communs a outras linguas e os não ha em castelhano, sempre se acabará a voz do plural em *ões,* como *patacão, patacões, tecelão, tecelões.* Porque tem n'isto respeito ao antigo, que as palavras que agora acabam em *ão* acabavam todas em *om.* E pelo costume, (que n'isto sempre hemos de seguir) ficaram fóra da dita regra *tabeliães, escrivães,* que pela dita analogia houveram de fazer *tabelliões, escrivões;* e tambem ficam fóra da dita regra indifferentes, como *cidadão, cidadões, villão, villões.*» (1)

A impossibilidade de se elevar ao criterio historico da lingua portugueza é que fazia procurar estas explicações em uma lingua, que obedeceu tanto como a portugueza á degenaração phonetica latina; pela etymologia historica se vê que os suffixos latinos em *anus* degeneram em *ãos,* os suffixos em *anes,* dão *ães,* e os suffixos em *ones,* dão *ões,* conservando-se porém a fórma hespanhola mais proxima do latim. A regra geral

(1) *Ob. cit.,* fl. 25 *v.*

proposta por Ferreira de Vera só serve para nos descobrir a grande vulgarisação do castelhano em Portugal no seculo XVII. O Padre Bento Pereira, em 1655, «renovando a memoria dos annos que professou letras humanas» compoz um *Florilegio dos modos de fallar e Adagios da Lingua portugueza,* no qual traz uma *Prosopopêa del Idioma portuguez a su hermana la lengua castellana,* em que ridiculariza os philólogos portuguezes que derivam a lingua patria das sessenta e duas falladas na confusão da torre do Babel, e propõe a derivação tanto do hespanhol como do portuguez do latim. Depois de mostrar a communicação que tinhamos com a litteratura hespanhola pelo theatro, pelas coplas e villancicos, organisa um glossario das palavras identicas entre as duas linguas, mas sem um fim scientifico, e quando muito com o caracter de guia de conversação. João Franco Barreto escreve tambem em 1671 a sua *Ortographia da Lingua portugueza,* pobremente calcada sobre o opusculo de Vera, apenas com mais dislates sobre a origem da linguagem, chegando quasi a copial-o na regra da formação dos pluraes dos nomes acabados em *ão.* (1) Sobre o uso dos accentos e o perigo da amphibologia, levanta essa ridicula questão dos litteratos do seculo XVII que se encarniçaram para determinar a hora em que Camões suscitou o sonho de Dom Manoel, nos *Lusiadas.* (2) Se estes philólogos não foram além de Oliveira, nem de Barros, os declamadores sobre a lingua portugueza repizaram as phrases banaes de Pedro de Magalhães Gandavo, no *Dialogo em defensão da lingua portugueza,* ou de Fernão Alvares d'Oriente, na *Lusitania transformada.* (liv. II, prosa 6.) Os philólogos tornaram-se rhetoricos, e contentaram-se com repetir louvores da lingua por-

(1) *Ob. cit.* p. 192.
(2) *Ibid.*, p. 207.

tugueza. Declama Francisco Rodrigues Lobo: «A lingua portugueza assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras é lingua excellente... E' branda para deleitar, grave para encarecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura... Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana. etc.» (1) De que lingua se não poderá dizer isto mesmo, e com eguaes fundamentos? Transcrevemos estas phrases como typo seguido por todos os outros philólogos; assim Manoel Severim de Faria, no *Discurso das partes que hade haver na linguagem para ser perfeita; e como a Portugueza as tem todas e algumas com eminencia de outras linguas,* estabelece os seguintes topicos para avaliar a perfeição de uma lingua: «ser copiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que falla, e que seja apta para os estylos.» E em seguida exemplifica estas categorias com observações tiradas da lingua portugueza, que nada tem de caracteristico e que todas as linguas fornecem. A fórma desconnexa e casuistica da sua exposição é a prova da decadencia dos estudos humanistas sob a direcção jesuitica. Os *Breves louvores da Lingua portugueza com notaveis exemplos da muita semelhança que tem com a Latina,* por Alvaro Ferreira de Vera, são o documento palpavel d'essa erudição abstracta e tradicional dos rhetoricos; como todos os outros philólogos, que seguem este espirito declamador, contenta-se em reproduzir essa habilidade escholastica dos versos que se pódem conjunctamente lêr em latim e portuguez, e que nada provam: são os versos de um religioso a Santa Ursula;

(1) *Côrte na Aldéa*, Dial. I, p. 9.

o Soneto de Joséph Barroso de Almeida em louvor do Commentador portuguez das *Georgicas* de Virgilio; os versos de D. Miguel da Silva em louvor de Portugal; e os versos de um curioso a Roma e Belem. Por fim, Ferreira de Vera conclue: «que não ha em Europa lingua (tomada nos termos em que hoje a vemos) mais digna de ser estimada para historia que a Portugueza: pois ella entre as mais he a que em menos palavras descobre móres conceitos, e a que com menos rodeios e mais graves termos dá no ponto da verdade.» E remata sobre o amor que os verdadeiros portuguezes devem á sua lingua: «Porque por elles sós se póde dizer que tem a melhor e mais ditosa lingua (excepta a latina) de todo o universo: etc.» Antonio de Sousa Macedo, nas *Flores de España,* trata das excellencias da lingua portugueza, arrastando as formaes amplificações de Severim de Faria. Que mais se podia vêr sob a férula alvaristica? Não bastava a atrophia produzida pela *Grammatica* latina do Padre Manoel Alvares, senão que á sombra d'ella dominavam no ensino os *Cartapacios,* os *Chôrros* e os *Promptuarios* absurdos, que Verney stigmatisa: «Sei que em muitas partes onde se explica a *Grammatica* de Manoel Alvares, tambem lhe acrecentam algum livrinho; mas tantos como em Portugal nunca vi. As declinações dos nomes e verbos, estudam pela *Grammatica* latina; a esta se segue um *Cartapacio* portuguez de rudimentos; depois outro para generos e preteritos muito bem comprido; a este um de synthaxe bem grande, (por José Soares; Lisboa, 1684, 4.º) depois um livro a que chamam *Chôrro,* e outro a que chamam *Promptuario,* pelo qual se aprendem os scholios dos nomes e verbos; e não sei que mais livro ha.» (1) O vicio capital do ensino do latim é que influiu no modo de estudar a lingua portugueza

(1) Verney, *Verdadeiro Methodo de estudar,* Carta I.

empregado por Severim de Faria, Ferreira de Vera, Lobo e Macedo. As doutrinas do Padre Alvares foram submettidas por Sanchez na sua *Minerva* á subserviencia rhetorica; todos os factos grammaticaes se explicavam pela figura *ellipse*, e portanto por uma amplificação; o emprego de determinados casos, as regras da concordancia, e as de regencia tinham um certo numero de *ellipses* que se preenchiam com dadas redundancias, que tornaram a syntaxe uma cousa mechanica e sem progresso.

Tentativa de reforma dos Estudos philologicos

Em quanto o methodo alvaristico, e a syntaxe rhetorica de Sanchez dominavam absolutamente os estudos humanistas, já as ideias de Bacon sobre a *Grammatica* geral se disseminavam pela Europa á espera do dia em que a intelligencia readquirisse a direcção dos seus processos racionaes. Bacon avança as seguintes phrases, que encerram uma das maiores descobertas realisadas pelo nosso seculo: «Em verdade seria obra preciosa aquella em que um homem que conhecesse perfeitamente o maior numero possivel de linguas scientificas e vulgares, tratasse das propriedades de cada uma, mostrando os defeitos de cada qual.... Basta-me distinguir a Grammatica simples e elementar da philosophica, e notar que esta, que ainda está por nascer, he digna da nossa attenção.» Em Portugal já em 1619 publicava Amaro de Roboredo o seu *Methodo grammatical para todas as linguas*, cujas doutrinas se derivam ou são um presentimento das theorias de Bacon. Roboredo quer que se estude primeiro o portuguez para melhor ter a intelligencia da lingua latina: «Pera o que fôra de muita importancia crear-se uma cadeira da lingua materna, ao menos nas

côrtes e Universidades... Saberão os principiantes per Arte em poucos annos e melhor a lingua materna, que sem Arte mal sabem per muitos annos, com pouca certeza, a poder de muito ouvir e repetir... e serão mais certos e apontados no que fallam e escrevem; terão mais copia de palavras e usarão d'ellas com mais propriedade. Porque, por falta de regras, ainda nas côrtes e Universidades se fallam e escrevem palavras necessitadas de emenda. Saberão per regras de compôr e derivar, ampliar a lingua materna e ajuntar-lhe palavras externas com soffrivel corrupção, e formar outras de novo; para que com menos rodeios se possam explicar os conceitos e as sciencias, quando nas maternas se queiram explicar. Porque a pobreza das maternas na traducção de livros gregos e latinos e na declaração de especulações philosophicas se manifesta. Saberão fugir de palavras externas ainda não recebidas, quando têm proprias, por não mostrarem que a lingua é mais pobre...

«O principiante que passar por este Methodo para as outras linguas, tem meio caminho andado... Como por exemplo: quem souber bem per Arte a Portugueza ou Castelhana, descorrendo na Latina per semelhança, irá descubrindo um concerto, propriedade e metaphora racional, e ainda as irregularidades e particulares modos de fallar, que o ignorante vulgo introduziu: os quaes são certas quebras da arte, que sendo mui arreigadas devemos usar. A razão é, que os Latinos eram homens com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento e lingua a declarar o que sentimos: e ainda que as palavras sejam diversas, assi cada uma per si, como muitas juntas, na razão da phrase, comtudo, a união racional d'ellas em todos é a mesma.» Amaro de Roboredo era capaz de realisar a nossa reforma da philologia, mas, segundo

o grammatico Moura as suas reflexões foram «tão attendidas como os vaticinios de Cassandra.» (1)

A traducção da Biblia pelo Padre João Ferreira de Almeida

E' esta traducção o maior e mais importante documento para se estudar o estado da lingua portugueza no seculo XVII; o Padre João Ferreira de Almeida, ministro prégador do Evangelho em Batavia, pela sua longa residencia no estrangeiro escapou incolume á rhetorica dos seiscentistas; a sua origem popular e a communicação com o povo levaram-no a empregar fórmas vulgares que nenhum escriptor cultista do seu tempo ousaria escrever. Muitas vezes o esquecimento das palavras usuaes portuguezas leva-o a recordar-se de termos equivalentes, e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulario. Alem d'isso a traducção completa da *Biblia* presta-se a um severo estudo comparativo com as traducções do seculo XIV, publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura, e com a traducção do Padre Antonio Pereira, do seculo XVIII. E' um magnifico monumento litterario, e como tal transcrevemos o Apologo das arvores que queriam um rei:

«Foram uma vez as arvores a ungir rey sobre si: e disseram á oliveira: Reyna tu sobre nós outros.

«Porem a oliveira lhes disse: Deixaria eu minha gordura, que Deos e os homens em mi prezam? e iria a labutar sobre as arvores?

«Então disseram as arvores á figueira: Vem tu, e reyna sobre nós outros.

«Porem a figueira lhes disse: Deixaria eu minha

(1) *Monumentos da Lingua latina*, p. 354.

doçura e meu bom fruito? e iria a labutar sobre as arvores?

«Então disseram, as arvores á videira: Vem tu, e reina sobre nós outros.

«Porem a videira lhes disse: Deixaria eu meu mosto, que alegra a Deos e a os homens? e iria labutar sobre as arvores?

«Então todas as arvores disseram a o espinhal: Vem tu, e reina sobre nós.

«E disse o espinhal a as arvores: Se em verdade me ungís por rey sobre vós outros, vinde e confiae-vos debaixo de minha sombra; mas senão, fogo saia do espinhal, que consumma os cedros do Libano.» (1)

Com a perda da nacionalidade portugueza as nossas colonias passaram tambem para o dominio extranho; esta circumstancia actuou bastante para que a lingua portugueza se desdobrasse no dialecto mercantil de Ceylão, mais conhecido pelo nome de *Indo-portuguez.*

«Sabe-se que os portuguezes foram os primeiros europeus que fundaram estabelecimentos na India. Esta nação não se deu ao trabalho de apprender as suas linguas, e por isso, até certo ponto forçou os naturaes a apprenderem a sua. Os descendentes dos primeiros Indios submettidos pelos portuguezes, Christãos ou outros, sabem geralmente o portuguez. Elle espalhou-se com os descobridores ao largo das duas costas; e como a maior parte dos creados dos Francezes, Inglezes, Hollandezes, Dinamarquezes descendem d'esses primeiros indianos ou dos escravos abyssinios dos portuguezes, os estrangeiros ao chegarem á India, acham-se na necessidade de apprenderem o portuguez. Por consequencia os mercadores hindus, mouros, arabes, persas, parsis, judeus, armenios, que traficam nas feito-

(1) *Juizes*, cap. IX, 8-15.

rias europêas, bem como os negros que querem exercer o mister de interpretes, são obrigados a falar esta lingua; ella serve tambem de communicação entre as nações europêas estabelecidas na India. Mas é preciso que seja o portuguez puro, chamado na India o *Portuguez reinol*. O que costuma escrever-se aproxima-se mais d'elle, sobretudo na Costa Malabar, aonde esta nação teve numerosas feitorias. O portuguez fallado, não é propriamente mais do que uma giria, consistindo em cento e cincoenta ou duzentas palavras, quasi sem construcção.

«Nas nossas feitorias os negocios são geralmente tratados com os naturaes e mesmo com as outras nações europêas por meio da giria portugueza, de que acabo de fallar;» etc. (1)

(1) Anquetil Du Perron, *Recherches historiques et geographiques sur l'Inde*, p. xii.

CAPITULO XVII

O culteranismo na Poesia portugueza

Superioridade do lyrismo de Francisco Rodrigues Lobo, devida ao elemento tradicional das *Serranilhas*.—Dom Francisco Manoel de Mello, nas *Segundas trez Musas*, estuda a antiga poesia portugueza; como a tradição poetica o desvia do culteranismo.—Fundação da *Academia dos Generosos:* catalogo dos socios.—*Academia dos Singulares*, e a decadencia da poesia e do gosto litterario.—Poesia mystico-amorosa: Frei Antonio das Chagas, Soror Violante do Céo, Bernarda Ferreira de Lacerda. Os Poetas da *Phenix Renascida*, e os caracteres do culteranismo.—As Epopêas historicas: elemento tradicional das epopêas do seculo XVII; elemento historico das epopêas cultistas.—Falsa comprehensão da epopêa. Os Tassistas.—Os Pateos das Comedias, e os Autos, as Tragicomedias dos Jesuitas, os Autos hieraticos e as Comedias de Capa e espada.

As lyricas de Francisco Rodrigues Lobo

A poesia do seculo XVII não se esqueceu repentinamente da tradição; nos versos de Francisco Rodrigues Lobo, que se resentem já da exuberancia de imagens e do abuso de epithetos, resultantes de uma má comprehensão da poesia castelhana, ha ainda esse espirito quinhentista, de quem estudou bastante Camões, e ao mesmo tempo soube conhecer quanto ha de bello na poesia popular. As relações do seu estylo com o de Camões, levaram Faria e Sousa a suppôr que este poeta roubara o manuscripto do *Parnaso* de Camões, mas sem fundamento algum: «Al tiempo que empecé a estudiar, que fué a los años de 1600, y los onze de mi edad, me cogió este libro un mozo, que luego se fué a estudiar en Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó un libro intitulado *Primavera,* que consta de pro-

sas y versos, y siempre me pareció que en el avia algunas cosas de las que estavan en aquel libro. Mas porque yo no vi este de Lobo, luego quando salió, tiempo en que de esse otro teria algo en la memoria, sino mucho despues, quando ya no la tenia d'el, no pude assegurarme bien: pero imagino que unas Otavas que alli tiene Lobo, luego al principio, a que llama la historia de Sileno estaban en aquel libro; y tambien unas coplillas que estan antes d'ella; y tambien una Cancion, que se vê a la entrada da Floresta sexta.» A suspeita de Faria tem apenas uma verdade que elle transtorna; é que depois de Camões, e na pleiada do seculo XVII, Rodrigues Lobo é o lyrico mais completo e apaixonado. Tendo-se investigado constantemente em 1616 por Diogo Fernandes, e depois por Dom Antonio Alvares da Cunha e pelo proprio Faria e Sousa, os ineditos de Camões, nunca appareceram obras manuscriptas que já estivessem publicadas em nome de Rodrigues Lobo. Um ou outro *mote*, se encontra commum a Camões e a Lobo, como este: *Sem vós e com meu cuidado;* mas acha-se glosado diversamente pelos dois. Rodrigues Lobo teve o extraordinario senso artistico de exprimir os seus sentimentos na poesia das *Serranilhas,* que ainda se repetia tradicionalmente na provincia:

> Levantaram logo
> Aquelle outro canto
> Que ao som do rabil
> Cantam os *serranos*, etc. (1)

N'este genero é realmente inimitavel; a tradição communica-lhe o seu vigor, e o poeta eleva-se á verdade da arte como um espirito da pleiada de Bernar-

(1) *Desenganado*, p. 323.

dim Ribeiro, de Christovam Falcão ou Camões. Elle chama-lho *Endechas,* segundo a designação antiga:

Quem poz seu cuidado
Em pastora loura,
Não veja a lavoura,
Nem sirva o arado.
Nem já mais se empregue
Em lavrar abrolhos;
Semêe em seus olhos,
E em seus olhos cegue.
. . . .
Se em monte ou ribeira
Cria enxame bravo,
Dê-lhe doce favo
Da crésta primeira,
Pardos rouxinoes,
Ledos passarinhos
Lhe traga em seus ninhos
Quando vem dos bois.
Em quanto a manada
Anda apascentando,
Lhe lavre cantando
A a ciprontada. etc. (1)

Nos cantos populares da *Freira arrependida* encontra-se a mesma fórma estrophica usada n'este genero de *Serranilhas* por Lobo:

Uma fermosa serrana
Que do cimo d'esta serra
Faz a todo o valle guerra
Com seus olhos;

A quem serve de giolhos
Amor já como vencido,
Porque vá n'elles perdido
Seu poder,

(1) *Primavera*, p. 240.

*

Uma festa de prazer
Deceo ao nosso logar,
Sicais para o cativar
De seus amores.

Juntaram-se os guardadores
Por vêr sua formosura,
E alli me trouxe a ventura
Aquelle dia.

Chamava-se ella *Luzia*... (1)

Tocámos a realidade que inspirava Francisco Rodrigues Lobo: «quanto tinha cantado nas ribeiras de Liz e Lena, nos loucos amores da aia ou dama do palacio do Duque de Caminha, em Leiria...» (2) Nas folhas volantes do seculo XVII é este o genero que predomina, como o que estava mais no gosto que era alheio ou ignorava os absurdos das academias; as Cantigas da *Menina formosa* foram bastantes vezes desenvolvidas em dialogo:

Menina fermosa
dizei de que vem
que sejaes irosa
a quem vos quer bem?
Porque se concerta
rosto e condição,
pois daes galardam
a pena mais certa.

E' este mesmo lyrismo o que apparece na Cantiga de Abel no *Auto do Dia de Juizo*, do principio do seculo XVII:

Doloroso gado
De tanto primôr,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.

(1) *Pastor peregrino*, p. 140.
(2) *Mem. do Bispo do Gram Pará*, p. 124.

Lembrae-vos cordeiros
De minha tristura,
Ovelhas, carneiros
Que pastaes verdura...

Nos romances e cantigas com que se celebrou a beatificação de S. Francisco Xavier, em 1620, acha-se ainda esse estylo da endecha popular, que se perde na litteratura portugueza e só torna a reapparecer na *Modinha* do seculo XVIII introduzida por Antonio José, que a trouxe do Brazil, aonde a *Sarranilha* se conservara tradicionalmente.

Com um raro tino poetico, Rodrigues Lobo imita as fórmas da poetica italiana; a sua linguagem não procura na imagem um meio de illudir a falta de ideia, mas deslumbra-se com ella, e sacrifica-lhe a sua naturalidade, porque não queria ficar inferior aos poetas castelhanos. As suas *Eclogas*, de 1605, passam por ser a sua melhor obra; mas é certo que nas redondilhas é que se descobre a verdadeira fonte tradicional da sua inspiração. A posição de inferioridade em que viveu em Leiria nos paços do Duque de Caminha não deixa que os seus versos tenham essa nobre audacia de Camões, quando galantêa com redondilhas as damas do paço. Rodrigues Lobo, o infeliz Lereno pastoral, recebeu a tradição poetica em Coimbra, aonde frequentara os estudos da Universidade, mas a vida de provincia esterelisou-o. Por fim seguiu a influencia hespanhola no romance allegorico-subjectivo, imitou o gosto mourisco dos romances de Gongora, e cantou a visita a Portugal do Philippe III. Esta falta de individualidade e de consciencia de uma missão litteraria explica-nos talvez o pouco que se sabe da sua vida, que em relação ao seu talento deveria ter provocado mais interesse. A sua morte é tambem obscura; o padre Manoel da Esperança, diz que morreu afogado no Tejo; o mesmo repete o Bispo de Grão Pará: «Mor-

reu afogado no Tejo, e foi enterrado em Sam Francisco da Cidade, na capella dos Queimados.» Na *Phenix renascida* vem um Soneto á sua morte por Dom Thomaz de Noronha:

> Desencache-se o céo de polo a polo,
> A douda Venus morra, e seu cachôpo;
> Emfim pereça tudo quanto topo,
> *Que a Lereno matou o villão Eólo.* (1)

Como o seculo XVII foi de pedantismo erudito, os versos de Rodrigues Lobo ficaram esquecidos diante da alta importancia que se ligou aos dialogos rhetoricos da sua *Côrte na Aldêa,* que era tambem uma imitação de Balthazar Castiglione.

D. Francisco Manoel de Mello

De ordinario a grande individualidade que se affirma inabalavel nos desastres da vida, apresenta nas manifestações do sentimento um caracter de profundidade, que embora não seja a expressão do bello revela uma parte d'essa superioridade complexa chamada genio. D. Francisco Manoel de Mello foi de todos os escriptores do seculo XVII aquelle que mais soffreu d'esse «antigo abuso» de que falla Camões, a arbitrariedade humana; as suas obras resentem-se das aberrações do gosto da sua epoca, e sobretudo d'esse estado moral do homem que vive longos annos solitario em um carcere. Era preciso que tivesse uma organisação bem constituida para não ter cahido na hallucinação, e para ser, apezar de tudo, o melhor lyrico e o melhor historiador do seculo XVII em Portugal. Estas duas feições do escriptor tem uma rasão intima de sêr: como lyrico, D. Francisco Manoel de Mello é dos poucos

(1) *Ob. cit.*, t. v, p. 230.

poetas que conheceram as tradições populares e nacionaes; como historiador, elle teve a grande eschola da vida politica, das batalhas, das viagens, das revoltas e dos cativeiros. No seu tempo imperava a rhetorica dos canones abstractos, mas no meio dos desvarios das Tertulias ou Academias, a impressão da realidade trouxe-o sempre para o senso commum. Vejamos o poeta.

Basta perpassar as *Obras metricas* de D. Francisco Manoel de Mello para se conhecer que a superioridade da sua poesia provém de uma fonte desconhecida pelo seu tempo. No bello Auto do *Fidalgo aprendiz,* traz uma scena tão bella como a da *Rubena* de Gil Vicente, na qual cita os principaes recursos da tradição do seculo XVII :

BRITES: Entoay por meu prazer
Qualquer cousa.
GIL: Sem guitarra ?
BELTRÃO: Eil-a! tomae.

(Dá-lhe uma viola; tange como quem quer cantar.)

GIL: Pois que não posso al fazer...
BRITES: Ay que canta e não escarra!
GIL: Ora eil-o, vae:
Passeava-se Silvana
Por um corredor um dia...
BRITES: Ay, senhor, eu não queria
Senão letra castelhana.
GIL: Cantarei algaravia
Se mandais; pois que quereis?
BRITES: Uma letra nova quero.
GIL *(Canta)*: *A caçar va el caballero...*
BRITES: Ay mae! acinte o fazeis?
Por isso eu me desespero.
GIL: Ora estae, que já entendo;
Quereis Romances trovados:
Mis amorosos cuidados
Como se estaran durmendo.

Brites:	Isto foram meus peccados? Vós, cuido, que estaes zombando; Ora dizei.
Gil.	Já me estanco: *Gavião, gavião branco,* *Vae ferido, vae voando...*
Brites:	Hui! pelo passaro manco. Sabeis algum ao divino?
Gil:	Sei.
Brites:	Dizei.
Gil:	Pois é famosa: *Andorinha gloriosa.*
Brites:	Tendes cousas de menino
Gil:	Sou todo amor, minha rosa. (1).

Esta scena é inapreciavel para se conhecer qual era essa parte de litteratura nacional que era desconhecida ou que repugnava ao gosto dos cultistas, e da qual D. Francisco soube comprehender o espirito quando tentou seguir uma nova róta na sua metrificação. No romance XXII da *Cythara de Erato,* traz á maneira aphoristica os versos dos romance mais celebre:

> Perguntad allá en la corte
> por la virtud, y os diran:
> *Si is a Francia el cavallero*
> *por Gayferos perguntad...*

Nas suas Segundas tres *Musas de Melodino,* D. Francisco Manoel de Mello nos explica como e porque meios quiz emancipar-se da subserviencia do estylo e lingua castelhana, e romper com os absurdos dos seiscentistas: «Uma só cousa vos lembro, que me deveis um grande *desejo de ressuscitar o grave estillo de nossos passados.* Não aquelle cuja aspereza já para muitos foi desagradavel, como no antigo *Mena* condemnou o grande Sá; mas aquelle outro, d'onde, como o diamante que reluz por entre os diamantes da luva,

(1) *Segundas trez Musas*, p. 148.

vai scintillando *por entre as phrases naturaes engraçadas e facilissimas*. Se minha tenção fôra allegar-vos serviços, e ainda á patria, bem pudera dizer-vos que *a fim de vos renovar este interesse, da formosa imitação da antiguidade,* passei mil descontos com meu natural, que o prendi e sopeêi, a trôco de seguir aquelles nobres exemplos.» As consequencias d'este esforço para inspirar-se da tradição nacional, são admiraveis, e fazem de D. Francisco Manoel o maior lyrico do seculo XVII. Os seus *Sonetos* pódem-se comparar em melancholia, verdade e delicadeza de expressão aos de Camões; as suas *Eclogas* e *Cartas* em redondilhas tem essa graça ingenua de uma clara comprehensão de Sá de Miranda; o seu *Auto do Fidalgo aprendiz,* que precedeu o *Bourgeois gentilhomme* de Molière, é o melhor producto da eschola nacional fundada por Gil Vicente. Entre os seus *Mottes* acha-se este, tambem glosado por Camões:

> Catarina bem promette,
> Aramá, como ella mente.

Aí mesmo se acha esta outra rubrica: «*Mandou quem podia, que se glossasse ao menino Jesu esta* cantiga vulgar, *na festa do natal:*

> Os vossos olhos, menino
> A vender andam na praça;
> Não ha dinheiro que merque
> Olhos de linda graça.

A phrase: *Mandou quem podia,* é uma allusão a Dom João IV, porque Dom Francisco Manoel dirigelhe umas trovas «*pelo modo antigo:*»

> Rey mui alto e sublimado,
> A quem Deos por seus poderes
> Fez subir;

Lá d'esse throno empinado
Attentae quanto puderes
Por me ouvir.

. . . .
Guardou-vos Deos tantos dias
Encuberto, e da maneira
Que ordenou;
E qual e'o Anjo a Tobias
Comvosco nossa cegueira
Alumiou. etc.

Dom Francisco Manoel de Mello allude aqui ás *Trovas* de Bandarra, que recebiam novos commentarios propheticos entre o povo; mas a fórma estrophica é verdadeiramente uma surpreza no seculo XVII; só apparece pela primeira vez empregada por Gil Moniz no *Cancioneiro geral,* derivada das *Coplas* de Jorge Manrique, que segundo Herr Schak, é de origem arabe. E' por tanto esta fórma poetica inteiramente tradicional. D. Francisco Manoel tornou a empregar este ensaio de renovação nas *Coplas* antigas celebrando as intempestivas cans de uma dama:

Trovas que fez um poeta,
Não por certo dos mais francos
Nos escritos,
A certa dama secreta
Por uns cabellinhos brancos
Furtuítos...

Uma das peças lyricas mais bellas é o *Canto de Babylonia,* em que D. Francisco Manoel paraphrasêa o mesmo psalmo sobre que Camões fez as Redondilhas depois do naufragio na fóz do Mecon; a comprehensão do espirito tradicional leva-o a hombrear com vantagem com Camões:

Sôbolas aguas correntes
De aquelles rios cantados,

Que a Babylonia levados
Com lagrimas dos ausentes
Chegam ricos e cansados;
Uma tarde me assentei
Cheio de dor e fadiga,
E hoje, do que lá passei
Me manda o tempo que diga
Quanto em lagrimas direi.

Espalhei meu triste canto
Pelas desertas areias;
Os olhos foram as vêas,
A musica foi o pranto,
O instrumento as cadeias, etc.

As poesias hespanholas de D. Francisco Manoel revelam uma boa organisação poetica estragada pelo desvario rhetorico dos cultistas hespanhoes; elle procura ensaiar todas as fórmas, como o romance mourisco, as *jacarillas* ou xácaras póstas em moda pelo seu amigo Quevedo de Villegas, os madrigaes italianos, as sylvas academicas, os tonos e villancicos para os quaes os compositores da côrte de D. João IV escreviam a musica, e finalmente os primeiros rudimentos da Opera. A vida de D. Francisco Manoel é um terrivel drama; a grande amisade que lhe tinha Dom João IV tornou-se em um odio profundo, conservando-o prezo durante nove annos na Torre do Castello, sem nunca se ter sabido a causa de tamanho castigo. Nas *Memorias do Bispo do Grão Pará,* explica-se que os amores com a Condessa de Villa Nova e Figueiró foram a causa d'essa vingança, mas sem descer a mais particularidades, que só em alguns Nobiliarios manuscriptos se acham largamente relatadas. Faz realmente pena vêr este fecundo espirito dirigindo as sessões da *Academia dos Generosos,* occupado a fazer obeliscos litterarios e encomios banaes aos insulsos metrificadores que se agrupavam em volta d'elle.

Academia dos Generosos

Dava-se na Italia o nome de Academia a uma reunião de poetas e cantores; foi assim que começou tambem em Portugal a *Academia dos Generosos*, por ventura como effeito do grande desenvolvimento que a musica teve na côrte de Dom João IV, que influiu tambem na poesia pela letra dos *Tonos, Motetes* e *Villancicos*. A *Academia dos Generosos* foi fundada por D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante-mór de Dom João IV, Guarda-mór da Torre do Tombo e um dos solícitos investigadores dos ineditos de Camões. Celebravam-se as Sessões dos *Generosos* em casa de D. Francisco Manoel de Mello, e desde 1647 até 1668 em casa do proprio fundador, aos domingos. Nas obras de D. Francisco Manoel vem algumas das theses que se discutiam n'esse cenaculo rhetorico, e alguns dos discursos que se recitavam. A esta Academia perteceram os mais notaveis espiritos do seculo XVII, mas infelizmente esse meio esterelisou-os. Transcrevemos aqui a lista dos seus socios, que pela primeira vez se reune, e que representa o estado da Academia em 1661:

D. Francisco Manoel de Mello
João Nunes da Cunha
D. Francisco de Azevedo
D. Fradique da Camara
Conde da Torre
Dr. Gaspar de Meri
Antonio de Mello e Castro
Antonio de Sousa Macedo
Francisco Correia de Lacerda
Conde do Sabugal
D. Francisco de Sousa
Manoel da Cunha
Jeronymo Barreto
Pedro Severim
João Rodrigues de Sousa
João de Saldanha
Simão Correia da Silva
D. Francisco de Mello
Alexis Calloto Jantillet
Pedro Garcia de Faria
Carlo Antonio Paggi
Nuno da Cunha Athayde
D. Antonio Alvares da Cunha
Dr. João de Albuquerque
Frei André de Christo
Luiz Serrão Pimentel
Christovam Alão de Moraes
O Marques de Fontes

Conde da Ericeira
Conde de Tarouca, João Gomes da Silva
Fernão Telles de Menezes (2.º Marquez de Alegrete.)
Nuno da Silva
Antonio Telles
Julio de Mello e Castro (Visconde da Asseca)
Henrique de Moura Manoel
Antonio Jacques Baharem
Heitor de Brito Pereira
André Rodrigues de Mattos
Luiz do Couto Felix
Manoel Pimentel
Francisco Mascarenhas Henrique
João Pereira da Silva.

Tal é a lista mais completa dos Socios da *Academia dos Generosos,* como se póde organisar pelos varios encomios das Orações panegyricas. Bastava serem na maior parte aristocratas, para escreverem em hespanhol. As theses discutidas fazem piedade; a linguagem dos seus discursos faz lembrar as decorações de cartão mal collado. Em uma sessão academica D. Francisco Manoel de Mello disserta sobre «*el descontento de algunos Autores quexosos de los princepes por falta de premio.*» E tambem: *Por assumto academico cuya lei era mostrar em pocas estancias como la gloria de los reales Alfonsos pide la pluma de mejores Tassos,* para lisongear o desvairado infante, que depois de rei foi deposto pelo irmão. N'estas condições a poesia tornou-se um artificio insensato, como os annagrammas, os acrosticos, os labyrinthos, os obeliscos e pyramides, que tornaram a litteratura quasi inteiramente disparatada. Por ultimo, para se fazer uma ideia da actividade litteraria dos *Generosos,* basta transcrever as primeiras linhas de um Discurso de D. Francisco Manoel de Mello, intitulado *Triumpho academico:* «Que é isto? Hoje é Domingo? Hoje é o celebre dia do nosso celebrado ajuntamento? Hoje é o dia em que eu devo ostentar alguma generosa Oração ao generoso auditorio de nossos *Generosos?* Sim. Hoje é este dia. Tal é hoje minha obrigação, e maior minha divida; etc.» Por esta linguagem se vê que as reuniões academicas não podiam constar só de discursos, porque se morria; era

preciso que a imitação de Italia fosse mais além, e fizessem d'estes certames um pretexto para encobrir o sybaritismo. Depois da morte de Trinchante-mór, a *Academia dos Generosos* foi renovada por seu filho Dom Luiz da Cunha, tendo depois por secretario o Conde de Villar Mayor.

Academia dos Singulares

D'esta tertulia litteraria escreve D. Francisco Manoel de Mello, na *Visita das Fontes:* «famosa Academia de Lisboa, que se chamou dos *Singulares* por ser a primeira que se celebrou n'esta cidade, á imitação dos *Illuminados, Insensatos, Lyricos* da Italia, em Urbino, Padua, e Roma.» (1) Foi instituida a *Academia dos Singulares* em Outubro de 1663 e celebrava-se em casa de Pedro Duarte Ferrão, Inquiridor das Causas de sua Magestade. O producto das suas reuniões acha-se hoje publicado em cinco volumes, dos quaes, qualquer pagina basta para se formar ideia do miseravel estado de perversão das ideias litterarias. Contentamo-nos com transcrever aqui os nomes dos seus socios, porque alguns d'elles publicaram obras separadas do corpo academico:

Antonio Marques Lesbio (Cantor da Capella real)
Christovam de Mello e Silva
Pedro Duarte Ferrão
Luiz Bulhão
Dr. Henrique do Quental Vieira
Antonio Lopes Cabral (Capellão e cantor da capella real)
Bartholomeu de Faria
Dr. Simão Cardoso Pereira
André Rodrigues de Mattos
João Pereira da Silva
Pedro Valejo
Jeronymo de Faria
Padre João Ayres de Moraes
Antonio Serrão de Castro
Bento Coelho
Dr. Fernando Cabral
João Rodrigues das Neves
Sebastião da Fonseca e Paiva
Manoel Carvalho

(1) *Ob. cit.*, p. 203.

Manoel Luiz da Silva
Vicente d'Avellar
Dr. André Nunes da Silva
José da Cunha
Padre André de Christo
Dr. Francisco Cabral de Almada.
Manoel de Galhegos
João Duarte.

D'entre estes poetas, distinguem-se André Rodrigues de Mattos sua pela traducção da *Jerusalem libertada;* o Dr. André Nunes da Silva pelo poema historico da *Destruição de Hespanha;* Manoel de Galhegos, pela *Gigantomachia,* e *Templo da Memoria.* Ordinariamente as ephemerides do paço eram o unico ideal cantado pelos academicos; alguns monarchas, como em Hespanha, visitavam estas Academias, e era por isso que se tornava uma grande gloria o pertencer ao numero dos seus socios. Filippe IV visitava a celebre Academia poetica de Sebastiano Francisco de Medrano, á qual pertencia Manoel da Silveira, auctor do *Macabeo.* Debalde procurou Manoel de Faria e Sousa entrar como membro da Academia de Medrano, e foi por isso que no seu despeito escreveu contra as Academias, nas *Noches claras:* «Cuantos poetas revientan por ver divulgados sus nombres en letras de molde, ó por menos, tener entrada en las Academias, piensan algunos que tienen mejor silla en el Parnaso; como si acá por fuera nos no diseran sus obras el lugar que les cabe.» A indignação fez achar a Faria e Sousa aquellas verdades que o bom juizo não sabia formular. Esta abundancia de poesias não correspondia a nenhuma necessidade moral do tempo, e é por isso que Faria e Sousa na Parte III da *Fuente de Aganippe,* descobre: «Ya se tienen por escusados libros de rimas por ser tantas; por malas si, que por muchas, a ser buenas, no pudiera ser.» Por fim defende-se de ter escripto a maior parte dos seus versos em castelhano: «algo se verá en portuguez de cada suerte de rima, por no negar a mi lengua, teniendo un justo sentimento de que no me vea

en nuestro reyno para no escrivir en otra: bien que huyen d'ella muchos, que estando en el y escriviendo en la castellana muestran claramente que no saben ninguna. Duelome de que siendo tan parecidas estas dos lenguas no se entienda la portugueza en Castilla.» Os versos que compõem todas as partes da *Fuente de Aganippe,* não se levantam acima de uma rasa mediocridade, apezar de Faria e Sousa ser bastante considerado por Lope de Vega. Esta prolixidade de que Faria se defende era tambem um dos grandes vicios do seculo, motivado pela material educação humanista dos collegios dos Jesuitas.

Poesia mystico-amorosa

As festas religiosas das canonisações, dos òragos, das eleições de geraes e abbadessados, eram o principal objecto da poesia, composta em congressos academicos chamados *Certamens*. O tio de D. João IV, D. Duarte, marquez de Franchilla, e protector de Manoel da Veiga, tambem foi juiz em um Certamen poetico por occasião da canonisação da rainha Santa Isabel, tendo por adjunto Lope de Vega. Quando se soube em Portugal da morte do Infante Dom Duarte, irmão de Dom João IV, que tambem foi poeta e cujas poesias andam em nome do seu secretario João Bautista de Leon, a Universidade de Coimbra celebrou esse desastre por um grande Certame poetico. N'elle tomou parte Braz Garcia de Mascarenhas, com um *Labyrinto,* que mereceu o primeiro premio porque se lia por todos os lados com diversós sentidos. N'esta época predominam os romances sacros; em theologia reinava a doutrina sensual do Quietismo, e por ella recebeu a poesia um caracter amoroso. A paixão de S. Thereza de Jesus, de Sam João da Cruz ou de Frei Luiz de Leão, não podia inspirar os freiraticos, porque já não

tinham crença. Fallando do poeta mystico Frei Antonio das Chagas, diz o Bispo do Grão Pará: «Em Odivellas pregava elle em companhia de Frei Leandro, e n'este mesmo tempo estavam o mestre Frei Ignacio de Athayde e Frei Antonio de Tovar, depois pregador geral. *Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.* Emquanto durava a missão não se fechavam palratorios, como hoje se usa. Por ali pois se passava o tempo.» O mysticismo não podia encontrar uma época mais adequada para as suas elevações e subtilezas como o seculo XVII; os requintes do amor divino eram o thema para as mais conceituosas imagens do gongorismo. O mais notavel de todos estes poetas é Frei Antonio das Chagas, já bem conhecido antes da sua conversão pelo nome de Antonio da Fonseca Soares, e como auctor dos mais desenchabidos romances em assonancia, á moda hespanhola. Esta primeira phase da sua actividade poetica passou-se emquanto seguiu a vida das armas. Um crime de homicidio o obrigou a abandonar a patria e a fugir para a Bahia. Diz o Bispo do Grão Pará: «Este veneravel frade foi muito amigo dos benedictinos entre os quaes esteve retirado, quando matou um homem, no Brazil, sendo soldado.» Passados alguns annos voltou a Portugal, e escapando de um tiro que lhe dispararam em Setubal, accolheu-se á ordem franciscana, aonde professou em 1663. Entre os poemas da sua vida desenvolta, conta-se a *Filis e Demofonte,* em doze cantos, do qual diz Barbosa: «promettia o veneravel padre a quem lh'as désse para as reduzir a cinzas, jejuar ou disciplinar-se um anno por sua tenção.» Com isto concorda o dito do Bispo do Grão Pará: «Depois de religioso, sabendo que no mosteiro de S. Bento da Saude vivia o seu amigo Frei Jeronymo Vahia, e que havia copia de versos seus entre aquelles cujos olhos se deviam tam sómente occupar em versos de David no

côro, quiz rasgal-os, por terem as taes coplas muitas profanidades. Não obteve despacho; gracejaram com elle e metteram-no a bulha.» Apezar da sua penitencia, Frei Antonio das Chagas não deixou de metrificar, e na sua *Vida,* escripta pelo Padre Monoel Godinho, vem Elegias, verdadeiramente estimaveis; aí pinta o habito monastico como a mortalha, a cella como a sepultura, e deprime-se a si proprio comparando-se ao guzano que se esconde no tumulo que vae abrindo. Os desvarios de uma mocidade turbulenta passam-lhe pela imaginação como a nuvem que tolda um céo sereno e aberto; chora como penitente *nas covas dos seus olhos,* e vendo em tudo quanto é da vida real uma tentação, representa o ribeiro que desliza entre flores como um *aspide de prata.* Frei Antonio das Chagas recusou a mitra de Lamego em 1679, e morreu com cheiro de santidade em 20 de Outubro de 1682. Um caracteristico d'esta poesia do ascetismo é a mistura disparatada de elementos picarescos; é por isso que o auctor da *Fabula burlesca de Iphis e Anaxarte* acaba tambem a sua vida no mysticismo: Dom Francisco de Portugal, que sem se lembrar que era da Casa de Vimioso viveu na côrte de Filippe III em Madrid, depois de ter militado na Bahia em 1624, tomou o habito de terceiro franciscano, compondo tambem os *Divinos e humanos versos* em castelhano, cansando mais uma vez essas pobres fórmas do Soneto, Canção, Outava, Sextinas, Mottes e Romances, sem ideia. E que se poderá dizer d'essa conceituosa freira discreta Soror Violante do Céo, nascida em 1601, e que morreu em 1693 com sessenta e tres annos de clausura! O seu ascetismo poetico não passa de obra de relicario; são numerosas as suas composições na totalidade em hespanhol, escriptas para as festas do seu Convento de Nossa Sénhora da Rosa. As *Soledades do Bussaco,* de D. Bernardo Ferreira de Lacerda, são tambem escriptas sob

esse somnambolismo moral de quem perdeu o senso da realidade, e reune palavras meĉhanicamente não para exprimir necessidades do sentimento mas para fazer como os outros. As fórmas lyricas já não bastavam para exprimirem a devoção exterior d'estas pobres almas; pôz-se tambem em verso heroico a vida dos Santos, como a *Vida de S. João Evangelista* por Nuno Barreto Fuzeiro, do qual diz a censura que o auctor se empenhara a mostrar «que em Poesia podia haver formosura sem fabula, melodia sem Musas, maravilha ou admiração sem ficções, sem Polifemos, sem Circes, sem Medeas, sem Calipsos, sem redes de Vulcano, sem furia de Orestes.» E por fim julgam-no a par de Camões, por que é: «tão corrente a historia *como se fosse em solta prosa,* qualidade sempre desejada na poesia, conseguida do grande Camões no nosso idioma, e segunda vez do Auctor.» Quando o senso critico chega a esta depravação, não admira que as obras litterarias desçam até ao absurdo.

O poema sobre *Sam Thomaz,* por Manoel Thomaz, sobre *Sam Thomé,* por Bernardo Rodrigues o Mocho, a vida de *Santo Antonio* e dos *Martyres de Marrocos,* por Francisco Lopes, fixam-nos qual a direcção desvairada do ideal artistico, que nem mesmo os grandes assumptos poderam levantar, como se vê n'esse insulso poema dos *Novissimos do Homem,* de D. Francisco Child Rolim de Moura, do qual o bom Costa e Silva, diz: «o theologo suffoca o poeta, e a devoção apaga a invenção, e que nem o estylo, nem a versificação corresponde á grandeza do assumpto.» Quando uma época desce a esta atonia intellectual, é porque o organismo social soffre profundas perturbações no equilibrio das forças dynamicas, sacrificadas áquillo que, por isso que é de sua natureza statico, não precisa de conservação artificial dada pela auctoridade politica.

*

Os poetas da Phenix Renascida

Sob o nome de *Phenix Renascida,* o livreiro Mathias Pereira da Sylva recolheu, no principio do seculo XVII, uma collecção de poesias Seiscentistas de diversos manuscriptos que corriam por mãos de curiosos: «Não pouco trabalho me custou a pôl-as em limpo, para o que me foi necessario vêr e conferir muitos traslados, porque a grande variedade que d'elles se tem feito foi a causa de não andarem todos do mesmo modo, padecendo alguns diminuição, outros misturando intoleraveis alterações.» Por esta declaração se conhece que as poesias dos cinco volumes da *Phenix* eram as mais apreciadas no seculo XVII. N'esta mesma collecção se encontra a Satyra do culteranismo:

Do quarto globo a gema nunca avara,
Que tem por casca o céo, nuvens por clara,
Nunca ninguem tal disse,
Não vi mais descançada parvoice!
Grande cousa é ser *Culto,*
Fingir chimeras e fallar a vulto.
　　Mas sempre ouvi dizer d'esta poesia,
Que vestido de imagem parecia,
Pois quando vemos o que dentro encobre,
Quatro páos carunchosos nos descobre.
Faça-lhe a *culturana*
Muy bom proveito á lingua castelhana.
　　Que a phrase portugueza por sezuda,
Por prezada e por grave não se muda.
Não se occulta entre *cultas* ignorancias,
Pois toda é cultivada de elegancias.
Mas porque me não digas, culto amigo,
Que do ovo a metaphora não sigo... etc. (1)

Notaveis traços investiga um *Culto*
Para poder fazer versos de vulto.

(1) *Phenix,* t. v, p. 53.

Triste *culturanía !*
Não he melhor dizer que o sol nascia? (1)

Um poeta dos que melhor caracterisa a *Phenix,* é o amigo de Frei Antonio das Chagas, o estólido Frei Jeronimo Vahia, que compoz o celebre Soneto ao *Girasol,* que começa:

Amante girasol, aguia das flores,
Que com vista de bronze em olhos de ouro,
Contas no louro Deos o Deos do louro,
Eguaes a suas luzes, seus ardores, etc.

Não bastava accumular metaphoras sobre metaphoras, senão que o sentimento da poesia do povo estava ignorado, e a linguagem nacional só era considerada como giria burlesca. Vahia glosa uma cantiga, tambem glosada por Camões, e que começa: *Esconjuro-te Domingas,* da seguinte fórma, parodiando a linguagem usual:

Magina o meu *coraçom,*
Vendo-te tão bella e dura,
Que és *anja* na fermosura,
Diabro na *condiçom:*
Cresce em mim tua affeiçam,
Mas tu no meu amor *mingas,*
Quero-te bem, tu respingas;
Fallo, *num* respondes nada,
Pois se estás endiabrada
Esconjure-te, Domingas, etc.

Era assim que se comprehendia o estylo e linguagem popular; não admira que a poesia lyrica descesse tão baixo. De que servia glosar a cada passo os versos de Camões, se faltava o conhecimento das fontes poeticas de que se inspirou o grande lyrico? No se-

(1) *Ib.*, p. 40.

culo XVII deu-se o grande facto da restauração da nacionalidade portugueza, e a lucta da fronteira contra a tentativa da reconquista hespanhola; se houvesse espirito nacional, isto bastava para levantar o ideal e produzir obras primas. Nos versos da *Phenix* acham-se algumas Sylvas a varias victorias campaes, mas essas batalhas eram patrocinadas pelos santos, e o espirito patriotico revelava-se cantando Dom Affonso VI por ter mandado alistar Santo Antonio por soldado:

> Pois que? com tal valentia
> Não vencerá Portugal,
> Quando tem soldado tal,
> E mais em tal companhia?
> Castella, de medo fria,
> Tema tão grande invasão,
> Que não pode escapar, não,
> Empenhando Antonio o braço,
> Nem soldado do seu laço,
> Nem praça do seu cordão. etc. (1)

A falta de ideal levava fatalmente os poetas para o estylo *picaresco,* que não respeita nem os Cantos de devoção, nem as Sylvas ás victorias portuguezas. A' imitação de Gongora, tambem o soprado rhetorico Jacintho Freire de Andrade escreveu uma *Fabula de Narciso,* (2) que explica pelo gosto do poeta o caracter do historiador. O poeta picaresco Diogo de Sousa, ou Camacho, na sua *Jornada ás Côrtes do Parnaso,* chega até á obscenidade. Para elle a tradição litteraria quinhentista que ainda animou Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel, é um pretexto de escarneo:

> Um *Luiz de Camões, poeta torto.*
> Que era em cousas de mar este mui visto,
> E já comera muita marmelada
> Desde o polo de antarctico a Calisto...

(1) *Phenix,* t. I, p. 369.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 274.

No fim da companhia tão lustrosa
Um *Francisco de Sá*, apparecia
Poeta até o embigo, os baixos prosa.

No *Hospital das Letras,* D. Francisco Manoel, ao fallar de Sá de Miranda, protesta: «E' este por quem disse Diogo de Souza, no seu *Parnaso:* Poeta até o embigo, os baixos prosa.—Essa foi uma travessura de um bargante, que não embargante, maldito o mal que lhe tem feito.» (1) Tal era o estado em que se achava a tradição nacional e litteraria. Na *Jornada ás Côrtes do Parnaso,* Camacho escreve pela primeira vez no estylo macarronico, que o seculo XVIII desenvolveu até ao fastio; transcrevemol-o para que se vêja como da aberração seiscentista até ás *Arcadias,* não houve solução de continuidade:

Siquidem es tam sapiens et tam sengus
Et est tuus versus bene numeratus,
Esto solus poeta burdalengus.
Et ut sis semper mihi, et Musis gratus,
Mendicabis, ut *picarus*, vel quasi,
Et sic esto Poeta laureatus.
Vade in pace, mangás: datum Parnasi. (2)

Mesmo n'esta decadencia do gosto e na predilecção do estylo picaresco, a Hespanha teve grandeza; Quevedo de Villegas por si bastava para accentuar uma época litteraria.

As Epopêas historicas.—Os Tassistas.

a) Elemento tradicional das Epopêas do seculo XVII. —As nações que têm menos origens tradicionaes, são as que apresentam mais epopêas litterarias e indivi-

(1) *Apologos dialogaes*, p. 313.
(2) *Phenix*, t. v, p. 37.

duaes. Dá-se isto com Roma, e principalmente com Portugal; são duas nações historicas, em que a rhetorica suppria a falta do facto da elaboração nacional. Virgilio e Camões distinguem-se entre todos os épicos dos processos aristotelicos, por terem tido o raro senso artistico de agruparem em volta de um successo historico todos os elementos lendarios que poderam recolher; e assim como apoz Virgilio vem essa phalange dos poetas-chronistas, em volta de Camões desenvolve-se uma actividade mechanica em que para se ser poeta épico bastava pôr a historia em verso. No seculo XVII nem já o romance de redondilhas cantado pelo povo era conhecido. A monomania dos *Valentones*, que distinguira a fidalguia, passára tambem para as classes infimas; e no seculo XVII os mulatos de D. Affonso VI espancavam e assassinavam de noite com a maxima soltura. N'estas condições os *Romances de Guapos*, compostos nos reinados deprimentes de Carlos II e de Filippe V, compostos em Sevilha, eram o que mais se lia em Portugal; ainda hoje abundam nas nossas Bibliothecas essas folhas volantes. O cyclo dos *Romances de Guapos* em Hespanha era uma especie de *faulse geste*, como vêmos na epopêa franceza, que celebrava os traidores e a rebeldia pelo seu lado poetico. Nas façanhas dos *Guapos* ha o mesmo instincto, mas a resistencia dá-se contra os fiscaes das barreiras, contra a arbitrariedade da administração dos Alcaldes e Corregedores; como os Hardré, Fromond, Aloris, ou Lanson, da *faulse geste*, esses typos épicos acham-se moldados em uma sociedade sob o despotismo monarchico nas accentuadas figuras de Francisco Esteban, D. Salvador Bastante, Agustin Florencio, e tantos outros, que deram motivo a series de romances novos. Tal era o estado do antigo Romance tradicional da Peninsula. Como é que os cultistas que desprezavam o povo, saberiam inspirar-se das suas

tradições, quando, se tivessem conhecimento d'ellas, era só pela fórma degenerada dos *Romances de Guapos?* Era-lhes por isso mais facil procurar elementos historicos para as suas epopêas, e pôr em pratica com toda a severidade as regras de Aristoteles, para julgarem ter creado uma obra eterna.

b) **O elemento historico das Epopêas cultistas.**— A fonte historica que os épicos do seculo XVII mais consultaram foi Frei Bernardo de Brito, na *Monarchia lusitana;* ali achavam as fabulas de *Ulysses* ligadas ás origens ethnologicas da nossa nacionalidade, ali as aventuras de Viriato, e os costumes imaginarios dos tempos de Noé e de Hercules. Bastava só pôr em verso, tendo em vista as regras aristotelicas da *bracologia* e da *ecthania,* para alargar ou encurtar a fabula. Perdido tambem o criterio historico pela rhetorica, o livro do credulo Brito era um manancial inexgotavel; é por isso que, perdida na primeira metade do seculo XVII a ideia e o sentimento da nacionalidade, é quando se escrevem mais poemas sobre as origens da nacionalidade portugueza, diffusissimas outavas sem um unico protesto de independencia. A *Ulyssea,* de Gabriel Pereira de Castro, o *Ulyssipo,* de Antonio de Sousa Macedo, o *Alfonso,* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, a *Hespanha destruida,* de André Nunes da Silva, e a *Hespanha libertada,* de Bernarda Ferreira de Lacerda, mesmo a *Henriqueida,* do Conde da Ericeira, são longos poemas épicos em outava rima, baseados sobre a formação da nacionalidade portugueza. Se tivessemos tradições que nos communicassem esse facto, e se os poetas as elaborassem, póde-se affirmar que nenhuma litteratura das mais originaes appresentaria uma tão extraordinaria riqueza; mas partindo do syncretismo historico de Frei Bernardo de Brito, que enramalhetava as falsificações de Annio de Viterbo e de Martin Polonus, e acabando de

deturpar estes elementos falsos com as receitas absurdas de Quintiliano, eis aí está o que fizeram os nossos épicos do seculo XVII, e aí está o valor da sua obra.

O primeiro poema épico d'esta época culterana, pela ordem chronologica, é o *Condestabre,* de Francisco Rodrigues Lobo, escripto *invita Minerva.* O typo épico do Condestavel estava destinado para ser um Cid da tradição portugueza, e o povo chegou a cantar varios cantos ácerca da sua alta personalidade, como já vimos. Mas se esses Cantos tivessem de constituir uma acção épica, essa vitalidade tradicional era prova de uma maior energia na ordem politica, que não tivemos. O typo do Condestavel decaíu como heroe poetico, e pela tendencia do nosso espirito ficou um personagem historico, com a sua *Chronica* em prosa. Foi a esta fonte que Francisco Rodrigues Lobo foi buscar inspirações, e pensando que, accumulando Outavas e dividindo-as em Cantos, fazia uma epopêa, deixou apenas uma relação historica em verso.

Gabriel Pereira de Castro, é o grande épico que o seculo XVII ainda hoje nos impõe á admiração com a *Ulyssea;* muitos litteratos seus contemporaneos quizeram-no collocar acima de Camões, assombrados pelo regular alinhamento da fabula metrificada por esse erudito Doutor, Corregedor do Crime da Côrte, e, nomeado pelo invasor castelhano, Chanceler-mór de Portugal. Todas estas categorias nos mostram o seu estado moral, e a direcção das suas ideias para a concepção de uma epopêa. Póde-se asseverar, que todas as vezes que em Portugal se enfraqueceu o sentimento da nacionalidade, a comprehensão da epopêa de Camões enfraqueceu tambem. Sob a monarchia usurpadora de Hespanha, admirar simultaneamente os *Lusiadas,* que são um protesto da nossa nacionalidade, era uma contradição. Tratou-se de deprimir Camões,

com esses logares communs da falta de unidade de acção, mistura de mythologia com o christianismo, collectividade de heroes, Outavas menos perfeitamente construidas, e faltas de accentos que tornavam o pensamento obscuro. Não faltaram um Manoel Pires de Almeida, um João Soares de Brito, um D. Francisco Child Rolim de Moura, para atacar o grande épico. De facto, os *Lusiadas* satisfaziam a necessidade de uma epopêa nacional, como vêmos pelo allivio que tirava da sua leitura o velho Bispo de Targa, e pelo facto de terem sido commentados por João Pinto Ribeiro, o revolucionario de 1640. Para oppôr a Camões um outro poeta, lembraram-se do Tasso, por causa do seu assumpto religioso; levantou-se o grupo dos *Tassistas*, e a *Jerusalem Libertada* foi traduzida. O apparecimento da *Ulyssea* veiu serenar esta divergencia, e foi o *tertius gaudet*. Manoel de Galhegos foi mandado fazer o elogio do poema, publicado em 1636, depois da morte do auctor. Galhegos, como um sincero mediocre, condemna Camões dando a primazia a Gabriel Pereira de Castro: «Em nenhuma cousa mostrou mais o nosso poeta seu talento, que no exordio da narração, pois começa do principio da fabula, que é o ponto d'onde deve começar o poema heroico, *e não no meio, como fez Camões,* vendo que Virgilio dá principio ao seu poema com Eneas á vista de Carthago...» E logo adiante: «Valerio Flaco, no seu poema dos *Argonautas* (que he quasi a mesma acção, que a de Luiz de Camões...)» especie de insinuação perfida de falta de originalidade: «E não se entenda que o meu animo é reprovar a Luiz de Camões; que isto em que elle se não ajustou com a arte, he cousa em que muitos se enganaram, e não lhe tira a authoridade; etc.» Não é outra a linguagem da mediocridade insolente e do pedantismo na sua expressão erudita. Por fim, as regras da arte, que Galhegos applica á *Ulyssea* para a

considerar como a melhor epopêa moderna, são a morte de toda a concepção poetica; mostra que é admiravel emquanto á *Peripesia,* ou imprevisto das situações; magnifico na *Magthainia,* ou o emprego das machinas secundarias do maravilhoso, taes como os sonhos, os vaticinios, as feiticerias; na *Periferia,* ou área percorrida pelos heroes; compassado na *Bracologia,* e *Ecthania,* ou os cordeis rhetoricos para alargar ou encurtar a fabula; que Gabriel Pereira de Castro respeitou a figura *Dianomi,* repartindo symetricamente as partes do poema; e bem assim, a *Parasceve,* a *Analogia* e a *Teliotis,* na preparação, proporção e perfeição, não se esquecendo da *Gorgotis* ou o laconismo do conceito, com a competente *Enargia* ou claridade no dizer, etc. E infelizmente tudo isto é verdade, com a differença que os melhores versos da *Ulyssea* são reminiscencias dos *Lusiadas.* Com a falsa tradição recebida em Frei Bernardo de Brito, com a educação humanista dos Jesuitas, parodiando Homero como auctor e como personalidade litteraria, seguindo as regras deduzidas de observações de Aristoteles, demais, bajulando o usurpador da sua patria, como é que Gabriel Pereira de Castro podia elevar-se ás grandes concepções épicas, elle que era juiz do crime, costumado a achar só moveis indignos nas acções? Decididamente a *Ulyssea* é o reflexo de todas estas qualidades. Foi este épico o que deu a sentença injusta contra o infeliz Simão Pires Solis, e foi a preoccupação d'este facto o que lhe causou a morte. (1)

Manoel Thomaz, natural de Guimarães, que viveu na Ilha da Madeira aonde morreu assassinado em 1665, com outenta annos de edade, é auctor de um poema épico sobre a descoberta da Ilha da Madeira, publicado

(1) Dr. Ribeiro Guimarães, *Summario de Var. Hist.*, I, 76 e 199.

em 1635. Chama-se *Insulana;* o poeta em vez de ír directamente á bella tradição dos *Amores de Machim* e de *Anna d'Arfet,* diz: «Na verdade historica segui o mais apurado e verdadeiro Manuscripto, cujo principio abreviou na *Primeira Decada* da sua Asia...» E assim encaminhado agarra-se á mythologia grega, e aos prosaicos vaticinios, e ás amplificações rhetoricas. O seu poema, *Phenix da Lusitania,* em dez Cantos á acclamação de D. João IV, é a bajulação encomiastica, tão necessaria no seculo XVII para a rhetorica dar largas aos seus vôos. Manoel de Galhegos, esse amigo intimo de Lope de Vega, que quando o encontrava lhe citava sempre o verso da *Ulyssea,* sobre o apparecimento da aurora:

> Que quando ri nos céos, nos campos chora...
> (I, 44.)

Galhegos tambem bajulou o Duque de Bragança com o epithalamio no seu desposorio, intitulado o *Templo da Memoria.* A *Lusifineida,* poema em dez Cantos sobre a decadencia e exaltação de Portugal, desde D. Sebastião até Dom João IV, por Frei Manoel de Santa Thereza e Sousa, pertenceria tambem a este cyclo da bajulação encomiastica. O poema do Academico dos *Generosos,* João Nunes da Cunha, em doze Cantos sobre *Lisboa conquistada,* era tambem á exaltação do Duque. Temos no seculo XVII mais um desembargador poeta épico; é André da Sylva Mascarenhas, auctor do poema em Outava rima, em nove Cantos, sobre a *Destruição de Hespanha e restauração summaria da mesma.* Segue passo a passo a historia de el-rei Rodrigo com a intervenção de Venus, Plutão e Jupiter, e com «o favor de Deos esperava compôr mais outro poema sobre os milagres de Nossa Senhora feitos em uma lapa.» Por fim desculpa-se com Camões,

por ter usado versos agudos, o que nos denota a altura da critica camoniana no seculo XVII: «E rara é a folha em todos os *Lusiadas,* aonde não ajam versos agudos de dez syllabas.» «E postoque alguns poetas modernos, (aliás mui doctos) *contente mais a opinião contraria...*» N'este estado de critica o que poderia fazer esta gente? metrificava. No principio do seculo XVII escrevia Miguel Leitão de Andrada, da *España libertada* de Bernarda Ferreira de Lacerda: «obra por certo excellente, e tal que se não sabe outra de mulher que possa ser sua comparação.» (1) Tal foi o motivo do pasmo em um seculo em que se considerava a mulher como em honesto idiotismo. Bernarda Ferreira de Lacerda escreveu os argumentos em Outava rima á epopêa de Francisco de Sá de Menezes, a *Malaca conquistada.* Este poeta, filho de João Rodrigues de Sá e de Dona Antonia de Andrade, obedeceu á monomania aristocratica, trocando o seu nome heraldico pelo de Frei Francisco de Jesus em 1642, em Bemfica, aonde morreu em 1644. A *Malaca conquistada* não appresenta mais qualidades poeticas do que as outras *Chronicas* rimadas, de Francisco de Andrade ou de Rodrigues Lobo. Aquelle que nos apresenta uma personalidade verdadeiramente accentuada, cuja vida de aventuras lhe revelaria o que a realidade tem de poesia, é Braz Garcia de Mascarenhas, nascido em 1596. Foi preso, ainda em criança, em Coimbra, por causa de uma intriga de amores, e da cadêa da portagem conseguiu evadir-se, passando-se a Madrid; quando passados annos se dirigiu a Portugal foi aprisionado pelos corsarios que o deixaram em um porto de Italia. Depois de ter corrido a França foi para o Brazil, aonde batalhou contra os Hollandezes, e regressando á patria luctou tambem a favor da restauração de

(1) *Miscellanea,* p. 617.

D. João IV. Os invejosos da sua bravura fizeram com que fosse destituido das suas honras militares e preso na Torre do Sabugal. Ali, por meio de umas letras recortadas de um *Flos Sanctorum* e colladas, conseguiu provar a D. João IV a sua innocencia, morrendo repousado em 1656. A escolha do assumpto do *Viriato tragico* tem uma certa analogia com o seu caracter individual, mas as machinas obrigatorias da epopêa e a submissão á rhetorica annullava os melhores talentos. Quando nos apparecem tantas epopêas em um periodo tão pequeno, e todas ellas sem condições de vitalidade, é porque uma falsa comprehensão da arte perturbava e desvairava essas intelligencias.

Theatro: Autos e Comedias de capa e espada

a) **Os Pateos das Comedias.**—Já no prologo do *Auto de El-rei Seleuco,* achamos uma allusão aos *côrros,* ou theatros publicos, e no prologo das *Tragedias latinas* do Padre Frei Luiz da Cruz, se falla da vinda de companhias dramaticas italianas, depois de 1578. O jesuita Ignacio de Azevedo, agrupava as crianças que ia esperar á saída das escholas, e invadia os theatros, aonde se representava de tarde, e de cima do palco reprehendia-os da sua immoralidade e terminava com um longo sermão. Como um orgão de opinião publica, o theatro era combatido em uma nação que não tinha direito de pensar, porque perdera a sua autonomia. Para poder ser admittido o theatro, foi preciso tornal-o uma instituição pia. Por um Alvará de Filippe II, de 20 de Agosto de 1588, concedeu-se ao Provedor e mais officiaes do Hospital de todos os Santos o privilegio de não deixarem representar comedias sem sua licença, com direito a parte dos proventos dos espectaculos. Renova-se este privilegio no Alvará de 7 de Outubro de 1595. Por Alvará de 9 de Abril de

1603, Filippe III concede ao Hospital a mercê de se representarem comedias logo depois da quaresma, ficando a censura delegada aos desembargadores do paço. Estes privilegios eram sempre por dois annos; mas por Alvará de 1612, passado a 10 de Novembro, o Hospital de todos os Santos ficou com esse direito indefinidamente. Da mesma fórma que em Hespanha, chamava-se *Pateo* ao theatro; o mais antigo é o que se conhece pelo nome de *Pateo das Fangas da Farinha,* citado desde 1588, e que se suppõe ter existido até 1633; de 9 de Maio de 1591, apparece a escriptura para a construcção do *Pateo da Bitesga,* e acha-se já funccionando desde 11 de Julho de 1594, sob a exploração de um Manoel Rodrigues. O *Pateo* mais celebre é o das *Arcas,* tambem conhecido pelo nome de *Pateo da praça da Palha,* ao qual o padre Ignacio dava os maiores assaltos; suppõe-se ser este *Pateo* construido por La Torre, por obrigação contrahida simultaneamente com o da *Bitesga.* Póde dizer-se, que a vida da arte dramatica se concentrou no *Pateo das Arcas,* até ao seu incendio em 1698. Para este theatro se projectou contractar a companhia hespanhola do celebre Escamilha, achando-se tambem em 1668 escripturada uma outra companhia hespanhola que viera a Lisboa. As representações eram dadas por companhias ambulantes vindas de Hespanha, e o gosto publico só admittia comedias escriptas em castelhano. Na verdade, o seculo XVII distingue-se pela assombrosa fecundidade do genio dramatico em Hespanha; as creações de um Lope de Vega, de Cervantes, Tirso de Molina, de Luiz de Belmonte, Guevara, e Alarcon coincídem com a época em que o espirito hespanhol estava mais abafado pela prepotencia do cesarismo e pelo obscurantismo religioso. Esta apparente antinomia tem o seu porque organico, que é a synthese philosophica do theatro hespanhol: Pelo facto material da fecundi-

dade, sômos levados a notar o immenso interesse que o publico sentia pelas representações scenicas, e d'aqui a reconhecer, que, quando a censura religiosa e civil com os seus carceres e fogueiras abafavam toda a manifestação da liberdade individual e da critica, o theatro hespanhol se tornou insensivelmente o unico orgão da opinião publica. Tal é a condição fundamental para que prosperem as creações dramaticas. O theatro hespanhol dominou-nos; os proprios escriptores dramaticos, ao procurarem variadissimos assumptos para as suas *comedias famosas,* trataram com frequencia algumas tradições da historia portugueza. No *Florilegio,* do Padre Bento Pereira, escripto em 1655, se lê sobre o gosto das comedias hespanholas em Portugal: «Todos los dias resuenan en los teatros de Lisboa la discrecion de sus Comedias; en todas las fiestas que en las Iglesias d'este Reyno se celebran, con sus Coplas, Villancicos y Motetes se alientan las armonias.» (1) Francisco Rodrigues Lobo attribue tambem ao costume hespanhol o dividirem-se as comedias em *Jornadas;* em Miguel Leitão achamos citadas as Comedias de Lope de Vega representadas na provincia, tal como *La Ocasion perdida.* Era quasi impossivel, que o theatro portuguez pudesse ter originalidade no seculo XVII.

b) **As Tragi-comedias dos Jesuitas.**—No regulamento escholar dos Jesuitas, ou *Ratio Studeorum,* estabelecem-se exercicios litterarios de composição e de declamação. Estava na indole rhetorica do tempo e no exclusivismo humanista. Nas festas da ordem representavam-se nos collegios Jesuitas certas peças dramaticas, escriptas em hexametros latinos sobre passagens da Biblia, as quaes levavam dois e tres dias a representar, com grande apparato de coros e de decorações. As Tragi-comedias tornaram-se o modo mais

(1) Ob. cit., *Prosopopêa*, p. 10.

faustoso de celebrar as visitas reaes e os casamentos dos principes. Quando el-rei D. Sebastião foi a Coimbra, ainda menino, o Collegio das Artes representou-lhe uma Tragi-comedia de *Sedecias,* composta pelo jesuita Luiz da Cruz, que levou alguns dias a desempenhar. Este genero litterario é a ultima degradação da arte; teve principio logo que os Jesuitas se apoderaram do ensino em 1555; eram de ordinario compostas pelos professores de rhetorica das escholas da companhia. Os principaes auctores d'este genero hybrido, são o Padre Luiz da Cruz, D. Affonso Mendes, Padre Luiz Ribeiro, Padre José Leite, Frei Manoel Rodrigues, Padre André Fernandes, e outros muitos. A Tragi-comedia mais celebre do seculo XVII é a que compoz o Padre Antonio de Sousa, com o titulo de *Real tragi-comedia do Descobrimento e conquista do Oriente,* que se representou na recepção de Filippe III em Lisboa, em 1619. A riqueza do scenario, e dos vestuarios dos actores acha-se descripta em uma extensa Relação do Mimoso Sardinha, a qual nos faz crêr que era um espectaculo mais apparatoso do que a opera moderna a *Africana.* Não contentes em terem esgotado a actividade dos que frequentavam as suas escholas, os Jesuitas procuraram extinguir o theatro nacional com o volumoso *Index Expurgatorio* de 1624, aonde se condemna Gil Vicente, Affonso Alvares, Frei Antonio de Lisboa, Balthazar Dias, Francisco Vaz de Guimarães, Antonio Ribeiro Chiado, e os principaes *Autos* anonymos do seculo XVI.

c) **Autos hieraticos nacionaes.**—Em 1634, escrevia Manoel de Galhegos, no prologo do seu poema *Templo da Memoria,* esta importantissima revelação: «A lingua portugueza, como não é hoje a que domina, esqueceram-se d'ella os engenhos; e quem agora se atreve a sair ao mundo com um livro de versos em portuguez, arrisca-se a parecer humilde; pois escreve

n'uma lingua cujas frases e cujas vozes se usam nas praças: o que não deixa de ser embaraço para a altiveza, quo as palavras de que menos usamos soam bem e agradam em razão da novidade, e por isso os rhetoricos lhes chamam peregrinas.» A lingua portugueza era então considerada como uma cousa desprezivel, e o que é mais para notar, depois da restauração de 1640 a lingua portugueza nem por impulso de reacção nacional adquiriu mais importancia. As obras litterarias em que a lingua portugueza apparece mais empregada, são os *Autos hieraticos,* com que no seculo XVII se imitou a antiga eschola nacional de Gil Vicente. São muitos os titulos de *Autos* que se conhecem, mas poucos são os que restam hoje, signal de que foram recebidos com pouco interesse e que se não imprimiram. Os principaes auctores são Antão Pires Gonge, Clemente Lopes, Francisco Lopes Livreiro, D. Francisco Manoel de Mello; o *Auto* do *Fidalgo aprendiz,* foi representado na côrte de Dom João IV, e n'elle se acha esse typo tradicional do nosso theatro, o *fidalgo pobre,* que Gil Vicente já havia retratado na *Farsa dos Almocreves.* Póde-se dizer, que D. Francisco Manoel de Mello presentiu annos antes a concepção de Molière no *Bourgeois gentilhome.* O *Tratado da Paixão,* pelo Padre João Ayres de Moraes, é um documento por onde se vê o culteranismo seiscentista perverte a expressão singela dos *Autos* populares. Finalmente, mesmo n'esta pequena e accidental manifestação do theatro portuguez, os *Autos Sacramentaes* hespanhoes vieram-nos impôr o seu typo, como se vê pelas composições de Soror Maria do Céo, José Correia de Brito e Manoel Thomaz. A collecção dos vinte e cinco entremezes publicada por Manoel Coelho Rebello com o titulo de *Musa entretenida* é a ultima degradação da arte dramatica em Portugal. A tradição de

Gil Vicente fica totalmente perdida, e por isso toda a ordem de disparates é permittida.

d) **As Comedias de capa e espada.**—A influencia das comedias hespanholas, já pela sua representação exclusiva nos Pateos de Lisboa, já pelos assumptos da historia portugueza que muitas vezes tratavam, não podia deixar de actuar no genio portuguez directamente. De facto entre a grande pleiada dos escriptores dramaticos hespanhoes, figuram com honra alguns portuguezes, como João de Mattos Fragoso, Jacintho Cordeiro, Antonio Henriques Gomez e Manoel Freire de Andrade. Escreveram exclusivamente em hespanhol. N'este genero litterario o unico verdadeiramente nacional é Pedro Salgado, soldado das guerras da independencia portugueza, que reduzia a drama os successos da guerra, como se póde vêr no *Dialogo gracioso de Terracuça,* e no *Hospital do Mundo,* imperfeitos na fórma, mas aspirando a exprimir um sentimento bem definido.

As Comedias de Simão Machado, são um mixto dos *Autos* portuguezes da eschola de Gil Vicente com os versos hespanhoes das Comedias de capa e espada, e com o abuso de *tramoyas,* ou magicas impossiveis. E' tambem nos fins do seculo XVII que se fazem as primeiras tentativas para a introducção da Opera, na côrte musical de D. João IV, que pelas relações de protecção que recebia de França, começou por imitar os *Ballets* da côrte de Luiz XIII. A' medida que o tempo avança, cada vez se separa mais o escriptor das relações da vida social; chega-se mesmo a perder o conhecimento d'essa entidade moral—a nação, e os que pensam e escrevem só tem em vista lisongear o cesarismo que distribue as graças, ou os altos personagens que vivem junto ao rei que podem interceder para a concessão de qualquer tença. A vida de escriptor não é

ainda uma industria *taxada* nos gremios contribuintes, mas é um meio de se encostar a alguma pessoa poderosa e comer com os seus creados. Aqui está a que conduz uma litteratura completamente desligada das origens tradicionaes.

CAPITULO XVIII

Historia, Eloquencia, Novellas

Estado da historia no seculo XVII.—Frei Luiz de Sousa elabora rhetoricamente as investigações de Frei Luiz de Cacegas. —Merito do Frei Luiz de Sousa, segundo o Bispo de Viseu. —Jacintho Freire de Andrade e a falta de vocação historica. — Alta capacidade historica de D. Francisco Manoel de Mello.—Vieira e a Eloquencia sagrada: Os Sermões suppriam em Portugal o habito civil das comedias. —Critica dos oradores do seculo XVII pelo Padre Vieira.—As Allegorias Pastoraes ou o bucolismo conimbricense: é em Coimbra que se escrevem, *O Desengano*, *Primavera* e *Pastor peregrino*, de Rodrigues Lobo; as *Ribeiras do Mondego*, de Eloy de Souto Mayor; os *Desmaios de Maio*, de Diogo Ferreira Figueirôa; os *Christaes d'Alma*, de Escobar.—*As Cartas da Religiosa portugueza.*

Frei Luis de Sousa, Chronista

Assim como a philologia e a poesia do seculo XVII nos apparecem viciadas pela monomania da rhetorica, a linguagem da historia não podia escapar a este geral contagio imposto pelas disciplinas da educação humanista. No seculo XVI os historiadores são provocados por uma vocação irresistivel, que os fórça aos mais extraordinarios sacrificios para recolherem os factos na sua inteira verdade; no seculo XVII, os historiadores são frades, que escrevem para cumprirem o preceito da obediencia. Emquanto a vida das batalhas e das viagens dá aos historiadores do seculo XVI uma certa aspereza masculina na dicção, a apathia da clausura dá aos Chronistas uma certa despreoccupação dos factos e um exquisito cuidado pela ornamentação do estylo. De todos os Chronistas do seculo XVII o mais celebrado, e aquelle a quem se attribue a ultima perfeição da lingua portugueza, é Frei Luiz de Sousa. Este nome é proverbial como representando o estylo

e a locução portugueza no seu maior purismo. Os elogios desencadeiam-se em admirações desde os seus contemporaneos até hoje; e a mesma continuidade d'estas acclamações é uma prova de que se repetiu inconscientemente os juizos, que eram verdadeiros e logicos para o criterio rhetorico do seculo XVII. Ir de encontro a estas opiniões, que se tornaram auctoridade, parecerá um attentado; mas custe isso embora, o nosso seculo tem novos pontos de vista, que se não basêam sobre exclamações admirativas. Transcrevemos certos trechos do mais completo biógrapho de Frei Luiz de Sousa para que mais auctorisadamente se aquilate o seu valor. Frei Luiz de Sousa escreveu a *Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres*, e a *Chronica de S. Domingos;* mas d'estas obras apenas lhe pertence o estylo, porque os materiaes verdadeiramente historicos pertenciam a Frei Luiz de Cacegas, fallecido, segundo Barbosa, em 1616. Era Frei Luiz de Cacegas um collector infatigavel de antiguidades, tendo para esse fim percorrido o reino por mais de vinte annos; além dos materiaes para a historia de *Sam Domingos* e para a *Vida do Arcebispo,* tambem escreveu das *Genealogias de Portugal,* das *Matronas illustres dominicanas,* e sobre os *Santos da Ordem dos Prégadores.* O modo de trabalhar de Frei Luiz de Cacegas, revela a sua incapacidade para os arrebiques da rhetorica; logo que morreu, os superiores da sua ordem, conhecendo os talentos cultos de Frei Luiz de Sousa, entregaram-lhe esses manuscriptos, para que os aprimorasse, por ventura, por ser elle já notado como subtil nas suas poesias latinas. Quando Frei Luiz de Sousa tomou conta d'este trabalho, contava já, como infere D. Francisco Alexandre Lobo, pouco mais de sessenta annos; estava n'essa edade apathica e desapaixonada, em que o dizer toma uma fórma conceituosa e auctoritaria. Livre do trabalho das investigações, que é o

que revela ao historiador a importancia e vitalidade dos factos, entretinha-se socegadamente a arredondar phrases e a soprar as expressões narrativas de Cacegas. Como tinha só isto a fazer, n'isto empregou todo o cuidado, a ponto de tornar a historia descriptiva como uma especie de pastoral. Como era este o estylo que estava na moda seiscentista, o trabalho secundario de Frei Luiz de Sousa foi considerado uma maravilha de genio, chegando-se a esquecer o nome de Frei Luiz de Cacegas. Frei Luiz de Sousa, confessa sempre quanto deve ao ignorado obreiro que reuniu os materiaes: «Frei Luiz de Cacegas, a cujo nome e trabalho se deve a *parte mais substancial* da presente escriptura, e dos outros dois volumes...» (1) E accrescenta: «Serviram-me os seus caminhos para eu poder escrever assentado, quieto e escondido no canto da cella...» Mas na obra da historia o que menos se procura é o estylo, que pertence propriamente ás obras artisticas ou do sentimento; na historia quer-se o juizo, a critica, a alta comprehensão da lei que domina os factos. Frei Luiz de Sousa não passou de um Chronista monastico; o seu biógrapho caracterisa por esta fórma essa classe de escriptores, referindo-se tambem ao seu escriptor predilecto: «Estes Chronistas quasi nunca são muito habeis, e raramente podem ou se atrevem a sair da esphera que o costume, a authoridade dos superiores e as ideias na corporação dominantes lhes tem assignado. A fundação dos Conventos ou Mosteiros, o descahimento e reformas, as vidas espirituaes e prodigiosas dos alumnos, enchem totalmente a dita esphera; e de ordinario os casos politicos e ainda militares, com que estes prendem, as alternativas da litteratura, as causas do descahimento, os meios sabios e efficazes de reforma, são deixados

(1) *Chron. de Sam Domingos*, Parte II, l. 4, c. 7.

com descuido muito digno de censura. Não accusarei ou arguirei Frei Luiz de Sousa de ir aqui pela vereda dos mais Chronistas. Sei que não foi o arbitrio seu... Mas nem por isso deixarei de confessar, que a sua Chronica é n'esta parte com poucas, posto que com algumas excepções, similhante ás outras; e que não deve servir de exemplar no tocante á selecção dos factos graves e momentosos, que podem interessar e aproveitar a grande numero de leitores.» (1) Esta inteireza de juizo do Bispo de Viseu, redunda de repente em grande injustiça contra o obscuro obreiro Frei Luiz de Cacegas. Aquilatando a *Vida do Arcebispo Frei Bartholomeu dos Martyres,* escreve: «o Arcebispo, que na maior parte dos casos, representa um honrado principe da Egreja, aqui e alli parece sómente um frade rasteiro; e fôra melhor que o oraculo de Trento, o desenganado e intrepido conselheiro do Vaticano ou de Belvedere, se não mostrasse comendo as couves grosseiras em tisnada escudella nas choupanas de Barrozo. Eu creio que Frei Luiz de Sousa errou n'esta parte por seguir os papeis de Cacegas; etc.» (2) E desenvolvendo esta ultima affirmação, insiste: «O exemplo de Cacegas o arrastou ainda a varios erros de critica. Mas o seu socio, como toda a turba de Chronistas monachaes, laborava em duas erradas maximas, de que Frei Luiz de Sousa se deixou tambem hallucinar: Referir só o bem, e ainda engrossal-o sem escrupulo. Admittiu facilmente prodigios, como seja para honra da piedade e seu incentivo.» (3) Desde que o seu mais consciencioso admirador, D. Francisco Alexandre Lobo, caracterisa por essa fórma a capacidade historica de Frei Luiz de Sousa, elle

(1) *Obras*, de D. Francisco Alexandre Lobo, t. II, p. 151.
(2) *Ib.*, p. 153.
(3) *Ib.*, *id.*

mesmo se confessa obrigado a reservar as suas admirações para o estylo. Mas a preoccupação exclusiva do estylo não pertence ao historiador; e o estylo é um resultado da convicção de quem prova, do enthusiasmo de quem descobre, da tenacidade de quem investiga, da paixão de quem anima o que concebe de um dado modo na sua mente, e não esse cosmetico rhetorico de quem mira ao effeito. Ora o seculo XVII comprehendeu o estylo como esse cosmetico artificial, e tomou sempre o arrebique pela belleza. A predilecção pelo estylo de Frei Luiz de Sousa, fez com que Filippe IV, por Carta de 20 de Outubro de 1627 o escolhesse para redigir a *Chronica de D. João III,* o que já tinha feito em 11 de Maio d'esse anno por intermedio do Marquez de Castello Rodrigo. Como o que se pretendia de Frei Luiz de Sousa era o estylo, trataram de lhe tirar todo o trabalho de investigação, e assim D. Luiz Lobo mandou-lhe um manuscripto das cousas da Africa; o Secretario Francisco de Lucena mandou-lhe um livro dos despachos de Pero de Alcaçova; o Chronista Gil Gonçalves de Avila indicava-lhe os caminhos a seguir na composição da historia: «Em 17 de Julho (1627) fallei com Gil Gonçalves de Avila, Cronista maior de Espanha, meu amigo: diz, que lhe parece bem escrevermos por annos, ao modo que escreveu o chronista d'el-rei Dom João II de Castella, cujas obras vimos e lemos, e é de estimar. Diz que lhe parece metamos na de el-rei Dom João todas as pessoas que sairam de Portugal com nome, e as que foram de fóra de boa calidade.» Manoel Severim de Faria, que então tinha a melhor bibliotheca de Manuscriptos, offereceu-lhe uma *Chronica de D. João III,* esboçada por Antonio de Castilho; as notas diplomaticas de Pero de Alcaçova, e uma *Chronica de Arzilla* por Pero de Andrade Caminha. N'esse seculo da rhetorica só se procurava o estylo; era o que se pedia a Frei Luiz de

Sousa para se ter uma boa *Chronica de João III.* De facto o purista escreveu uns *Annaes de D. João III,* que se perderam, e que foram achados em um sótam da Bibliotheca das Necessidades. (1) Herculano, que reviu o manuscripto authentico para a edição de 1844, diz que é: «cheio de muitas emendas, *mais de estylo e de linguagem,* que de outra cousa.» Mas apezar de tudo, o proprio editor conhece que esses *Annaes* não tem vida. Quanto aos successos da India resume Barros; quanto aos successos da metropole: «são pouco mais que uma serie de apontamentos.» (2) Na historia politica faltava-lhe o elemento descriptivo, e é por isso que ficou palido. Pode-se dizer, que o perstigio de Frei Luiz de Sousa é para nós como a monomania da admiração de Racine para os francezes.

Jacintho Freire de Andrade

As tendencias que se conhecem nas poesias de Jacintho Freire, apparecem augmentadas no historiador palavroso, costumado aos banaes effeitos das apostrophes, das prosopopêas, e das fallas postas na bocca dos capitães á maneira de Tito Livio. Depois de Frei Luiz de Sousa, Jacintho Freire de Andrade é o estylista mais admirado pelos sectarios da velha tradição humanista dos collegios da Companhia. O estudo da historia não foi para elle uma paixão; para comprazer com o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, escreveu a *Vida de Dom João de Castro, quarto visorei da India;* Jacintho Freire era Abbade de Sambade e de Santa Maria das Chans, aonde viveu até á época de 1640, e escreveu para lisonja do seu superior. Dom Francisco Alexandre Lobo, que

(1) Impressos em 1844.
(2) Herculano, ed. dos *Annaes,* p. xx.

tambem estudou este escriptor, caracterisa-o com desprevenção, e com uma auctoridade insuspeita: «Um estylo tão discreto, tão agudo, tão affectado, não diz com heroe tão grave; diria melhor, por exemplo com *Persiles y Sigismunda.* Quer ser eloquente o auctor e não é senão inchado. A larga oração de Coge Çofar, nem tem verosimilhança, nem tem em varios rasgos senso commum... Até o numero e cadencia das palavras em todo o livro são pouco entendidos, porque fogem do que é dado á prosa, e vão entrar no que pertence á poesia. A cada paragrapho e quasi a cada oração topamos com versos.» (1) Quem conhecer os versos de Jacintho Freire de Andrade, publicados na *Phenix,* recompõe a fórma da prosa que elle fatalmente havia de adoptar. E' um vicioso panegyrista imposto pela superstição classica, mas que o proprio bom senso vae destituindo de importancia.

D. Francisco Manoel de Mello

E' este o unico homem que no seculo XVII appresenta em Portugal a mais, alta concepção da historia, no livro sobre as *Guerras da Catalunha.* Ninguem na Europa o egualava então no vigor das narrações e na unidade philosophica dada aos factos por um criterio apprendido na vida real, como parte activa nas revoluções, como victima das arbitrariedades, como prudente nas negociações diplomaticas, e como bom poeta, com esse dom de animar o que se passou diante dos seus olhos, ou que o impressionou profundamente. Como o que revela o historiador é o criterio e não o estylo, é por isso que fallamos aqui de D. Francisco Manoel de Mello, apezar de ter escripto em castelhano a *Historia das Guerras da Catalunha.* Philarete Chasles dis-

(1) *Obras*, de D. Francisco Alexandre Lobo. T. II, p. 164.

tingue este livro com este juizo, que demonstra largamente: «A simplicidade viril do estylo, alheio aos ornamentos ridiculos com que a poesia se arreiava então; a liberdade dos juizos, o vigor com que os caracteres se desenham, são dignos do assumpto. Vê-se ali uma nação selvagem combatendo pelos seus direitos, governando-se assi propria, completamente republicana pelos costumes, catholica pelas crenças, monarchica pelo habito, muitas vezes esmagada pelo inimigo, mas nunca abatida.— Os personagens do drama collocam-se todos em relevo; conheceil-os; estaes a ouvil-os; acha-se ali o movimento dramatico de Thucydides e de Herodoto, sem esforço, sem imitação da antiguidade. Circumstancias analogas produziram communs resultados; estes homens proferiam esses discursos assim; comportaram-se por essa fórma; verdade, pujança, eloquencia, interesse energico sobre um theatro acanhado, pintura animada dos costumes catalães; axiomas politicos naturalmente deduzidos do jogo das paixões e do curso dos successos; estes meritos numerosos deveriam ter fixado a attenção sobre um livro que desgraçadamente appareceu pela primeira vez em Portugal, em um paiz então pouco litterario, e que se precipitava rapidamente para a decadencia.» (1) Parte d'estes dotes extraordinarios se descobrem ainda nos seus pequenos quadros historicos chamados *Epanaphoras*.

A historia decaíra visivelmente; começou o jornal politico, introduzido pelo secretario Antonio de Souza Macedo, com o *Mercurio portuguez;* as necessidades de saber dos acontecimentos fez produzir uma alluvião interminavel de folhas volantes, com que se explorou a curiosidade publica.

(1) *Voyage d'un critique*, etc. *Espagne*, p. 283.

A Eloquencia sagrada — Vieira

Sem vida parlamentar, sem liberdade do pensamento, era impossivel que a Eloquencia, esta fórma de arte, que só póde ser produzida pela actividade social, se manifestasse. No seculo XVII apparece-nos unicamente a Oratoria sagrada; os Sermões foram para nós como as comedias para o espirito hespanhol; era no pulpito aonde havia a liberdade para dizer tudo, sob pretexto de verberar os costumes e as iniquidades do seculo. O *ridendo castigat mores*, que justificava as comedias, convertia-se aqui no outro extremo, no terror, no amedrontamento com as penas do inferno. O povo accudia mais ao pregador que lhe sabia produzir essa sensação. No celebre Sermão da sexagesima, prégado por Vieira em 1655, accentúa-se este juizo do sermão do seculo XVII: «antigamente prégavam bradando, hoje prégam conversando... os ouvintes *vem ao sermão como á comedia,* e ha prégadores que vem ao pulpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as Comedias em Portugal; mas não foi assi: não se acabaram, mudaram-se, passaram-se do theatro para o pulpito. Não cuideis que encareço em chamar comedias a muitas prégações que hoje se usam.»

Os Sermões do seculo XVII refletem todos os defeitos litterarios do seiscentismo; disserta-se sobre equivocos de palavras, sobre interpretação allegorica dos textos, apimenta-se a moral com *Exemplos* decameronicos, com allusões politicas, fala-se com os santos em familiares prosopopêas, troveja-se contra a multidão quando ella se enfada, emfim, o melhor prégador era o que se mostrava mais á vontade.

O Padre Vieira caracterisa o estylo dos Sermões

do seculo XVII: «Um estylo tão empeçado, um estylo tão difficultoso, um estylo tão affectado, um estylo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? O estylo hade ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear.... E' uma arte sem arte, caia onde cahir... Assi hade ser o prégar. Hão de cahir as cousas e hão de nacer: tão naturaes, que vão cahindo, tão proprias, que venham nacendo. Que differente é o estylo violento que hoje se usa. Vêr vir os tristes passos da Escriptura como quem vem ao martyrio: uns vem acarretados, outros vem arrastados, outros vem despedaçados, só atados não vem... Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe *culto;* e os que o condemnam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo *culto* não é escuro, é negro boçal e muito cerrado. E' possivel, que sômos portuguezes e havemos de ouvir um prégador em portuguez e não havemos de entender o que diz? Usa-se hoje o modo que chamam *apostillar o Evangelho,* em que tomam muitas materias, levantam muitos assumptos;... prégam o alheio e não o seu.»

A eloquencia sacra tem contra si o impôr a crença, e por isso chegar á convicção por authoridade e não suasoriamente. Isto dá ao orador um certo numero de recursos mechanicos, que se repetem como typo de genero. Mas essa familiaridade dos oradores do seculo XVII venceu a monotonia das fórmas rhethoricas, e póde-se dizer que foi o seculo dos grandes prégadores.

O Padre Vieira é o typo mais completo dos pregadores do seculo XVII; a sua personalidade mistura-se com a historia politica da defeza do throno de Dom João IV. As suas ideias phantasticas sobre as *Trovas* de Bandarra eram suscitadas pelas difficuldades em que via a sustentação da dynastia de D. João IV, e por isso queria induzir o monarcha a que, como Con-

stantino passou a séde do imperio romano para Byzancio, se passasse tambem para o vastissimo territorio do Brazil, aonde bem podia fundar o *Quinto Imperio do mundo*. O Padre Vieira nasceu em Lisboa em 1608, mas logo em 1615 teve de acompanhar seus paes, Christovam de Oliveira Ravasco e D. Maria de Azevedo, para a cidade da Bahia de Todos os Santos. Ali fez a sua educação nas escholas humanistas dos Jesuitas, e por elles seduzido vestiu a roupeta com pouco mais de quinze annos de edade. Em 1641 voltou o Padre Vieira a Portugal na commissão que vinha declarar a Dom João IV que o Brazil adherira á revolução de 1640. Todos estes factos nos mostram como Vieira foi conduzido a essa nova aspiração do *Quinto Imperio,* que localisava na vastissima America e na pessoa de D. João IV. Vieira, ao chegar a Lisboa, revelou-se logo como um extraordinario prégador; mandava-se de manhã lançar tapete na egreja para ir ouvil-o á tarde; os seus dotes poeticos faziam-no achar as mais inesperadas imagens, que elle desenvolvia até á saciedade, como se vê no *homem-pó;* a sua intervenção no paço e a larga correspondencia politica dava ás suas phrases o interesse das mais ironicas allusões pessoaes; emfim, com essa flexibilidade de um talento disciplinado pela *Ratio Studeorum* e pela *Monita secreta,* Vieira exercia uma geral seducção. Os seus numerosissimos Sermões são uma prova do interesse que havia em ouvil-o. A sua actividade como missionario no Maranhão, como agente diplomatico nas côrtes da Europa, e ultimamente como perseguido por heterodoxia, mostram-nos uma organisação excepcional para toda a ordem de luctas, que os Jesuitas sabiam admiravelmente conhecer. As ideias do *Quinto Imperio* foram causa da sua perseguição no Santo Officio de Coimbra. A sua biographia é um grande quadro historico do

seculo XVII, na sua totalidade, porque morreu com perto de noventa annos, em 1697. (1) No Sermão I de Vieira, § 5, faz elle a critica dos desvarios de estylo usados pelos oradores do seculo XVII; apezar da immensidade dos oradores sacros que tornaram ridicula esta fórma litteraria, são recommendaveis os *Sermões* de Balthazar Paes, Balthazar Limpo, Frei Filippe da Luz, Frei Christovam de Lisboa, Padre Luiz Alvares, Padre Francisco de Mendonça, Frei Thomaz da Veiga, Dr. Francisco Fernandes Galvão, Frei Antonio Feo, Frei João de Ceita, Frei Antonio das Chagas e Padre Manoel Bernardes. Não contentes com o privilegio do pulpito, as ordens monasticas inventaram um divertimento escholar de defezas de *theses* para darem assim evasão aos ferventas impulsos da rhetorica que os dominava. Póde-se dizer que essa quantidade de sermões absurdos e gongoricos de seculo XVI é uma prova do grande despotismo rhetorico, que chegou a ser ainda mais forte que o respeito pelos dogmas religiosos, que eram tratados como pretexto para trópos.

As Allegorias pastoraes

Os absurdos da linguagem e da imaginação, que Cervantes admiravelmente ridicularisara parodiando o estylo das Novellas cavalheirescas, não conhecem limites nas Pastoraes do seculo XVII. A Novella de cavalleria ao constituir cyclos genealogicos, desde que perdeu as relações com as suas origens tradicionaes, caíu na rhetorica banal; mas as Pastoraes, que não derivavam de nenhum elemento de tradição, ás primeiras imitações cairam na insensatez. E' esta a fórma litteraria mais frequente dos seiscentistas; foi aqui que

(1) Vid. a sua larga biographia nas *Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo, t. II, p. 173 a 356.

o culteranismo deu largas aos seus conceitos. E' quasi inutil gastar tempo em condemnar estes productos do idiotismo, que envergonham uma época. Estas Novellas constam sempre de um apaixonado pastor, que desabafa as suas auzencias em largos soliloquios; que intermeia as suas prosas calcadas de cansados epithetos com elegias e romances, recitados junto das fontes; intervem outros pastores para o consolarem, as nymphas escutam-nos por detraz dos arvoredos, condóem-se do triste, que morre quando sabe já tarde que tambem é amado. O fundador d'este genero na Peninsula, Jorge de Monte-Mór, soube infundir interesse n'estas creações incolores, animando-as com as allusões a interesses pessoaes; mas os seus imitadores eram na generalidade nullos, e, sem factos importantes de sua vida, não fizeram mais do que recortar vagas situações idyllicas das reminiscencias da férula humanista. As Pastoraes que ainda merecem attenção são as que publicou Francisco Rodrigues Lobo, o *Desenganado, Primavera,* e *Pastor peregrino.* Produz um cansaço immenso essa leitura accidentada de prosa e verso; os nomes arcadicos dos pastores que discorrem, por fórma nenhuma se fixam na memoria; não se sabe por que vêm, nem por que vão; o que dizem é tão parecido com o que já disseram, que chega a produzir-se a illusão intellectual de parecer que se perdeu o logar aonde se estava lendo. E a seu favor tem Rodrigues Lobo um grande vigor lyrico, e uma certa naturalidade nos versos de redondilha em que imita o estylo popular; tem mais a peripecia ignorada dos seus amores com uma áia da casa dos Duques de Caminha, a que por ventura haverá alguma allusão autobiographica. Mas nem assim se pódem lêr sem um heroico sacrificio centenas de paginas d'onde se não apura uma unica ideia. Depois d'isto, o que se póde dizer dos que lhe succederam? As *Ribeiras do Mondego,* de Eloy de

Sá Souto Mayor, segundo a affirmação do seu auctor, disputam a prioridade do genero ás Pastoraes de Lobo, por já estarem escriptas quando estas foram publicadas. Acabar a sua leitura é como o acordar de um longo lethargo, em que se não sentiu dôr, mas em que a falta de consciencia de nós mesmos nos encommoda. Mas á medida que se avança o senso commum vae faltando. E' o que succede com os *Desmaios de Maio em sombras do Mondego,* por Diogo Ferreira Figueirôa, creado do Duque de Bragança, em Villa Viçosa, em cujos paços em 1636 compoz essa phantasmagoria. Figueirôa declara que foi violentado por amigos para dar á estampa esta Pastoral, que tencionava proseguir: «nas *Cortes de amor,* que entre os pratos do *Theatro da Fama,* e outros que ainda por informes desmerecem nome, vos prometto.» Felizmente nenhum d'esses abortos veiu contaminar mais a litteratura. Começa o disparatado livro, ou desmaio primeiro: «Sobre o mais levantado das floridas espessuras, que bem variadas librés, ondeando voltas, sobem por montes varios a ser como naturaes columnas ao monte Herminio (assim lhe chama Cesar, quando na difficil conquista de seus naturaes, o eterniza alumno bellicoso dos mais bellicosos, que de todo nunca vencidos conquistaram as legiões romanas) entre o vistoso aprazivel de uma espaçosa veiga, vulgarmente chamada dos cantaros, sitio em que a lisongeira molher de Favonio se mostra mais senhora...» E prosegue assim indefinidamente, accumulando epithetos, e incidentes sobre incidentes, para supprir o vacuo immenso de ideias. Ainda mais baixo desce o cerebro humano n'essa outra pastoral de 1672, os *Crystaes da Alma, frases do coração, rhetorica do sentimento, e amantes desalinhos,* de Gerardo de Escobar. Como as precedentes novellas pastoraes, foi tambem escripta em Coimbra; o que nos mostra que era do centro litterario mais activo que saíam estas

aberrações que pertencem mais á psychologia morbida, do que á historia. O *Retiro de Cuidados*, do Padre Matheus Ribeiro, de 1688, e o *Serão politico* de Felix Castanheira Turacem, não abusam tanto do ludibrio do bom senso, mas com os mesmos recursos de um falso estylo não se prendem á litteratura por nenhuma tradição dos Contos seculares, que circulavam com grande vitalidade na Europa. Os *Contos* de Trancoso, ainda se reimprimiram bastantes vezes, no seculo XVII, mas ninguem seguia esse singular exemplo, consultando outra vez a tradição popular. O Padre Manoel Bernardes, no seu *Estimulo pratico*, recolhe bastantes Contos, que moralisa largamente á maneira das antigas paraphrases do *Gesta Romanorum*, mas a preoccupação ascetica tira-lhe o valor litterario. Este gosto depravado das Novellas pastoraes allegoricas representava uma grande corrente do espirito publico, e como tal os Jesuitas aproveitaram-na logo. A *Historia do Predestinado peregrino e de seu irmão precito*, pelo Padre Alexandre de Gusmão, é uma continuada allegoria catholica sobre os fins que esperam a virtude e o vicio. Este livro tem uma verdadeira importancia, não pelo modo como está escripto, mas pela sua origem litteraria; o *Predestinado peregrino* é uma parodia do *Pilgrim Progress*, de Bunyan, allegoria admiravel de um anabatista, que conseguiu pela hallucinação religiosa dar o effeito da realidade ás suas representações de vagas entidades moraes. O Padre Alexandre de Gusmão converteu ao seu intuito a allegoria do fanatico, mas com todos os defeitos com que a reflexão aggrava o que se deduz de uma comprehensão falsa.

As Cartas da Religiosa portugueza

E' este o unico producto verdadeiramente sentido, verdadeiramente bello, que a alma portugueza apresenta no seculo XVII. São cinco *Cartas*, escriptas por

uma menina reclusa em um Convento de Beja a um official francez, o Conde de Saint-Leger, que conhecera quando Luiz XIV mandou socorrer Portugal, que se debatia contra uma nova invasão nas guerras do Alemtejo em 1663. Boissonade descobriu em uma nota manuscripta do seu exemplar das *Cartas* o nome da dama que as escrevera: «Sobre o meu exemplar da edição das *Cartas portuguezas,* de 1669, ha esta nota, de uma lettra que me é desconhecida:—La Religieuse qui a écrit ces Lettres se nommait *Marianne Alcoforado,* religieuse à Beja, entre l'Estremadure et l'Andalousie. Le chevalier à qui ces lettres étaient écrites était le Comte de Chamilly, dit alors Comte de Saint-Leger.» (1) Embora essas *Cartas* só existam hoje na traducção franceza de Cuilleraque, de 1669, ainda revelam a feição da syntaxe portugueza, e são de modo que por si têm caracterisado na Europa o genio e o caracter portuguez. E' por isso que não podem passar desapercebidas na historia da litteratura nacional. Podem pôr-se a par das *Cartas* de Heloisa, com a differença para melhor, que Marianna Alcoforado ignorava as preoccupações do estylo. As observações intimas feitas pelos maiores genios e artistas, como Shakespeare ou Goëthe, não retratam com mais vida as paixões do que a pobre Marianna descrevendo a sua situação de mulher abandonada. Como aquelle que volteava por entre a multidão com a lanterna acceza á busca de um homem, como elle podemos findar este exame do Seiscentismo, porque achamos uma inconsciente obra de arte que é bella pela sua verdade.

---

(1) *Journal de l'Empire,* du 5 Janvier, 1810.

QUINTA EPOCA

AS ACADEMIAS LITTERARIAS

(SECULO XVIII)

CAPITULO XIX

Reacção a favor da Lingua e da Litteratura

Caracter moral e litterario do seculo XVIII: a feição official predomina em tudo.—Primeiros trabalhos para a formação do Vocabulario portuguez: Bluteau.—Fundação da Academia de Historia portugueza.—Lucta de Verney com o *Verdadeiro methodo de Estudar:* reproduz o movimento de Feyjó em Hespanha.—Trabalhos da Arcadia para o estudo da lingua portugueza: Francisco José Freire.—Desprezo pelas locuções populares no livro *Enfermidades da Lingua.*—Fundação da Academia das Sciencias: trabalhos philologicos de Francisco Dias Gomes, Padre Antonio Pereira, Antonio das Neves Pereira.—Pedro José da Fonseca e o Diccionario da Academia; a Grammatica philosophica, de Jeronymo Soares Barbosa.

Espirito do seculo XVIII.—Bluteau e o Vocabulario

Nenhuma das condições moraes e intellectuaes dos Seiscentistas deixou de exercer-se com a mesma continuidade e intensidade no seculo XVIII: a mesma falta de representação politica, a mesma espionagem da consciencia e das censuras do pensamento, fizeram que se continuasse a distracção das Academias litterarias, mas com um novo caracter, que pervertia mais a sua natureza: com esse cunho de respeitabilidade exterior, e da immobilidade e garantia de instituição, que se exprime pelo distinctivo de *Official.* O Cesarismo do seculo XVIII, precisando gastar todas as riquezas que lhe

ministravam, por que esse era o unico meio de gosar e mostrar o seu poder, estendeu tambem um raio da sua opulencia a estas curiosas reuniões, e o seu reconhecimento *official* tornou-as conservadoras da lingua, da litteratura, da historia e até dos costumes nacionaes. As relações de Luiz XV com a Academia franceza, que nos serviu de typo, explicam em toda a sua clareza a transformação organica que a palavra *official* encerra. Repete-se em Portugal egual phenomeno, postoque em proporções menores; mas ainda assim é bastante curioso observar como o sôpro official fez florescer ou estiolar as Academias do seculo XVIII, que nos seus esforços de reacção contra os desvarios dos Seiscentistas, trabalharam para fundar uma linguagem official, uma poesia official e uma critica tambem official. O seculo XVIII teve mais actividade porque teve um pensamento; mas debalde se procura uma centelha minima d'isso a que se chama genio, unica força creadora das litteraturas.

O primeiro philólogo do seculo XVIII, na Ordem chronologica, propõe que se faça a reforma da lingua portugueza de um modo official; no *Antidoto da Lingua portugueza,* publicado em 1710, Antonio de Mello da Fonseca, propõe, como que insinuando a Dom João V: «se alguma pessoa de authoridade falasse ao nosso monarcha sobre a reformação da nossa lingua, mui facilmente se moveria o seu generoso animo a fazer-nos tocante a este negocio algum favor tão grande que parecesse dos maiores que um princepe póde fazer a seus vassalos, e que por isso bem se podesse contar entre as acções mais memoraveis de sua magestade, e as mais dignas do amor paterno que nos deve mostrar, e da summa propensão e benevolencia com que nos deve favorecer.» (1) Tal era o criterio da philologia; assim

(1) *Ob. cit.*, p. 416.

como se acreditava na sua formação mechanica, tambem se esperava a sua reforma official. O facto por onde julgavam que a lingua portugueza precisava de reforma, consistia em abolir as terminações em *ão* e simplicar a orthographia. Diz Fonseca, no seu *Antidoto;* que julgavam no seu tempo a lingua portugueza inferior á castelhana pela «grande frequencia com que usamos do diphtongo *ão,* faz a nossa lingua mui tosca e muito grosseira. Isto confesso que nunca n'ella me pareceu bem; mas nem basta que eu a julgue inferior a alguma das vulgares, nem cuido, como cuidam geralmente todos os portuguezes, que é irremediavel este defeito.» No *Antidoto* propõe a substituição das fórmas em *ão* pela derivação do nominativo latino; assim substituía *solidão* por *solitude, mansidão* por *mansuetude,* etc. Este livro é bastante anecdotico e digressivo, mas sem vislumbre de methodo scientifico. Vê-se que este livro foi provocado por um novo interesse que despertara a lingua portugueza, depois de haverem terminado as guerras da fronteira. Bluteau conta a seguinte anecdota, que mostra a relação do interesse pela lingua com a independencia nacional: «Nos principios da acclamação de el-rei Dom João IV... reconheciam os portuguezes aos Castelhanos que encontravam de noite, porque obrigando-os a dizer *arêa,* diziam *arêna;* e esta unica palavra, diversamente pronunciada, os declarava extranhos, por não dizer inimigos.» Logo por 1696 se inaugurou na Livraria do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, uma Academia, especie de successora dos *Generosos,* que terminou em 1663, e tinha por titulo *Conferencias discretas;* era composta da mais selecta aristocracia, que tinha a monomania da erudição latina, e ali se reuniam aos domingos «a examinar e resolver questões physicas e moraes; e pera maior elegancia da sua prosa e poesia nacional, decidia as difficuldades que se propunham sobre a significação

dos vocabulos da sua lingua.» (1) No meio de todos os soprados discursos das Conferencias discretas, não se levantou ninguem que sentisse a necessidade de um Diccionario da lingua portugueza; o apparecimento do theatino D. Raphael Bluteau, inglez, fez com que o estudo da lingua portugueza se fizesse em quanto aos vocabulos de uma maneira pratica, recolhendo-os. Diz Bluteau: «No anno de 1668 cheguei a este reino, e desde aquelle tempo, raro foi o dia em que me não aproveitasse de alguma noticia da lingua portugueza.» Bluteau com a sua candida probidade scientifica cita os individuos de quem recebeu alvitres e subsidios; taes foram Antonio Luiz de Azevedo, Mendo de Foyos Pereira, Antonio Rodrigues Costa; D. Francisco de Sousa, o Marquez de Alegrete, que o auxiliou em termos de cavalleria; o Conde da Ericeira, que o coadjuvou nos additamentos; o Conde de Assumar, que mandava vir de Madrid as noticias de que carecia; José Soares da Silva, o licenciado Agostinho Gomes Guimarães, que desfez um dos embaraços economicos da empreza; Ignacio de Carvalho e Sousa; o cosmographo Manoel Pimentel; Luiz Peres, que tomou á sua conta os vocabulos peregrinos; o desembargador Gregorio Fidalgo, os dois oratorianos Padre Antonio dos Reis, e Padre Domingos Pereira; os Padres D. José Barbosa, D. Luiz de Lima, D. Jeronymo Contador de Argote e D. Manoel Caetano de Sousa «ministraram-lhe varios cadernos com catalogos de palavras.» Para os termos indianos usados pelos nossos classicos, auxiliou-o o Padre Frei Affonso de Madre do Deos Guerreiro; José Caetano, consultava as expressões e fórmas oraes em Setubal, o advogado Manoel Tinoco de Magalhães, de Braga, mandava-lhe um *Vocabulario de nomes, pela maior parte ignorados*. Todos estes homens

(1) Bluteau, vb. *Academia*. Vocab.

pertenciam a diversas provincias; e tudo aquillo de que tinham noticia e lhes passara desapercebido ou que julgaram futil, provocava o maior interesse aos ouvidos estrangeiros de Bluteau. Foi assim que se reuniu essa riqueza incalculavel da linguagem *oral* no *Vocabulario portuguez.* O conto do *Girifalte çafaro,* escripto por Bluteau com os termos technicos de alta volateria, é a prova mais clara da pasmosa riqueza do technologismo popular. Nenhum diccionarista tornou a fazer este processo á parte *oral* da lingua. Emquanto Bluteau trabalhava, e imprimia o *Vocabulario,* foi muito accusado da loucura de ser estrangeiro e pretender fazer um diccionario portuguez. Verney, nas *Cartas,* a inda diz: «e alembrando-me eu de alguns, que me disseram muito mal do grande serviço que fez ao reino o Padre Bluteau, compondo o seu vocabulario;» etc. Mas o seculo XVIII só existia pela vida official, e foi por essa via que se conseguiu ter esse grande monumento: «foi acabado no reinado de um monarcha tão amante das lettras, que de seu motu proprio e por essa ingenita munificencia lhe deu, para sair á luz, preciosos alentos.» E torna a repetir Bluteau: «Se com auxilios do real erario não acudira V. M., no meio da carreira parava a obra, e a suspensão d'ella era por agora uma especie de suffocação e morte para a lingua portugueza.» O trabalho do *Vocabulario,* apezar da sua importancia, é puramente material, e por isso podia fazer-se sem principios puros de philologia; as questões de que a lingua portugueza era então objecto resultaram da absoluta ignorancia do criterio historico da lingua.

Bluteau resume algumas d'essas questões: «Tambem houve quem com rustica simplicidade me disse, que não merecia a lingua portugueza tanto trabalho. A razão d'este disparate é, que na opinião da maior parte dos estrangeiros, a lingua portugueza não é lin-

gua de per si, como é o francez, o italiano, etc., mas lingua enxacôca, e corrupção do castelhano, como os dialectos ou linguagens particulares das provincias, que são corrupções das linguas, que se fala na côrte e cabeça do reino... Sobre esta errada apprehensão tenho tido grandes debates com estrangeiros de porte e litteratos. A razão em que se fundam, é que muitos vocabulos portuguezes são radicalmente castelhanos, mas truncados e diminutos; falta que (segundo elles dizem) derrota a sua pouca derivação. Trazem por exemplo umas dicções em que o portuguez tem uma ou duas lettras de menos; v. g. *Fogo, Morte,* que em castelhano é *fuego, muerte; pé, mão,* que em castelhano é *pie, mano,* etc.» Bluteau refuta-os com argumentos de egual espirito citando *relox,* mais extenso no portuguez *relogio, arbol,* em *arvore.* Este phenomeno das fórmas contrahidas prevalecendo em uma lingua, estava longe então de ser explicado pela vida historica d'essa lingua, e pela continuidade com que se exercem as tres leis de alteração phonetica. Imaginava-se então, por 1727, que a lingua portugueza era «casualmente formada de varios fragmentos da lingua mourisca e castelhana.» E em seguida Bluteau confessa: «depois de ajuntar os materiaes para esta obra, eu mesmo fiquei admirado e juntamente opprimido da multidão de vocabulos que achei nos Autores antigos e modernos.» Mas esta riqueza de vocabulos proveiu em grande parte da indisciplina grammatical na derivação.

Fundação da Academia de Historia portugueza

A monomania das Academias do seculo XVII, recebeu a vida official por Dom João V, na creação da *Academia de Historia.* Foi esta corporação constituida

com os elementos da *Academia dos Anonymos*, á qual pertenciam José do Couto Pestana, Frei Thomaz de Sousa, Luiz Simões de Azevedo, o Dr. José Baptista Henriques, e outros; de elementos das *Conferencias eruditas*, que se celebraram pela primeira vez no palacio do Cunhal das Bolas, em 19 de Fevereiro de 1696, ás quaes pertenciam Bluteau, D. Manoel Caetano de Sousa, o primeiro e segundo Marquez de Alegrete, D. Francisco de Sousa, José de Faria, Luiz do Couto, Felix, guarda-mór da Torre do Tombo, Manoel Gomes Palma, Ignacio da Silva, e o Conde da Ericeira, que n'esse tempo contava vinte tres annos; as *Conferencias* duraram sómente até ao tempo da guerra em 1703. Na *Oração panegyrica* do quarto Conde da Ericeira, se lê: «Por emulação dos Scientes de França, ou com o exemplo do Cardeal de Richelieu, que no anno de 1635 estabeleceu em Paris a Academia franceza, com tanta utilidade da sua nação, formou o Conde (da Ericeira) outra com o titulo de Portugueza, no seu palacio na Annunciada.» (1) Fez-se uma sessão na côrte, em dia de Sam João Evangelista em 1710, para celebrar com um certame litterario os annos de Dom João v. Foi o caso a pedido da rainha, e d'aqui resultou dignar-se Dom João v insuflar a vida official, mandando que se regulamentasse a Academia portugueza, e tomou-a sob a sua protecção a 4 de Novembro de 1720. Foi a sua primeira sessão sob o titulo de *Academia real da Historia de Portugal*, a 9 de Dezembro de 1720; e n'esse tempo constava já de cincoenta membros, sendo quarenta da anterior e extra-official *Academia portugueza*, de 1719, e dez escolhidos pelo monarcha. Os trabalhos d'esta sumptuosa Academia distinguem-se pelas suas opulentas edições in-folio, adornadas de frontespicios em estylo lapidar e com

(1) *Oraç.*, p. 8

gravuras allegoricas á magnanimidade de D. João v. A quantidade de volumes e regularidade das sessões da Academia da Historia, só pelo seu aspecto exterior incutiriam o respeito de uma transformação intellectual operada n'essa época, se o estylo da mais crassa bajulação não viesse mostrar que toda aquella vegetação é ficticia, feita ao calor falso do *official*. Apezar de todos esses vicios do seculo essencialmente cesarista, a essa corporação se deve a grande *Bibliotheca lusitana*, de Barbosa Machado, e as *Memorias de Dom João I*, de José Soares da Silva. A erudição tem esse caracter pedante e vagabundo, que Verney põe em relevo no *Verdadeiro methodo de Estudar*, em 1747. O Conde da Ericeira morreu em 1744; esta edade interessa-nos para fixarmos a quantidade de pequenas Academias litterarias que ainda existiam, e que lhe fizeram o seu panegyrico: «Os Academicos *Escolhidos*, deram tambem já fiel testemunho da sua (gratidão) em elegerem os mais suaves orgãos da eloquencia, que com os harmoniosos Cysnes da Poesia immortalisaram o seu memoravel culto em dôr mutuamente sensivel e racional.» Por isto se faz ideia do estado em que ainda estavam as Academias. A *Academia dos Applicados*, era celebrada na cella do Padre Ceculano, que depois foi Bispo de Beja; a esta Academia pertenceu o Conde «por commum accordo e sem escrupulo de inconfidente n'aquelle tão conspicuo congresso...» Tambem celebraram os seus encomios funebres a *Academia dos Particulares* e a *Academia dos Unidos*. Basta citar os titulos de outras corporações d'este estofo, para notarmos a direcção dos espiritos; taes eram a *Problematica de Setubal*, a *Scalabitana*, a *Pastoril, Aventureiros de Santarem, Abandonados, Marianna*, da Villa de Bellas, *Conformes Lisbonenses, Sertoria, Obsequiosos de Sacavem*, etc.

Esta alluvião de Academias era um resultado da

educação pedante e do estado de atrazo em que estavam as sciencias na Peninsula, para quem o seculo XVII, essencialmente scientifico, passou incommunicavel e esteril. Em 1727, o benedictino Dom Benito Jeronymo Feyjó, espirito mediano mas de um seguro bom senso, lançou a primeira bomba explosiva contra esta mole inerte do auctoritarismo tradicional das escholas, com o primeiro volume do seu *Teatro critico*. A principio bem recebido, Feyjó suscitou em volta de si uma tempestade de malevolas impugnações, que o não perturbaram na realisação do seu plano, atacando a estafada dialectica e metaphysica formal das escholas de Hespanha, e defendendo o systema da inducção das sciencias physicas, de Bacon. (1) Este movimento tambem se repercutiu em Portugal em 1747, com o livro composto de Cartas sobre o *Verdadeiro methodo de Estudar*, processo critico da maior coragem e severidade, feito por Luiz Antonio Verney.

Verney, e o Verdadeiro methodo de Estudar

E' realmente assombroso, como este escriptor sob continuas ironias faz o exame de todos os vicios das sciencias professadas em Portugal, e como sem ter o criterio positivo se aproxima tanto d'elle ao propôr os meios da reforma. Acatando exteriormente com todas as fórmas de respeito os Jesuitas, Verney mostra-lhes palpavelmente os erros da rotina nas disciplinas que ensinavam. Póde-se dizer, que as grandes reformas da instrucção publica em Portugal feitas pelo Marquez de Pombal, em 1770, sairam do *Verdadeiro methodo de Estudar,* que tambem ministrou os principaes argumentos para esse relatorio dos estragos dos Jesuitas no ensino, que se intitula *Compendio historico*. O livro

(1) Ticknor, *Hist. de la Literatura española,* t.IV, p. 38.

de Verney provocou uma extraordinaria reacção da parte dos Jesuitas e seus partidarios, que sob varios pseudonymos, Frei Arsenio da Piedade e Padre Severino de S. Modesto, atacaram Verney sob o pseudonymo de *Frade Barbadinho*, com que escrevera as suas Cartas. Esta polemica litteraria é um dos grandes factos da historia do nosso seculo XVIII, pelo valor da questão e pela abundancia de opusculos que especulavam com o interesse da opinião publica. Mas as consequencias da critica inflexivel de Verney foram immediatas (1750); os Padres da Congregação do Oratorio fortaleceram o movimento pondo em execução algumas das ideias de Verney, pelos Padres Manoel Monteiro e Antonio Pereira de Figueiredo. O systema alvarístico usado no latim levou um golpe mortal, dado pelo *Novo Methodo* do Padre Antonio Pereira, que pela primeira vez mostrou que a syntaxe latina tinha principios racionaes em que se fundava, e não figuras de rhetorica. Sob o pseudonymo de Manoel Mendes Moniz a paixão alvarística ainda se insurgiu, mas já debalde, porque o trabalho de Verney prevaleceu com o espirito official nas Instrucções regias de 1759 para as escholas de latim, grego, hebraico e rhetorica.

A nova Academia intitulada *Arcadia Ulyssiponense*, de que trataremos especialmente, tambem contrahiu a obrigação de reformar a lingua e a poesia portugueza. As suas questões philológicas não foram além da — importancia que deve merecer o archaismo ou neologismo; a obra de Francisco José Freire, *Reflexões sobre a Lingua portugueza*, não é mais do que uma série de observações lexicologicas, segundo a auctoridade dos escriptores considerados mais classicos. Os nossos grammaticos depois d'este horisonte, tinham outro que era ainda mais predilecto, a orthographia; pretendiam estabelecer uma transcripção, ignorando as origens historicas das palavras. A lingua portugueza

era estudada sómente nos monumentos escriptos. O livro das *Enfermidades da Lingua e arte em que ensina a emudecer para a melhorar,* publicado por Manuel José de Paiva, em 1760, é o documento mais vivo do desprezo que os philólogos do seculo XVIII tinham pela linguagem oral e popular. Este livro assignado por Silverio Silvestre da Silveira e Silva, nasceu d'esse espirito de curiosidade excentrica, que é frequentissimo no genio inglez; os capitulos são designados por *Visitas;* e na maior parte é uma allegoria moral sobre elementos philológicos: é uma grammatica moralisada. Abre: «Em um leito de marfim, debaixo de um céo de cortinas de escarlata, se reclina a lingua humana; e quem imagina, que com um tratamento tão magnifico, a havia de achar enferma?» Parte do erro de considerar o *neologismo* popular como improprio da lingua: «Entre as innumeraveis palavras que a ignorancia tem introduzido, e em que a lingua tem degenerado, escreverei as que agora me lembram, e as indignas phrases de que o vulgo usa, infamando-as por discretas, por loucas e por temerarias; já porque não tem recta deducção da linguagem; já porque não são attendidas pela prudencia; já porque as não recebeu a indiscrição; já porque se usam nos periodos descompostos; e já porque só d'ellas se trata nas praticas deshonestas.» (1) E sobre o emprego d'estes neologismos, ou propriamente giria, continua: «vejo que os bons entendimentos só as usam como quem d'ellas está fazendo zombaria, e vejo que tanto se tem apoderado das linguas, que até nos actos sérios, são por discretos e idiotas inconsideradamente adoptadas.» A parte util do livro é esse catalogo em ordem alphabetica das palavras de giria do seculo XVIII, algumas das quaes estão ainda em vigor, como *antigualha, apani-*

(1) *Enfermidades da lingua*, p. 102.

guado, e outras totalmente extinctas como, *avançar-rages, aljamaça,* etc. (1) Uma vez collocado o estudo da lingua portugueza sob este falso criterio, a composição do *Diccionario portuguez,* de Bacellar, tornou-se uma consequencia logica. Bacellar fez um livro monumental pela insensatez do plano e das definições; o plano era o dos diccionarios das linguas classicas, que partem dos radicaes, e por isso inventou graciosissimos radicaes portuguezes; as suas definições tornaram-se em grande parte anecdotas.

Pelo estado da Philosophia em Portugal, se póde vêr qual seria o estado das sciencias, antes da reforma de Pombal: reinava a *Philosophica Conimbricense,* chegando a um dogmatismo auctoritario de tal força, que no *Ritual theologico* do Collegio das Artes se determina: «Não se defenderão opiniões contra Logica conimbricense; e quando muito, se poderá pôr a questão problematicamente, mas poucas vezes.» (2) O Marquez de Pombal no seu combate contra os Jesuitas, atacou-os no reducto em que eram mais fortes, no ensino; secularisou a instrucção publica, conservando o regimen policial da Companhia. A reforma da Universidade ficou no molde em que elle a refundiu. Algumas Ordens religiosas secundaram o energico ministro; em 1776 o Superior Provincial dos franciscanos reforma tambem o plano dos seus estudos sobre um largo exame do seu passado litterario, e sobre o estado contemporaneo das sciencias. (3) Mas a reforma do Marquez de Pombal teve o vicio do seculo, foi meramente official; estavamos separados da

(1) *Ib.*, p. 104 a 153.
(2) *Ms. da Meza da Consciencia*, ap. Cenaculo, *Mem. hist.*, t. II, p. 136.
(3) Cenaculo, Parte IV das *Disposições do Superior provinçal,* etc. O t. II narra os progressos e estabelecimentos das letras.

civilisação européa e temiamos abraçar as novas sciencias como *estrangeirismo*. O Intendente da policia, Manique, tambem estendia a sua rêde aos livros que suspeitava trazerem o contagio da Revolução franceza. Não obstante este estado, o Duque de Lafões, que viajára pelas côrtes mais illustradas da Europa, que tratara com os grandes artistas e eruditos do seculo, ao regressar a Portugal depois da ruina do Marquez, tratou de fundar a *Academia real das Sciencias,* de Lisboa, corporação que foi confirmada por Aviso regio de 24 de Dezembro de 1779, celebrando-se a primeira sessão a 16 de Janeiro de 1780. A Academia teve logo em mira formar o *Diccionario official* da lingua portugueza, e na commissão que se organisou para isso em 28 de Junho de 1780, foi eleito director o afamado professor de rhetorica de Lisboa, Pedro José da Fonseca. Este homem, posto que victima da errada disciplina que ensinava, era um valente trabalhador; elle, juncto com Agostinho José da Costa de Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge, deram prompto em menos de quatro annos o grande volume do *Diccionario da Academia,* que comprehende a letra *A*. Os seus collaboradores cegaram sobre o trabalho, e Pedro José da Fonseca ficou doente para todo o resto da vida. O *Diccionario* é immensamente rico em auctoridades, mas falta-lhe o elemento historico, sem o qual não é possivel a etymologia. As *Memorias da Academia* correspondem a um periodo de enthusiasmo e fervor scientifico, que por algum tempo prevaleceu sobre o caracter official da instituição; por essas *Memorias* é ainda conhecida na Europa. Aí se acham bastantes estudos philologicos sobre a lingua portugueza, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, por Francisco Dias Gomes e Antonio das Neves Pereira; mas a ausencia completa do criterio comparativo levava-os a não poderem desembaraçar-se de um certo

numero de questões frívolas que lhes consummiam a actividade. A *Grammatica philosophica,* de Jeronymo Soares Barbosa, foi a primeira consequencia da *Grammatica geral* da philosophia de Condillac. D'ella saíram os resumos que ainda prevalecem no ensino.

CAPITULO XX

A Arcadia Ulyssiponense, — Dissidentes da Arcadia e a Nova Arcadia.

Estado da poesia portugueza antes da fundação da Arcadia; exame feito por Verney.—Influencia da Arcadia de Roma sobre a *Arcadia Ulyssiponense*.—Primeira fundação em 1756, e dissidencia com D. Joaquim Bernardes.—Inauguração definitiva em 1757.—Organisação da Arcadia; catalogo dos seus socios.—Garção, Diniz, Quita e Manoel de Figueiredo.—Os Dissidentes da Arcadia: Nicoláo Tolentino de Almeida, Francisco Manoel do Nascimento.—A nova Arcadia ou Academias de Bellas Lettras: Bocage e José Agostinho de Macedo, caracter litterario de cada um.—Falta de sentimento nacional, e desconhecimento completo da tradição.—A Arcadia Ultramarina: José Basilio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão; o *Uruguay* e *Caramuru* inspiraram-se de um elemento tradicional. —O lyrismo brazileiro: as *Modinhas* são um resto das antigas *Serranilhas*, portuguezas.—Estado do Theatro: a Opera.

Estado da Poesia antes da Arcadia

Nenhum quadro póde ser traçado com mais verdade ácerca dos poetas portuguezes, no meado do seculo XVIII, do que com as palavras de Verney. Caracterisa-os com um juizo seguro: «quando escrevem dez versos lhe chamam *Decima;* e quando unem quatorze chamam-lhe *Soneto,* e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer e como o devem dizer... Geralmente entendem que o compôr bem consiste em dizer bem subtilezas, e inventar cousas que a ninguem occorressem; e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam. Os mestres de Rhetorica, em cujas escholas é que se faz algum poema... envergo-

nham-se de poetar em portuguez, e têm por peccado mortal ou cousa pouco decorosa fazel-o na dita lingua.» (1) Caracterisando o falso engenho, Verney vae determinando quaes foram as fórmas mais predilectas da primeira metade do seculo XVIII: «o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, como os *Anagrammas, Chronogrammas,* etc., ás vezes na semelhança de algumas syllabas, como os *Eccos,* e alguns consoantes insulsos; outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equivocos;* finalmente, consiste tambem em composições inteiras, que apparecem com differentes figuras ou pintura...» (p. 179.) «aquellas ridiculas composições que tanto reinaram... no fim do seculo XVI e metade do seculo XVII, e desterradas dos paizes mais cultos, *ainda hoje se conservam em Portugal...*» Verney attribue a Bluteau a introducção dos poemas *pintados;* mas este systema dos versos pyramidaes, já se acha em D. Francisco Manoel, louvando a Academia dos *Generosos.* Os poemas *lipogrammaticos,* nos quaes não se empregava uma dada letra do alphabeto, estavam tambem em moda, como diz Verney: «Eu vi uma composição moderna, que seguia o mesmo methodo.» «Mas não se póde soffrer que homens modernos, e que mostraram doutrina em muitas cousas, caíssem n'esta rapaziada, condemnavel ainda em um rapaz; e que fizessem composições, expressamente para mostrar que sabiam fazer *Ecco.* Eu vi *Eccos* que respondiam em latim e outras linguas, e tive compaixão com o poeta que se cansara com aquillo... Quando eu li algumas das *Jornadas* de Joronymo Bahia, tive compaixão do dito religioso (escreve em *Equivocos)* e assentei que a jornada que devia fazer era da sua caza para o hospital. Esta sorte de poetas são doidos, ainda que não furiosos,... eu

(1) *Verdadeiro methodo de Estudar,* I, 177.

ainda conheço quem o pratíca, e quando se lhe offerece occasião de dizer um *Equivocosinho,*... estes chamados doutos, frades, seculares, sacerdotes e estudantes, etc.» (p. 182.) Fallando do uso dos *Anagrammas* revela: «Acham-se além d'isso mestres, que fomentam isto, dando premios aos rapazes, que nas escholas ouvindo alguma palavra, descobrem n'ella um anagramma puro. Seria isto nada se se contivesse dentro das escholas; mas o máo é que sae para fóra, e se introduz nos discursos graves... Os *Acrosticos,* são primos coirmãos dos *Anagrammas;*... Acham-se engenhos tão mariolas, tão infatigaveis, que no mesmo Soneto poem tres vezes o mesmo nome, duas nas extremidades e huma no meio.» «Mais vulgar é em Portugal outra sorte de engenho falso a que chamam *Consoantes forsados.* Quando querem experimentar um homem se tem engenho, dam-lhe consoantes estramboticos para que complete os versos, e como isto seja o mesmo que obrigar um homem a que diga despropositos, já se sabe que saem composições indignas de se verem.» (185.) «Tambem os *Laberyntos de Letras* são mui mimosos em Portugal... Outros tem por cousa grande fazer Labyrintos de quartetos, dispostos em certa figura, de sorte que se lêem por todas as partes, e sempre conservam a mesma consonancia. Outros fazem versos que se lêem para diante e para traz; de uma parte fazem um sentido, de outra, outro contrario; empregam n'isto tempo consideravel, não só em fazel-o, mas em decifral-o; e chamam a isto, *emprego de sublime engenho*» (p. 186.) Tanto o *Labiryntho* como as composições que não tem a mesma palavra do primeiro verso, acham-se na poesia portugueza do fim do seculo XVI, em Fernão Alvares d'Oriente e Balthazar Estaço: «Egualmente é estimadada n'este paiz, uma especie de Sonetos, em que se repete a mesma palavra em todos os versos... Podia citar mil exemplos, mas

nenhum melhor que o Soneto que se attribue ao Chagas, e começa:

O tempo já de si me pede conta.»
(p. 187.)

Taes eram as fórmas da poesia portugueza, na primeira metade do seculo XVIII. Verney escrevia em 1747. Como não havia liberdade intellectual, nem religiosa nem politica, deviam prevalecer mais as composições que exigissem pachorra e que fossem inspiradas pelo sentimento geral que reinava, a bajulação. . . . .

A Arcadia Ulyssiponense

A *Arcadia* de Lisboa, surgiu no meio d'esta depravação geral do gosto, para restabelecer a pureza da lingua e dos bons modelos da poesia. A *Arcadia* nascia: «no tempo em que no reino dominava o calor das Academias de Bellas Lettas, das quaes umas foram acabadas pela critica ou invectivas mal soffridas.» (1) A *Arcadia* trazia o vicio organico d'estas corporações; modelou-se sobre o typo da Arcadia de Roma, á qual pertenceram, Dom João V, com o nome de *Albano,* o Conde da Ericeira com o nome de *Ormanio Palisco,* e Verney, com o nome de *Verenio Orgiano.* O seu apparecimento em 1756, mostra a aspiração que tinha, a que o Marquez do Pombal, preoccupado na restauração material e intellectual de Lisboa, depois do terremoto, lhe garantisse a existencia official. A vida da *Arcadia* de Lisboa foi rachitica, e extinguiu-se insensivelmente, porque nunca chegou a ter o vigor de instituição official. Foi inaugurada em

(1) Cenaculo, *Mem. hist.*, t. II, 180.

11 de Março de 1756, entre Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manoel Nicoláo Esteves Negrão, altos funccionarios publicos, para quem a poesia era um passatempo. Nas obras de Manoel de Figueiredo celebra-se a *união* dos Arcades em 1757, mas este facto explica-se porque na primeira inauguração entrou um elemento dissidente, Dom Joaquim Bernardes, sobrinho do Padre Manoel Bernardes, o auctor anonymo da satyra *El Duente de Madrid,* que não queria que o seiscentismo fosse condemnado na nova Academia. Foi por isso que só em 1757 é que teve principio a vida definitiva da *Arcadia.* As sessões publicas eram no Mosteiro dos Padres das Necessidades, ou na Sala da Junta do Commercio.

a) **Organisação da Arcadia.**—Eis uma reconstrucção dos seus Estatutos organisados por Antonio Diniz da Costa e Silva: 1.º Uma sessão particular cada mez. 2.º Duas sessões publicas durante o anno, não contando as extraordinarias. 3.º Os cargos da Academia constavam de Presidente, dois Arbitros, dois Censores temporarios, eleitos á sorte d'entre os membros.

Renovava-se em cada conferencia só o segundo Censor, seguindo os outros pela graduação apontada, até ao cargo de Presidente. 4.º Só eram perpetuos os logares de Secretario, Vice-Secretario e Guarda. 5.º Podiam ser admittidos como socios da *Arcadia,* todos os individuos que pareciam capazes de a illustrar. 6.º A admissão de qualquer socio tinha logar por escrutinio secreto e unanimidade de votos. 7.º Todos os Arcades presentes tinham obrigação de apresentarem em cada sessão uma peça em prosa ou verso, escripta em latim, francez, hespanhol ou italiano; sendo reputada de mais primor e melhor recebida a que fosse escripta em portuguez. 8.º As obras, depois de lidas na Academia, são distribuidas pelos Secretarios a alguns dos

Censores, dando em outra conferencia o seu parecer por escripto sobre o merito da composição. 9.º Era ouvida a defesa do auctor, sendo arguido, e a causa decidida pelo Presidente e Arbitros, obrigando o socio a fazer as emendas que lhe indicarem, na presença da Sociedade. 10.º As *Conferencias* eram secretas, admittidas sómente a ellas as pessoas convidadas pelo Secretario e introduzidas pelo Guarda. 11.º O Livro dos Registos dos Pareceres dados, e o Livro das Resoluções tomadas em casos controversos só podiam ser lidos pelos Arcades. 12.º Qualquer socio que revelasse o conteudo do Livro dos Pareceres, ficava inteiramente excluido da Sociedade. 13.º A divisa da *Arcadia* consistia em um meio braço armado de um podão, com a lenda: *Truncat inutilia.* 14.º Esta empresa conservava-se guardada na sala das conferencias, junto com o sêllo do Secretario. 15.º O sêllo do Secretario era egual á empresa, tendo a mais na sua circumferencia *Sigillum Maenalo Pastorum.* 16.º Quando os Arcades se reuniam em conferencia, usavam por divisa um Lyrio, figurando allegoricamente Nossa Senhora. 17.º Sob o titulo da Conceição, a Virgem Maria era a protectora da *Arcadia.* 18.º O local aonde se celebravam as Conferencias recebeu o nome de *Monte Menalo.* 19.º Os Socios eram obrigados a adoptarem um nome e sobrenome de um dos muitos pastores celebrados pelas musas gregas e romanas.

b) **Catalogo dos Socios da Arcadia.**—Como vêmos pela artigo 12 dos Estatutos da *Arcadia,* são poucas as noticias que restam d'esta instituição litteraria; o numero dos seus socios foi longo tempo desconhecido, e só por um longo exame das rúbricas das poesias dos árcades mais notaveis, chegámos a apurar a lista de quarenta dos seus membros. Taes são:

Antonio Gomes de Carvalho, *(Tirce Minteu,* ou *Thelgon)* Antonio Diniz da Cruz e Silva, *(Elpino*

Nonacriense) Manoel Nicoláo Esteves Negrão, *(Almeno)* Pedro Antonio Corrêa Garção, *(Corydon Erymantheo)* Manoel de Figueiredo, *(Lycidas Cynthio)* Domingos dos Reis Quita, *(Alcino Micenio)* Claudio Manoel da Costa, *(Glauceste Saturnio)* Thomaz Antonio Gonzaga, *(Dirceu)* Frei José do Coração de Jesus, *(Almeno Sincero)* Francisco José Freire, *(Candido Lusitano)* Padre José Dias Pereira, *(Silvano Ericinio)* Manoel Pereira de Faria, *(Silvio Aquacelano)* Padre José Theotonio de Canuto Forjó, *(Leucacio Fido)* José Gonçalves de Moraes, *(Fido Leucacio)* Silvestre Gonçalves da Silva Moraes, *(Siveno Cario)* José Xavier de Valladares e Sousa, *(Sincero Jerabricense)* José Caetano de Mesquita, *(Metalesio Klasmenio)* Luiz Corrêa do Amaral França, *(Melizeu Cylenio)* Francisco de Salles, *(Titiro Partiniense)* Marianno Berganzoni Martelli, *(Mirtillo Felsineo)* Ignacio Garcez Ferreira, *(Gelmedo)* Nicolau de Sousa, *(Myrthilo)* Damião José Saraiva, *(Dàmeta)* José Rodrigues de Andrade, *(Montano)* Pedro Caetano, *(Melibeu)* Manoel José Pereira, *(Albano)* Frei Alexandre da Silva, *(Silvio)* Dr. Ignacio Tamagnini, *(Alceste)* Feliciano Alves da Costa, *(Palemo,* e *Nemoroso Cyllenio)* José Antonio de Brito, *(Olino)* D. Vicente de Sousa, *(Mirtillo)* Padre Caetano Innocencio, *(Melibeu)* João Xavier de Mattos, *(Albano Erythreo)* Joaquim José Sabino, *(Termindo Sepilio)* Miguel Tiberio Piedgache Brandão Ivo (?) e os seguintes: *Ismeno Cisalpino, Silvandro, Albano Melino* e *Amintas,* cujos nomes ainda se ignoram. N'esta lista tambem se inclue D. Joaquim Bernardes, separado logo em 1757, e por ventura Domingos Maximiniano Torres, *(Alfeno Cynthio)* nos ultimos dias da *Arcadia.*

D'entre esta lista de socios, mui poucos são dignos de memoria historica; cabe o primeiro logar a Garção, pelo seu talento correcto, a Antonio Diniz da

Cruz e Silva, pela felicidade com que soube crear o o genero heroi-comico; depois a Manoel de Figueiredo, pela coragem e extraordinaria dedicação pela restauração do theatro portuguez; a Quita, pelo delicado lyrismo das suas eclogas e drama pastoral *Lycoris;* a Gonzaga, pelas admiraveis lyras; e a Francisco José Freire, pela sua actividade de traductor. A *Arcadia* não produziu mais; tinha em vista restaurar a lingua portugueza, a poesia dramatica, combater o seiscentismo e restaurar a imitação da antiguidade; mas de todo este programma só conseguiu arreigar mais a rhetorica. Em vez de se inspirar nas fontes tradicionaes da nação, os motivos das suas conferencias publicas foram o restabelecimento ou os annos de D. José I, a inauguração da Estatua equestre, os festejos pela graça do titulo de Conde de Oeiras dado a Sebastião José de Carvalho, os anniversarios dos Principes, ou a Paz geral, etc. Estes assumptos não podiam inspirar obra litteraria; produziram declamações servís, que tornaram a poesia do seculo XVIII um meio de pedir esmola em verso, e fizeram dos poetas uma especie de bobos das mezas dos grandes, ou dos festejos publicos.

Alguns poetas da *Arcadia* foram perseguidos pelo Marquez de Pombal; a academia perdeu então as esperanças da estabilidade official, e em 20 de Janeiro de 1774 celebrou a ultima sessão de que ha noticia, existinguindo-se insensivelmente, sem deixar falta, sem fazer ruido. Só muito tarde se tornou a fallar n'ella, não pelo que fez, mas pela aspiração que teve em vista, que nunca realisou, por não ter encontrado um genio.

c) **Garção, Diniz, Quita e Manoel de Figueiredo.** — O homem de mais gosto litterario e de mais auctoridade na *Arcadia,* é Garção, nascido em Lisboa a 29 de Abril de 1724; estudou humanidades nas escholas

da Companhia, e cursou a Universidade de Coimbra, como se vê pela ode: *Pois sabes que nas margens do Mondego,* etc. A perda de seu pae Filippe Corrêa da Silva, por occasião do terremoto de 1755, o obrigou a abandonar a sua direcção para a magistratura, e a acceitar o ser escrivão da Receita da meza do Consulado geral da saida. O Marquez de Pombal, sabendo do seu talento teve em vista empregal-o na Secretaria do seu Ministerio; mas Garção, não era habil para servir junto a altos personagens, porque lhe era impossivel observar um acto injusto sem o condemnar immediatamente. O Marquez conservou um odio occulto a Garção; e quando o poeta tratou a unica tradição nacional que a *Arcadia* conheceu, a de ter o Infante Dom Pedro regeitado uma Estatua que Lisboa lhe queria levantar, o Marquez considerou aquillo allusivo ao facto de ter mandado collocar o seu medalhão no pedestal da Estatua equestre, e sob um pretexto futil de uma carta em inglez, mandou encarcerar Garção no Limoeiro, na noite de 9 de Abril de 1771. Em uma nota de Frei Vicente Salgado, se lê: «Este Auctor morreu prezo no Limoeiro em 1771 (aliás 1772) e era o que fez as ultimas *Gazetas Portuguezas* antes da guerra de 17... com Castella, em que se mandaram suspender.» (1) O estado de miseria em que ficaram sua mulher e filhos, affligiu de tal fórma a Garção, sem esperança, que morreu na manhã do dia 10 de Novembro de 1772; o Marquez de Pombal não queria tanto para saciar-se, mas logo que soube da morte do poeta n'essa mesma data de 10 de Novembro mandou lavrar por José de Seabra da Silva o Alvará de soltura para Garção, que n'esse mesmo dia tinha de ser sepultado na egreja de Sam Martinho. Estas particularidades

(1) *Bibliotheca da Academia,* Ms. n.º 35 (Gab. 5, Est. 8.)

tornam o typo de Garção bastante sympathico, e a pureza da sua vida reflecte-se nos seus versos; os Sonetos, postoque familiares, *ad sodales,* valem como traços pittorescos de uma bella individualidade; as Odes e Epistolas, têm um tom sentencioso e horaciano de quem realmente soffreu; as suas duas comedias em verso endecasyllabo, o *Theatro novo* e a *Assemblêa,* são satyras excellentes sobre os costumes de Lisboa, aonde a monomania das representações particulares e o fervor das reuniões e chás de familia, eram consequencia de uma sociabilidade ficticia, que não estava nos habitos portuguezes, e se implantava como moda condemnada pelos nomes de *peraltice* e *modernismo.* Uma das composições mais bellas da poesia portugueza d'este seculo é a *Cantata de Dido;* a perfeição da fórma é excedida pela comprehensão do espirito da arte grega, que elle revela no pathetico religioso, extranho á paixão, mas communicando terror; é um quadro em que cada situação, cada gradação está submettida a uma unidade intima que as domina. Ha ali um estudo perfeito sobre a acção, uma certa serenidade ao narral-a, e póde-se dizer, que pela primeira vez se fez do sentimento religioso pagão, em Portugal, a luz do quadro, e não essas *machinas do maravilhoso,* de que a *Arcadia* tanto abusou.

Depois de Garção, é *Antonio Diniz da Cruz e Silva* o árcade de mais talento; as suas *Odes pidanricas* são uma falsificação artistica, e como taes, embora bem metrificadas, não passam de uma reproducção morta d'aquillo que era vivo nos costumes gregos; as suas lyricas, meramente pessoaes, são martelladas n'esse typo combinado entre a admiração de Horacio e a poesia franceza desde Malherbe até João Baptista Rousseau; interessam só pelo lado historico da *Arcadia.* Mas o seu conhecimento da litteratura franceza tornou-se para elle fecundo na imitação do

Lutrin de Boileau, que elle em certos pontos excedeu no *Hyssope*. Em um seculo de convencionaes respeitos, de servilismo, de bajulação da parte dos que deviam levantar a opinião publica, a composição de *Hyssope* era um arrojo que só devia, no regimen de então, ser castigado nas galés; o *Hyssope* era a longa historia anecdotica do conflicto de precedencias entre o Bispo d'Elvas e o seu Deão, sobre se competia áquelle a honra de lhe ser entregue á porta da Sé, e se assistia a este a obrigação de lhe entregar o *Hyssope* ali. Diniz communicou a este poema uma certa graça, que só se deriva de quem assistiu ao grotesco da realidade. Diniz estava na occasião do conflicto em Elvas, doente dos olhos e forçado á escuridade e inercia, em casa do seu amigo Falcato; foi n'estas condições e sob as impressões anecdoticas que repetiam os amigos em volta d'elle, que o *Hyssope* foi escripto. Uma das muitas copias do poema chegou até ao Marquez de Pombal, que o leu com interesse, porque lhe servia á sua causa: ridicularisava as *theses* e sciencia claustral, os advogados boçaes, etc. Pombal soube aproveitar-se dos talentos de Diniz como jurisconsulto.

Domingos dos Reis Quita, não foi menos infeliz do que Garção; nascido em 1728, de um commerciante, que falliu em 1735, época em que a fallencia era morte civil e por isso teve de ausentar-se de Portugal, Quita viu-se forçado logo aos treze annos de edade a sustentar sua mãe e mais seis irmãos mais novos. Aprendeu o officio de cabelleireiro, n'essa época dos penteados phantasticos, verdadeira profissão artistica, na qual alguns, como Leonardo, chegavam a ter intimidade com as testas coroadas. A manifestação do talento de Quita, n'estas circumstancias desesperadas, é realmente um assombro; a sua natureza submissa e timorata levou-o para essa ordem de composições tenues, como Eclogas; póde-se dizer, que elle é o legitimo con-

tinuador de Francisco Rodrigues Lobo. Debalde tentou ser criado grave de um dos *Meninos de Palhavam,* ou de alcançar a protecção do Marquez de Pombal. A sua profissão não deixou que os seus talentos o elevassem; o trabalho manual era entre nós considerado como degradante. A sua tragedia *Segunda Castro,* que mal foi apreciada, é hoje popularissima no plagiato que d'ella fez na *Nova Castro* João Baptista Gomes. Depois de uma longa lucta com a miseria, morreu a 26 de Agosto de 1770.

O typo verdadeiramente heroico da *Arcadia,* é *Manoel de Figueiredo,* que apezar de conhecer a inferioridade do seu talento, á força de meditação e de estudo procurou abrir o verdadeiro caminho da Litteratura dramatica, viciada pelas *Operas* de Antonio José, e pelas comedias plagiadas do theatro hespanhol, francez e italiano por Nicoláo Luiz. Nasceu Manoel de Figueiredo em Lisboa, em 1725, e vendo representar em 1733 a celebre companhia de Antonio Rodrigues é que se lhe revelou a paixão pelo theatro, longo tempo guerreada pelos seus protectores. Em consequencia do um despacho, esteve sete annos em Madrid, o que influiu tambem na sua comprehensão da scena. A sua actividade começou muito tarde, e foi isto que não o deixou dar fórma aos bellos pensamentos dramaticos; as suas obras são consideradas por Garrett «mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico. Algumas d'essas peças com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, fariam excellentes comedias.»

A sua tragedia *Inez de Castro,* é a unica que apresenta uma intriga racional fundada em paixões naturaes, como a de D. Affonso IV receiar que os filhos da amante do principe venham a privar do throno seu neto Fernando, pela grande ascendente que Inez exerce em Pedro. Figueiredo deixou incompletas as suas obras,

as quaes receberam a luz publica pelo extraordinario affecto de seu irmão Francisco Coelho, que depois de ter terminado a empresa da sua amisade, achou tambem acabado o seu porquê na vida. Manoel de Figueiredo não exerceu acção nem sobre o publico, nem sobre a litteratura. Se o theatro portuguez trabalhasse sobre a sua propria tradição, era indispensavel partir do estudo de Manoel de Figueiredo, que com relação a Garrett se deve considerar uma especie de Ennio.

Os Dissidentes da Arcadia

Entre varias poesias dos Arcades allude-se frequentes vezes ás longas luctas e malevolencias que recebia esta instituição poetica. De facto, no periodo da actividade da *Arcadia,* florescem alguns poetas distinctos, que não foram convidados para aquelle gremio, e que, sendo especialmente satyricos não podiam deixar de desaggravar a sua vaidade. Entre 1757 e 1774 florescem Francisco Manoel do Nascimento, Nicoláo Tolentino, Joaquim José Sabino, Antonio Lobo de Carvalho, Placido de Andrade Barroco, Dr. Jeronymo Estoquete, Domingos Pires Bandeira, e outros, que apparecem extranhos á *Arcadia.* Póde considerar-se que era d'estes que vinha o ataque, e podemos agrupal-os como *Dissidentes da Arcadia.* Nicoláo Tolentino de Almeida é o poeta que melhor representa qual era o ideal da poesia no seculo XVIII: não fez mais do que bajular os principes e os fidalgos que tinham influencia no paço, e cada verso é um peditorio importuno de esmola. Póde-se applicar a elle, o que Beckford disse do povo portuguez n'essa época, representando-o como o mais obstinado em pedir. E assim como muitos mendigos para melhor conseguirem a esmola fazem esgares grotescos, Tolentino affectava graça para poder ser lido por aquelles que muito bem sabiam o que pe-

dia. Sob este ponto de vista, Tolentino é nacional, como o caracterisava Bouterwek. Tolentino nasceu em Lisboa, em 1741; residiu em Coimbra durante sete annos, e ali sem auxilio paterno viveu essa vida vagabunda da *lebre;* (parasitismo, na giria academica) contrahiu relações importantes que lhe valeram bastante em Lisboa, e adquiriu essa liberdade de critica para retratar os costumes do seu tempo; viveu algum tempo na intimidade de outro poeta, hoje pouco conhecido, Domingos Pires Monteiro Bandeira, até que á força de rogos conseguiu ser empregado em uma secretaria do estado por alvará de 21 de Junho de 1781, pendurando assim a terrivel férula de professor de rhetorica que o encommodava. Tolentino foi poeta só para conseguir isto; porque Dom Diogo de Noronha, Conde de Villa Verde, em uma doença que teve, fazia que Tolentino lhe lêsse á cabeceira as *Cartas* de Sá de Miranda em quintilhas, e as redondilhas de Bernardim Ribeiro, para o lisongear estudou essa bella poesia portugueza, mas para a aproveitar nos seus Memoriaes mendicantes: «As proveitosas lições dos nossos dois portuguezes Bernardim Ribeiro e Francisco de Sá de Miranda, com que v. exc.ª fazia uteis ao seu espirito aquellas horas que a natureza, e muito mais a molestia lhe tinham destinado ao descanso do corpo, *crearam insensivelmente no meu coração amor a esta especie de poesia...* V. exc.ª me fazia a honra de mandar que lhe lesse estes dois preciosos livros; e a musa que preside ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou em *quintilhas*, e carregou de moralidades, talvez intempestivas, o memorial que ponho nas mãos de V. exc.ª com muito respeito e com muitas esperanças.» Isto nos explica a superioridade das quintilhas de Tolentino; a vontade de lisongear o aulico aproximou-o insensivelmente da fonte tradicional qui-

nhentista, e foi justamente nas quintilhas que se tornou inimitavel. Nas suas extensas relações com os fidalgos a cujos mezas comia, e em cujas seges andava, privado de dignidade e de ideal, Tolentino tornou-se distincto na poesia obscena com que os lisongeava. A soltura do tempo exigia estas baixezas, em que tambem viveu Antonio Lobo de Carvalho, notavel pela independencia audaciosa de caracter que lhe complicou a vida. Como mestre de rhetorica, Tolentino é severissimo na metrificação, e até certo ponto a sua indifferença pelas obras do pensamento deixa perceber debaixo das regras que executa uma certa espontaneidade. Morreu em 1811 tendo assistido aos grandes successos do seculo, que não comprehendeu.

Francisco Manoel do Nascimento, nascido em Lisboa a 21 de Dezembro de 1734, e ordenado de presbytero em 1754, no meio do movimento litterario da *Arcadia* ficou dissidente, por ventura pelas suas ideias mais avançadas do que as que reinavam n'essa corporação, e que o fizeram adherir á philosophia dos encyclopedistas. Foi seu professor de latinidade o poeta Antonio Felix Mendes, que a 3 de Julho de 1778 o accusou no Santo Officio, e tambem aos seus companheiros Jeronymo Estoquete e Manoel Coelho de Lima, de «que todos estes trez sujeitos estavam exercitados e instruidos na lição dos Livros prohibidos, digo de Livros de Philosophias modernas, que... affectam seguir sómente a rasão natural.» No depoimento do velho mestre de latinidade, que então contava setenta annos, descobre-se que em volta de Francisco Manoel, que era estimado em muito pelo Bispo Cenaculo, se reunia uma pequena Academia poetica: «é geralmente reputado por homem douto, e que por esta rasão é muito procurado por varias pessoas *para conferirem com elle algumas obras que compõem principalmente em verso...*

e entre outras pessoas é frequentemente visitado por alguns religiosos do Convento de Jesus, maiormente por um religioso por sobrenome *Barroco*...» (1)

Por este tempo era tambem accusado José Anastacio da Cunha, pelas suas reuniões com João Paula Bezerra, Dr. José Francisco Leal, lente de medicina, filhos do Morgado de Matheus, D. Luiz de Sousa, o Padre Apollinario José Vieira da Silva, o Dr. Luiz Cechi, lente de anatomia, por «praticarem publicamente sobre poesia, eloquencia e bellas letras» e por que tinha o *Candido*, o *Diccionario philosophico*, de Voltaire, as obras de Hobbes e Helvetius, o *Bon Sens*, do Cura Meslier, etc. (2) A 22 de Junho de 1778 começara a accusação secreta de Francisco Manoel, e logo a 13 de Julho já elle seguia para fóra do reino, tendo conseguido evadir-se no momento da prisão pela sua admiravel presença de espirito. Viveu em França o ultimo e maior tempo da sua vida, occupando-se do estudo litterario como um lenitivo do seu desterro voluntario; foi ali que escreveu a maior parte dos seus versos, que entravam em Portugal e aonde exerceram uma certa influencia no estudo da lingua portugueza. Uma exclusiva imitação de Horacio transpira em todas as suas poesias, escriptas com naturalidade e correcção, mas sem o menor enthusiasmo. Francisco Manoel do Nascimento, mais conhecido pelo nome de *Filinto Elysio*, rompeu abertamente com o uso da rima; isto tornou os seus versos pouco lidos pelo vulgo, mas muito estudados pelo grupo denominado *Filintista*, ao qual pertence o insulano Bento Luiz Vianna. Filinto assistiu á grande renovação litteraria do Romantismo em França, e com o espirito de imitação que domina todos os aferrados aos modelos classicos, experimen-

(1) Torre do Tombo, *Processos do Santo Officio*, n.º 14048.
(2) *Ibid.*

tou traduzir para portuguez algumas das obras notaveis d'essa revolução do gosto; poz em versos asperos, mais cheios das mais incalculaveis riquezas de construcção, o poema que Wieland compoz sob o titulo de *Oberon*, tirado da velha gesta franceza de *Huon de Bordeaux*; traduziu os *Martyres* de Chateaubriand, e póde-se dizer, que á sua auctoridade se deve a adhesão dos novos espiritos criados sob o regimem arcadico a essa nova comprehensão da Arte. Os versos de Filinto não são bellos, mas é indispensavel o seu estudo para quem quizer metrificar bem na lingua portugueza. Garrett, que tanto condemnava o *elmanismo*, ou imitação de Bocage, deve a pureza e vigor dos seus versos soltos ao estudo de Filinto. O motivo da fuga de Filinto em 1778, isto é, o estado de intolerancia religiosa, activara tambem a ruina da *Arcadia* em 1774; póde-se dizer que desde esta época até ao apparecido Bocage, a poesia portugueza não deu mais signaes de vida.

A Nova Arcadia

Esta academia teve em vista levantar a poesia portugueza da morte completa em que estava; foi fundada em 1790 por Domingos de Caldas Barbosa, e celebrava ás quartas-feiras as suas sessões com o titulo de Academia de Bellas-Lettras no palacio do Conde de Pombeiro, depois Marquez de Bellas, José de Vasconcellos e Sousa. Os grandes successos politicos do fim do seculo e do principio do seculo XIX, não levantaram nenhum espirito com esse alto ideal que Dante exprime no *secuol si rinuova*; pelo contrario a poesia continuou a exercer-se nas cansadas banalidades, nos servís elogios dramaticos, e o que mais é, o estado da sociedade tornava mediocres aquelles que tinham uma faisca de genio, como Bocage. A lista dos socios da *Nova Ar-*

cadia é grande, e só póde completar-se pelo estudo das collecções manuscriptas:

Domingos de Caldas Barbosa, *(Lereno Selinuntino)* José Thomaz Quintanilha, *(Eurindo Nonacriense)* João Baptispa de Lara, *(Albino Ulyssiponense)* Belchior Manoel Curvo Semedo, *(Belmiro Transtagano)* Francisco Joaquim Bingre,*(Francelio Vouguense)* Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, *(Corydon Neptunino)* Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, *(Olino)* Joaquim Martins da Costa, *(Cassidro Ulyssiponense)* Luiz Corrêa do Amaral França, *(Melizeu Cyllenio)* Ignacio José de Alvarenga Peixoto *(Alcindo Palmireno)* Thomaz Antonio dos Santos Silva, *(Thomino)* Bento Luiz Viana, *(Filinto Insulano)* Sebastião Xavier Botelho, *(Clario)* Antonio José de Lima Leitão, *(Almiro Lacobricense)* Francisco Freire de Carvalho, *(Filinto Junior)* José Monteiro da Rocha, *(Tirceu)* João Vicente Pimentel Maldonado (?) Antonio Bersane Leite, Anacleto da Silva Moraes, Frei José de Santa Rita Durão, Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Joaquim Severino Ferraz de Campos, e tambem os desconhecidos *Marisbeu Ultramarino, Cassidro Tagino, Menalio Ulyssiponense, Alcino* e *Jonio Scalabitano,* pertenceram a essa sociedade anachronica, que ainda se alimentava intellectualmente do insulso idylio, em quando desde 1774 circulava na Europa o *Werther*, de 1794 a 1796 o *Wilhelm Meister,* de 1773 o *Goetz de Belinchingen,* de 1786 a *Iphigenia em Taurida,* de 1788 a melhor parte do *Fausto,* tudo de Goethe; e quando já o genio de Schiller havia sido truncado pela morte. Quando se faz o synchronismo dos factos, é que se vê o atrazo a que nos levou o esquecimento das nossas origens, e como a litteratura que primeiro comprehendeu o valor da tradição nacional se levantou com gigantes creações. A *Nova Arcadia,* teve uma vida tempestuosa perturbada

pelo humor turbulento dos seus socios Manoel Maria Barbosa du Bocage *(Elmano Sadino)* e Padre José Agostinho de Macedo, *(Elmiro Tagideu)*.

Depois de Camões, Bocage é o unico poeta de quem o povo se lembra, e aquelle que lhe mereceu o privilegio de uma vida legendaria. O povo conhece-o como parasita vagabundo, repentista jocoso, e em volta da sua personalidade agrupou todos as velhas anecdotas picarescas da sociedade do seculo XVIII, as feições mais caracteristicas do antigo regimen. Bocage nasceu em Setubal, a 17 de Setembro de 1766, e segundo o costume do tempo submettido á férula latina de D. João Medina, saíu um bom latinista; mas apezar da direcção litteraria que recebeu, seguiu a vida militar, e foi até á India, fazendo-se notar em Gôa pela virulencia dos seus versos; viajou tambem até Macáo por 1789, regressando a Portugal em 1790, com vinte e quatro annos dissipados, que nunca mais o deixaram tomar a vida a serio. Em 1790 começaram as luctas contra os poetas da *Nova Arcadia,* que puzeram em relevo o genio Bocage, pela exclusão que lhe infligiram. Bocage morava com André da Ponte do Quental, e junto com outros poetas imitadores de Parny e de Desaugiers, frequentavam o botequim do Nicola, aonde tinham um retiro especial chamado o *Agulheiro dos Sabios*. O Intendente Manique farejava por toda a parte as ideias da Revolução franceza, sendo preso Bocage a 10 de Agosto de 1797, por auctor de *papeis impios, sediciosos e criticos,* e entregue á Inquisição em 7 de Novembro. No meio de uma sociedade assim constituida Bocage entregou-se á crápula, e explorava o dom especial do improviso, de que era dotado. As suas composições eroticas tornavam-no querido dos ricos devassos. Bocage chegou a exercer uma grande influencia na metrificação, tornando o verso

mais harmonico, mas mechanico, pela continuidade de epithetos regularmente repetidos, e pelo uso de determinadas figuras de rhetorica.

Os seus Sonetos, tão admirados, são materialmente bem feitos, mas sem ideal, sem esse espirito de melancholia e profundidade que só se encontra em Camões. As suas qualidades brilhantes accenderam a inveja do Padre José Agostinho de Macedo; n'esta lucta mostrou Bocage a intima relação que existe entre o genio improvisador e a satyra. Bocage foi accusado de pedreiro livre em 1802 á Inquisição, e terminou a sua vida esgotada na orgia em 21 de Dezembro de 1805. E' considerado como excellente traductor, o que é uma qualidade negativa de seu genio inventivo.

O temperamento irascivel de Bocage é tambem a qualidade distincta do Padre José Agostinho de Macedo, aggravada por uma vaidade impossivel, por uma vasta leitura superficial, e por nenhuma d'essas virtudes que tornam Bocage sympathico. E' a mediocridade na sua fórma mais insolente e completa; para elle a obra litteraria foi um producto mechanico, porque se inspirou de todos os sentimentos da época que quiz lisongear, celebrando o absolutismo, o constitucionalismo, a intolerancia religiosa e a razão. José Agostinho de Macedo nasceu em Beja, a 11 de Setembro de 1761; tendo professado no Mosteiro da Graça em 1778, depois de doze annos de revolta contra a disciplina monastica foi posto fóra do convento com infamia, estando presente toda a communidade, em 18 de Fevereiro de 1792. Passou a presbytero secular, e fez da prédica o seu ganha-pão, conseguindo ser nomeado prégador regio em 1802; tendo sido deputado nas côrtes de 1822, acceitou de D. Miguel a nomeação de Chronista do reino substituto em 1830. A sua vida litteraria foi uma constante e virulenta polemica pessoal; nunca a linguagem portugueza desceu tão baixo

como nos bicos da sua penna. Producto de uma d'estas tristes épocas de esterelidade moral, a sua fecundidade infunde tristeza, pela falta de critica, de philosophia, de dignidade, e por uma erudição de apparato que lhe recrutava partidarios entre os inscientes. Tendo lido o *Ensaio sobre a Poesia epica* de Voltaire, quiz desenvolvel-o com relação a Camões, mostrando que os *Lusiadas* eram um poema desprezivel, por que não seguia servilmente as regras de Aristoteles. Para melhor fundamentar as suas curtas ideias elaborou de novo o mesmo assumpto épico, no *Gama,* em 1811; tres annos depois refundiu de novo este acervo de Outavas banaes e da mais soprada rhetorica, acrescentando-lhe mais dois cantos aos dez que contava, com o titulo de *Oriente.* A ignorancia total do que é uma epopêa é que lhe podia dar coragem para metrificar essa longa cousa sem sentimento, sem tradição, sem nacionalidade, e sem imaginação creadora. A sua falsa ideia da poesia, dominado pelo pseudo-classicismo francez, levou-o a adoptar o genero didactico, imitando Delille no *Newton,* na *Meditação,* na *Viagem extatica ao templo da Sabedoria,* e em outras peças, em que fracos conhecimentos de Physica recolhidos na *Recreação philosophica,* do Padre Theodoro de Almeida, e uma comprehensão exterior de algumas anecdotas scientificas, lhe serviram para fazer retumbantes endecasyllabos. Em 1812 as paixões politicas fizeram-lhe escrever um poema heroi-comico *Os Burros,* que é uma monstruosidade moral e litteraria; para Macedo o escrever era um meio de dar largas á sua bilis, porque eram diminutos os lucros que tirava das suas obras; como Lobo de Carvalho, como Bocage, Macedo pertence a essas naturezas desesperadas com que ás vezes um seculo protesta contra a falsidade das ideias moraes e politicas em que se vive pela alliança da inercia com a da auctoridade nunca discutida.

A poesia do seculo XVIII exprime a profunda degradação moral do tempo, tornando-se a linguagem da devassidão. Em nenhuma litteratura se fez da poesia um agente aphrodisiaco de uma geração gasta, como em Portugal: o poema de Caetano José da Silva Souto-Mayor (m. 1739) contra o confessor de D. João V; as poesias joviaes de Antonio Lobo de Carvalho; (n. 1730, m. 1787) do Domingos Monteiro de Albuquerque, (n. 1744, m. 1830) de Pedro José Constancio, (n. 1820) de Frei José Botelho Torrezão, do Abbade de Jazende, do Padre José Agostinho de Macedo, do Padre Francisco Manoel do Nascimento, e de José Caetano de Figueiredo, são o documento da ultima baixeza a que póde descer a litteratura de um povo, que vive sem tradição e sem ideal.

Arcadia ultramarina

As Academias litterarias estenderam-se tambem até á colonia portugueza do Brazil; em 1736, o medico Saraiva funda no Rio de Janeiro a *Academia dos Felizes,* cujas conferencias versavam sobre botanica. Em 1752 creou-se uma outra *Academia* com o titulo dos *Selectos,* que tinham por fim bajular em verso o general Freire d'Andrada. A *Sociedade litteraria* e os *Academicos renascidos* são ainda um producto da mesma monomania; todas estas precederam a celebre *Arcadia ultramarina,* fundada no Rio de Janeiro por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e José Basilio da Gama, pouco mais ou menos, por 1779; como todas as creações do seculo era preciso que o calor official a animasse, e por isso acostou-se á protecção do Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa e do Bispo D. Joaquim. Os socios mais conhecidos da *Arcadia ultramarina,* foram além dos dois fundadores, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos

Vidal Barbosa, João Percira da Silva, Balthazar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto-Mayor, Rendon, Manoel de Arruda Camera, José Ferreira Cardoso, José Marianno da Conceição Velloso, e Domingos Caldas Barbosa. (1) O unico talento d'esta *Arcadia* é José Basilio da Gama; mas a sua principal gloria vem-lhe dos poetas da provincia de Minas, conhecidos pelo epitheto de *Poetas Mineiros,* taes como Frei José de Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e Thomaz Antonio Gonzaga. Levar-nos-hia longe o accumular os dados biographicos d'estes poetas; basta sómente caracterisar as suas tendencias. Os *poetas mineiros* tiveram o primeiro sentimento da independencia do Brazil, e a sua precoce aspiração nacional custou-lhes a vida. Era a mesma corrente de liberdade que criara os Estados Unidos e suscitara a Revolução franceza. Infelizmente as suas poesias lyricas, compostas no meio da natureza luxuriante do Brazil, vem buscar ás desbotadas paizagens da Europa as côres mal desenhadas das Academias. As *Lyras* de Gonzaga, inspiradas por um profundo amor, cortado pela desgraça politica, sob a sua cansada ingenuidade pastoril chegam a despertar interesse. O lyrismo brazileiro appresenta na *Arcadia ultramarina* uma feição tradicional; as velhas *Serranilhas* portuguezas que no meado do seculo XVI ainda impressionavam Camões, conservaram-se na colonia do Brazil, e quando, no seculo XVIII, alguns dos seus poetas visitaram o reino ou cá fixaram a sua residencia, essas Serranilhas receberam um novo vigor com o titulo de *Modinhas*. As *Lyras* de Gonzaga, a *Viola de Lereno* de Caldas Barbosa, muitas das Arias de Antonio José da Silva, têm essa origem, e esse alto merecimento; chegaram a influir na poesia portugueza.

(1) Pereira da Silva, *Varões illustres,* I, p. 335, 338.

A verdadeira superioridade dos poetas da *Arcadia ultramarina* revela-se na comprehensão da epopêa; José Basilio da Gama, com o seu *Uruguay,* e Frei José de Santa Rita Durão, com o *Caramuru,* acharam esse veio occulto da riqueza épica, a tradição. E' a primeira vez que o seculo XVIII se aproxima da fonte pura de toda a poesia e de toda a liberdade; a tradição foi mal comprehendida no *Uruguay,* em que conta a lucta dos portuguezes contra os indios do Paraguay revoltados pelos Jesuitas em 1756; os costumes dos indios absorveram com um raro tino a attenção do poeta, que chega a inspirar sympathia pelos revoltosos; a fórma rompe tambem com as velhas machinas mythologicas e com a prolixidade insulsa dos seus contemporaneos. E' um poeta nacional preparando o caminho para a originalidade da nova litteratura do Brazil. Não menos sympathico e generoso do que José Basilio da Gama, é Durão, que revelou a mesma justa comprehensão da epopêa no *Caramuru,* que elle compoz sobre a antiga tradição brazileira do naufrago Diogo Alvares, que tendo escapado á antropophagia dos Tupinambas, na costa da Bahia em 1510, viveu n'essa tribu, onde dominou pelo perstigio, e depois, evadindo-se com Peraguassá, filha de um chefe indigena, chegou a França, aonde a desposou com o nome de Catherina. Como todas as organisações brazileiras, Durão metrificava com facilidade; e se se houvesse desprendido da subserviencia da outava-rima, os seus quadros e situações teriam ganhado em simplicidade e verdade. Quando o seculo se appresenta exhausto de vigor moral e de talento, é da colonia que se agita na aspiração da sua independencia, que lhe vem a seiva das naturezas creadoras.

A Opera e o Cesarismo

O theatro no seculo XVIII é uma creação pura do cesarismo; não havendo uma opinião publica de que fosse orgão natural, tornou-se materialmente grandioso e opulento. A' imitação das côrtes mais faustosas da Europa, aonde a Opera se tornava uma distracção aristocratica, Dom João V tambem quiz ter esse dispendioso divertimento, e á medida que o cesarismo se foi definindo melhor, assim appareceram os theatros regios de Queluz, de Salvaterra, da Ajuda, e a Opera do Tejo, de uma grandeza verdadeiramente fabulosa. As composições dramaticas perderam o valor litterario, porque tiravam todo o seu interesse do scenario e do machinismo ou *tramoias;* não podiam formar-se artistas nacionaes, porque a profissão de actor era considerada infamante. Até ao esforço da *Arcadia* para a restauração do theatro portuguez, póde-se resumir toda a nossa litteratura dramatica em Antonio José da Silva, cujas comedias tem o titulo posto pelo vulgo de *Operas do Judeu.* Garção no *Theatro novo,* allude á influencia de Antonio José:

> As portuguezas Operas impressas,
> *Encantos de Medea; Precipicios*
> *De Phaetonte; Alecrim e Mangerona;*
> Em outras nunca achei galanteria.

Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705, de uma familia de christãos novos longo tempo perseguida pela Inquisição. No pequeno intervallo de liberdade que a espionagem da Inquisição lhe deixou é que escreveu para os theatros do Bairro Alto, da Mouraria as suas Comedias, misturadas de prosa e verso e com *modinhas* musicaes. Essas Comedias são um producto hybrido das Operas

italianas e da baixa-comedia portugueza, servindo de pretexto para empregar o machinismo das imitações scenicas, e para cantar-se a parodia dos trechos musicaes que andavam mais na memoria dos espectadores. Antonio José não podia prestar-se a ser simplesmente escriptor d'esta ordem de comedias impostas pelos emprezarios, e introduziu-lhes um interesse novo, a linguagem chula, a graçola pezada, o equivoco sujo, e todas as locuções pejorativas do idioma portuguez. Lisongearam uma sociedade sem dignidade, e por isso essas Comedias se sustentaram durante todo o seculo na scena. O talento de Antonio José não chegou a desabrochar completamente; foi preso pela segunda vez em 5 de Outubro de 1737, sendo relaxado á execução do braço secular em 18 de Outubro de 1739. O seu processo do Santo Officio, que se guarda na Torre do Tombo, é profundamente tragico.

A paixão pela Opera, que dominava na côrte e na aristocracia, fez com que se manifestassem alguns talentos musicaes, taes como Luciano Xavier dos Santos, João de Sousa Carvalho, Antonio da Silva, Jeronymo Francisco de Lima, João Cordeiro da Silva e Antonio Leal Moreira. Havia um elemento *tradicional* para fundar a Opera portugueza, mas os compositores desconheceram-no e imitaram a Italia. Os grandes compositores allemães tiveram o extraordinario senso artistico de procurarem a inspiração e os seus themas nos *lieder* nacionaes; em Portugal possuiamos alguma cousa que nos poderia ter conduzido á originalidade. Das *Modinhas brazileiras,* escreve o judicioso Beckford: «Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sybaristas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto que-

rido. Com infantil desleixo, insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear o leite, e o veneno da sensualidade vae calando no intimo da existencia... etc.» (1) Stafford, na *Historia da Musica,* precisa mais claramente a importancia do *Lied* portuguez: «O povo portuguez possue um grande numero de arias lindissimas, e de uma grande antiguidade. Estas arias nacionaes são os *lunduns* e as *Modinhas.* Em nada se parecem com as Arias das outras nações, a modulação é absolutamente original. As melodias portuguezas são simples, nobres e muito expressivas. *E' para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana.*» (2) E' realmente admiravel como a theoria da invenção litteraria coincide na mesma base esthetica com a da originalidade musical. Foi este espirito das arias portuguezas que tornou Luiza Todi a primeira cantora de sentimento do mundo moderno, e teria levantado Marcos Portugal, se tivesse procurado na tradição nacional os verdadeiros elementos de creação.

Depois de Antonio José, o typo mais sympathico do publico, e o que exerceu maior actividade foi Nicoláo Luiz, o creador da *comedia de cordel;* distingue-se por uma absoluta despreoccupação litteraria, que o levou ao maximo syncretismo de organisar as suas comedias com tudo quando conhecia, do theatro hespanhol, do italiano e do francez. Apenas deixou assignada a comedia dos *Maridos peraltas,* que pouco valor tem. A sua profissão de ensaiador do Bairro Alto, obrigava-o a fornecer comedias novas para os espectaculos regulares d'aquella empresa; representava-se ainda

(1) *Carta VIII.*
(2) *Ob. cit.*, p. 265. Trad. fr.

em verso, por effeito da longa influencia das *comedias famosas,* e Nicoláo Luiz poz em verso tudo quanto pôde traduzir. A sua comedia mais popular foi a *D. Ignez de Castro,* traduzida livremente de Vellez de Guevara; este assumpto tradicional desde o seculo XVI estava indicando a verdadeira direcção para os fundadores do drama portuguez; os poetas, por um certo tino inconsciente, vieram por seu turno ensaiar ou orientar-se n'este elemento tradicional. A longa actividade mechanica de Nicoláo Luiz não foi mais do que a acção permanente de Metastasio e de Goldoni sobre o gosto portuguez. No meio d'estas continuas imitações appareceu alguma cousa derivada dos costumes portuguezes, satyrisando a monomania de occultar a miseria em que se vivia para deslumbrar os outros com apparatos exteriores; é a *baixa comedia,* em que os typos não tem dignidade e em que o artista ignora o que é ideal; o typo do *fidalgo pobre,* já observado pelo estrangeiro Clenardo no seculo XVI, aproveitado por Gil Vicente, na farça dos *Almocreves,* e por D. Francisco Manoel de Mello, no *Fidalgo Aprendiz,* revive no seculo XVIII, não para ser um motivo de protesto, mas unicamente para dar largas á galhofa. A ultima comedia baixa que sobreviveu na scena portugueza é o *Manoel Mendes,* de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo. O theatro disputou debalde o gosto pelos sermões, e ficou vencido; o povo portuguez não teve vida intellectual, e as suas leituras resumiram-se aos seguintes livros, citados na comedia da *Incisão na Peraltice:*

> Vem cá, homem, que tens lido?
> Oh, lá, n'isso não fallemos:
> Li os *Contos de Trancoso,*
> As *diabruras de Roberto,*
> As *Constancias de Florinda*
> Da *Magalona* os extremos.

O entremez dos *Peraltas*,
E na *Hora de Recreio*,
A *Vida de Carlos Magno*.

Dos *Contos proveitosos*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, escriptos em 1569, já fallámos na época dos Quinhentistas; o *Roberto do Diabo*, é a traducção de uma folha volante hespanhola, impressa em Burgos em 1509, com o titulo *Vida de Roberto admirable y espantosa*, que já se acha prohibida em Portugal no *Index expurgatorio* de 1581. A *Formosa Magalona* é tambem uma traducção paraphrastica hespanhola do pliego suelto, impresso em Sevilha em 1519, com o titulo: *La historia de la linda Magalona, fija del rey de Napoles, y del muy esforçado caballero Pierres de Provença*. A *Historia de Carlos Magno*, é ainda hoje bastante lida pelo povo portuguez, e egualmente traduzida da novella hespanhola impressa em Sevilha em 1525, por Jeronymo Moreira de Carvalho, e continuada com novos e desconnexos elementos por Caetano Gomes Flaviense. A *Hora de recreio*, do Padre João Baptista de Castro, que é uma serie de anecdotas e de extractos poeticos, e a *Constante Florinda*, estão totalmente esquecidos.

O seculo XVIII em Portugal desconheceu a tradição em todas as suas fórmas; as consequencias que vimos na litteratura, foram verdadeiramente lastimosas para a nacionalidade, que perdeu a tal ponto o sentimento da sua independencia, que não resistindo á invasão napoleonica, entregou-se para sempre ao protectorado de Inglaterra. (1)

(1) A Russia para conquistar completamente a Polonia, tratou de fazer-lhe esquecer á força as suas tradições: «Tudo o que se liga a um pensamento de independencia, *tudo quanto possa despertar uma recordação da nacionalidade*, é severamente punido.» *Rev. des Deux Mondes*, 1843, II, 51.

SEXTA EPOCA

O ROMANTISMO

(SECULO XIX)

CAPITULO XXI

Tentativa de renascença do genio nacional

Valor philosophico do Romantismo, e modo da sua manifestação na Allemanha, Inglaterra e França.—Creação da Historia da Litteratura portugueza por Bouterwek, Sismondi, e Ferdinand Diniz.—Influencia da emigração de 1824 sobre a introducção do Romantismo, depois de 1833.—Garrett procura inspirar-se da tradição nacional: trabalhos sobre o Romanceiro portuguez; sobre a fundação do Theatro e do drama nacional.—Como as desencontradas ambições politicas do constitucionalismo desviaram o espirito da obra da renovação litteraria.

Valor do Romantismo

Desde o seculo XVI que as nações da Europa se esqueceram das suas origens medievaes; d'aqui resultou o duplo facto da decadencia da liberdade politica no cesarismo, e o maneirismo e affectação nas litteraturas. A França chegou a desconhecer totalmente as suas tradições épicas, e mesmo a existencia das *Canções de Gesta,* e a considerar os escriptores rhetoricos da côrte de Luiz XIV como constituindo o seu maior titulo de gloria; a Allemanha e a Italia seguiam a pauta mediocre d'esse pseudo-classicismo francez; a Inglaterra, em Pope, Dryden e Addisson, abafava a impetuosidade do genio saxonio para seguir as fórmas convencionaes de uma rhetorica esterilisada, que ainda seduzia o elemento normando. Pela dependencia poli-

tica da Hespanha para com a França, no reinado de Filippe V, esta nação fecunda torna-se traductora, e Luzan legisla no Parnaso hespanhol segundo o gosto francez. Quando nações fortemente constituidas pela tradição perderam durante o seculo XVIII as legitimas feições da sua individualidade litteraria, qual não havia de ser a decadencia da litteratura portugueza? Determina-se pelo tempo em que entrou em Portugal a ideia do Romantismo, depois da primeira emigração em 1824, quando já a Europa entrava no periodo da renovação scientifica. A subserviencia ao gosto francez datava do seculo XVII, desde que o Cardeal de Richelieu julgou a bem da sua politica auxiliar a revolução de 1640; com a vinda do Marechal Schomberg a Portugal, as relações litterarias tornaram-se mais intimas, e o Conde da Ericeira traduzia em versos portuguezes a *Poetica* de Boileau. Agradecendo-lhe a remessa da traducção, escrevia o dictador do Parnaso: «Dizei-me antes, como fizestes para me perceber tão bem, e para alcançar na minha obra até essas cambiantes que eu julgava que só podiam ser sentidas só por gente nascida em França, e que vivesse na côrte de Luiz o Grande.» O Conde da Ericeira, mandara-lhe tambem versos seus em francez, dos quaes Boileau dizia: «Não ha n'elles de estrangeiro senão o vosso nome, e não ha em França homem de bom gosto que não quizesse tel-os escripto.» (1) As tragedias philosophicas de Voltaire, quasi todo o theatro de Racine, as melhores comedias de Molière, tudo se traduziu para satisfazer esta predilecção pelo gosto francez. O rompimento com a cansada imitação da França só podia começar em uma nação forte pela fecundidade da raça e pela riqueza das suas tradições, para fundar a sua litteratura na inspiração das proprias origens. Por occasião da guerra

(1) *Obras* de Boileau, Cart. XIV.

dos sete annos, a Allemanha separa-se da imitação franceza, e a leitura dos antigos poetas inglezes revela-lhe que fóra da rhetorica da côrte de Luiz XIV existiam fórmas tambem artisticas e inexcedivelmente bellas. Lessing, na *Dramaturgia,* funda a nova prosa allemã e lança por terra as theorias dos tragicos francezes; a côrte de Weimar, alentada pela paz da regencia de Anna Amelia de Brunsvic, agrupa essa grande pleiada de genios creadores de que era chefe Goethe. Os irmãos Grimms começam os seus estudos sobre a lingua, a mythologia, o direito, as velhas epopêas e os contos populares da Allemanha, e a par d'estes elementos novos e fecundantes, a litteratura allemã, que mal se definia, torna-se uma das mais opulentas do seculo. Para a Allemanha o Romantismo foi o procurar a inspiração para as creações litterarias e artisticas nas suas esquecidas tradições germanicas. O Romantismo appareceu entre os outros povos da Europa por um successo natural e logico. A Revolução franceza recomeçou a obra das luctas das classes servas da edade media, que a creação dos exercitos permanentes e da independencia do poder monarchico vieram sustar; a ideia da Revolução propagou-se a toda a Europa, e as monarchias absolutas viram-se forçadas a acceitarem o regimen das Cartas Constitucionaes. Era a fórma politica da Inglaterra, peculiar ao genio saxo-normando, que os povos modernos abraçavam como conciliação. N'esta aspiração de liberdade, a Irlanda e a Escossia revelaram os seus sonhos de independencia pela litteratura; Thomaz Moore canta as tradições da verde Erin, e Walter Scott, recolhe os cantos populares da fronteira da Escossia, e recompõe a vida dos *clans* nos romances historicos que a Europa inteira leu com interesse; Byron, na sua indisciplina litteraria, tornou a achar individualidade saxonia tão profundamente revelada em Shakespeare e Marlow. Em França,o Roman-

tismo teve uma phase inconsciente de rehabilitação da edade media, e esse periodo admiravel de erudição que levou a achar as *Gestas* carlingianas e arthurianas, os *fabliaux* e as *sotties;* a primeira esgotou-se facilmente nos seus processos mechanicos de reproducção da edade media e de violencias moraes do ultra-romantismo; porém esse trabalho que começa com Raynouard e chega até Gaston Paris, veiu prestar á Europa os elementos para reconstituir entre todos os povos modernos as tradições que primeiro puzeram em actividade as suas creações sentimentaes, e que tornaram as suas linguas escriptas.

O estudo do sanskrito, e o criterio *comparativo* fundado por Bopp, tornaram conhecidas a filiação das linguas da Europa com as da Asia e a unidade ethnica dos povos indo-germanicos; e revelando os monumentos da litteratura nos periodos védico, brahmanico e buddhico, vieram mostrar a continuidade das fórmas litterarias através de todas as civilisações, e portanto prestar os meios para uma critica segura, e para o apparecimento da Philosophia da Arte, e da Historia das Litteraturas.

Formação da Historia da Litteratura portugueza

Como uma consequencia da grande renovação do genio germanico, no Romantismo, Eichorn fundou em 1796 a grande empreza para a publicação de uma *Historia completa das Sciencias, das Artes e das Lettras, desde o seu renascimento na Europa moderna;* coube a Bouterwek n'esta gigante obra a parte relativa ás litteraturas modernas; em 1804 publicou o tomo terceiro do seu vasto quadro, aonde pela primeira vez apparece feita a *Historia da Litteratura portugueza,* junto com a da *Litteratura hespanhola.* Bou-

terwek confessa que foi auxiliado n'este seu trabalho por um sabio portuguez; é um livro ainda hoje excellente nas apreciações geraes, na determinação das épocas, e nas comparações com as correntes estrangeiras, que só um talento superior podia escrever, sobretudo em uma época em que em Portugal se ignorava todo o nosso passado litterario. (1) A *Historia da Litteratura portugueza,* de Bouterwek, foi tratada sob um ponto de vista menos technico pelo seguro historiador Sismondi, em 1819, mas com uma certa expressão colorista, de quem conheceu bem, ainda que em pequeno numero, as obras litterarias portuguezas. Em 1825, o erudito viajante Ferdinand Denis publica o seu *Resumé de l'Histoire littéraire du Portugal,* com aquella lucidez vulgarisadora do espirito francez. Estes trabalhos feitos no estrangeiro não produziram ecco em Portugal; estavamos separados da Europa, como quando o Intendente Manique poz um cordão policial contra as ideias da Revolução franceza. Os successos politicos que se seguiram á queda da Constituição de 1820, forçaram um grande numero de liberaes a emigrarem de Portugal; foi pela primeira vez que communicámos directamente com a Europa. A época era fecunda em todos os paizes, e entre esses emigrados portuguezes, contam-se Almeida Garrett e Alexandre Herculano, que tentaram reproduzir depois de 1833 as novas ideias do Romantismo em Portugal. Era a communicação com o estrangeiro que nos revelava a poesia do nosso passado nacional; Byron, M.[me] de Stael, Raynouard, Schlegel, fallavam de Camões com as mais sublimes expressões de sympathia ou de assombro. O nome de Camões tornava-se como um palladio dos emigrados liberaes; o grande pintor Domingos Antonio Sequeira,

(1) Traduzido em inglez por Miss Thomasina Ross, em 1823. in-8.º gr. de 406 p.

refugiado em França, realisava o seu quadro da *Morte de Camões;* Domingos Bomtempo consagrava á memoria de Camões a sua Missa de *Requiem;* finalmente, Garrett escrevia o elegiaco poema *Camões.* Sentia-se que tambem tinhamos tradição nacional; e durante o tempo que Almeida Garrett estivera em Inglaterra, ao vêr os trabalhos de Percy, de Ellis, de Rodd e de Walter Scott, sobre a poesia popular, apprendeu a conhecer o interesse d'essa parte da tradição, e depois que pôde regressar á patria, veiu procural-a nas nossas provincias. O seu pequeno quadro *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza,* publicado em 1827, é composto sobre os valiosos recursos de Bouterwek, Sismondi e Ferdinand Deniz, mas com uma certa concisão dogmatica que torna mais evidentes os erros sobre a formação da lingua portugueza, o desconhecimento das imitações provençaes e castelhanas, e o juizo litterario formulado em phrases feitas. No trabalho do Romantismo em Portugal, a falta de quem investigasse a Historia da nossa litteratura fez com que se não criasse uma disciplina critica, e com que as obras de arte não tivessem seriedade.

Garrett, e a inspiração tradicional

a) **O Romanceiro portuguez.** — O povo portuguez foi o ultimo no estudo das suas tradições; até Garrett nunca os romances antigos tiveram importancia, e até se suppunha, que em Portugal, assim como não ha festas publicas, tambem não havia cantos seculares. Comtudo, Garrett conta que foi embalado na sua meninice com as trovas do *Conde Alarcos,* mas a imitação das odes arcadicas e das tragedias francezas fizeram-no esquecer d'essa reminiscencia, que apezar de tudo influiu no seu gosto litterario. A emigração em Inglaterra fel-o assistir ao estudo sempre crescente

das origens nacionaes das litteraturas: «Antes que, *excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha,* eu começasse a emprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Müller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sobre as preciosas quam mal estimadas antigas collecções castelhanas.» (1) Quando Garrett voltou a Portugal em 1826, tentou recolher a tradição, da qual já se havia informado: «Recorri á tradição: estava eu então fóra de Portugal; estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente na Allemanha. Uma estimavel e joven senhora... foi quem se incumbiu de procurar em Portugal algumas copias de *xacaras* e *lendas* populares. Depois de muitos trabalhos e indagações de conferir e estudar muita copia barbara que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de amas-seccas e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional... alguma cousa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas em fim, era alguma cousa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam, e que tanto custou. Assim consegui umas quinze rhapsodias, ou mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras, que em geral são visivelmente do mesmo estylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos.» (2) Garrett foi depois auxiliado n'esta collecionação pela colheita do consul francez Mr. Pichon, entre 1832 e 1833, pelo Dr. Emygdio Costa, com relação ao Alemtejo, pelo Bibliotecario Rodrigues, com relação ao Minho, e pelo Dr. Nunes, com relação

(1) *Romanceiro*, t. I, p. XIII.
(2) *Ib.*, t. I, 15 a 17.

á Extremadura. A collecção de Garrett chegou sómente a trinta e dois romances nacionaes; faltou-lhe o criterio historico e philosophico para saber respeitar na sua integridade estas venerandas reliquias da tradição de um povo; receiando que o *Romanceiro* fosse recebido como um trabalho frivolo, falsificou a tradição embellezando-a com versos e situações suas, e as suas investigações comparativas limitaram-se a fazer notar as expressões pittorescas e os rasgos sublimes das obras anonymas. D'aqui resultou considerarem os estrangeiros, e entre elles Mr. Du Puymaigre, que os cantos nacionaes portuguezes eram mais perfeitos do que os castelhanos e por isso de uma elaboração secundaria e mais moderna. Os romances portuguezes recolhidos da tradição desde Garrett até 1869 sobem a oitenta; se eliminarmos d'entre os romances de origem litteraria, isto é, d'entre os dois mil da colleção de Duran, aquelles que são puramente tradicionaes e anonymos, conclue-se que a tradição hespanhola não é mais rica do que a portugueza. Os romances portuguezes estão cheios de symbolos germanicos, que se encontram repetidos no direito consuetudinario das *Cartas de Foral;* isso leva á conclusão, de que a mesma classe que formulou essas garantias juridicas tirou os seus cantos dos costumes da sua sociedade. Essa classe em que predomina o elemento germanico é Mosarabe; quer dizer — pertence a essa parte dos invasores germanicos que seguiam a condição do colonato, e que diante da invasão arabe acceitaram o novo dominio, que pela sua immensa tolerancia politica e religiosa, lhes consentia as suas tradições. Além d'isso, a abundancia e a pureza d'esses cantos correspondem aos logares em que a classe Mosarabe mais prevaleceu; Garrett conheceu praticamente que era da Beira-Baixa que lhe vinham as lições mais completas e originaes do *Romanceiro.* Depois da Beira, o

Algarve, já no seculo XVI revelava a antiguidade dos seus cantos a Miguel Leitão de Andrada; as Ilhas dos Açores e Madeira, colonisadas no seculo XV, quando a nossa tradição poetica estava mais viva, são hoje as que appresentam as mais bellas tradições, chegando a perpetuar factos da historia portugueza ou do seculo XVI, como a morte do principe Dom Affonso em 1491, ou a batalha de Lepanto em 1572, tratados nos seus rudimentos épicos. Esta relação ethnologica entre a tradição poetica e as localidades em que se conservou o Mosarabe, é um facto immenso para o problema da constituição da nacionalidade portugueza. Foi pelo *Romanceiro*, que Almeida Garrett começou a obra do Romantismo em Portugal; a sua falta de respeito scientifico fez com que fosse imitado mais desgraçadamente, pelos noveis escriptores que inventaram tradições de sua phantasia e as metrificaram em redondilhas de estylo popular. Garrett foi o que mais lucrou com este estudo, porque o seu lyrismo, adscripto aos moldes arcadicos nas *Flores sem fructo* e nas *Fabulas* e na *Lyrica de João Minino*, a ponto de se appellidar idylicamente *Jonio Duriense*, apparece transformado nas *Folhas cahidas*, que se distinguem por uma verdade de sentimento, melancholia profunda, paixão da realidade, e eloquencia simples, que só lhe foi descoberta pela communicação directa com os cantos tradicionaes, que muitas vezes lhe ministraram estrophes inteiras, com que exprime centonicamente a sua impressão.

b) **Fundação do theatro portuguez.**—A obra principal de Garrett está nos extraordinarios esforços que fez para que se fundasse o theatro nacional; não bastou sómente o crear o drama, se não ter de interessar pelo seu pensamento os novos governos, e a propria sociedade que acabava de sahir das longas luctas terminadas em 1833 com a queda do absolutismo. Para

a creação do drama portuguez bastava-lhe o seu talento; para suscitar na sociedade o respeito por esta grande instituição dos povos livres é que era preciso um instincto maravilhoso; Garrett pressentiu o poder da tradição, e como a não tinhamos inventou-a: Disse que nós os portuguezes é que haviamos fundado o theatro europeu: «Mas tudo nos tem sempre assim ido, em Portugal, cujo fado é começar as grande cousas do mundo, vêl-as acabar por outros — acordarmos depois á luz — e não vêr senão trevas.» E torna a repetir: «Todos os povos foram uns de pós os outros, *pelo caminho que nós encetaramos, adiantando-se na carreira dramatica;* nós voltámos para traz, e perdemos o tino da entrada, que nunca mais acertamos com ella.» E por fim insistia, que Dom Manoel, mandava descobrir a India e «*tambem abrir a scena moderna da Europa.*» Era um erro flagrante contra a historia, mas vulgarisou-se essa tradição patriotica, que inspirou actividade e amor para a creação de um theatro normal, e de um Conservatorio da Arte dramatica aonde se premiassem as melhores composições para a scena portugueza. Garrett, essencialmente apathico pela sua natureza de artista, desenvolveu uma actividade que vence tudo.

Para crear o drama moderno, Garrett teve tambem de se desprender da velha influencia dos tragicos francezes e italianos, por cuja pauta escreveu o *Catão,* a *Merope* e outras muitas peças que inutilisou, e procurar as tradições nacionaes sobre as quaes desenvolvesse as suas novas concepções. Convidado por uma portaria de 28 de Setembro de 1836 a appresentar ao governo o plano para a fundação e organisação do theatro nacional; nomeado em 2 de Novembro d'esse mesmo anno Inspector geral dos theatros, no meio dos seus complicados trabalhos officiaes entregou-se tambem á creação litteraria. Garrett escreveu em 1838 o pri-

meiro drama intitulado *Um Auto de Gil Vicente;* elle mesmo conta como a tradição o inspirava: «O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro, seu fundador Gil Vicente, seu primeiro protector el-rei Dom Manoel, aquella grande época, aquella grande gloria, de tudo isto se fez o drama.» Apezar dos defeitos de estructura e da errada comprehensão historica, o *Auto de Gil Vicente* produziu um enthuziasmo geral, e propagou o interesse do publico pela obra da restauração do theatro. Este drama saiu de um outro facto anterior da renascença nacional, a publicação dos *Autos* de Gil Vicente em 1834, reproduzidos do rarissimo exemplar da Bibliotheca de Goettingue. Garrett, com um raro tino artistico, ligou ao seu drama essa outra tradição sentidissima dos amores de Bernardim Ribeiro por uma infanta portugueza. Tudo isto estabelecia relações intimas com o publico, e uma predisposição sympathica que nem mesmo sabia explicar. Em 1840 escreveu o drama historico *Filippa de Vilhena,* sobre essa bella tradição que anda ligada á Revolução de 1640, em que Portugal recuperou a sua nacionalidade; ligou-lhe esse outro motivo, de ser escripta para ser representada pelos discipulos do Conservatorio dramatico. N'este drama tinha Garrett já creado o typo artistico do *Pinto* de Lemercier, aonde a Revolução apparece em todos os seus conflictos moraes; Garrett evitou-o, porque realmente a sociedade portugueza ainda sangrava da recente lucta de que acabava de saír. Em 1841, compoz esse outro drama *Alfageme de Santarem,* em que é heroe o vulto secular e venerando de Dom Nuno Alvares Pereira, o *Santo Condestabre* das cantigas do povo; a acção era a liberdade da patria salva da invasão castelhana, e em volta d'este facto ligou essa tradição lindissima da espada maravilhosa dada pelo armeiro de Santarem, tal como a foi descobrir na *Chronica do Condestavel* nos capitulos XVII e LII. N'este

drama Garrett intercala tambem a melopêa de um antigo romance nacional que acabava de encontrar na tradição oral, conhecido pelo titulo de *Conde da Allemanha*. Mas a sua obra prima, e uma das primeiras do theatro moderno europeu, é o drama *Frei Luiz de Sousa;* aconteceu-lhe na sua concepção como se dá com a origem de todas as obras primas: assim como Goethe recebeu a primeira ideia do *Fausto* no theatro dos *puppenspiel,* (bonifrates) Garrett tambem sentiu o valor dramatico d'esta tradição de *Frei Luiz de Sousa* em 1818, em um theatro ambulante, na Povoa de Varzim. Este primeiro germen laborou no seu espirito, e levou-o a estudal-o na Memoria historica do Bispo D. Francisco Alexandre Lobo, e nas narrativas de Frei Antonio da Encarnação. A interpretação individual e propria do modo de sentir artistico de Garrett, são admiraveis, sobretudo na creação do velho aio Telmo Paes; a tradição que se applica a Frei Luiz de Sousa, é frequente na edade media com os cavalleiros que voltavam da terra santa e achavam as suas mulheres casadas; ainda modernamente o *Coronel Chabert,* de Balzac, é essa mesma tradição de um militar supposto morto na guerra da Russia, nas campanhas de Napoleão. O incendio que Manoel de Sousa Coutinho lança ao seu palacio de Almada, quando sabe que os Governadores do reino tentam refugiar-se ali por causa da peste de Lisboa, acha-se tambem na tradição hespanhola do Conde de Benavente, que incendiou o seu palacio quando Carlos V o mandou sair d'elle para ser entregue ao Duque de Bourbon; o Duque de Rivas, trata no seu romance *Un Castellano leal,* esta heroica tradição. Taes são os elementos vitaes da obra de arte; a originalidade está unicamente no modo individual de conceber e na superioridade da interpretação. No drama *Frei Luiz de Sousa,* em que Garrett introduziu menos elementos de sua imaginação, é

aonde elle se eleva a essa expressão shakespereana das paixões, á nitidez logica dos caracteres, á naturalidade na sua maxima verdade.

Mas Garrett collocava a sua gloria em um facto menos pessoal, nas consequencias do Conservatorio dramatico, do qual escrevia: «Começámos ha pouco mais de um anno, e vinte tantos dramas originaes tem apparecido já n'esta lingua portugueza, que ha outo seculos se falla, ha cinco que tão elegante se escreve, que por mais de outo milhões é hoje fallada, e que ainda tanto não tinha feito desde que nascera.» (1) A obra de Garrett não foi comprehendida; os noveis escriptores, em vez de estudarem e recompôrem a tradição nacional, inventaram-na e crearam esses abortos que a França tambem conheceu na época do Ultraromantismo. Herculano, nas *Censuras do Conservatorio dramatico,* caracterisou a nova geração pelo seu estylo: «a maior parte das vezes falso: comparações frequentes, que a situação moral dos personagens que as fazem não comportam; certa poesia na dicção impropria do dialogo; fartura d'essas exagerações com que embasbacam os parvos da platêa e que os homens de juizo não podem soffrer. A's mãos cheias estão por aí derramadas as maldições, os anjos de azas brancas, os rochedos em braza, os demonios, toda a mais ferramenta dramatica usada hoje no theatro, e que não sabemos d'onde veiu, porque *sendo evidente que os nossos escriptores principiantes buscam imitar os grandes dramaturgos francezes,* é certo que raramente acharão lá essa linguagem ôca e falsa, que só póde servir para disfarçar a falta de affectos e pensamentos; Victor Hugo e Dumas não precisam nem usam de taes meios, e para citarmos de casa, já que temos cá o exemplo, que esses noveis vejam se nos dramas do nosso pri-

(1) *Jornal do Conservatorio*, n.º 2.

meiro escriptor dramatico, se no *Auto de Gil Vicente,* ou no *Alfageme,* ha essa linguagem de cortiça e ouropel, ha essas expressões turgidas e descommunaes que fazem arripiar o senso commum, e que offendem a verdade e natureza.» (1) O vicio que esterilisou a obra de Garrett foi a *imitação,* por falta de um elemento nacional que a nova geração não soube descobrir, nem sentir.

c) **Os Romances historicos.**—Os romances com que Walter Scott avivou as tradições da Escocia tambem produziram uma grande impressão em Portugal, e alguns d'elles foram admiravelmente traduzidos por José Maria Ramalho e Sousa. O romance historico era uma fórma transitoria, que tinha de ser substituida pelo desenvolvimento da erudição; é este o seculo dos grandes historiadores. Garrett, quando ainda estava no cêrco do Porto, começou a elaborar o *Arco de Sant'Anna* sobre essa tradição recolhida na *Chronica de D. Pedro I* por Fernão Lopes; como artista, teve o conhecimento da relação entre essa lucta da cidade burgueza contra o seu bispo feudal, e a lucta recente contra o ultimo monarcha do direito divino. E' este o grande merito d'esse romance. Os *Nobiliarios* tambem appresentaram tradições portuguezas sobre que Herculano escreveu as *Lendas e Narrativas.* O grande orgão d'este trabalho de renovação litteraria foi o *Panorama,* em 1837, aonde «sinceramente se confessavá a nossa decadencia intellectual.» Esse jornal foi um fructo da emigração em Inglaterra, e seguiu em tudo o *Penny Magazine:* «O *Penny Magazine,* em cujo molde vasámos o *Panorama,* é o periodico mais popular de Inglaterra, de um paiz onde o habito da leitura descae ás classes inferiores, e sem mudar o systema de redacção, inteiramente semelhante ao nosso, extrae semanalmente de

(1) *Mem. do Conservatorio,* p. 144.

cada numero acima de trezentos mil exemplares.» (1) O novo jornal litterario circulou sobre todos os pontos de Portugal: «do *Panorama*... logo ao 5.º numero se tirava a *cinco mil* exemplares, caso unico em a historia das publicações periodicas em Portugal.» (2) Já havia sido precedido pelo *Repositorio litterario*, do Porto, em 1834, e pelo *Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras*, em 1836; mas nenhum teve tanto em vista, como o *Panorama*, o recolher os factos mais importantes da nossa historia, as biographias dos homens célebres, as noticias dos monumentos artisticos, os excerptos dos classicos, a reproducção de alguns documentos, emfim, tudo quanto um povo precisa saber para ter consciencia do seu passado. O *Panorama* propagou tudo quanto hoje a maioria das classes instruidas conhece de Portugal; mas como não houve outro movel que nos levasse para o regimen scientifico, esses conhecimentos produziram um vago patriotismo banal que se affirma por phrases feitas e não por obras. A culpa foi da geração que, em vez de acceitar o alto encargo de educar este povo, quiz aproveitar os seus talentos na arena das ambições politicas aonde se esterilisou. A lição da historia leva a concluir, que os povos, quando esquecem o seu passado, perdem insensivelmente a nacionalidade; e quando se sustentam fortes e activos, devem o seu vigor e fecundidade ao regimen scientifico. (3)

FIM.

(1) *Panorama*, t. I, p. 53.
(2) *Ib.*
(3) Buckle, ideia fundamental da sua obra *Civilisação na Inglaterra*.

INDEX

MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

PRIMEIRA EPOCA

TROVADORES E CANCIONEIROS

(SECULO XII A XIV)

SEGUNDA EPOCA

ESCÓLA HESPANHOLA

(SECULO XV)

*

TERCEIRA EPOCA

OS QUINHENTISTAS

(SECULO XVI)

QUARTA EPOCA

OS SEISCENTISTAS

(SECULO XVII)

QUINTA EPOCA

AS ACADEMIAS LITTERARIAS

(SECULO XVIII)

SEXTA EPOCA

O ROMANTISMO

(SECULO XIX)

INDICE ONOMASTICO

ERRATAS PRINCIPAES

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
25	33	Moo	Mouro
57	25	*Aoi da*	*Aoi* da
63	16	fallamos	fallemos
64	26	morra.	moira
84	not.	*Werwk et*	*Werwik e*
89	27	minguem	mingoa
92	32	logia	lologia
94	10	produziu.	produziram
128	13	buscou	baseou
167	17	livres	livros
171	28	Chamelete	chamalote
173	18	livre	livro
198	15	em.	eu
199	23	terra	tenra
204	24	latina.	latim
207	25	depravava	depravada
222	15	*Galbi*.	*Calbi*
228	20	sobre	sob
234	17	*soutra*	outra
244	22	Andrade.	Andrada
263	ult.	Lobeão	Labeão
267	7	-om	com
»	22	dos	das
288	4	á	a
298	7	tradicção	tradição
299	12	Soropita-	Soropita,
303	24	introduziu	introduziram
345	10	do	de
355	22	A a ciprontada, etc .	A roca pintada, etc.
360	22	bre	bres
367	7	sua pela	pela sua
»	17	Manoel	Miguel
387	16	Antão.	Simão
399	14	condemnam-lhe . .	condemnam, chamam-lhe
407	20	Ordem	ordem
411	10	derrota	denota
412	21	1710.	1719